

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras

Departamento de Estudos Clássicos



'Omnia humana caduca sunt': A Consolação a Márcia de Séneca

Alexandra Flôr Pauzinho Caroço

Mestrado em Estudos Clássicos

(Edição e Tradução de Textos Clássicos)

2011

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras

Departamento de Estudos Clássicos



'Omnia humana caduca sunt': A Consolação a Márcia de Séneca

Dissertação de Mestrado orientada pela Professora Doutora
Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel

Alexandra Flôr Pauzinho Caroço

Mestrado em Estudos Clássicos

(Edição e Tradução de Textos Clássicos)

2011

*À minha Mãe, ao Bé, a Marino Coelho,
aos meus oito manos e nove sobrinhos, à Ana Aires*

Índice

Resumo	7
Summary	9
Observações Preliminares.....	11
Agradecimentos	13
Prefácio.....	15
Introdução	17
I. O Autor	17
II. A Consolação a Márcia	25
1. Antecedentes Literários e Filosóficos	25
2. Data e Propósito	34
3. Estrutura Formal.....	40
4. Aspectos Lexicais e Estilísticos Relevantes	42
III Transmissão do Texto	59
Texto e Tradução	61
Nota Prévia.....	63
<i>Consolatio ad Marciam</i>	64
Consolação a Márcia	65
Notas de Comentário à Consolação a Márcia.....	135
Conclusão	195
Bibliografia.....	197

Resumo

O presente trabalho consiste no estudo e na tradução da *Consolação a Márcia*, a mais antiga das obras conservadas de Séneca. O filósofo escreve a Márcia para tentar confortá-la pela morte prematura de seu filho Metílio. O tema da consolação esteve presente em todos os géneros da literatura antiga. Situando-se na tradição da consolação filosófica, Séneca consola e exorta a sua destinatária a aceitar a condição mortal do seu filho. Para cumprir o seu projecto psicagógico e terapêutico, o filósofo recorre a vários *topoi* desenvolvidos pela literatura consolatória, fruto de contribuições das diferentes escolas filosóficas, entre os quais se incluem o conceito da dor moderada ou *metriopatheia*; a recomendação da *praemeditatio malorum*; a aplicação de métodos de distração (*auocatio*) e a recordação (*reuocatio*) de aspectos e actividades agradáveis; o ideal da libertação das *passiones*; a reflexão da vida como uma viagem em direcção à morte e da morte como *dolorum omnium exsolutio*; a aceitação da *lex mortalitatis* e a consequente *meditatio mortis*. Séneca pretendia libertar Márcia da *aegritudo* que a consumia, guiando-a para o caminho da virtude, e proporcionar-lhe a *tranquillitas animi*, o fim supremo da sabedoria.

Palavras-chave: Séneca, *Consolatio ad Marciam*, *consolatio mortis*, *tranquillitas animi*, *meditatio mortis*.

Summary

This work consists in the study and translation of Seneca's *Consolatio ad Marciam*. The philosopher's attempt to console Marcia for the death of her son and to dissuade her from grieving relies on consolatory arguments taken from the rich field of *consolatio mortis*, to which all the principal schools of philosophy had contributed, such as the concept of moderate sorrow or *metriopatheia*; the recommendation of *praemeditatio malorum*; the application of methods of distraction (*auocatio*) and the recalling (*reuocatio*) of pleasing aspects and activities; the ideal of freedom from *passiones*; the reflection of life as a journey towards death and death as *dolorum omnium exsolutio*; the acceptance of *lex mortalitatis* and the consequent *meditatio mortis*. Seneca intended to guide Marcia towards uirtue, releasing her from the *aegritudo* that was consuming her, so that she could enjoy the *tranquillitas animi*.

Key-words: Seneca, *Consolatio ad Marciam*, *consolatio mortis*, *tranquillitas animi*, *meditatio mortis*.

Observações Preliminares

A tradução apresentada para os passos citados das *Epistulae ad Lucilium*, de Sêneca, é a de José António Segurado e Campos, *Cartas a Lucílio*, Lisboa, 2004.

Os periódicos são referidos segundo o critério de abreviação do *L'Année Philologique*.

As abreviaturas usadas para autores e obras da Antiguidade grega são as de Liddell-Scott, *A Greek-English Lexicon*, Oxford, 1958^R; para autores e obras da Antiguidade latina, servimo-nos das abreviaturas utilizadas por Glare, no *Oxford Latin Dictionary*, Oxford, 1968.

Os nomes das obras de Sêneca que não constam deste último dicionário são referidos como se segue:

<i>Consolatio ad Heluiam Matrem</i>	<i>Helu.</i>
<i>Consolatio ad Marciam</i>	<i>Marc.</i>
<i>Consolatio ad Polybium</i>	<i>Polyb.</i>
<i>De Breuitate Vitae</i>	<i>Breu.</i>
<i>De Constantia Sapientis</i>	<i>Const.</i>
<i>De Ira</i>	<i>Ir.</i>
<i>De Prouidentia</i>	<i>Prou.</i>
<i>De Tranquillitate Animi</i>	<i>Tranq.</i>
<i>De Vita Beata</i>	<i>Vit.</i>

Agradecimentos

A realização desta tese não teria sido possível sem o apoio de muitas pessoas às quais devo sinceros agradecimentos.

Em primeiro lugar, agradeço o auxílio indispensável da Professora Doutora Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, e do Professor Doutor Arnaldo do Espírito Santo, cujos sábios conselhos, sugestões preciosas, sensibilidade linguística e sabedoria inspiradora em muito contribuíram para que esta dissertação visse a luz- com

Em segundo lugar gostaria de agradecer a todos os Professores com quem tive o privilégio de contactar desde o meu primeiro ano académico, pelos seus conhecimentos transmitidos e pela sabedoria inspiradora: à Professora Inocência Mata, pela personalidade cativante; à Professora Ana Maria Lóio, por fomentar profundamente o gosto pela literatura latina; ao Professor António Rodrigues de Almeida, pelas suas aulas extraordinárias; à Professora Catarina Gaspar pelos primeiros contactos com a língua latina e por desenvolver de modo especial o meu gosto pela língua portuguesa; ao Professor Frederico Lourenço pelo fascínio inexplicável; à Professora Isabel Almeida pela doçura enternecedora; ao Professor Luís Cerqueira, pela bela música dominical; ao Professor Manuel Barbosa por não me deixar *morrer na praia*; ao Professor Paulo Farmhouse Alberto, pela sua capacidade de transmitir conhecimentos profundos de modo descontraído; à Professora Ana Alexandra Sousa, pelas sugestões para a tradução da *Consolação a Márcia* no âmbito da Problemática da Tradução de Textos Clássicos.

Gostaria também de deixar uma palavra de apreço ao restante corpo docente do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pelo que me ensinaram ao longo da Licenciatura e do Mestrado, que muito contribuiu para o meu crescente interesse e gosto pela língua e literatura greco-latina.

Devo ainda uma palavra de estima aos meus queridos amigos: à Ana Raquel Aires, pela tocante amizade, gargalhadas partilhadas, e suporte emocional; à Marina Castanho, pela amizade e pelo grande apoio concedido à realização desta tese desde os primeiros momentos da sua concepção; à Ana Cristina Silva, por me inspirar a ser uma pessoa íntegra; à Carla Sofia, pela amizade de há tanto tempo e sempre especial; à Joaquina Lima, pela amizade e ternura; à Inês *Auis Rara* Casais, pela amizade e por não recuar expandir as suas emoções; à Paulinha, pela amizade, serenidade e sensatez inspiradoras; à Heleninha, pela personalidade tranquila e amizade; à Sónia Louçada,

pela amizade e integridade inspiradora; à Maggie, pela doçura e amizade; à *Gui* Marisa, pela amizade expressa em todas as horas; à Vera e ao Daniel, pela amizade,; à *Mamy* Anna Luna pela amizade, sensatez inspiradora, apoio emocional, pelas festas-surpresa, e por me ter dado uma *Ilíada* tão especial.

Por último, agradeço às minhas fontes de inspiração e alento: à minha querida mãe, pela coragem, força espiritual e amor incondicional; aos meus amados irmãos, em especial ao Carlos e à Elsa por me terem acolhido e apoiado como uns segundos pais e por me terem dado como presente cuidar da Isabela; aos meus adorados sobrinhos, únicos no seu modo de ser; ao meu noivo e copista Gonçalo, pelo seu amor que me entenece e inspira a tentar ser uma pessoa melhor.

Prefácio

No momento da escolha do tema da tese reflecti algum tempo e optei por traduzir um texto que não tivesse tradução em língua portuguesa. Quando dei por mim já estava a traduzir a *Consolação a Márcia*. Há uns tempos tentei recordar-me porque escolhi este texto. Creio que se deve ao facto de me interrogar amiúde sobre a pertinácia do ser humano em planear, em sonhar o futuro, esquecendo a sua condição mortal e angustiando-se, consequentemente, quando pensa na morte. Longe de ser um exercício mórbido, a reflexão, fundamentada no texto escrito por Séneca a Márcia, permitiu-me olhar a vida de outro modo, com mais serenidade, sem me preocupar em viver muito mas em viver bem. Séneca ensina que temos de estar sempre preparados para partir, que temos de aceitar a morte. Quanto a este ensinamento, ainda não alcancei a sua interiorização, mas persisto na tentativa.

Escolhi a *Consolação a Márcia* dentre outras consolações latinas por me parecer que o tema da morte de um jovem é a um só tempo tocante e inquietante para tantos de nós. Escolhi-a porque em tempos senti a frustração de não conseguir consolar duas amigas, mãe e filha, que perderam um ente querido que estava na flor da juventude. Tive na altura o desejo de arrancar a dor da sua alma. Sei hoje que de pouco me valia a ousadia de tal desejo pois todas as palavras que pudesse empregar serviriam apenas de fugaz bálsamo mas não de eficaz cura.

Foi a pensar nessas amigas que li e reli quase obsessivamente o texto latino procurando torná-lo o mais que pudesse acessível a um leitor não familiarizado com a língua e a cultura latinas. Por elas suprimi alguns parágrafos do texto, nomeadamente de 12.5 a 15.3, de 17.2 a 18.8, 19.2, e de 20.4 a 20.6, por me parecerem de certo modo cortantes da disposição de espírito para que o restante texto preparava o leitor. Na tradução indiquei com (...) as partes que suprimi e em nota apresentei um resumo do texto.

A “Introdução” desta dissertação apresenta uma súpula da vida e da obra de Séneca e um breve estudo sobre a *Consolação a Márcia* em particular. Aborda ainda, resumidamente, a história do texto. O estudo e a tradução da *Consolatio ad Marciam* apresentados beneficiaram de contributos de reputados estudiosos, como as edições de Reynolds, de Basore, de Traina, de Cid Luna, de Carmen Codoñer, entre outras, do comentário de Manning, e do estudo sobre o género consolatório de Lillo Redonet. As

“Notas de Comentário” são um complemento da tradução, e esclarecem ou tentam explicar alguns passos do texto senequiano, com maior atenção do que é conveniente para uma nota de rodapé. Os elementos e informação contidos nas “Notas...” foram colhidos nas obras da especialidade e citadas porque me pareceu que o leitor, não podendo ter acesso às obras que consultei, poderá ganhar com esta recolha de informação a possibilidade de novas pistas e de novas leituras.

Procurei, com este estudo, apresentar uma obra de Sêneca que, ainda que seja a mais estudada das *consolationes* senequianas, carecia de uma tradução em português europeu. Uma obra que apresenta as mais marcantes características de Sêneca em termos estilísticos e da doutrina filosófica a que obedecia, o estoicismo.

Espero que o leitor possa apreciar a beleza do texto de Sêneca e que este estudo inspire outros a estudar as restantes consolações senequianas bem como as consolações sobreviventes em latim e em grego.

Introdução

I. O Autor

Os fundamentos para a biografia sobre Sêneca estão, sobretudo, nas notícias que foram transmitidas por Tácito (*Ann.* 12.8.2; 13; 14 e 15 *passim*; 16.17), Suetónio (*Cal.* 53.3; *Nero* 7.2-3; 35.11; 52.1) e Dión Cássio (59.19.7; 60.8.5; 61 e 62 *passim*)¹, assim como na própria produção senequiana, a qual, embora nela transpareça a alma do seu autor, é, contudo, de uma extraordinária opacidade no que diz respeito à sua própria actividade política, e muito parca em alusões a acontecimentos e personalidades da esfera pública, devido à ênfase na vida interior, preconizada pela filosofia estóica².

Lúcio Aneu Sêneca é o secundogénito de uma família abastada, pertencente à ordem equestre e provincial de *Corduba*³, uma próspera cidade da província da Bética, na Hispânia, nascido entre o ano 4 e 1 d.C.⁴. Era filho de Hélvia e de Lúcio (ou Marco) Aneu Sêneca, também conhecido como Sêneca-Pai, autor de uma obra valiosa para o conhecimento da retórica e da oratória latinas, uma recollecção e comentário de *controuersiae* e *suasoriae*⁵. Sêneca teve dois irmãos: Aneu Novato, o mais velho, que mais tarde viria a ser adoptado pelo orador Júnio Galião, mudando o seu nome para L. Júnio Galião; tornou-se um orador de mérito à semelhança do pai adoptivo; entregou-se à carreira senatorial e foi procônsul da Acaia e cônsul em 55 ou 56. O mais novo, L. Aneu Mela, desempenhou altas funções de carácter administrativo, e foi pai do poeta M. Aneu Lucano.

A família muda-se para Roma quando Sêneca era criança (cerca do ano 5). A primeira infância do filósofo deve ter-se passado em Córdova, ainda que a expressão

¹ Sobre esta questão das fontes, cf. R. Syme, 1958: 550-51; M. T. Griffin, 1974; 1992^R: 427-444; P. Grimal, 1978: 43-46.

² Cid Luna, 2008R: 10.

³ Tac. *Ann.* 14.53: *egone equestri et prouinciali loco ortus...*; Mart. 1.61.7.

⁴ Não é conhecida a data exacta do seu nascimento. As hipóteses expendidas baseiam-se principalmente em vários passos do próprio Sêneca, de interpretação duvidosa, porque baseada em termos pouco definidos como *iuuventa* e *senectus*, assim como num passo de carácter tão vago como: *qualem Pollionem Asinium... meminimus* (*Tranq.* 17.7), que, se for interpretado literalmente, leva a concluir que Sêneca deve ter conhecido em Roma Asínio Polião, cuja morte Jerónimo situa em 5 d.C. e Tácito (*Dial.* 17.10) em finais do principado de Augusto. Pela análise destes e de outros passos situa-se o nascimento de Sêneca entre o ano 4 a.C. e 1 da nossa era. Cf. Sen. *Epp.* 108.22; 12.1 e 26; *Tranq.* 17.7; Tac. *Ann.* 14.56.1; cf. F. Préchac, “La date de la naissance de Sénèque”, *REL* 12, 1934, pp. 360-75 e 15, 1934, pp. 66-67; P. Grimal, 1978: 56-58; M. T. Griffin, 1992^R: 35-36.

⁵ Por causa desta obra, é frequentemente chamado Sêneca-Retor.

com que ele alude à ida para Roma, “nos braços de minha tia”⁶, faça supor que a sua mudança para a capital do Império tenha tido lugar quando era ainda muito pequeno.

Conhece-se muito pouco sobre a sua vida antes de 41. A educação que Sêneca recebe, supervisionada pelo pai, inicialmente é a tradicional, com o estudo de gramática e de retórica⁷. O Cordubense sentiu-se desde cedo atraído pela filosofia. Teve três mestres que o marcaram profundamente. O primeiro foi Sócion, filósofo alexandrino, segundo Jerónimo⁸, de tendências pitagóricas⁹, e que incluía entre os seus preceitos doutrinários a abstenção de carne na alimentação. A aplicação pessoal desta prática por parte de Sêneca foi interrompida por imposição de seu pai, diante do receio de que fosse confundido com um seguidor de ritos egípcios e judaicos. O segundo mestre foi Átalo, que o iniciou no Estoicismo: defendia a teoria da verdadeira riqueza que só o sábio alcança, e parece ter deixado uma profunda impressão em Sêneca¹⁰. O terceiro dos mestres foi Papírio Fabiano, filósofo de linguagem clara¹¹ e estilo rico, que “abriu horizontes à formação do estilo de Sêneca” (Pimentel, 2000: 9). Estes três filósofos eram discípulos de Quinto Sêxtio, que fundou em Roma um movimento filosófico, estoíco e neopitagórico, cujos princípios chegarão a Sêneca mediante as lições dos seus seguidores (Pimentel, 2000: 9).

As outras notícias sobre este período são relativas ao seu precário estado de saúde¹². Por volta dos 25 anos, a sua saúde piorou repentinamente (Pimentel, 2000: 11). Para recuperar, foi para o Egito, para junto da tia materna, casada com G. Galério, prefeito daquela província de 16 a 31 d.C. Ficou em Alexandria cerca de cinco anos. Não se sabe qual foi o momento certo em que Sêneca se mudou para o Egito, e qual foi a duração da sua estada. O único dado seguro é a data do regresso, em 31, acompanhado da tia e o marido, terminada a prefeitura deste último. A dramática viagem de retorno conserva-se nas recordações de Sêneca: o barco sofreu os embates de uma forte tempestade e no decurso desta o tio morreu¹³.

A partir do ano 31, Sêneca desenvolve em Roma uma actividade forense e uma carreira política num ambiente político tenso, contando para isso com a ajuda e

⁶ Sen. *Helu.* 19.2: *Illius manibus in urbem perlatus sum.*

⁷ Sen. *Ep.* 58.5.

⁸ Cf. P. Grimal, 1978: 59 e ss.

⁹ Segundo M. T. Griffin, 1992^R: 37, discípulo de Quinto Sêxtio. V. os argumentos contrários de P. Grimal, 1978: 247.

¹⁰ Sen. *Ep.* 108.3.

¹¹ Sen. *Ep.* 40.12.

¹² Sen. *Ep.* 78.1-4.

¹³ Sen. *Helu.* 19.4.

influência da tia¹⁴; alcança, em 33 ou 34, a questura, magistratura que lhe abria as portas do Senado. Os argumentos que se apresentam para datar tardiamente o seu acesso à questura têm como base a pertença de seu tio Galério ao círculo de Sejano, ex-validade Tibério caído em desgraça, e a proximidade desse mesmo círculo de Júnio Galião, pai adoptivo do irmão de Sêneca: esse tipo de relações torna improvável que os inícios da carreira política de Sêneca coincidisse com a queda em desgraça de Sejano e consequente perseguição dos seus próximos¹⁵. A isto pode acrescentar-se também uma certa paralisação da vida política na última etapa do principado de Tibério¹⁶. O desenvolvimento de uma intensa e brilhante carreira de advogado e a actividade oratória nos círculos mais importantes de Roma e na própria corte, trouxeram-lhe um imenso prestígio que se viu ensombrado pelo despertar da inveja (reforçada, provavelmente, também por motivações políticas) do imperador Calígula, que em 39 ordenou a sua morte, evitada apenas mediante a intervenção de uma das amantes do imperador que lhe comentou que Sêneca estava muito doente e prestes a morrer¹⁷.

Pela *Consolatio ad Helviam* (2.5) sabe-se que perdeu o pai durante o principado de Calígula; que se casou com Pompeia Paulina, teve um filho e o perdeu também.

No início de 41, Calígula é assassinado por Cássio Quêrea, e sucede-lhe inesperadamente o tio Cláudio. Calígula tornar-se-á, desde a sua morte, no exemplo da depravação e do homem dominado pelos *uitia*, e será o escolhido para Sêneca descrever o homem dominado pela *ira*, nomeadamente no diálogo que escreve, ao que tudo indica, nos primeiros tempos do principado de Cláudio, o *De Ira*¹⁸.

O início do principado de Cláudio, como de costume, foi prometedor; mas, pelo menos para Sêneca, durou pouco essa acalmia. No final do mesmo ano, foi envolvido num processo de adultério movido contra Júlia Livila, filha de Germânico e, portanto, irmã de Calígula, Agripina e Drusila, a qual já havia sido relegada por Calígula e revocada por Cláudio. Podia ser a morte: foi o exílio na Córsega em virtude da *lex Iulia de adulteriis*, atenuada pela intervenção de Cláudio no sentido de que se perdoasse a vida de Sêneca e se comutasse a pena de morte em exílio¹⁹: o processo foi

¹⁴ V. Sen. *Helu.* 19.2.

¹⁵ Z. Stewart, "Sejanus, Gaetulicus and Seneca", *AJPh* 74, 1953, pp. 70 e ss.

¹⁶ M. T. Griffin, 1992^R: 50 e ss.

¹⁷ Sobre esse discutido episódio, transmitido por Dión Cássio (59.19.7-8), cf. P. Grimal, 1978: 82-83; Sen. *Epp.* 13.11; 49.2; 78.6.

¹⁸ Pimentel, 2000: 16.

¹⁹ V. Dión Cássio 60.8.5 e 61.10.1; Tac. *Ann.* 13.42.4 e 6; Sen. *Helu.* 13.2; Sen. *Polyb.* 13.2. P. Grimal (1978: 93 e ss.) justifica a acusação de adultério contra Júlia Livila e Sêneca partindo de necessidades políticas destinadas à supressão da família de Germânico.

tão imprevisto que sua mãe Hélvia dois dias antes tinha partido de Roma “sem temer nada de semelhante” (*Helu.* 15.2).

Num longo período de oito anos passados no exílio, Sêneca dedica-se aos estudos, à composição de alguns tratados e ao cultivo da poesia. Escreve seguramente a *Consolatio ad Heluiam* e a *Consolatio ad Polybium*, sua mãe e um liberto muito influente de Cláudio, respectivamente. Por meio destes escritos, conhecemos a sua situação na ilha que, motivada por altos e baixos na sua disposição anímica, adquire tonalidades mais ou menos dramáticas em função do destinatário: animado quando se trata de consolar a mãe, pessimista quando procura obter, por intermédio de Políbio, o perdão do imperador Cláudio. A estada na Córsega deve ter sido um golpe duro para Sêneca mas supõe uma etapa de reflexão que daria os seus frutos literários e políticos²⁰.

O regresso à pátria acontece na Primavera de 49, por intercessão de Agripina, sobrinha e, desde Janeiro desse ano, esposa de Cláudio, a qual pensava servir-se, para a sua própria ambição política, de Sêneca, cujo prestígio como intelectual e literato se tinha incrementado até durante o afastamento de Roma²¹. A instâncias de Agripina, passou a ser preceptor do filho desta, o futuro imperador Nero que logo se torna filho adoptivo de Cláudio. Sêneca torna-se pretor no ano 49. Juntamente com Sêneca, encarregado da educação teórica do futuro imperador, Agripina escolhe Afrânio Burro para encarregado da educação prática do jovem, e nomeia-o prefeito da guarda pretoriana. O período de educação de Nero prolonga-se por cerca de cinco anos. O diálogo *De Breuitate Vitae* parece datar-se de 49: nele o filósofo expõe a teoria de que a vida só é curta se não soubermos utilizá-la, quando a desperdiçamos a tentar alcançar outra coisa que não a virtude ou em outros cuidados que não a preparação para a morte²².

Em Outubro de 54, Cláudio, ao que tudo indica, foi envenenado por Agripina, e Nero, que ainda não tinha dezassete anos de idade, sobe ao poder apoiado por Burro, prefeito do pretório, e por Sêneca, embora não haja provas da conivência de qualquer um deles no assassinio de Cláudio²³. Até aí a posição de Sêneca dentro do palácio não tinha um carácter oficial, e também não o terá a partir desse momento: mas Sêneca é considerado o membro mais relevante do *consilium principis* e, em plena harmonia com

²⁰ Codoñer, 2006⁴: xviii.

²¹ Pelo que diz Tácito (*Ann.* 12.8.2), o regresso de Sêneca foi muito aclamado em Roma pois era admirado pelos seus estudos e pela sua obra (Pimentel, 2000: 23).

²² Pimentel, 2000: 24.

²³ Pimentel, 2000: 27.

Afrânio Burro, desempenha um papel importante no principado de Nero durante os seus primeiros anos²⁴. Não é, no entanto, fácil de avaliar com certeza a sua influência, devido em parte à opacidade que a este respeito mostra a sua obra, na qual também não se oferece uma teoria política nem se consideram assuntos estritamente políticos, com excepção de dois escritos, que datam precisamente do início desse período, a sátira menipeia *Apocolocyntosis* ou *Ludus de Morte Diui Claudii* a que, sob a sátira burlesca e desapiedada, própria desse género literário, subjaz uma crítica política do principado do defunto Cláudio²⁵, e o *De Clementia* (de 55 ou 56), um “verdadeiro manifesto de filosofia política” (Pimentel, 2000: 40) e uma espécie de *speculum principis* dirigido a Nero.

Em 55, Nero assassina o filho de Cláudio, Britânico, seu irmão adoptivo e rival na ascensão ao trono. Por essa altura, Séneca escreve o *De Tranquillitate Animi*, onde parece vir dar resposta à questão sobre os motivos que o mantinham junto de Nero, que já se revelara não ser o *sapiens* que o Cordubense ajudara a obter o poder²⁶. Nesta obra, o filósofo justifica implicitamente a sua permanência junto do *princeps* com o dever de tentar minimizar as más acções de Nero, pois, mesmo quando vive sob o governo de um tirano, o dever do *sapiens* é não se afastar da vida activa e tentar influenciar o comportamento do homem de bem²⁷. Em 55 ou 56 escreve o *De Clementia*, como dissemos, no qual sublinha que a “*clementia* é qualidade distintiva do *optimus princeps*” (Pimentel, 2000, 40).

A figura de um político importante como Séneca, que além disso era um intelectual e um exigente moralista, não ficou isenta de difamação, e rapidamente circularam em Roma graves acusações contra si, cujo catálogo está em Díon Cássio (61.10): cobiça e usura, luxo e vícios sexuais, adulação e servilismo, insensibilidade ante a morte dos amigos e hipocondria, sendo o denominador comum a acusação de hipocrisia ou flagrante contradição entre o que predicava e o que fazia²⁸. Na sua produção literária, Séneca não ecoa ou tenta refutar essas críticas, com a excepção de alguma carta a Lucílio e do *De Vita Beata*, diálogo que, cerca de 58, compõe e dedica ao irmão mais velho, no qual responde aos ataques de Suflío Rufo, seu opositor, que lhe

²⁴ Segundo Aurélio Victor (*Liber de Caesaribus* 5.1-4), Trajano costumava repetir que esse *quinquennium Neronis* (de 54 a 59) fora o período mais feliz do Império.

²⁵ Cid Luna, 2008^R: 12, n. 7.

²⁶ Pimentel, 2000: 37.

²⁷ Pimentel, 2000: 37.

²⁸ Díon Cássio (61.10.2) adopta uma posição condenatória ante a falta de correspondência entre a acção e a palavra de Séneca, tal como faz Agostinho (*C.D.* 6.10).

aponta, entre outras críticas e acusações²⁹, a incoerência por ser filósofo mas possuidor de uma enorme riqueza material. Aí, Sêneca sublinha que não se considera um *sapiens*, pois este era um estado praticamente inalcançável para os Estóicos, seria sim um *proficiens* que se guiava pela *ratio* e que quotidianamente procurava construir o caminho para a *uirtus*, sabendo que só nessa busca residia a verdadeira felicidade. A riqueza era um indiferente que podia ser ‘preferível’ se fosse posta ao serviço do bem³⁰.

No ano 59, Sêneca e Burro já não possuem a mesma ascendência sobre Nero, que se rodeia de novos conselheiros, e Agripina é assassinada pelo filho. Em 62, morre Afrânio Burro, e Sêneca, perante a influência crescente de Ofônio Tigelino junto de Nero, que o nomeou substituto de Burro como prefeito da guarda pretoriana, e o recrudescimento em Roma das críticas relativas à sua riqueza e poder, pede para se “retirar” da vida activa, petição que Nero recusa deferir, talvez porque a presença de Sêneca continue a supor uma garantia frente à classe senatorial³¹; porém, a sua continuidade não pressupõe a conservação da sua influência. Retirando-se paulatinamente da vida política, consagra o seu *otium* ao estudo, ao convívio com outros filósofos, como Metronacte – cujas lições segue em Nápoles – ou com o seu amigo Demétrio, o Cínico, e à escrita, compondo um número considerável de obras que evidenciam a extraordinária fecundidade intelectual e literária deste último triénio da sua vida e corroboram o testemunho do próprio autor sobre a sua aturada dedicação a essa tarefa, cujos frutos recolherão também as gerações futuras (cf. *Ep.* 8.1-3).

Em Abril de 65 é descoberta uma conjura dirigida contra Nero, liderada por Calpúrnio Pisão, na qual Sêneca é implicado por um dos conjurados. Nero, aproveitando a ocasião para se desembaraçar de Sêneca, ordena que este se suicide. O relato da sua morte é-nos transmitido por Tácito e Dión Cássio. O filósofo abriu as veias, tomou veneno e, apesar disto, talvez o avançado da sua idade tenha causado a lentidão da sua morte³². No seu último dia de vida, rodeado dos amigos e da esposa, Sêneca prova aos seus detractores que sabe morrer valorosamente, e que cumpre até ao momento final, como preconiza a sua filosofia³³, a função de pedagogo da virtude³⁴,

²⁹ Pimentel, 2000: 42.

³⁰ Pimentel, 2000: 42-3.

³¹ Tac. *Ann.* 14.53-56 e 15.45.

³² Tac. *Ann.* 15.62-64; Dión Cássio 62.25.

³³ E.g. *Sen. Ep.* 82.10.

³⁴ M. T. Griffin, 1992^R: 2-3.

uma exigente virtude legada aos seus amigos como o maior dom instantes antes de morrer (Cid Luna, 2008^R: 10)³⁵.

Perderam-se várias obras de Sêneca, como o *De Motu Terrarum*, o *De Lapidum Natura*, o *De Piscium Natura*, o *De Forma Mundi*, que tratavam de temas científicos específicos; o *De Situ Indiae*, o *De Situ et Sacris Aegyptiorum*, que expressavam o seu interesse pela geografia e etnografia e talvez pela religião e o pensamento orientais³⁶. Já no fim da sua vida, Sêneca faz alusão, nas últimas cartas a Lucílio (e.g. *Ep.* 106.2), ao empenho na escrita de uma obra de filosofia moral sistemática, os *Moralis Philosophiae Libri*. Há igualmente referências (sobretudo de Padres da Igreja) a outras obras morais como o *De Officiis*³⁷, o *De Immatura Morte*, composto talvez por altura da morte do seu amigo Sereno (cf. *Ep.* 63.14-15) e particularmente afim com os escritos consolatórios, o *De Fortuitis*, do qual nos chegou um resumo intitulado *De remediis fortuitorum*, muito divulgado na Idade Média; o *De Superstitione*; o *De Matrimonio*; as *Exhortationes*. Escreveu também o *De Vita Patris*, uma biografia de seu pai, de que restam fragmentos transmitidos por tradição directa, num pergaminho onde se incluem igualmente fragmentos de um tratado seu sobre a amizade, o *De Amicitia*³⁸.

Mesmo prescindindo das obras perdidas de Sêneca e das conservadas fragmentariamente, a produção de Sêneca é muito extensa: os *Dialogi*, de que falaremos em seguida, a *Apocolocyntosis* ou *Ludus de Morte Diui Claudii*, o *De Beneficiis*, o *De Clementia* – que parece ter chegado até nós incompleto –, o tratado científico *Naturales Quaestiones*, a colecção das *Epistulae Morales ad Lucilium*, todas elas obras em prosa. Em verso, contamos com nove *Tragoediae*³⁹. Há ainda um conjunto de 77 epigramas em dísticos, atribuídos a Sêneca, mas, além de três epigramas especificamente atribuídos a Sêneca no *Codex Salmasianus*, a sua autenticidade é duvidosa.

O título de *Dialogi* dá-se a uma parte da obra de Sêneca transmitida como *corpus* pelo manuscrito Ambrosiano C. 90. inf., do século XI, e compreende todas as obras em prosa do Cordubense, à excepção das *Naturales Quaestiones*, do *De*

³⁵ V. Tac. *Ann.* 15.62

³⁶ M. Citroni et alii, *Literatura de Roma Antiga*, p. 724.

³⁷ *Idem, ibidem.*

³⁸ *Idem, ibidem.*

³⁹ Não cabe no âmbito desta dissertação discutir a autoria do *Hercules Oetaeus*, posta em dúvida por alguns críticos recentes. Optamos assim pela tese tradicional de que as nove *tragoediae* pertencem a Sêneca.

Clementia, do *De Beneficiis* e das *Epistulae ad Lucilium*. A *Consolatio ad Marciam* ocupa o sexto lugar no conjunto dos *Dialogi*, antecedida por *De Prouidentia*, *De Constantia Sapientis*, *De Ira* (em três livros), e sucedida por *De Vita Beata*, *De Otio*, *De Tranquillitate Animi*, *De Breuitate Vitae*, *Consolatio ad Polybium* e *Consolatio ad Heluiam Matrem*.

A compilação das obras transmitidas pelo códice Ambrosiano é relativamente heterogénea, já que nela se incluem as três *Consolationes*; a sua ordenação não responde a nenhum critério perceptível: não é cronológica, nem temática, nem está de acordo com os destinatários. A denominação, conservada pela maioria dos investigadores, responde a razões de tradição e de comodidade. O nome de *Dialogi* foi atribuído a essas obras de Séneca desde muito cedo, como o prova um passo de Quintiliano: *nam et orationes eius et poemata et epistulae et dialogi feruntur*⁴⁰. Não é uma questão fácil de dilucidar se tal denominação procede directamente de Séneca ou se lhe foi atribuída posteriormente. Segundo Codoñer⁴¹, a hipótese de uma designação posterior é favorecida pelas palavras do próprio Séneca (*Ben.* 5.19.8): *Sed ut dialogorum altercatione seposita tamquam iuris consultus respondeam...*

A maior dificuldade da discussão é a existência de um género com grande tradição literária na época de Séneca que responde a esse nome e foi representado por figuras tais como Platão e Cícero, que configuraram dois tipos de diálogos literários: o dramático e o narrativo, respectivamente, e, ainda que os chamados *Dialogi* de Séneca encaixem melhor neste segundo tipo, são mais as diferenças do que as afinidades. Em Séneca não encontramos precisões de lugar, tempo e ocasião, não há introdução nem intervenções de personagens, registando-se apenas uma pálida réplica delas na presença de recursos dialécticos como as fórmulas *quaeris*, *inquit*, *at ille*, *inquis*, etc., introdutoras do interlocutor fictício, que, por outro lado, não são exclusivas dos tratados que nos foram transmitidos sob o nome de *Dialogi*⁴². Traglia⁴³ aponta para a razão deste título o tom discursivo e intimamente dialógico, assumido pela meditação e pela predicação moral de Séneca, que, frequentemente, por uma espécie de divisão psicológica, se imagina a falar consigo próprio ou finge falar com o dedicatário da obra e responder às suas objecções.

⁴⁰ Quint. *Inst.* 10.1.129.

⁴¹ Codoñer, 2006⁴: xxviii.

⁴² Codoñer, 1983: 131-148.

⁴³ Traglia, 1965: 5.

II. A Consolação a Márcia

Apresentada uma sinopse sobre a vida e obra de Sêneca, passaremos agora ao objecto da nossa dissertação, o estudo da *Consolação a Márcia*. No entanto, antes de apresentarmos a tradução e as notas de comentário, o cerne da nossa investigação, trataremos dos antecedentes literários e filosóficos, da data e propósito, dos aspectos linguísticos e estilísticos relevantes e da estrutura formal da *consolatio* em estudo.

1. Antecedentes Literários e Filosóficos

XXXVIII. *ad Cornificium*
 MALEST, Cornifici, tuo Catullo
malest, me hercule, et laboriose,
et magis magis in dies et horas.
quem tu, quod minimum facillimumque est,
qua solatus es allocutione?
irascor tibi. sic meos amores?
paulum quid lubet allocutionis,
maestius lacrimis Simonideis.
 Catulo

O que Catulo exigia do amigo no *carmen* 38, e que se pode traduzir por uma ‘palavra de conforto’, era uma *allocutio*, termo aqui atestado pela primeira vez em latim⁴⁴. Alguns anos mais tarde, Cícero, prostrado pela morte da filha Túlia, endereçava a si mesmo uma *consolatio* (termo atestado pela primeira vez em Cícero), um escrito *de luctu minuendo*, sobre o modo de aliviar a dor, que se perdeu. *Allocutio* e *consolatio* são termos abstractos que traduzem um a forma e outro o sentido, ou melhor, um dos sentidos do grego παραμυθία, mas o seu referente não tem correspondentes modernos, a não ser talvez, na esfera do privado, na carta de condolências. O que era, quando e porque surge a *consolatio*?

⁴⁴ A segunda atestação faz-se em Sêneca, *Marc.* 1.6.

O sofrimento é um problema humano tão antigo quanto o próprio homem, e hoje, quando queremos consolar alguém por alguma desgraça, sentimos muitas vezes que nos faltam palavras. Esta dificuldade não era sentida pelos escritores gregos e latinos que tinham uma tradição consolatória a que podiam recorrer na busca de argumentos de modo a conseguir reconfortar a pessoa afligida⁴⁵.

A *Περὶ πένθους* προς Ἱπποκλέα ou *Consolação a Hipocles* do académico Crantor (c. 335-c. 275 a.C.), dirigida a um pai que perdera os filhos, é considerada a primeira *consolatio*, e atribui-se-lhe um grande peso⁴⁶. Porém, antes de essa obra ter sido escrita, existiam noutros géneros argumentos e elementos suficientes para que fossem criadas as normas do género consolatório. Nas obras de poetas e de dramaturgos gregos existem pensamentos de tipo consolatório. Encontramos em Homero um gérmen da *consolatio*, e Quintiliano dá-nos um dado precioso a esse respeito⁴⁷. Na *Ilíada*, Heitor tenta consolar Andrómaca sobre a adversidade do destino contra o qual é impossível lutar (*Il.* 6.486 ss.), Aquiles tenta consolar Príamo pela morte de seu filho (*Il.* 24.518 ss.) e, na *Odisseia*, Nausícaa reconforta Ulisses e incita-o a suportar os fardos da vida (*Od.* 6. 188 ss.). Os poetas líricos apresentam abundantes linhas de textos consolatórios e o mesmo sucede com os trágicos da época clássica, como podemos ver nos versos ditos pelo coro a Admeto, em *Alceste*, lembrando-lhe que ele não é o primeiro nem o último a perder a sua nobre esposa⁴⁸.

O desenvolvimento da *consolatio* como género literário específico ocorreu tarde na história da literatura antiga, já na época helenística. A *consolatio* foi um desenvolvimento natural deste período⁴⁹, no qual a capital preocupação da filosofia era preparar o homem para enfrentar a vida, e para procurar e encontrar nela mudanças e oportunidades⁵⁰.

A civilização greco-latina acreditava no poder da razão e da palavra, a *ratio* e a *oratio*, convergentes no mesmo termo grego, o λόγος. Naturalmente, recorria-se à terapia da razão, a filosofia, e à terapia da palavra, a retórica. A ética ganhou um lugar

⁴⁵ Lillo Redonet, 2001: 19.

⁴⁶ D.L. 4.27: Θαυμάζεται δὲ αὐτοῦ βιβλίον μάλιστα τὸ Περὶ πένθους; Cic. *Acad.* 2. 44.135: *Legimus omnes Crantoris ueteris Academici de luctu; est enim non magnus uerum aureolus et, ut Tuberoni Panaetius praecipit, ad uerbum ediscendus libellus.*

⁴⁷ Cf. Quint. *Inst.* 9.1.47: *Nam ut de laudibus, exhortationibus, consolationibus taceam, nonne uel nonus liber, quo missa ad Achillem legatio continetur, uel in primo inter duces illa contentio uel dictae in secundo sententiae, omnis litium atque consiliorum explicant artes?*

⁴⁸ V. Eurípides, *Alc.* 416-419.

⁴⁹ Cf. Lillo Redonet, 2001: 101 e Manning, 1981: 12.

⁵⁰ Cf. Manning, 1981: 12.

de destaque, com as escolas pós-socráticas, e depois cada vez mais na época helenística, e a filosofia tornou-se a *magistra uitae* (Cícero, *Tusc.* 2.16) e a *medicina animi* (*ibid.* 3.6)⁵¹. Só a razão pode assegurar a εὐδαιμονία, a felicidade, onde quer que resida, na ascese platónica ou na moderação aristotélica, no prazer epicurista ou na imperturbabilidade estóica: *Quid est in homine proprium? Ratio: haec recta et consummata felicitatem hominis implevit* (Sen. *Ep.* 76.10). E será portanto a razão a ajudar a mente a suportar a dor, a dominar o tumulto dos *affectus*. Sêneca diz numa carta consolatória escrita muito perto do fim da vida: *Omnia itaque ad rationem reuocanda sunt* (*Ep.* 99, 18) e este, como sugere Traina⁵², poderia ser o mote de toda a *consolatio* antiga⁵³.

Da obra de Crantor, considerada o protótipo do género, só possuímos breves fragmentos, e, por tal, não contamos com o primeiro exemplo do género em língua grega. Também perdemos o primeiro exemplar do género em língua latina na sua modalidade de tratado, uma *consolatio* que Cícero endereçou a si mesmo, por ocasião da morte de sua filha Túlia. No género consolatório, Cícero oferece o exemplo mais claro relativo à atribuição autorial do paratexto. Temos certificação explícita do título que dava à sua obra consolatória, hoje perdida: denominava-a *Consolatio*⁵⁴. No que diz respeito às *consolationes* de Sêneca a Márcia, a Hélvia e a Políbio, a tradição manuscrita outorga-lhes o termo *consolatio*.

As *Tusculanae Disputationes* de Cícero são uma fonte indispensável de informação para o género consolatório, pois delas se podem extrair as características retórico-filosóficas da *consolatio* latina. Especialmente relevantes são a primeira *Tusculana*, que debate o tema da morte como um mal, e a terceira, que trata da *aegritudo* em geral⁵⁵.

⁵¹ Cf. Traina, 1987: 11.

⁵² Traina, 1987: 12.

⁵³ E.g. Sen. *Polyb.* 4.2; Plutarco, *Consolatio ad Apollonium*, 103F.

⁵⁴ Cf. Cic. *Cons.* F 16 (Cic. *Tusc.* 3.76): *Sunt etiam qui haec omnia genera consolandi colligant – alius enim alio modo movetur –, ut fere nos in Consolatione omnia in consolationem unam coniecimus; erat enim in tumore animus et omnis in eo temptabatur curatio*. Outros testemunhos do próprio Cícero em F 18 (Cic. *Tusc.* 4.63), F 5 (Cic. *Tusc.* 1.75ss.), F 21 (Cic. *Tusc.* 1.65ss.), F 15 (Cic. *Diu.* 2.22), F 19 (Cic. *Tusc.* 3.70).

⁵⁵ A primeira *Tusculana* discute o dilema socrático sobre a dupla possibilidade de que a alma seja imortal (26-81) ou de que a morte seja uma aniquilação da alma (82-101). O *rethorum epilogus* (112-120) da primeira *Tusculana* oferece um conjunto de vários *exempla* próprios do género consolatório. A terceira *Tusculana* é a que mais informação indirecta proporciona sobre a *consolatio* e alguns dos seus *topoi*, discutindo os procedimentos utilizados por cada escola filosófica.

Não existe uma doutrina sistemática da *consolatio* nas retóricas latinas conservadas, o que se pode dever ao facto de a *consolatio* não constituir um dos três *genera* tradicionais considerados por Aristóteles e daí que, na hierarquia antiga, pareça um género marginal quanto ao seu tratamento retórico⁵⁶.

Caracterizam-se como *consolationes* filosóficas os textos que têm um conteúdo e função filosóficos. O facto de se qualificar a *consolatio* com o adjectivo *philosophica* refere o conteúdo (tipo de *topoi*) que os textos agrupados sob esta classe devem apresentar⁵⁷.

Cícero define a finalidade da *consolatio* filosófica nas seguintes linhas das *Tusculanae* (3.75): *Haec igitur officia sunt consolantium, tollere aegritudinem funditus aut sedare aut detrahare quam plurimum aut suppressere nec pati manare longius aut ad alia traducere*.

Além das suas origens académicas e de uma provável associação com a Escola Cínica, a *consolatio* fez parte do repertório de todas as escolas filosóficas⁵⁸. Embora cada escola tivesse um método particular, nos textos conservados existe um marcado eclectismo devido à condição de *topoi* que de imediato adquiriram os argumentos usados na *consolatio*, com origem em cada uma dessas escolas⁵⁹.

Nas consolações latinas conservadas, a forma ecléctica de *consolatio* é praticamente a única existente⁶⁰. Esta teoria encontra problemas na altura de aplicar a regra às *consolationes* de Séneca. Como observa Lillo Redonet⁶¹, não era fácil aceitar que um filósofo estóico empregasse métodos pertencentes a outras escolas. Contudo, a crítica está de acordo com a existência de uma espécie de eclectismo nas obras consolatórias de Séneca, eclectismo este que não tem a ver com as suas ideias pessoais

⁵⁶ Cf. Lillo Redonet, 2001: 31.

⁵⁷ Cf. Lillo Redonet, 2001: 77. O mesmo estudioso observa que, a nível da função, a *consolatio* é “un acto perlocutivo orientado a la función específica de modificar la forma de pensar del que se lamenta por la desgracia. Esto había sido intuitivo ya por los retóricos antiguos al clasificar la *consolatio* entre las *quaestiones actionis*” (Lillo Redonet, 2001: 81).

⁵⁸ Manning, 1981: 12 e Lillo Redonet, 2001: 101. A *consolatio* encontrou na filosofia um terreno propício. Cícero informa-nos de que cada escola filosófica desenvolveu tópicos próprios (*Tusc.* 3.76). Contam-se, entre os filósofos gregos que se ocuparam da consolação, Demócrito, Hiparco Pitagórico e Pródico de Ceos. Entre os Cínicos, encontram-se Antístenes e Diógenes de Sinope (*Hier. Ep.* 60.5). Entre os Estóicos, estão Crisipo e Panécio, que escreveu uma consolação a Q. Tuberão da qual nos fala Cícero. Entre os Epicuristas, o próprio Epicuro escreveu a *consolatio* a Hegesianacte e Metrodoro escreve uma *consolatio* à sua irmã pela morte de seu filho, sobre a qual Séneca nos dá referências (Cf. *Sen. Epp.* 98.9 e 99.25). Entre os Académicos, aparece Crantor com a sua já referida *Consolação a Hipocles* que parece ter configurado o género literário.

⁵⁹ Lillo Redonet, 2001: 101.

⁶⁰ Lillo Redonet (2001: 64, n. 99) observa que excepcionalmente poder-se-ia considerar como *consolatio* de tipo epicurista parte do livro III do *De Rerum Natura* de Lucrécio.

⁶¹ Lillo Redonet, 2001: 64.

de tipo estóico, mas que se devia às exigências de um género que, quando chegou a Séneca, continha uma série de *topoi* já determinados, ainda que na sua origem pertencessem a diversas escolas filosóficas⁶². O próprio Cícero tinha consciência da necessidade de empregar mais de um *topos* num escrito consolatório, e assim, quando discute sobre o *topos* cirenaico da *praemeditatio futuri mali*, aceita a sua validade mas não a sua exclusividade⁶³.

A maioria das *consolationes* sobreviventes lida com a perda de um ente querido, à excepção de *Ad Helviam* de Séneca que lida com o exílio, enquanto a décima terceira sátira de Juvenal é uma *consolatio* zombeteira dirigida a um homem que foi defraudado⁶⁴.

Em *Tusc.* 3.81, Cícero apresenta um breve inventário de alguns dos motivos consolatórios existentes: *Sunt enim certa quae de paupertate, certa quae de uita inhonorata et ingloria dici soleant: separatim certae scholae sunt de exilio, de interitu patriae, de seruitute, de debilitate, de caecitate, de omni casu, in quo nomen poni solet calamitatis*⁶⁵.

Pelos testemunhos das *Tusculanae* deduz-se que havia em todo o tipo de *consolationes* uma parte de *disputatio* que seria apoiada por uma parte de *exempla*⁶⁶. Seria a divisão *praecepta-exempla* que alguns estudiosos aplicam às *consolationes* práticas. A base para a enunciação da regra da colocação dos *praecepta* antes dos *exempla* é a seguinte afirmação de Séneca (*Marc.* 2.1): *Scio a praeceptis incipere omnis qui monere aliquem uolunt, in exemplis desinere. Mutari hunc interim morem expedit; aliter enim cum alio agendum est.*

⁶² Manning trata das diversas ideias filosóficas que surgem na carta 63 de Séneca a Lucílio (cf. C. E. Manning, "The Consolatory Tradition and Seneca's Attitude to Emotions", *G&R* 21, 1974, pp. 71-81). Cf. também J. A. Shelton, "Persuasion and Paradigm in Seneca's *ad Marciam* 1-6", *Classica et Medievalia* 46, 1995, pp. 183-185.

⁶³ Cic. *Tusc.* 3.52: *Cyrenaicorum restat sententia, qui tum aegritudinem censent existere, si necopinato quid euenerit. Est id quidem magnum, ut supra dixi: etiam Chrysippo ita uideri scio, quod prouisum ante non sit, id ferire uehementius; sed non sunt in hoc omnia.*

⁶⁴ O tema do luto é tratado nas seguintes *consolationes* em prosa: Cícero, *Fam.* 4. 5; 5.16; 6. 3; *Att.* 12.10; *Ad Brut.* 1. 9; Séneca, *Marc.*; *Polyb.*; *Epp.* 63; 93; 99; Plutarco, *Ad Apollonium*; *Ad uxorem*; Ambrósio, *De excessu fratris sui Satyri*; *De obitu Valentiniani*; *De obitu Theodosii*; Jerónimo, *Epp.* 39; 60; 66; 75. Cícero manipula muito material consolatório nas suas *Tusculanae Disputationes* I e III. As *consolationes* poéticas, a anónima *Consolatio ad Liviam*, e as consolatórias *Siluae* de Estácio (2.1; 2.6; 3.3; 5.1 e 5.5) partilham de algumas características da *consolatio* filosófica, mas ajustam-se a normas genéricas um tanto diferentes.

⁶⁵ Seguindo a enumeração de Cícero, Lillo Redonet (2001: 84-86) apresenta exemplos que se conservaram ou de que temos notícia para ilustrar cada um dos motivos da *consolatio* e que evidenciam a sua variedade.

⁶⁶ Lillo Redonet, 2001: 64.

Na sua *Consolatio*, Cícero declara ter consultado todos os textos da tradição anterior que tinha à sua disposição⁶⁷. Devemos ter em conta que os textos consultados por Cícero seriam provavelmente gregos, embora não possamos assegurar que não existissem exemplos latinos anteriores à sua obra (Lillo Redonet, 2001: 102). Cícero declara que trouxe uma inovação aos textos consultados: o consolador e o consolando são uma e a mesma pessoa. Já Sêneca em *Ad Heluiam* afirma que a sua originalidade reside no facto de o consolador ser a própria causa do sofrimento causado ao consolando⁶⁸. Em *Ad Marciam* há duas inovações: uma é de ordem estrutural⁶⁹ e prende-se com a exposição dos *exempla* antes dos *praecepta*⁷⁰, a outra é relativa ao método, em que Sêneca opõe o seu método a outros mais indulgentes que não cita⁷¹.

A ausência de uma forma fixa para a *consolatio* cria um problema relativo à sua análise, já que a *consolatio* pode adaptar-se tanto à carta como ao tratado. As semelhanças encontram-se ao nível do *exordium* e do sector central, havendo maiores diferenças entre o final da carta e a *conclusio* do tratado. Em suma, deve-se ter em conta que a *consolatio* se define mais pela função e pelo conteúdo do que pela forma⁷².

Além de possuir afinidades com outros géneros da literatura funerária, como o epicédio, a *lamentatio*, o epigrama sepulcral, a *laudatio funebris*, a *consolatio* partilha traços com alguns géneros filosóficos. Posidónio inclui a *consolatio* dentro da filosofia moral ao lado da *praeceptio*, da *suasio*, e da *exhortatio*⁷³, e Sêneca inclui-a dentro dos *monitionum genera*, colocando-a ao lado das *dissuasiones*, *adhortationes*, *obiurgationes* e *laudationes*: todas têm em comum o propósito de atingir a perfeição da alma⁷⁴.

⁶⁷ V. Cic. *Cons. Test.* (Cic. *Att.* 12.14.3): *Quod me ab hoc maerore recreari uis, facis ut omnia; sed me mihi non defuisse tu testis es. Nihil enim de maerore minuendo scriptum ab ullo est, quod ego non domi tuae legerim. Sed omnem consolationem uincit dolor. Quin etiam feci, quod profecto ante me nemo ut ipse me per litteras consolaretur. Quem librum ad te mittam, si descripserint librarii. Adfirmo tibi nullam consolationem esse talem.*

⁶⁸ V. Sen. *Helu.* 1.2: *Praeterea cum omnia clarissimorum ingeniorum monumenta ad compescendos moderandosque luctus composita euoluerem, non inueniebam exemplum eius qui consolatus suos esset, cum ipse ab illis comploraretur.*

⁶⁹ Lillo Redonet, 2001: 102.

⁷⁰ V. Sen. *Marc.* 2.1: *Scio a praeceptis incipere omnis qui monere aliquem uolunt, in exemplis desinere. Mutari hunc interim morem expedit.*

⁷¹ V. Sen. *Marc.* 1.5: *Alii itaque molliter agant et blandiantur, ego conflagere cum tuo maerore constitui.*

⁷² Cf. Lillo Redonet, 2001: 87 e 90.

⁷³ V. Sen. *Ep.* 95.65. Cf. K. Buresch, *Consolationum...*, p. 6: “Scimus Posidonium stoicum in parte morali non tantum praeceptionem sed etiam suasionem et consolationem et exhortationem necessariam indicasse”, apud Lillo Redonet, 2001: 95.

⁷⁴ V. Sen. *Ep.* 94.39: *Ne philosophia quidem; nec ideo inutilis et formandis animis inefficax est. Quid autem? Philosophia non uitae lex est? Sed putemus non proficere leges: non ideo sequitur ut ne monitiones quidem proficiant. Aut sic et consolationes nega proficere dissuasionesque et adhortationes, et obiurgationes et laudationes. Omnia ista monitionum genera sunt; per ista ad perfectum animi statum peruenitur.*

Como dissemos, todas as escolas filosóficas deram o seu contributo. Mas para nós são apenas títulos (*Sobre o luto, Sobre a morte, Sobre a serenidade, Sobre as paixões, Sobre o exílio...*), e alguns fragmentos. A *Consolatio* de Crantor foi um êxito na Antiguidade: Panécio queria que se soubesse de memória; Cícero define-o como sendo *aureolus* (*Acad.* 2.135) e fez dele o modelo principal da sua *Consolatio*; séculos depois, Jerónimo citava-o ainda à cabeça de uma lista que compreendia os nomes de Platão e de Diógenes, de Carnéades e de Posidónio (*Ep.* 60,5). Uma das razões do seu sucesso e da influência devia ser o seu protesto contra a desumana “insensibilidade” (ἀπᾰθεια) perante a morte dos entes queridos, que o fundador do estoicismo, Zenão, exigia e a que Crantor contrapunha a “moderação das paixões” (μετριοπάθεια)⁷⁵. Sêneca não o nomeia, mas pode-se perceber a existência de vestígios do seu pensamento quando também ele protesta contra a *inhumana duritia* e a *superba sapientia* dos estóicos (*Helu.* 16.1; *Polyb.* 18.5) em nome da “medida justa” (o *temperamentum* de *Helu.* 16.1 e o *modus* de *Polyb.* 18.6). O estoicismo médio tinha suavizado o rigor de Zenão com Panécio, admirador de Crantor.

Antes da época helenística, os filósofos já vinham discutindo questões como a natureza da alma e o seu destino depois da morte. Os argumentos de origem literária ou filosófica abundam em textos consolatórios, e é notória a frequência de citações de Homero e dos tragediógrafos gregos literatura consolatória⁷⁶. Da mesma forma, os argumentos acerca da morte, que Platão põe na boca de Sócrates⁷⁷ no seu julgamento, tornaram-se um padrão para os consoladores. Possivelmente, as citações estão muitas vezes descontextualizadas, mas nota-se o desejo dos consoladores de encontrar as mais veneráveis autoridades para os seus argumentos. A este respeito Sêneca mostra considerável restrição: no caso concreto do *Ad Marciam*, uma citação de Publílio Siro, outra da *Eneida* e uma óbvia alusão a esta obra são os limites do apoio procurado nos “clássicos” do próprio tempo de Sêneca⁷⁸.

⁷⁵ Traina, 1987: 12.

⁷⁶ D.L. 4. 26; Cic. *Tusc.* III contém três traduções de Eurípides, três de Homero, e uma de Ésquilo e Sófocles. A *Consolatio ad Apollonium* de Plutarco tem dezanove citações de passos esparsos de Homero, e dez de Eurípides.

⁷⁷ Platão, *Ap.* 40Dss.

⁷⁸ Publílio Siro em 9.5; Vergílio, *Aen.* 10. 472 em 21.5, e uma alusão a *Aen.* 9. 642 em 15.1. A *Consolatio ad Polybium* contém somente uma citação, do *Telamon* de Énio, que se encontra também em Cícero, *Tusc.* 3. 13, 28.

O tipo de filosofia que tinha em vista o aperfeiçoamento moral do destinatário exerceu a mais poderosa influência no período augustano e nos anos imediatamente seguintes. O movimento dos Sêxtios influenciou profundamente os retores da época augustana⁷⁹.

O propósito do ensinamento dos Sêxtios era produzir reforma moral. Sêneca viu nas suas práticas ascéticas algo aparentado com os ensinamentos estóicos⁸⁰, sendo esse ascetismo acompanhado pela crítica directa aos hábitos contemporâneos, em particular o luxo em voga em certos quadrantes da aristocracia romana, em matéria de alimentação, vestuário e habitação⁸¹. Há também fortes fundamentos para supor que os Sêxtios recorreram abundantemente à citação de *exempla* nos seus discursos filosóficos⁸².

Como dissemos, a influência dos Sêxtios foi profunda, e, por intermédio de Fabiano, os seus ensinamentos e métodos causaram grande impacto na geração seguinte de retores⁸³. Foi desta geração que saíram os professores e os exemplos do jovem Sêneca, e dois aspectos particulares da influência dos Sêxtios são revelados em *Ad Marciam*. Quintiliano mais tarde descreveria Sêneca como *egregius tamen uitiorum insectator*⁸⁴, e a crítica da sociedade contemporânea tão vigorosamente empreendida no capítulo 22 de *Ad Marciam* pode ser um reflexo da influência geral do movimento dos Sêxtios. Do mesmo modo, os longos passos de citação de exemplos, que somam cerca de um quarto do total de *Ad Marciam*, podem apontar na mesma direcção, embora não tenham sido apenas os filósofos e retores mas também Tito Lívio a defender que a história podia ensinar lições morais⁸⁵.

Sêneca tornou-se profundamente interessado em filosofia na sua adolescência, e, quando começou a compor, foi a escola estóica que reclamou a sua lealdade. Não apresentaremos uma completa exposição da filosofia estóica, mas uma breve

⁷⁹ Cf. Manning, 1981: 15. Sobre a adopção dos ensinamentos dos Sêxtios por Fabiano, v. Sêneca-Pai, *Contr. II praef. 4: cum* [Fabianus] *Sextium audiret*.

⁸⁰ Sen. *Ep.* 64.2: *Q. Sextii patris magni, si quid mihi credis, uiri et, licet neget, Stoici*.

⁸¹ Para um discurso de Fabiano a atacar estas três formas de excesso, v. Sen. *Contr.* 2. 1.11.

⁸² Os *exempla* da história romana foram usados por Cícero em *Paradoxa Stoicorum* (e.g. 2.16, Régulo) e *Tusculanae Disputationes* (e.g. 1.74, Catão; 1.86, Pompeio) mas tornaram-se bem mais frequentes nas composições de Sêneca e de Plutarco. Temos a afirmação de Fabiano de que os exemplos lhe providenciavam toda a instrução necessária: *Nihil est mihi opus praecipientibus, habeo exemplum* (cf. Sen. *Contr.* 2.6.2).

⁸³ Manning, 1981: 15.

⁸⁴ Quintiliano, *Inst.* 10.1. 129.

⁸⁵ T. Lívio, *praef.* 10: *Hoc illud est praecipue in cognitione rerum salubre ac frugiferum, omnis te exempli documenta in inlustri posita monumento intueri; inde tibi tuaeque reipublicae quod imitere capias, inde foedum inceptum foedum exitu quod uites*.

consideração ajudar-nos-á a compreender porque era a *consolatio* um género apropriado para um escritor de convicções estóicas.

Para o estóico, o mundo era governado pela providência de uma divindade benéfica. Este πνεῦμα divino ou *spiritus* infundia todas as partes individuais do mundo, incluindo o homem. A divindade governadora era racional e inteligente, de facto era o racional por excelência⁸⁶. Assim, o elemento racional no homem tornou-se identificado com o “Deus interior”, aquele fragmento de substância divina que o tornou no que era⁸⁷. O objectivo da vida para o homem era compreender os processos cósmicos, pôr a razão individual em conformidade com a razão cósmica, e co-operar com ela. As coisas que os homens geralmente perseguiam como bens e evitavam como males eram tecnicamente indiferentes (ἀδιάφορα) para um estóico, pois não eram necessárias para a correcta disposição da vontade, embora o homem racional pudesse, se lhe fosse dado escolher, ver tais coisas como a saúde, a riqueza, o sucesso político e afins como preferíveis (προηγμένα) e os seus opostos como coisas a serem evitadas (ἄποπροηγμένα)⁸⁸. Dada esta visão do universo e da situação humana, o tratamento do desgosto (*aegritudo* ou λύπη) era importante por duas razões: primeiramente, o desgosto era irracional e sem proveito num mundo em que tudo estava ordenado pela providência divina para o melhor. Em segundo lugar, muitas das circunstâncias que eram motivo de tristeza não eram males reais, mas meramente desvantagens (ἄποπροηγμένα) e não eram suficientes para causar a reacção *aegritudo* ou λύπη⁸⁹. Isto aplicava-se no caso do luto de Márcia, pois nem a vida nem a morte eram em si mesmas bem ou mal, e quaisquer que fossem as circunstâncias externas, o bem do homem sábio, segundo Estilbão⁹⁰, permanecia nele, na disposição da sua vontade. Como observa Manning⁹¹, para o estóico, portanto, o objectivo da *consolatio*, o pôr a vontade individual em harmonia com a vontade cósmica, era uma obra educativa e terapêutica de suprema importância.

É pouco provável que Sêneca tivesse reclamado qualquer originalidade para os argumentos usados em *Ad Marciam*, mas, tal não significa que não valha a pena ler a obra, nem que esta tenha valor apenas pela exposição de doutrinas de outros

⁸⁶ SVF I. 172; II. 1106-1110.

⁸⁷ SVF II. 776; Sen. Ep. 66, 12: *Ratio autem nihil aliud est quam in corpus humanum pars diuini spiritus mersa*.

⁸⁸ SVF III. 117, 129-131.

⁸⁹ SVF III. 380-1, 393.

⁹⁰ Sen. Ep. 9.18.

⁹¹ Manning, 1981: 19.

encontradas em outros sítios apenas fragmentariamente. A caracterização da sua obra esclarece-se numa imagem que Sêneca usou, a de médico espiritual⁹². Tal como um médico que, ao lidar com doenças oftálmicas, diagnosticasse com sucesso condições particulares e aplicasse o remédio apropriado de entre aqueles já descobertos, estaria a realizar um trabalho útil⁹³, assim o médico da alma pode desempenhar o seu papel ao seleccionar o tratamento apropriado usando os *remedia* descobertos e usados pelos seus predecessores⁹⁴.

Mas será mesmo a morte o fim de tudo? No final da *Consolatio ad Marciam* a morte aparece-nos platonicamente como a libertação da alma do cárcere do corpo (24.5-25.1). É a alternativa socrática⁹⁵: a morte é *aut finis aut transitus* (Ep. 65.24, cf. Polyb. 9.2), o que, numa carta tardia, em contraste com o outro pólo, Sêneca chama *bellum somnium* (Ep. 102.2)⁹⁶. Esta hipotética imortalidade é redimensionada pela ortodoxia estoica, que admite no máximo uma sobrevivência individual temporária até ao cumprimento do ciclo que destruirá o universo para o regenerar, numa eterna alternância de morte e renascimento (Marc. 26, 7). Tudo morre, então também morre o universo (Marc. 26, 6; Polyb. 1, 2-3). *Ad Marciam* termina com o quadro grandioso de uma catástrofe cósmica, que dissolve as *felices animae* nos elementos primordiais⁹⁷. Para Alfonso Traina⁹⁸, aceitar a morte não é só proteger-se contra “o mal de viver”, é, como dirá Sêneca, estar em sintonia com a razão imanente a tudo: *magnum solacium est cum uniuerso rapi*⁹⁹.

2. Data e Propósito

O problema mais difícil no estudo da obra de Sêneca é a sua cronologia e a *Consolatio ad Marciam* não é excepção a esta regra. Não há testemunhos externos para a datação da obra e os argumentos para dirimir esta questão devem ser retirados do próprio texto.

⁹² Cf. Manning, 1981: 19.

⁹³ Cf. Manning, 1981: 19-20.

⁹⁴ Sen. Ep. 64.8.

⁹⁵ Cf. Platão, Ap. 40C; Cícero, Tusc. 1.117. A expressão é de R. Hoven, *Stoïcisme et Stoïciens face au problème de l’au-delà*, Paris, 1971, p.114.

⁹⁶ Traina, 1987: 22.

⁹⁷ Traina, 1987: 22.

⁹⁸ Traina, 1987: 22.

⁹⁹ Sen. Prou. 5.8.

Manning defende que 40 d.C. é a data mais provável para a *Consolatio*¹⁰⁰. Jane Bellemore¹⁰¹, apresentou um estudo sobre a datação da *Consolatio ad Marciam* no qual se opõe à datação de outros estudiosos, entre os quais Manning, e defende que a *Consolatio* foi escrita no final do principado de Tibério (14-37), mais precisamente no período de 34 a 37.

A maior parte dos estudiosos anteriores a Bellemore sugere que a obra foi escrita durante o principado de Calígula (37-41)¹⁰². A razão desta datação é a afirmação explícita de Suetónio de que as obras de Cremúcio Cordo foram repostas em circulação durante o principado de Calígula¹⁰³. Na altura em que o *Ad Marciam* estava a ser escrito, as obras de Cremúcio já tinham sido republicadas. Devido à autoridade de Suetónio nesta matéria, o período tiberiano nunca foi considerado uma opção para a data de *Ad Marciam*. Para Bellemore¹⁰⁴, se se considerarem as evidências internas da obra e o facto de que Suetónio é, por vezes, pouco fiável nestas questões, é preferível e não completamente impossível a datação no período do principado de Tibério.

O período posterior a 49, depois do retorno de Séneca, parece improvável, uma vez que esta datação torna quase impossível conciliar as idades de Márcia, de Metílio e de Cremúcio Cordo¹⁰⁵.

Datar o *Ad Marciam* entre os anos 41 a 49, durante o exílio de Séneca, parece estar fora de questão, com base nas palavras do filósofo em *Marc.* 16.2: *In qua...urbe, di boni, loquimur*, que insistem na ideia de que quer o autor, quer a destinatária, estavam em Roma no momento da escrita. Não é provável que um exilado, banido de Roma por decreto imperial, pudesse empregar uma tal frase sem parecer escrever incongruentemente¹⁰⁶. Além disso, embora Séneca mencione na obra as dificuldades do exílio, a omissão nas referências ao seu próprio exílio quando o exílio está em discussão

¹⁰⁰ Manning, 1981: 4.

¹⁰¹ Jane Bellemore, "The Dating of Seneca's *Ad Marciam De Consolatione*", *CQ* 42, 1992, pp. 219-234.

¹⁰² Segundo Manning (1981: 1), vários estudiosos sugeriram amplamente datas diferentes para a composição de *Ad Marciam*: K. Buresch, *Consolationum a Graecis Romanisque scriptorum historia critica*, *Leipziger Studien* 9, 1887, pp. 111-12; E. Albertini, *La composition dans les ouvrages philosophiques de Sénèque*, Paris, 1923, p.14, n.1; Ch. Favez (ed.), *Seneca, Ad Marciam de Consolatione*, Paris, 1928, pp. XI-XV; J. W. Basore (ed.) *Seneca, Moral Essays*, vol. II, London e Camb., Mass., 1932, p. viii; A. Traglia (ed.), *Seneca, La Consolazione a Marcia*, Roma, 1965, p.7; K. Abel, *Bauformen in Senecas Dialogen, Fünf Strukturanalysen: dial. 6, 11, 12, 1 und 2*, Heidelberg, 1967, p. 159; M. Griffin, *op. cit.*, p. 397; todos defendem para *Ad Marciam* uma data anterior ao exílio de Séneca. Contudo, A. Bourguery, *Sénèque Prosateur*, Paris, 1922, p. 47, defendeu 49 d.C. para a data de composição, enquanto L. Hermann, *La date de la "Consolation" à Marcia*, *REA* 31, 1929, pp. 21-28 sugeriu mesmo a data de 62 d.C.

¹⁰³ Cf. Suet. *Cal.* 16.1.

¹⁰⁴ Jane Bellemore, *op. cit.*, p. 219.

¹⁰⁵ Sobre esta questão da datação, v. M. T. Griffin, 1992^R: 347ss; Manning, 1981: 1-7.

¹⁰⁶ Cf. Manning, 1981: 2.

(e.g. em 17.5 e 22.3) e à morte de um filho seu, contemporânea da sua partida para o exílio (*Helu.* 2.5), é mais bem explicada ao colocar-se a obra antes do seu desterro.

A maioria das autoridades concorda que 41 d.C. garante um razoável *terminus ante quem* para a obra¹⁰⁷.

O período de 39-41 parece compatível com as evidências internas da obra. Quando Séneca consola Márcia pela morte do filho Metílio, faz notar que este último tinha morrido há três anos, e durante esse tempo ela não tinha conseguido encontrar consolo, nem sequer nos seus apreciados estudos; no entanto, desempenhou um papel considerável na republicação dos escritos históricos do pai (1.3-1.4); assim, esta actividade editorial da parte de Márcia data, provavelmente, de antes da morte de Metílio. Se datássemos a *Consolatio* no principado de Calígula, as obras de Cremúcio deviam ter sido republicadas em 37 ou, quando muito, em 38, e o *Ad Marciam* escrito três anos depois, c. 40 ou 41.

O primeiro problema desta datação é que muitos acontecimentos teriam de entrar num período demasiado curto no início do principado de Calígula. Deve-se dar tempo à consideração de Calígula do levantamento do banimento das obras de Cordo e ao tempo necessário para Márcia republicar a obra. Teremos também de dar tempo a outros acontecimentos: sabemos que foi concedido o sacerdócio a Metílio, presumivelmente concedido por Calígula algures neste período¹⁰⁸; e há ainda o tempo necessário para que Metílio morresse.

Em segundo lugar, se o *Ad Marciam* foi, de facto, escrito durante o principado de Calígula, é estranho que Calígula não seja mencionado na obra. E tal estranheza é especialmente notável no passo em que Séneca refere a republicação das obras de Cordo (1.3-4), caso Calígula tivesse sido de facto responsável por essa republicação, como afirma Suetónio. Se Séneca era avesso a elogiar Calígula, uma breve afirmação do facto não precisava necessariamente de ser considerada excessiva ou hipócrita. Alguns estudiosos defendem que a omissão de Calígula indica precisamente que a *Consolatio* foi escrita durante o seu principado, e assim, ao silêncio sobre o exílio, acrescenta-se o silêncio sobre um imperador que Séneca nunca perde a ocasião de atacar com ressentimento implacável (e.g. *Helu.* 10.4; *Polyb.* 17.4-6). Melhor explicação poderia haver da ausência de Calígula do que o facto de ele ser ainda governante quando a obra

¹⁰⁷ Griffin, 1992^R: 396.

¹⁰⁸ Cf. Manning, 1981: 3-4.

foi escrita¹⁰⁹? Para Traina¹¹⁰, de tal omissão pode deduzir-se que Sêneca deveria estar a escrever durante o principado daquele imperador e, precisamente, no seu início liberal, em 37, quando Calígula revocou os exilados e permitiu a reedição da obra de Cremúcio Cordo e de outros historiadores, mandadas queimar no régimen precedente (mas, e isto Sêneca não o diz, e pode ser uma confirmação da data proposta, com cortes das partes penalizadas)¹¹¹. Os defensores da datação da *Consolatio* no principado de Calígula vêem um elogio ao regime de Calígula quando Sêneca afirma que os livros foram republicados em melhores tempos (*Marc.* 1.2-3). Mas se Sêneca tenta elogiar Calígula nesta questão, porque o elogia de modo tão oblíquo? Já o louvor que faz a Tibério é bastante claro¹¹².

As referências elogiosas de Sêneca a Tibério em *Ad Marciam* foram vistas como um sinal de que a obra tinha sido escrita depois de 39. Diz-se que Calígula, depois de ter injuriado e ignorado Tibério no início do seu principado, restaurou posteriormente a reputação do seu antecessor. No entanto, apesar de Calígula ter restabelecido a memória de Tibério após 39, devia haver um clima de incerteza, mesmo após esta data, sobre a posição de Tibério relativamente a Calígula.

O facto de Calígula não ser mencionado de todo por Sêneca sugere que a obra não foi composta durante o seu principado¹¹³. Se a datação para *Ad Marciam* é improvável no principado de Calígula, a escrita da *Consolatio* pode adequar-se aos tempos do principado de Tibério. Para apoiar esta datação está o facto de que Tibério é elogiado em *Ad Marciam* pela sua virtude (e.g. *Marc.* 4.2, 15.4), mas o mesmo não se aplica a outros *principes* como Calígula ou Cláudio. Sêneca louva Lúvia, a mãe de Tibério, e escolhe Tibério como um notável modelo para Márcia. Druso, o irmão de Tibério, é elogiado e destaca-se como um indivíduo extraordinário (*Marc.* 3.1). Bellemore¹¹⁴ sublinha que o retrato de Tibério como um exemplo a ser imitado por Márcia (15.3) é digno de nota pois o que mais poderia ser um insulto deliberado a Márcia e à memória do seu pai do que a referência ao homem que foi acusado por escritores posteriores (particularmente por Tácito) da morte de Cremúcio Cordo, a menos que Tibério se tivesse, em qualquer momento, redimido ao exonerar a vida e a obra de Cordo? O papel predominante que Cremúcio Cordo desempenha na obra,

¹⁰⁹ Cf. Manning, 1981: 3. Para estes argumentos, v. Z. Stewart, *op.cit.*, e M. Griffin, 1992^R: 397.

¹¹⁰ Traina, 1987: 16.

¹¹¹ A notícia vem de Quintiliano, *Inst.* 10.1.104.

¹¹² J. Bellemore, *op. cit.*, p. 221.

¹¹³ *Idem, ibidem.*

¹¹⁴ J. Bellemore, *op. cit.*, p. 222.

destacando-se no início e no fim, é tanto mais inteligível quanto mais próximo no tempo o *Ad Marciam* estava da sua morte, ou pelo menos da republicação da sua obra¹¹⁵.

Sêneca afirma que Sejano se irritara com Cordo por causa de alguns comentários que este último proferira (*Marc.* 22.4) e que nessas palavras estaria o motivo para a sua acusação *de maiestate*. Tácito indica que dois clientes de Sejano, Sátrio Secundo e Pinário Nata, denunciaram Cordo pelo crime *de maiestate*, mas Sêneca só refere Sátrio Secundo. Sabemos pela *Ep.* 122.10-13 que Pinário Nata estava vivo e socialmente activo no final do principado de Tibério, e as reticências de Sêneca em referir o envolvimento de Pinário Nata no julgamento de Cordo fazem sentido se o *Ad Marciam* datar do período final do principado de Tibério, quando todos faziam por esquecer e ver esquecidas as suas ligações a Sejano. Nas referências ao julgamento de Cordo, Sêneca iliba por completo Tibério, contrariamente a Tácito¹¹⁶, que o inclui, talvez inconscientemente, no grupo que, na altura do julgamento de Cordo, em 25 d.C., estava a ser dominado pela tirania de Sejano (*Marc.* 22.4, cf. 22.5, 26.4), contra quem apresenta um forte ataque e, a quem atribui a responsabilidade pela condenação de Cremúcio.

Em conclusão, parece-nos viável a sugestão de Jane Bellemore de se datar a escrita do *Ad Marciam* no período de 33 a 37. A *Consolatio* seria assim a primeira obra (dentre as sobreviventes) de Sêneca e sugeriria que o Cordubense começara a desempenhar o papel de cortesão durante o principado de Tibério. Sêneca tinha bons conhecimentos na corte, ligações à classe governativa por meio do seu tio Galério, e ele próprio afirma que a sua tia tinha alguma influência política (*Sen. Helu.* 19.2). Sabemos que foi logo depois da queda de Sejano (31 d.C.) que Sêneca iniciou a sua carreira política, e o *Ad Marciam*, se for datado do principado de Tibério, apoiava o desejo do filósofo de se dissociar publicamente do ex-valido de Tibério caído em desgraça, e de manter o favor de Tibério.

A segunda questão que propomos é: Porque foi escrito o *Ad Marciam*? A resposta parece óbvia: consolar Márcia; mas isso não pode ser tomado como garantido, visto que poucos sustentam que o *Ad Polybium* tenha sido escrito apenas para animar

¹¹⁵ Manning, 1981: 3.

¹¹⁶ V. Tac. *Ann.* 4.34.

Políbio¹¹⁷. Sêneca dirige-se à filha de uma das vítimas de Sejano e ataca o prefeito mais violentamente do que em qualquer outra das suas obras¹¹⁸.

Deveremos, por consequência, ver o *Ad Marciam* como uma tentativa de Sêneca assegurar a sua própria segurança ao dissociar-se de uma facção de antigos defensores de Sejano?

Contudo, as evidências prosopográficas não nos permitem sustentar que havia um grupo de seguidores de Sejano que permaneceu sob a suspeita de Tibério e isolados dos seus colegas aristocratas¹¹⁹. Além disso, existem muitas evidências que sugerem que esta é uma *consolatio* genuína, como será observado em uma análise da sua estrutura e conteúdo¹²⁰. Certamente, era à causa do sofrimento particular de Márcia que Sêneca se dirigia, e é a situação dela que domina toda a obra¹²¹. Os antecedentes da tristeza de Márcia são delineados no primeiro capítulo, e ela é encorajada a recompor-se, recordando o seu anterior comportamento. Os primeiros *exempla*, Lívيا e Octávia, foram escolhidos, com ela em mente, como *et sexus et saeculi tui exempla* (2.2), e Lívيا fora sua amiga particular (4.2). Da mesma forma, depois de um segundo conjunto de *exempla* ter tratado da coragem masculina, a possível objecção de Márcia de que uma mulher é propensa à tristeza é antecipada quer pelo argumento quer pelos exemplos de resolução feminina (16.1-4). A Márcia é dito expressamente que a *consolatio* posta na boca de Areu Dídimio é apropriada à sua situação (6.1), e ela é mais tarde instigada a encontrar conforto na sua própria situação familiar, rodeada pelas filhas e pelos netos (16.6-9). Embora a *laus mortui* fosse uma característica tradicional da consolação, é digno de nota que as virtudes de Metílio sejam referidas mais de uma vez (12.3; 23.3; 24.1-4). É também significativo que ao sofrimento do pai de Márcia seja dado um longo tratamento na última secção principal da obra (22.4-8) e que ela se conclua com uma prosopopeia do seu pai, Cremúcio.

Contudo, Sêneca devia igualmente ter em mente uma audiência mais vasta do que Márcia, não tanto por motivos políticos mas catequéticos. Isto explicaria por que razão ele se lhe dirige numa obra editada em vez de o fazer por uma carta de condolências estritamente privada. Sêneca estava ciente de que alguns dos seus argumentos, tirados de uma longa tradição literária, seriam úteis e relevantes para outros

¹¹⁷ Cf. Manning, 1981: 4. Uma questão salientada por M. Griffin, 1992^R: p.21.

¹¹⁸ Cf. Manning, 1981: 5.

¹¹⁹ Cf. Manning, 1981: 5.

¹²⁰ Cf. Manning, 1981: 6.

¹²¹ Para a estrutura de *Ad Marciam*, ver infra.

pais enlutados. Em *Ad Marciam* encontramos um número de digressões sobre a situação humana, que lidam com o enorme impacto do inesperado (9.1ss), a mutabilidade da fortuna (9.1-11), a inseparabilidade das dores da vida dos seus prazeres (17-18), e dos males dos quais a morte pode salvar o homem (20). O uso ocasional de participios masculinos em tais secções, embora a destinatária seja uma mulher (9.3; 17.1 e 18.4), e um imperativo plural (10.4) sugerem que há momentos em que a principal preocupação do Cordubense é dirigir as suas palavras a uma audiência mais vasta. A este respeito, o *Ad Marciam* segue o padrão de outros *dialogi* que, na discussão do problema particular de um indivíduo, levantam questões de sentido mais amplo e geral¹²².

3. Estrutura Formal¹²³

Capítulo I: *Exordium ab auditore e a re*

I. 1-4: Preâmbulo.

Sêneca deseja consolar Márcia, e ainda que o destinatário da consolação seja uma mulher, sublinha que ela não participa dos defeitos inerentes à condição feminina: deste modo tratá-la-á como uma mulher de coragem; exposição das circunstâncias da sua vida que o comprovam, particularmente o comportamento para com o pai, Cremúcio Cordo.

I. 4-8: Sêneca tenta acalmar a dor de Márcia que dura há três anos provocada pela perda do seu filho.

Capítulos II a V: *Exempla*

II-III: Em vez de iniciar a consolação seguindo a ordem tradicional, ou seja, apresentando normas de comportamento, Sêneca começa com os *exempla*: Octávia e Lúvia, modelos opostos de comportamento. Márcia deve escolher o exemplo de uma das duas mulheres.

IV-V: Márcia escolherá seguir o exemplo de Lúvia. Reconstituição da consolação do filósofo Areu Dídimos a Lúvia.

¹²² Manning, 1981: 6-7. Pode-se comparar com o *De Breuitate Vitae* em que a questão da retirada da vida pública de Paulino abre uma discussão acerca das relativas exigências da vida política e administrativa e da vida em retiro filosófico, ou com o *De Tranquillitate Animi* em que a condição mental de Sereno se torna o ponto de partida para um tratado geral sobre como a *tranquillitas* pode ser obtida.

¹²³ Para esta apresentação, baseámo-nos nas estruturas propostas por Manning (1981: 8-11), Codoñer (2006^R: 178), e Waltz (1923: *passim*). Decidimos, por conveniência, manter a referência aos passos do texto que não contemplamos na tradução.

Capítulo VI: Secção de ligação

VI: Márcia deve assumir para si a consolação.

Capítulos VII a XI: *Praecepta* gerais

VII-VIII: Uma dor exagerada não é natural. A dor deve ser moderada, controlada pelo homem; toda a dor tem um fim.

IX-X.4: A intensidade da dor deve-se ao inesperado com que nos atinge, pois não nos mentalizamos de que a vida está exposta à dor, que a nossa vida não é senão um acumular de desgraças e que a felicidade é muitíssimo frágil. Fragilidade dos bens humanos.

X.5-XI: Fragilidade humana. Nascer implica morrer e devemos submeter-nos ao destino; nada é mais simples e seguro do que a morte.

Capítulos XII a XIX.2: *Praecepta* relacionados com a situação de Márcia.

XII: Márcia não tem o direito de se queixar da sua sorte. Se, durante o tempo em que viveu, o filho lhe proporcionou momentos de felicidade, deve alegrar-se de que assim tenha sido; se, pelo contrário, a tornou infeliz, não deve sentir por o ter perdido.

XIII-XVI: *Exempla* de pais e de mães que foram submetidos a idênticas provações.

XVII-XVIII: Deve-se comparar a vida a uma viagem a Siracusa: o lugar onde o homem chega tem encantos, mas é também fonte de inconvenientes. Deve-se ponderar nas vantagens e nos inconvenientes.

XIX-XXIII.2: Elogio da morte, brevidade da vida. Nem sempre uma vida longa é feliz, e o filho de Márcia desfrutou de uma vida amável que talvez, se tivesse continuado a viver, teria deixado de o ser.

Capítulo XIX.3: Secção de ligação.

Capítulo XIX.4-XXV: *Praecepta* relacionados com a situação de Metílio.

XXIII.5-XXVI: O que é mais perfeito dura menos, mas é compensado na outra vida, na qual Cremúcio Cordo será o seu guia.

Capítulo XXVI: *Peroratio*.

4. Aspectos Lexicais e Estilísticos Relevantes

Ma Seneca non è solo un filosofo o un moralista, è anche uno scrittore:
fu grande non solo per chel que disse, ma per come lo disse¹²⁴.

A obra e o estilo de Sêneca, que tanto êxito lhe trouxeram em vida e lhe hão-de trazer ao longo dos séculos, não se viram livre de abundantes críticas e até de drásticas desclassificações, e logo numa época muito próxima da sua, como o são os dois juízos tornados famosos que Suetônio coloca na boca de Calígula sobre a prosa do Cordubense: por um lado, o *princeps* define as suas composições como *meras comissiones* (‘simples peças de exibição’) e, por outro, diz que o seu estilo encarna na imagem da *harena sine calce*¹²⁵. Para Calígula essas simples peças de exibição obtinham-se à base de uma acumulação de elementos dispersos que não se interligam¹²⁶. Quintiliano¹²⁷, um quase contemporâneo, tem uma opinião igualmente negativa: aceita o valor das *sententiae* que salpicam os escritos do Cordubense, mas não aprova o estilo em que estão expressas¹²⁸; por duas vezes discute o inadequado uso dessas *sententiae*, cuja consequência é um estilo pouco elevado¹²⁹. A crítica à composição das obras de Sêneca foi retomada sobretudo por Erasmo e admitida até por Justo Lúpsio – fervoroso admirador do Cordubense e defensor do neo-estoicismo. Essa censura, associada à crítica pela falta de rigor e coerência do pensamento senequiano, formulada por filósofos racionalistas e idealistas, acabou por se converter num dogma multissecular.

Apenas de há uns decénios a esta parte se tem posto em relevo a solidez e o rigor do pensamento de Sêneca, assim como a ordenação e a arte das suas obras, eminentemente parenéticas, fundamentadas em firmes conceitos filosóficos¹³⁰. Actualmente podemos prestar justiça ao estilo de Sêneca, porque recuperámos o antigo sentido neutro da retórica como “técnica da persuasão”; e, com a linguística pragmática, tem-se privilegiado o aspecto elocutivo da linguagem, isto é, a sua finalidade prática. Agir sobre o destinatário, encaminhá-lo para a sabedoria, é o fim para que convergem

¹²⁴ A. Traina, 1987: 24.

¹²⁵ Suet. *Cal.* 53.2: *ut Senecam tum maxime placentem “commissiones meras” componere et “harenam esse sine calce” diceret.*

¹²⁶ Codoñer, 2006⁴: xxxi.

¹²⁷ Quint. *Inst.* 10.1.125.

¹²⁸ Cf. Codoñer, 2006⁴: xxxi.

¹²⁹ Cf. Codoñer, 2006⁴: xxxi.

¹³⁰ Cf. Cid Luna, 2000^R: 15.

todos os meios expressivos da palavra senequiana¹³¹. É o que Alfonso Traina define como “lo stile della predicazione”¹³², porquanto a língua de Sêneca, na sua realização formal, é fruto da tendência à interiorização e do seu esforço por predicar tal atitude aos seus leitores, e isso nos aspectos mais concretos, inclusive na construção sintáctica¹³³. A organização dos significantes, consistente sobretudo na recursividade fonolexical, é em Sêneca subordinada à função apelativa, orientada para o destinatário e representada, na sua expressão mais pura, pelas formas do vocativo e do imperativo, como, por exemplo: *Sic, Marcia, te gere...* (*Marc. 25. 3*)¹³⁴.

C. Codoñer¹³⁵ observa que as análises sobre o estilo senequiano dão importância a dois factores distintos: o primeiro, a inevitável evolução da língua e dos estilos; o segundo, as diferenças decorrentes dos variados fins da filosofia nas distintas épocas, pois se Cícero buscava a verdade durante uma conversa serena entre amigos, já a filosofia do século I d.C. procura alcançar um objectivo prático: o aperfeiçoamento moral do indivíduo. Para o conseguir, continua Codoñer¹³⁶, o estilo atenta nos pormenores, dando-lhes carácter emotivo, o concreto impõe-se sobre o abstracto, destaca-se, não o conjunto, mas os passos em separado, e as longas argumentações não são consideradas apropriadas para atrair a atenção do auditório¹³⁷. O resultante é o que se costuma chamar Novo Estilo, para a formação do qual contribuiu o auge da retórica, e do qual Sêneca, na opinião de A. D. Leeman, não seria mais do que um representante da tendência moderada¹³⁸.

Na prosa de Sêneca predomina a parataxe assindética. Como observam Cid Luna e Manning¹³⁹, não é que Sêneca e os escritores da sua época não “pudessem” construir períodos amplos e equilibrados; não se trata, com efeito, de “poder” – como o comprova o amplo e complexo período que abre a *Consolatio ad Marciam* – mas de “querer”; e, além disso, é provável que essa opção estilística não seja uma mera questão de gosto literário, mas pretenda alcançar uma imediatez emotiva e uma maior espontaneidade e fluidez no discurso¹⁴⁰. Assim, em vez da estrutura do período com a relação dos

¹³¹ Traina, 1987: 24.

¹³² Traina, 1987: 24.

¹³³ Cf. Codoñer, 2006⁴: xxxii.

¹³⁴ Cf. Traina, 1987: 25.

¹³⁵ Codoñer, 2006⁴: xxxii.

¹³⁶ Codoñer, 2006⁴: xxxii-xxxiii.

¹³⁷ Codoñer, 2006⁴: xxxiii.

¹³⁸ A. D. Leeman, 1963: 278ss.

¹³⁹ Cid Luna, 2000^R: 25-26 e Manning, 1981: 22.

¹⁴⁰ Cid Luna, 2000^R: 26.

pensamentos definida de modo preciso por orações subordinadas, Sêneca faz um uso considerável da parataxe, permitindo que um pensamento proceda naturalmente de outro, como é exemplo *Marc.* 10.4¹⁴¹.

Nas frases senequianas observa-se o uso de muitas figuras, compensando algumas delas, de certo modo, a marcada ausência de conjunções¹⁴²; outras, pelo contrário, acentuam a gravidade, como é o caso do zeugma. Assim, por exemplo, no relato, marcadamente poético e patético da morte de Druso, o filho de Lívía, e do seu cortejo fúnebre até Roma, Sêneca comenta (*Marc.* 3.2): ‘Não fora possível à mãe beber (*exhaurire*) os últimos beijos do seu filho e as entranháveis palavras do último adeus’, passo em que tentámos manter, traduzindo por “beber”, o zeugma do verbo *exhaurire* (‘absorver, beber, sentir, gozar, saborear’), que tem dois objectos muito diferentes, *oscula* e *sermonem*.

Existem outras duas figuras que, de certo modo, se contrapõem entre si: a hendíadis e a acumulação coordenativa ou sinonímia. A primeira, a hendíadis, uma figura particularmente poética e cultivada sobretudo por Vergílio, usualmente não a conservámos na tradução, à excepção do seguinte exemplo: *studia, hereditarium et paternum bonum* que traduzimos por “os estudos, um bem herdado de teu pai” (‘bem herdado e paterno’ seria a tradução literal)¹⁴³.

Quanto à acumulação coordenativa ou sinonímia, Cid Luna¹⁴⁴ caracteriza-a como tendo uma “eficacia «docente» y comunicadora”, pois, como quase não existem “verdaderos sinónimos, el concepto resulta por así decir explicitado o formulado con mayor claridad y detalle”, como “en aquellas acumulaciones (bastante frecuentes) de adjetivos, en las que el segundo (a menudo, una oración de relativo ou un participio) explica o define casi al primero”, como é exemplo *conlaticiis et ad dominos redituris instrumentis* (*Marc.* 10.1, “adereços emprestados e que devem ser devolvidos aos seus donos”)¹⁴⁵.

Na obra de Sêneca, nota-se a marcada presença do ritmo, que concilia duas exigências opostas mas fundamentais do homem, a permanência e a mudança. Sêneca explora o ritmo tanto a nível fónico, com aliteraões, assonâncias, homeoteleutos, como

¹⁴¹ Manning, 1981: 22.

¹⁴² Cid Luna, 2000^R: 26.

¹⁴³ Sen. *Marc.* 1.6.

¹⁴⁴ Cid Luna, 2000^R: 27.

¹⁴⁵ Cid Luna, 2000^R: 27, n. 28. O mesmo estudioso (*ibid.*), a respeito da sinonímia em *Ad Marciam*, observa: “limitándonos a acumulaciones sólo de dos términos (que guardan entre sí una relación por así decir metonímica, de contigüidad, expresando partes de un todo o momentos de un proceso), se registran las siguientes: 13 parejas de verbos; 38 de adjetivos; 98 de sustantivos; 5 de adverbios.”

lexical e sintático¹⁴⁶. Traina¹⁴⁷ aponta em *Ad Marciam* um exemplo em que a oposição das pulsões psíquicas se traduz em dois *cola* (ou membros) binários paratáticos, semanticamente antitéticos e sintacticamente paralelos (*Marc.* 3.3):

uiuere nolle
ostendes te
mori non posse.

O mesmo estudioso¹⁴⁸ afirma que, por vezes, a sinonímia alterna com a variação do prevérbio, como se vê em *Marc.* 19.1: *dimisimus illos, immo consecuturi praemisimus*, ou da flexão, *Marc.* 10.3: *amet ut recessura, immo tamquam recedentia*.

O advérbio correctivo *immo* é também um estilema senequiano, usado como instrumento de antíteses vigorosas¹⁴⁹: surge seis vezes em *Ad Marciam* (5.3, 5.6, 10.2, *bis*, 18.8 e 19.1).

Como observa Traina¹⁵⁰, o ritmo não opera só *in praesentia*, mas também *in absentia* do termo recorrente, quer variando-o, quer cancelando-o: em ambos os casos, sai frustrada a expectativa da recursividade. Próprio de Sêneca, da velocidade do seu estilo (*abruptum dicendi genus*), é o segundo modo, que abrevia o último *colon* em cláusulas peremptórias, com uma brusca quebra do ritmo. Temos o exemplo de *Marc.* 1.8: *Non possum nunc per obsequium nec molliter adgredi tam durum dolorem: frangendus est*, em que Sêneca opõe aquilo que “não pode” fazer àquilo que “deve” fazer em dois membros paratáticos de desigual medida¹⁵¹.

A variação em Sêneca, por vezes, frustra uma expectativa paradigmática, ou seja, varia um dos termos de uma *iunctura* conhecida, ou combina dois termos distantes numa *iunctura* nova e daí surpreendente – a famosa *callida iunctura* de Horácio (*Ars Poetica*, vv. 47-48)¹⁵². Temos como exemplo as variantes senequianas do *topos* “comprazer-se na própria dor”, que encontramos em todas as três *Consolationes*, quase nunca na mesma forma e nunca na locução padrão, que era *dolori indulgēre*, atestada em toda a literatura latina a partir de Cornélio Nepos (é significativa a sua presença em escritos consolatórios como a *Consolatio ad Liuiam*, 417 e em Plínio-o-Moço, *Ep.* 5,

¹⁴⁶ Traina, 1987: 25.

¹⁴⁷ *Idem, ibidem.*

¹⁴⁸ Traina, 1987: 26-27.

¹⁴⁹ Traina, 1987: 71.

¹⁵⁰ Traina, 1987: 26-27.

¹⁵¹ *Idem, ibidem.*

¹⁵² Traina, 1987: 27.

21, 6)¹⁵³. Traina¹⁵⁴ observa que Sêneca a usa apenas uma vez com *maerori* em *Polyb.* 6.5, e que prefere recorrer a verbos concretos, “che materializzano il dolore in una persona che si assiste [*Marc.* 7.2: *dolori adesse*], che si abbraccia [*Marc.* 1.5: *dolorem amplexari*], cui ci si aggrappa (*Marc.* 1.1: *dolori haerere*¹⁵⁵), o in una ferita su cui ci si consuma (*Polyb.* 6.2: *dolori intabescere*, cf. *Marc.* 16.5: *intabescere uulneri tuo*)¹⁵⁶. E sublinha¹⁵⁷ “[n]on è piú un concetto, è un’ immagine, anzi tante immagini, e tutte inedite”.

Nas suas obras filosóficas e nas cartas, Cícero usou *ne* e o perfeito do conjuntivo para expressar proibição¹⁵⁸, uma estrutura encontrada no latim arcaico, mas que foi evitada por César e usada apenas uma vez pelo próprio Cícero nos discursos. Sêneca emprega duas vezes a construção em *Marc.* 5.4 *ne...concupieris* e 5.6 *ne summiseris te*. O uso salustiano de um perfeito gnómico¹⁵⁹, encontrado em Plauto, mas então amplamente evitado, é retomado por Sêneca para a expressão de afirmações gerais, como por exemplo em *Marc.* 7.3 *quae a natura uim acceperunt eandem in omnibus servant*; e 9.2 *quae multo ante previsa sunt, languidius incurrunt*. Manning¹⁶⁰ afirma que talvez a contribuição mais original de Sêneca para a estrutura linguística latina resida no seu uso do participípio presente: o seu emprego substancial encontrava-se já em Plauto, mas é Sêneca quem primeiro o emprega regularmente como equivalente de um substantivo¹⁶¹. De *Ad Marciam* pode-se citar *lugentium* (12.5) *consolantibus... et... miseram dicentibus* (16.3) *cedentium* e *praenavigantium* (18.7) *lugentem* (19.2) *ignorantibus* (22.3) *sciscitanti* (25.2).

No final da vida, Sêneca defende que o aconselhamento filosófico é mais eficaz se for prestado em tom coloquial: *Plurimum proficit sermo, quia minutatim inrepat animo: disputationes praeparatae et effusae audiente populo plus habent strepitus, minus familiaritatis. Philosophia bonum consilium est: consilium nemo clare dat*¹⁶². Esta informalidade estudada, como a descreve Manning¹⁶³, é obtida, mesmo nos

¹⁵³ *TLL*, s.v. *dolor*, col. 1848, 80 ss. Cf. Traina, 1987: 27.

¹⁵⁴ Traina, 1987: 28.

¹⁵⁵ Aqui em dupla com *incubare* (antepassado do nosso 'chocar'), cujo uso metafórico, frequente em Sêneca, e.g. *Thy.* 571, é antecipado por Ovídio, *Tr.* 4, 3, 21.

¹⁵⁶ Traina, 1987: 28.

¹⁵⁷ Traina, 1987: 28.

¹⁵⁸ V. Palmer, 1954: 311.

¹⁵⁹ V. Palmer, 1954: 307-8.

¹⁶⁰ Manning, 1981: 21.

¹⁶¹ V. Palmer, 1954: 130.

¹⁶² *Sen. Ep.* 38.1.

¹⁶³ Manning, 1981: 22.

diálogos, por um certo número de recursos estilísticos. Sêneca usa exclamações para robustecer os seus argumentos, tal como se faz em conversas privadas. Como exemplo dessas exclamações, temos a presença em *Ad Marciam* de: *malum* (3.4), *mehercules* – uma expressão de que Sêneca gostava particularmente – (12.5 e 22.3), *mihi crede* (16.1) e, acentuando a ideia de uma interjeição imaginada, *di boni* (16.2) e *agedum* (18.1).

Ainda que Sêneca frequentemente mantenha a impressão de uma abordagem informal, o filósofo tinha consciência de que os destinatários das suas *Consolationes* e os seus contemporâneos poderiam necessitar de um incentivo para ler uma *consolatio* e, embora defendesse que a substância é mais importante do que o estilo, sabia que os fascínios da exposição retórica podiam ser usados para atrair leitores cultos¹⁶⁴. Se Sêneca apresentava ideias que nem sempre recebiam a aprovação geral, pelo menos expunha-as de uma forma muito provavelmente aceitável. Como diz Tácito: *fuit illi uiro ingenium amoenum et temporis eius auribus accomodatum*¹⁶⁵.

O gosto do tempo em que Sêneca escrevia favorecia o poético e o sentencioso, e por conseguinte tanto a coloração poética como as *sententiae*, apoiadas em recursos retóricos como a *traiectio*, o *homoioteleuton* e a *contentio*, encontram-se abundantemente em *Ad Marciam*. Por isso, não surpreende que Sêneca use palavras como *aerumna* (1.6 e 3.4), *amnis* (18.4 e 19.4), *nemus* (18.4), e *suboles* (16.7) as quais, embora atestadas na prosa tardia, possuíam ainda uma distinta repercussão poética, tal como as formulações adjetivais em *-osus*, como *fabulosus* (17.2) e *speciosus* (2.2 e 22.2)¹⁶⁶. Do mesmo modo, o uso do genitivo partitivo após um neutro plural não quantitativo, *in profunda terrarum* (*Marc.* 25.2), embora se encontre em Salústio e se tenha tornado muito popular na prosa latina tardia, dá um sabor poético à escrita de Sêneca¹⁶⁷.

Em conclusão, cabe-nos dizer que, sendo uma obra literária, a *consolatio* realiza a tripla função de *docere*, *delectare* e *suadere* (*mouere*). O consolador cumpre a função de *docere* na *argumentatio* que utiliza ao apresentar *rationes* que pretendem corrigir a *opinio* errada do consolando. A função de *delectare* é essencial na obra literária e tem como função combater o *taedium*: para o conseguir, o consolador utiliza os recursos da *elocutio*. Visto que não se dirige apenas à *ratio* mas também ao coração do

¹⁶⁴ Cf. Manning, 1981: 23. Esta é uma questão fundamental para Sêneca e aparece amiúde explanada nas suas cartas, e.g. *Sen. Ep.* 115.1, em que Lucílio é exortado a reflectir sobre *Quare quid scribas non quemadmodum*.

¹⁶⁵ *Tac. Ann.* 13.3.

¹⁶⁶ Cf. Manning, 1981: 24.

¹⁶⁷ Manning, 1981: 24.

consolando¹⁶⁸, a *consolatio* cumpre a função de *suadere* mediante as *rationes* proporcionadas pelo *docere*, mas também por meio da *auctoritas* do consolador e dos *exempla* comportamentais que este apresenta para reforçar os seus argumentos. Lillo Redonet ressalta que tudo isto depende da condição do consolando¹⁶⁹, e que as três funções referidas estão interligadas: o consolador deve mostrar ao afligido que a sua desgraça não é um mal (*docere*), mas deve também incitá-lo a abandonar o seu sofrimento (*suadere*) e a mudar de atitude, e tudo isso de forma a que o consolando esteja atento e não se deixe abater pela dor e pelo *taedium* (*delectare*)¹⁷⁰.

*

Ao longo do nosso estudo reflectimos sobre os aspectos mais marcantes da *Consolatio ad Marciam*. Entendemos que os *exempla* e as *sententiae* são parte fundamental desta obra: por esse motivo, nas próximas linhas apresentamos um breve apontamento sobre estes dois recursos basilares¹⁷¹.

4.1 Os Exempla

Em *Ad Marciam* aparece uma série de recursos expressivos orientados para a exposição, a persuasão e a exortação¹⁷², próprios desta *consolatio*, que são extensivos a outros diálogos e, em geral, a toda a produção em prosa de Séneca. Os recursos estilísticos usados nos diálogos consolatórios não diferem muito dos que surgem nas restantes obras agrupadas pela tradição sob o nome de *dialogi*. Assim, é-lhes comum o uso da forma dialógica por meio do interlocutor fictício¹⁷³, mediante o qual o filósofo tenta estabelecer um contacto mais directo e pessoal com o destinatário.

¹⁶⁸ Séneca, nas suas *consolationes*, sobretudo em *Ad Marciam* e em *Ad Heluam*, dá relevante importância à componente do afecto ou da *sympátheia*, que aparece já no epistolário de Cícero (Lillo Redonet, 2001: 40, n. 63).

¹⁶⁹ Sen. Marc. 2.1: *Aliter enim cum alio agendum est: quosdam ratio ducit, quibusdam nomina clara opponenda sunt et auctoritas quae liberum non relinquat animum.*

¹⁷⁰ Lillo Redonet, 2001: 40, n. 63.

¹⁷¹ O nosso estudo é possível, em larga medida, graças aos trabalhos de Lillo Redonet, *Palabras contra el dolor. La consolación filosófica latina de Cicerón a Frontón*, Madrid, 2001, pp. 261-76, e de Agustín López Kindler, *Función y Estructura de la ‘Sententia’ en la prosa de Séneca*, Pamplona, 1966. Muitas das observações e comentários ecoam as suas palavras.

¹⁷² Lillo Redonet, 2001: 90. Este estudioso aponta os seguintes recursos: *interrogatio*, *obsecratio*, *finitio*, *correctio*, *comparatio*, *similitudo*, *exclamatio*, *fictio personae*, *concessio*, *praeteritio*.

¹⁷³ C. Codoñer em “El adversario ficticio en Séneca”, *Helmantica* 24, 1983, pp. 131-148, apresenta um estudo sobre o funcionamento deste recurso nos diálogos de Séneca.

O recurso aos *exempla* é outro elemento comum entre os diálogos consolatórios, bem como a forma de apresentação desses *exempla*¹⁷⁴, que Sêneca utiliza para *mouere* o seu interlocutor. No entanto, os *exempla* consolatórios são quase exclusivamente *exempla* romanos, e tal característica pode estar relacionada com a *Consolatio* de Cícero na qual, pelo que se sabe, não apareciam *exempla* de personagens gregas¹⁷⁵.

O *exemplum*, no que diz respeito ao tratamento retórico, desempenha duas funções capitais: a função estética e a função pragmática. Quando se trata da função pragmática, o *exemplum* surge como um *testimonium*¹⁷⁶ de carácter probatório. Em Quintiliano, os *exempla* aparecem ao lado das citações poéticas¹⁷⁷, que também possuem essa dupla função estética e probatória, e têm um valor de autoridade fundamental para a tentativa de persuasão do consolando. Em contexto consolatório, os *exempla* desempenham não só a função probatória de confirmação dos *praecepta* que o consolador enuncia, mas também a função de modelo a imitar. O *exemplum* consolatório, na sua acepção mais estrita, refere-se a personagens paradigmáticas da história ou da mitologia que oferecem um comportamento modelar¹⁷⁸. Na *Ep.* 6.5, Sêneca refere as vantagens que oferecem os *exempla*, e afirma: *longum iter est per praecepta, breue et efficax per exempla*. Em *Ad Marciam* reflecte sobre os *exempla* em contextos consolatórios, pondo em relevo as suas vantagens no caso de o consolando se inclinar para esta possibilidade:

Scio a praeceptis incipere omnis qui monere aliquem uolunt, in exemplis desinere. Mutari hunc interim morem expedit; aliter enim cum alio agendum est: quosdam ratio ducit, quibusdam nomina clara opponenda sunt et auctoritas quae liberum non relinquit animum ad speciosa stupentibus.

No texto acima citado, há uma referência à colocação usual dos *exempla* depois dos *praecepta* e à transgressão realizada pelo filósofo que se adequa à situação da consolada.

¹⁷⁴ Assim parece deduzir-se do estudo de R. G. Mayer, “Roman historical *exempla* in Seneca”, P. Grimal (ed.), *Sénèque et la prose latine: neuf exposés suivis par des discussions*, Fondation Hardt pour l’étude de l’Antiquité classique, Entretiens tome XXXVI, Vandoeuvres-Genève, 1991, pp. 141-176.

¹⁷⁵ Cf. Lillo Redonet, 2001: 89-90.

¹⁷⁶ Cf. *Rhet. Her.* 4.2: *Praeterea exempla testimoniorum locum obtinent. Id enim quod admonuerit et leuiter fecerit praeceptio exemplo, sicut testimonio, comprobatur.*

¹⁷⁷ V. Quint. *Inst.* 5.11.39 e 12.4.1-2.

¹⁷⁸ V. Quint. *Inst.* 6.11.6: *Potentissimum autem est inter ea quae sunt huius generis, quod proprie uocamus exemplum, id est rei gestae, aut ut gestae utilis ad persuadendum id, quod intenderis, commemoratio.*

Em Sêneca o habitual é que as séries de *exempla* estejam relacionadas com os preceitos relativos a *topoi* concretos. Assim, o *topos non tibi hoc soli* serve de introdução às séries de *exempla* de *Marc.* 12.4, e de modo semelhante o *topos da opportunitas mortis* possui *exempla* próprios em *Marc.* 20.4.

A afirmação por parte de Sêneca de que a alguns afectam mais os *nomina clara* do que os *praecepta* (*Marc.* 2.1), não significa que filósofo vá anular os *praecepta*, mas sim que vai dar maior importância aos *exempla*, tendo em vista as especiais características da consolanda, talvez por ser uma mulher. Sêneca considera a mulher de acordo com os códigos do seu tempo, nos quais o maior defeito feminino era a sua *muliebritas*, contra a qual previne Márcia. Contudo, o filósofo não deve confiar demasiadamente na força da destinatária quando prepara os apoios que constituem os *exempla* que se dirigem mais ao coração do que à razão. Num primeiro momento, coloca o pai de Márcia, Cremúcio Cordo, elogiando-o e enaltecendo igualmente o comportamento de Márcia num momento tão difícil como o do destino dos escritos de seu pai. O exemplo da *uirtus* de Cremúcio diante da adversidade é importante para Márcia. No final da obra (26), o mesmo Cremúcio consola Márcia contando-lhe o destino do seu filho no além. A presença destacada do pai no início e no final da obra não é só um artifício literário, mas cumpre também a função de apoio psicológico a Márcia. No entanto, entre a primeira e a segunda aparição de Cremúcio, Sêneca não deixa Márcia sem apoio por muito tempo: decide começar pelos *exempla* e não por uma série de *praecepta*, esses virão depois (7-11), uma vez que Márcia tinha recebido o reconfortante exemplo de Lúvia. Por ora, Sêneca apresenta-lhe dois exemplos adaptados ao seu sexo, ao seu tempo e ao seu ambiente social (*et sexus et saeculi*): Octávia e Lúvia, dois modelos que se contrapõem e que são descritos de modo a levar à adesão a uma ou outra atitude.

Na apresentação dos *exempla*, costuma Sêneca utilizar três métodos: a *praeteritio*, a oposição de *exempla* positivos e negativos, e as séries de *exempla* mais ou menos amplificadas. Em *Marc.* 26.2, temos um exemplo de *praeteritio* que serve para aludir a *exempla* não desenvolvidos, talvez para não alongar demasiado a exposição ou para não dispersar o raciocínio: *Regesne tibi nominem felicissimos futuros si maturius illos mors instantibus subtraxisset malis? An Romanos duces, quorum nihil magnitudini deerit si aliquid aetati detraxeris?*

Sêneca tende a agrupar exemplos em pares nas séries de *exempla* e por vezes utiliza a variante de apresentar um par de exemplos opostos. Em *Ad Marciam* surge um

par composto por um exemplo negativo em contraposição a outro positivo, como o são Octávia e Lívía. Os dois *exempla* têm um desenvolvimento quantitativo mais ou menos equivalente: na edição de Reynolds, o de Octávia estende-se por vinte e seis linhas e o de Lívía por vinte e duas. Esta equivalência está relacionada com a distribuição do conteúdo dos dois *exempla* que apresentam um considerável paralelismo.

Em ambos os casos o desenvolvimento do *exemplum* começa, num primeiro momento, com um elogio do morto (em acusativo em ambos os casos):

- Octauia Marcellum, cui et auunculus et socer incumbere coeperat, in quem onus imperii reclinare, adulescentem animo alacrem, ingenio potentem...
- Liuia amiserat filium Drusum, magnum futurum principem, iam magnum ducem...

No caso de Lívía, ao elogio segue-se uma *descriptio funeris* que nos informa sobre o longo cortejo fúnebre que desfilou por toda a Itália e da circunstância angustiante de não ter sido concedido à mãe prestar assistência ao filho no momento da sua morte.

O segundo momento, presente em ambos os casos, é a descrição da atitude de cada uma das mulheres perante o luto. Tomaremos como referência o caso de Octávia, expondo os paralelos encontrados no de Lívía.

Pode-se distinguir uma dupla consideração da atitude de Octávia em que se destaca o aspecto negativo dessa atitude (*nullum, nec, ne*).

O comportamento interior de Octávia perante a moderação da dor:

Nullum finem per omne uitae suae tempus flendi gemendique fecit.

A sua negação em aceitar toda a *auocatio* exterior:

nec ullas admisit uoces salutare aliquid adferentis, **ne** auocari quidem se passa est

Quanto ao aspecto da moderação da dor, vejamo-lo nas linhas seguintes (atente-se no eco sugerido no paralelismo das construções e nos poliptotos de *omne / omnem e uitam/ uitam*, presente em *per omne uitae suae tempus* e *per omnem uitam*):

intenta in unam rem et toto animo adfixa, talis **per omnem uitam** fuit qualis in funere, non dico non [est] ausa consurgere, sed adleuari recusans, secundam orbitatem iudicans lacrimas mittere.

A permanência na tristeza (marcada com *per* + acusativo de duração) contrasta com a atitude de Lúvia qualificada pela expressão *ut primum... simul* (Marc. 3.2):

longo itinere reliquias Drusi sui prosecuta, tot per omnem Italiam ardentibus rogis, quasi totiens illum amitteret, inritata, **ut primum** tamen intulit tumulo, **simul** et illum et dolorem suum posuit...

O segundo aspecto amplia-se também onde predomina o léxico da negação do seguinte modo:

(Octávia) **Nullam** habere imaginem filii carissimi uoluit, **nullam sibi de illo fieri mentionem**

(Lúvia) ubique illum sibi priuatim publiceque repraesentare, libentissime **de illo loqui, de illo audire**

Parece que concorda em longos traços a contraposição de atitudes, e percebe-se mesmo o eco de *illo*.

Nota-se também o paralelismo no emprego do verbo *celebrare*:

(Octávia) carmina **celebrandae** Marcelli memoriae composita aliosque studiorum honores reiecit

(Lúvia) Non desiit denique Drusi sui **celebrare** nomen

Além desta descrição da dor de Octávia, Sêneca apresenta duas características que serão importantes no desenvolvimento da *consolatio*: a atitude de Octávia, que não cumpre a sua função social, e a sua negação em aceitar o consolo dos sobreviventes.

Percebe-se que Octávia não desempenha os seus deveres sociais por:

A sollemnibus officiis seducta et ipsam magnitudinis fraternae nimis circumlucentem fortunam exosa defodit se et abdidit.

Lúvia, pelo contrário, não deixa de aparecer em público:

ubique illum priuatim **publiceque** repraesentare

Octávia não aceita o consolo dos familiares sobreviventes:

Adsidentibus liberis, nepotibus lugubrem uestem non deposuit, non sine contumelia omnium suorum, **quibus saluis** orba sibi uidebatur.

Lívia, contudo, sofre o que é conveniente e justo estando Augusto e Tibério vivos:

nec plus doluit quam aut honestum erat Caesare aut aequum Tiberio saluo.

Apresentados os *exempla*, Sêneca sugere a escolha (*Elige itaque utrum exemplum putes probabilius*) expondo (*si...si*) os inconvenientes do exemplo de Octávia e as conveniências do de Lívia, após o qual exorta Márcia.

Sêneca desenvolveu nestes exemplos *topoi* próprios da parte da *consolatio* dedicada ao consolando, insistindo na moderação do sofrimento, na alta posição social do consolando e no refrigério que oferecem a *reuocatio* (recordação das alegrias passadas, *topos* consolatório epicurista) e os parentes vivos. Por não considerar os *exempla* de Octávia e de Lívia suficientes para a mudança de atitude de Márcia perante a dor, Sêneca recorre à inclusão da *consolatio* de Areu a Lívia, que se pode considerar uma *amplificatio* dos temas referidos. Nesta *consolatio* *Arei* podemos distinguir os mesmos *topoi* utilizados antes, mas agora colocados numa *consolatio* propriamente dita. Os conteúdos da *consolatio* de Areu, em síntese, são os seguintes: o lugar social ocupado por Lívia (cf. *Marc.* 4.4); a *reuocatio*, que ocupa a maior parte da *consolatio* de Areu (cf. *Marc.* 5.1-5) e uma breve alusão ao consolo dos parentes vivos, sem que se desenvolva exaustivamente (cf. *Marc.* 5.5). Pelo exposto, torna-se evidente que existe uma inter-relação entre os *exempla* de Octávia e de Lívia e a *consolatio* de Areu.

Relativamente às séries de *exempla*, estas são características das consolações de maior extensão como as de Sêneca. No desenvolvimento das séries principais de *exempla* em *Marc.* 12.4-16-5, verifica-se o emprego do *topos*: *non tibi hoc soli* (*Marc.* 12.4): *Ne illud quidem dicere potes, electam te a dis cui frui non liceret filio...*

A esta introdução do *topos*, seguem-se considerações gerais em torno da sorte comum, e dão-se exemplos de âmbito genérico: *duces*, *principes*, *deos*, de que Sêneca desenvolverá em seguida casos concretos de *duces* e *principes*.

Estes *exempla* são úteis como demonstrações de exemplos de fortaleza, e, no final da série, são utilizados para aprofundar o *topos* da *mors communis* (15.4).

As séries de *exempla* limitam-se a exemplos históricos romanos, dispostos cronologicamente desde os *exempla* republicanos aos *exempla* da *domus* dos Césares¹⁷⁹.

Em *Ad Marciam* dividem-se em três blocos distintos:

- a) Um sobre três personalidades republicanas: Sula, Pulvilo e Emílio Paulo.
- b) Um sobre outras duas personalidades republicanas: Bíbulo e César.
- c) Um último composto por dois Césares: Augusto e Tibério.

A série termina com uma exortação a que se emule não só a fortaleza das personagens referidas, mas também que se compreenda que a *fortuna* não faz distinções e ataca todos.

Em *Ad Marciam* 16.1-4 existe também uma série de *exempla* femininos, que segue a série masculina e que é introduzida por Sêneca adiantando-se a uma possível objecção da sua interlocutora: *Scio quid dicas: “Oblitus es feminam te consolari, uirorum refers exempla.”*

Perante a imaginada objecção, Sêneca defende a igualdade de homens e mulheres perante a dor e apresenta exemplos, mediante dois pares: Lucrecia e Clélia, pertencentes aos primeiros e míticos momentos da República, e as duas Cornélias, já da República no seu auge. Verifica-se que a apresentação dos *exempla* em forma de pares é do gosto de Sêneca.

Os exemplos das duas Cornélias introduzem-se com uma *praeteritio*: *non ostiatim quaeram*. Em 16.5 surge uma exortação em forma de *interrogatio* (recurso que Sêneca empregara nos *exempla* masculinos, cf. *Marc.* 13.2 e 13.3-4), que pretende enfatizar o facto de que as mulheres referidas devem ser contadas *in uiros*, e, mais importante, que Márcia deve aceitar a condição mortal dos seus entes queridos.

A série de *exempla* apresentado em 12.4-16.4 corresponde a pessoas que tiveram um comportamento baseado na ἀπάθεια. Após uma longa lista de exemplos masculinos pertencentes à tradição consolatória e que retratam o comportamento modelar de homens que mantiveram os seus deveres apesar da dor provocada pela perda de um ente querido, Sêneca inclui os exemplos femininos. Na sociedade romana a preeminência era masculina e o valor chamava-se *uirtus*. A qualidade do *uir* era a *uirilitas*. O elogio de uma mulher valorosa era que fosse *femina uirilis* ou que fosse contada *in uiros*.

¹⁷⁹ Na tradução, optámos por suprimir os exemplos referidos, pelas razões que explicamos no “Prefácio” desta dissertação. Contudo, para uma mais completa consideração do estudo sobre os *exempla* femininos em *Ad Marciam*, decidimos incluir aqui os masculinos para uma melhor compreensão dos exemplos femininos de Lucrecia, Clélia e das duas Cornélias.

De 20.4 a 20.6, depois de enumerar vários males a que o homem está sujeito enquanto vive e de que se livra com a morte, Sêneca apresenta três *exempla* de homens cujas mortes violentas poderiam ter sido evitadas se tivessem morrido mais cedo. Fala do general Pompeio Magno, de Cícero e de Catão de Útica como exemplos de pessoas que viveram tempo demais, tentando contrapor a situação destes três homens à situação de Metílio, que é feliz por se ter livrado, com a morte, dos infortúnios da vida e dos reveses da sorte.

4.2 As *Sententiae*

A prosa de Sêneca caracteriza-se pela escassa concisão na exposição e pela amplitude das digressões, o que, paradoxalmente, coincide com a abundância de frases curtas, agudas e amiúde sentenciosas (concordante com a tradição lapidar e epigramática da língua latina), com as quais pretende eliminar a possível dispersão do pensamento provocada pela acumulação de elementos: cada *sententia* parece querer constituir-se num resumo esclarecedor da anterior¹⁸⁰, e o uso das *sententiae* mantém o propósito de Sêneca como escritor, já que a frase sentenciosa é recordada muito depois do pormenor do argumento ser esquecido, e pode ser o meio para uma mais duradoura influência no comportamento de alguém¹⁸¹.

O papel da *sententia* na prosa de Sêneca é de tal modo central que dá azo a uma queixa de Quintiliano: *si... minutissimis sententiis non fregisset (Inst. 10.1.130:)*. Porém, a nosso ver, a *sententia*, em lugar de romper, articula a prosa de Sêneca¹⁸².

A *sententia* é um recurso muito utilizado na literatura latina anterior a Sêneca. Os mimógrafos, dentre os quais se destaca Publílio Siro, conheciam bem esse recurso e tinham-lhe dado uma fisionomia peculiar contribuindo para que contasse entre os elementos retóricos. Sêneca conservou na sua memória muitas destas frases, e utilizou-as na sua obra (e.g. *Marc. 9.5: cuius potest accidere quod cuiquam potest, sententia* de Publílio Siro). Familiarizado com as *sententiae* – *magnificas uoces et animosas (Ep.*

¹⁸⁰ Codoñer, 2006⁴: xxxiii.

¹⁸¹ Talvez mereça a pena recordar o lugar que Sêneca concede aos *praecepta* na educação filosófica: *Ep. 94.27-28: Praeterea ipsa quae praecipuntur per se multum habent ponderis, utique si aut carmini intexta sunt aut prosa oratione in sententiam coartata... Advocatum ista non quaerunt: adfectus ipsos tangunt et natura vim suam exercent proficiunt.* No subcapítulo II.4.1 apresentamos um breve estudo sobre a *sententia* em *Ad Marciam*.

¹⁸² Cf. López Kindler, 1966: 11

108.35), adequadas para se dirigir a pessoas que quer formar – *etiam imperitissimos* (Ep. 94.43), Sêneca reconhece a sua eficácia argumentativa, e converte-as num elemento vertebral da sua prosa¹⁸³, pois, por serem frases de validade gnómica, que se podem empregar independentemente¹⁸⁴ como pensamento universal à margem do texto, valem por si mesmas como demonstração da veracidade das ideias expostas¹⁸⁵.

A pretensão suprema de Sêneca era persuadir os destinatários das suas obras a adequarem a sua conduta ao ideal de vida estóico, e, como tal, na base da actividade literária do filósofo reside a sua intenção moralizadora e catequética. A *sententia* é um dos principais recursos a que Sêneca recorre para fundamentar os seus conselhos morais. O seu emprego na obra de Sêneca é de tal modo regular que existe uma estreita correspondência entre os conselhos dados e as *sententiae* utilizadas para os apoiar. É mesmo possível seguir pelas *sententiae* as ideias expressas em *Ad Marciam*, por exemplo, no desenvolvimento da demonstração. Cada uma das ideias encontra a sua derradeira razão numa *sententia* a partir da qual surgem, habitualmente, exortações que convidam o destinatário a adequar o seu comportamento a esse teor (e.g. Marc. 3.4: *est enim quaedam et dolendi modestia*; 10.3: *quidquid a fortuna datum est, tamquam exempto auctore possideas*). Muitas vezes uma *sententia* marca o começo da exposição de uma nova ideia (e.g. 8.1: *quod naturale est non decrescit mora*).

A *sententia* possui características linguísticas precisas e peculiares, como se pode observar pelo estudo do seu léxico, do seu ritmo, da sua sintaxe, e das figuras retóricas que nela aparecem. Trata-se de uma frase breve, que encerra um pensamento universal, pleno de doutrina moral, e a esta riqueza conceptual une-se a concisão imposta pelo final em cláusula métrica. São dignos de nota alguns aspectos linguísticos destas frases. Quanto ao léxico, nota-se:

- a) O reduzido número de substantivos abstractos.
- b) A utilização de *qui-quae-quod* que servem para expressar a generalização (e.g. Marc. 23.3: *Quidquid ad summum peruenit ab exitu prope est*)
- c) A frequência com que, perante a carência de abstractos, Sêneca recorre ao infinitivo substantivado (e.g. Marc. 10.2: *facere* e 25.2: *respicere*, que equivalem a substantivos de acção) e mesmo a formas de gerúndio.

¹⁸³ Cf. López Kindler, 1966: 12.

¹⁸⁴ Podem considerar-se como excepcionais os casos em que a *sententia* aparece ligada ao contexto mediante conjunções coordenativas, e.g. Marc. 3.4: *est enim quaedam et dolendi modestia*; 23.4: *nam ubi incremento locus non est, uicinus occasus est*.

¹⁸⁵ Cf. López Kindler, 1966: 33.

- d) A substituição de substantivos por adjetivos ou participios em género neutro (e.g. *Marc.* 9.5: *humana*; 1.8: *inueterata*; 25.2: *relicta*).
- e) O emprego de um adjetivo neutro (e.g. *Marc.* 7.3: *naturale* 7.3: *uarium*; 12.5: *maliuolum*), com função de predicado nominal, para precisar o sentido de um conceito ambigualmente expresso com um *nihil*, *quidquid*, *omne*, *quod*.

Relativamente à sintaxe, a *sententia* estrutura-se, geralmente, como uma frase copulativa: no texto que estudamos, a forma verbal *est* aparece em doze ocasiões, estabelecendo o nexó entre os termos da *sententia* (e.g. *Marc.* 8.1: *quod naturale est non decrescit mora*), dando à frase uma forte simplicidade sintáctica, uma enorme clareza e uma apelativa validade universal. É muito frequente a construção com um conjuntivo de tipo exortativo ou jussivo (e.g. *Marc.* *quidquid a fortuna datum est, tamquam exempto auctore possideas*), a subordinação de infinitivo (a subordinação mais frequente na *sententia* em geral) e a já referida subordinação de relativo. Em menor proporção aparece a subordinação temporal e o período hipotético (e.g. *Marc.* 12.3: *nisi*).

Quanto à expressão pessoal da *sententia*, geralmente o sujeito da frase é uma terceira pessoa, a maioria das vezes indeterminada. Contudo, há exemplos de construções na terceira pessoa do plural ou mesmo na primeira do plural e na segunda do singular ou do plural. Em *Marc.* 10.3 temos um exemplo de segunda pessoa do singular: *quidquid a fortuna datum est, tamquam exempto auctore possideas*.

Consciente da importância do elemento rítmico na *sententia*, Séneca persegue cuidadosamente a obtenção de um final de frase que atraia a atenção pela sua eufonia, e assim trabalha depuradamente a cláusula métrica. Como exemplos temos: *Marc.* 1.8: *inueterata pugnandum est*, cláusula em crético-troqueu; 10.3: *auctore possideas*, cláusula em crético-anapesto; 3.4: *dolendi modestia*, em troqueu-crético. Em *Marc.* 23.5: *indicium imminentis exitii nimia maturitas est* é perceptível o efeito eufónico obtido mediante a aliteração, uma figura muito própria da linguagem religiosa e ritual.

Seguidamente, apresentamos um elenco de *sententiae* presentes em *Ad Marciam* que permitem seguir, em jeito de guião, os principais temas desenvolvidos na *Consolatio*¹⁸⁶.

Marc. 1.2: permittit enim sibi quaedam contra bonum morem magna pietas.

Marc. 1.8: uehementius contra inueterata pugnandum est.

Marc. 3.4: est enim quaedam et dolendi modestia.

Marc. 7.3: apparet non esse naturale quod uarium est.

Marc. 8.1: quod naturale est non decrescit mora:

Marc. 9.2: quae multo ante prouisa sunt languidius incurrunt.

Marc. 9.5: cuiuis potest accidere quod cuiquam potest!

Marc. 9.5: Aufert uim praesentibus malis qui futura prospexit.

Marc. 10.2: pessimi debitoris est creditori facere conuicium.

Marc. 10.3: quidquid a fortuna datum est, tamquam exempto auctore possideas.

Marc. 11.1: Tota flebilis uita est:

Marc. 12.3: non durat nec ad ultimum exit nisi lenta felicitas:

Marc. 12.5: maliuolum solacii genus est turba miserorum.

Marc. 19.5: Mors dolorum omnium exsolutio est et finis ultra quem mala nostra non exeunt,

Marc. 21.1: Omnia humana breuia et caduca sunt

Marc. 21.4: dispar cuique uiuendi facultas data est.

Marc. 21.6: Soluitur quod cuique promissum est;

Marc. 23.3: Quidquid ad summum peruenit ab exitu prope est;

Marc. 23.4: nam ubi incremento locus non est, uicinus occasus est.

Marc. 23.5: indicium imminenti exitii nimia maturitas est;

Marc. 23.5: adpetit finis ubi incrementa consumpta sunt.

Marc. 25.2: iuuat enim ex alto relictia despicere.

¹⁸⁶ O elenco das *sententiae* deve muito ao *corpus sententiarum* apresentado por López Kindler (*op. cit.*, pp. 163-182) relativo às *sententiae* na prosa senequiana. Ao elenco acrescentámos três *sententiae* não contempladas no *corpus* de López Kindler. É possível que o leitor mais avisado identifique outras que a nós nos terão escapado.

III Transmissão do Texto

Para esta questão, reconhecemos a preciosa dívida aos estudos de L. D. Reynolds, que se ocupou do estudo da transmissão manuscrita dos *Dialogi* e procedeu à sua edição¹⁸⁷.

O manuscrito mais antigo e mais importante dos *Dialogi* de Sêneca, Ambrosianus C90 inf. (= A), é um manuscrito do final do século XI de escrita beneventana, e que E. A. Lowe acredita ter sido copiado no mosteiro beneditino de Monte Cassino¹⁸⁸. L. D. Reynolds mostrou que, com toda a probabilidade, este manuscrito corresponde ao *Sêneca* que Desidério, abade de Monte Cassino de 1058-1087, ordenou que fosse copiado¹⁸⁹. Ao manuscrito A falta um fascículo, que continha a maior parte do *Ad Polybium*, e o início do *De Ira* foi suprido por uma mão posterior. Tem sido amplamente corrigido, e M. C. Gertz¹⁹⁰, que o estudou atentamente, acreditava poder distinguir, além da mão que supriu a parte em falta do *De Ira*, cinco outras mãos. Destas, duas, A² e A³, a escrever em letra carolíngia no século XII, tiveram acesso a outro manuscrito, possivelmente o arquétipo de que A derivava (cf. Manning, 1981: 25).

Além deste manuscrito, temos mais de uma centena de outros, alguns dos quais pertencem ao século XIII, a maioria ao XIV. Embora a contaminação propagada, que ocorre quando tantas cópias são feitas, impeça a construção de um *stemma* inteiramente abrangente, destacam-se certos factos importantes. Um amplo grupo destes, designados pela sigla β, derivam em última análise de A. Há um grupo menor de manuscritos posteriores, designados pela sigla γ, a que pertencem dois manuscritos Vaticanos, *Vaticanus lat.* 2214 e 2215, ambos pertencentes ao século XIV, e dois Laurenzianos, *Laurentianus Plut.* 76.35 e 76.41. Embora estes estejam muito corrompidos, Reynolds mostrou que provavelmente pertencem a uma tradição independente de A¹⁹¹.

¹⁸⁷ L. D. Reynolds, "The Medieval Tradition of Seneca's Dialogues", *CQ* 18, 1968, pp. 355-372, e L. Annaei Senecae *Dialogorum Libri Duodecim* (ed. L. D. Reynolds) Oxford, 1977, pp. v-xviii.

¹⁸⁸ E. A. Lowe, *The Beneventan Script*, Oxford, Clarendon Press, 1914, pp. 71, 341.

¹⁸⁹ L. D. Reynolds, "The Medieval Tradition of Seneca's Dialogues", *CQ* 18, 1968, pp. 355-7.

¹⁹⁰ M. C. Gertz, *L. Annaei Senecae Dialogorum libri XII*, Copenhagen, 1886, pp. viii-xx, *apud* Manning, 1981: 25.

¹⁹¹ L. D. Reynolds, 1968: 366-7 e 1977: xvi-xvii.

Texto e Tradução

Nota Prévia

Sobre a tradução

Ao longo do trabalho de tradução, veio-nos muitas vezes à mente a célebre expressão *traduttore, traditore*, lembrando-nos da dificuldade ou mesmo da impossibilidade de uma tradução perfeita. Visto que na tradução de uma língua para outra, é impossível alcançar um equilíbrio absoluto, a presente tradução inclina-se para a língua original, ainda que à custa de perder em soltura e fluidez.

Traduzir Sêneca significa dar a compreender o seu pensamento sem sacrificar o seu estilo, isto é, conciliar clareza com concisão. Não foi uma tarefa fácil, mas tentámos cumpri-la, independentemente dos nossos predecessores, porém coincidências e sugestões eram inevitáveis.

Sobre o texto

A presente tradução toma como referência o texto latino estabelecido por L. D. Reynolds, *L. Annaei Senecae Dialogorum Libri Duodecim*, Oxford, 1977, edição crítica que goza de um elevado prestígio, tanto pela amplitude e rigor da *recensio stemmatica* em que se fundamenta, como pela perícia filológica do editor. Tentámos sempre seguir o texto de Reynolds, mas em alguns momentos fomos forçados a seguir outra lição. Nas notas de rodapé ao texto latino registamos quando e porque nos afastamos da edição de Reynolds.

CONSOLATIO AD MARCIAM

I. 1. Nisi te, Marcia, scirem tam longe ab infirmitate muliebris animi quam a ceteris uitiiis recessisse et mores tuos uelut aliquod antiquum exemplar aspici, non auderem obuiam ire dolori tuo, cui uiri quoque libenter haerent et incubant, nec spem concepissem tam iniquo tempore, tam inimico iudice, tam inuidioso crimine posse me efficere ut fortunam tuam absolueres. Fiduciam mihi dedit exploratum iam robur animi et magno experimento adprobata uirtus tua.

I. 2. Non est ignotum qualem te in persona patris tui gesseris, quem non minus quam liberos dilexisti, excepto eo quod non optabas superstitem. Nec scio an et optaueris; permittit enim sibi quaedam contra bonum morem magna pietas. Mortem A. Cremuti Cordi parentis tui quantum poteras inhibuisti; postquam tibi apparuit inter Seianianos satellites illam unam patere seruitutis fugam, non fauisti consilio eius, sed dedisti manus uicta, fudistique lacrimas palam et gemitus deuorasti quidem, non tamen hilari fronte textisti, et haec illo saeculo quo magna pietas erat nihil impie facere.

CONSOLACÃO A MÁRCIA

I.1. Se não soubesse, ó Márcia, que te afastaste tanto da fraqueza própria do espírito feminino como dos restantes vícios, e que o teu comportamento é visto como uma espécie de modelo dos tempos antigos, não ousaria obviar à tua dor, à qual até os homens estão ligados e para a qual se inclinam de bom grado, nem teria concebido a esperança de eu conseguir, em circunstâncias tão desfavoráveis, com um juiz tão hostil, depois de uma acusação tão odiosa, fazer com que tu absolveses a tua sorte¹⁹². Inspirou-me confiança a tua força de espírito já experimentada e a tua coragem demonstrada por uma grande prova.

I. 2. É bem conhecido o modo como te comportaste em relação ao teu pai, que não estimaste menos que aos teus filhos, com a diferença de que não esperavas que te sobrevivesse. E não sei mesmo se até o desejaste, pois uma grande piedade filial permite certas coisas contra o bom comportamento. Impediste quanto pudeste a morte de teu pai, Aulo Cremúcio Cordo; depois que se tornou claro para ti que entre os sequazes de Sejano aquela era a única fuga possível da servidão, não apoiaste a sua decisão, mas reconheceste-te vencida, e derramaste lágrimas publicamente e, embora tivesses sufocado os lamentos, não os dissimulaste sob um rosto risonho e isto numa época em que a suprema dedicação era nada fazer contra a piedade filial¹⁹³.

¹⁹² O uso de metáforas do âmbito jurídico é frequente em Sêneca, apresentando aqui Márcia como juíza e a *Fortuna* como a acusada que é defendida pelo autor (cf. *Polyb.* 18.3).

¹⁹³ *magna pietas erat nihil impie facere*: Basore (*ad loc.*) entende que a expressão tem o sentido de não se cometer nenhum ultraje contra os progenitores. Apresenta-se aqui uma crítica aos tempos vividos quando a *Consolatio* é escrita, uma época em que os filhos denunciavam os pais.

I.3. Vt uero aliquam occasionem mutatio temporum dedit, ingenium patris tui, de quo sumptum erat supplicium, in usum hominum reduxisti et a uera illum uindicasti morte ac restituisti in publica monumenta libros quos uir ille fortissimus sanguine suo scripserat. Optime meruisti de Romanis studiis: magna illorum pars arserat; optime de posteris, ad quos ueniet incorrupta rerum fides, auctori suo magno inputata; optime de ipso, cuius uiget uigebitque memoria quam diu in pretio fuerit Romana cognosci, quam diu quisquam erit qui reuerti uelit ad acta maiorum, quam diu quisquam qui uelit scire quid sit uir Romanus, quid subactis iam ceruicibus omnium et ad Seianianum iugum adactis indomitus, quid sit homo ingenio animo manu liber.

I. 4. Magnum mehercules detrimentum res publica ceperat, si illum ob duas res pulcherrimas in obliuionem coniectum, eloquentiam et libertatem, non eruisses: legitur, floret, in manus hominum, in pectora receptus uetustatem nullam timet; at illorum carnificum cito scelera quoque, quibus solis memoriam meruerunt, tacebuntur.

I.3. Porém, quando a mudança dos tempos¹⁹⁴ ofereceu uma oportunidade, trouxeste de novo ao convívio dos homens o talento do teu pai, por causa do qual foi supliciado, e resgataste-o da verdadeira morte e restituíste à memória pública os livros que escrevera com o seu sangue aquele homem tão corajoso. Prestaste um excelente serviço à cultura romana: pois uma boa parte deles havia ardido¹⁹⁵; prestaste um excelente serviço à posteridade, à qual chegará intacta a verdade dos factos¹⁹⁶, imputada ao seu grande autor; e um excelente serviço a ele próprio, cuja memória vive e viverá enquanto tiver valor o conhecimento das coisas romanas, enquanto existir alguém que queira voltar aos feitos dos antepassados, enquanto existir alguém que queira saber o que é um Romano, o que é um homem indomável, quando já todas as cabeças estavam subjugadas e submetidas pelo jugo de Sejano, o que é um homem livre de seu pensamento, espírito e acção.

I. 4. Por Hércules, a República tinha sofrido um enorme dano, se não tivesses trazido à luz aquele homem que estava condenado ao esquecimento por causa de duas belíssimas coisas – a eloquência e a liberdade¹⁹⁷: é lido, goza de prestígio e, recebido nas mãos e nos corações dos homens, não teme o tempo¹⁹⁸; ao passo que daqueles carrascos cedo se esquecerão até os crimes, única razão por que mereceram ser recordados.

¹⁹⁴ *mutatio temporum*: possível alusão à chegada ao poder de Calígula, no ano 37, o qual *Titi Labieni, Cordi Cremuti, Cassi Severi scripta senatus consultis abolita requiri et esse in manibus lectitarique permisit* (Suet. *Cal.* 16.1). Cf. O subcapítulo introdutório deste estudo, “Data e Propósito”.

¹⁹⁵ *magna illorum pars arserat*: por um decreto do Senado emitido depois da morte de Cremúcio, em Roma os edis queimaram cópias dos seus livros e o mesmo foi feito pelos magistrados municipais em outros sítios (Tac. *Ann.* 4.35, Dión Cássio, 57.24).

¹⁹⁶ *incorrupta rerum fides*: talvez seja exagero de Séneca, pois Quintiliano sugere que na forma republicada foram cortadas as partes que podiam ofender um imperador sensível (*Inst.* 10.1.104).

¹⁹⁷ *eloquentiam et libertatem*: Quintiliano (*Inst.* 10.1.104) outrossim fala do louvor outorgado à *libertas* ou franqueza de Cremúcio, e descreve a sua eloquência como *elatum abunde spiritum et audaces sententias*. Tácito considerava a *eloquentia* e a *libertas* como características da historiografia republicana (*Hist.* 1.1, *res populi Romani memorabantur pari eloquentia ac libertate*). A expressão ‘*fidei*’ é aproximadamente equivalente a ‘*libertatis*’ e significa aqui ‘imparcialidade’ (Cf. Manning, 1981: 31-2).

¹⁹⁸ *legitur, floret, in manus hominum, in pectora receptus*: a reputação de Cremúcio era elevada no século I, e Quintiliano insere-o entre os historiadores mais importantes a serem estudados pelos aspirantes a oradores; nesse selecto grupo incluía Tito Lívio e Salústio (*Inst.* 10.1.101ss.). Séneca-Pai conserva um fragmento dos *Annales* de Cremúcio em *Suasoria* 6.19.

I.5. Haec magnitudo animi tui uetuit me ad sexum tuum respicere, uetuit ad uultum, quem tot annorum continua tristitia, ut semel obduxit, tenet. Et uide quam non subrepam tibi nec furtum facere adfectibus tuis cogitem: antiqua mala in memoriam reduxi et, ut scires hanc quoque plagam esse sanandam, ostendi tibi aeque magni uulneris cicatricem. Alii itaque molliter agant et blandiantur, ego conflagere cum tuo maerore constitui et defessos exhaustosque oculos, si uerum uis magis iam ex consuetudine quam ex desiderio fluentis, continebo, si fieri potuerit, fauente te remediis tuis, si minus, uel inuita, teneas licet et amplexeris dolorem tuum, quem tibi in filii locum superstitem fecisti.

I.6. Quis enim erit finis? Omnia in superuacuum temptata sunt: fatigatae adlocutiones amicorum, auctoritates magnorum et adfinium tibi uirorum; studia, hereditarium et paternum bonum, surdas aures inrito et uix ad breuem occupationem proficiente solacio transeunt; illud ipsum naturale remedium temporis, quod maximas quoque aerumnas componit, in te una uim suam perdidit.

I.7. Tertius iam praeterit annus, cum interim nihil ex primo illo impetu cecidit: renouat se et corroborat cotidie luctus et iam sibi ius mora fecit eoque adductus est ut putet turpe desinere. Quemadmodum omnia uitia penitus insidunt nisi dum surgunt oppressa sunt, ita haec quoque tristitia et misera et in se saeuientia ipsa nouissime acerbitate pascuntur et fit infelicis animi praua uoluptas dolor.

I.5. Esta grandeza do teu espírito não me permitiu reparar no teu sexo, não me permitiu reparar no teu semblante, de que, uma vez ensombrado, se apoderou uma contínua tristeza, de há tantos anos. E vê como não é minha intenção insinuar-me subrepticiamente nem desviar-te dos teus sentimentos: trouxe à tua memória antigos sofrimentos e, para que saibas que também este golpe deve ser curado, mostrei-te a cicatriz de uma ferida não menos grave. Assim, que outros procedam com brandura e sejam complacentes: eu decidi lutar com o teu pesar e represarei os teus olhos cansados e exaustos, que, se queres a verdade, choram já mais por costume do que por saudade, se for possível empenhando-te tu na tua cura, se não mesmo contra a tua vontade, ainda que agarres e abraças a tua dor, que mantiveste viva no lugar do teu filho¹⁹⁹.

I.6. Qual será, pois, o seu fim? Tudo foi tentado em vão: as incessantes palavras de consolo dos amigos, a influência de pessoas importantes, com quem tens parentesco; os estudos, um bem herdado de teu pai²⁰⁰, atravessam os teus surdos ouvidos servindo o conforto inutilmente e apenas para uma breve distração; mesmo o bem conhecido remédio natural, o tempo, que concilia até os maiores sofrimentos, somente em ti perdeu a sua força²⁰¹.

I.7. Já passaram três anos e, entretanto, não se quebrou nada do primeiro abalo da tua dor: a cada dia o luto renova-se e reforça-se e por causa da demora já adquiriu direitos, e chegou a tal ponto que considera vergonhoso cessar. Assim como todos os vícios se enraízam profundamente se não são estirpados à medida que surgem, assim também estes sentimentos de tristeza e infelicidade e que se exacerbam contra si mesmos, por fim acabam por se alimentar da própria amargura, e a dor torna-se um prazer mórbido de um espírito infeliz.

¹⁹⁹ Esta é a primeira referência explícita à fonte de sofrimento de Márcia, a perda do seu filho Metílio.

²⁰⁰ Visto que o pai de Márcia era um historiador e que ela própria desempenhou um importante papel na republicação da sua obra, pode-se presumir que os *studia* de Márcia eram a leitura e a investigação da história (cf. Manning, 1981: 33).

²⁰¹ *Topos* do tempo como curador. V. *Marc.* 8.1 *Dolorem dies longa consumit.*

I.8. Cupissem itaque primis temporibus ad istam curationem accedere; leniore medicina fuisset oriens adhuc restringenda uis: uehementius contra inueterata pugnandum est. Nam uulnerum quoque sanitas facilis est, dum a sanguine recentia sunt: tunc et uruntur et in altum reuocantur et digitos scrutantium recipiunt, ubi corrupta in malum ulcus uerterunt. Non possum nunc per obsequium nec molliter adgredi tam durum dolorem: frangendus est.

II. 1. Scio a praeceptis incipere omnis qui monere aliquem uolunt, in exemplis desinere. Mutari hunc interim morem expedit; aliter enim cum alio agendum est: quosdam ratio ducit, quibusdam nomina clara opponenda sunt et auctoritas quae liberum non relinquat animum ad speciosa stupentibus.

II. 2. Duo tibi ponam ante oculos maxima et sexus et saeculi tui exempla: alterius feminae quae se tradidit ferendam dolori, alterius quae pari adfecta casu, maiore damno, non tamen dedit longum in se malis suis dominium, sed cito animum in sedem suam reposuit.

I.8. E assim, eu teria desejado atender a essa cura nos primeiros momentos; a sua força, ainda incipiente, teria sido contida com um remédio mais suave: contra males enraizados é preciso lutar com mais energia, com efeito também é fácil a cura das feridas enquanto estão em sangue vivo: então são cauterizadas e reparadas em profundidade, e acolhem os dedos dos que as examinam, quando estão infectadas e se convertem numa úlcera perniciososa. Agora, não posso acometer uma dor tão arreigada com indulgência nem suavemente: ela deve ser despedaçada.

II.1. Sei que todos os que pretendem aconselhar alguém começam com preceitos e terminam com exemplos. É vantajoso, por vezes, mudar este costume, pois deve-se agir de modo diferente com pessoas diferentes: umas são guiadas pela razão, a outras há que apresentar nomes ilustres e uma autoridade que não deixe o espírito livre àqueles que ficam deslumbrados pelas aparências.

II.2. Porei diante dos teus olhos dois exemplos, os mais importantes, quer do teu sexo quer da tua época: o de uma mulher que se entregou à dor, o de outra mulher que, atingida por uma desventura igual, com um dano maior, contudo não concedeu aos seus males um longo domínio sobre si, mas logo recobrou o ânimo.

II. 3. Octauia et Liuia, altera soror Augusti, altera uxor, amiserunt filios iuuenes, utraque spe futuri principis certa: Octauia Marcellum, cui et auunculus et socer incumbere coeperat, in quem onus imperii reclinare, adulescentem animo alacrem, ingenio potentem, sed frugalitatis continentiaeque in illis aut annis aut opibus non mediocriter admirandae, patientem laborum, uoluptatibus alienum, quantumcumque inponere illi auunculus et, ut ita dicam, inaedificare uoluisset laturum; bene legerat nulli cessura ponderi fundamenta.

II. 4. Nullum finem per omne uitae suae tempus flendi gemendique fecit nec ullas admisit uoces salutare aliquid adferentis, ne auocari quidem se passa est; intenta in unam rem et toto animo adfixa, talis per omnem uitam fuit qualis in funere, non dico non [est] ausa consurgere, sed adleuari recusans, secundam orbitatem iudicans lacrimas mittere.

II.3. Octávia e Lúvia, a primeira irmã de Augusto, a segunda a sua esposa, perderam os seus jovens filhos, cada uma delas com a firme esperança de que o seu viria a ser imperador: Octávia perdeu Marcelo²⁰², para quem o tio e sogro começara a pender, sobre quem começara a fazer recair o ónus do poder; um jovem de espírito alegre, de inteligência poderosa, mas de sobriedade e moderação não pouco admiráveis naquela época ou com aquelas riquezas, resistente às adversidades, alheio aos prazeres, disposto a suportar o que quer que o tio lhe quisesse impor e, por assim dizer, edificar nele; Augusto escolhera bem as fundações que não cederiam a nenhum peso.

II.4. Durante toda a sua vida, Octávia²⁰³ não pôs fim ao choro e aos gemidos e não deu ouvidos a quaisquer palavras que lhe trouxessem algum consolo, nem sequer permitiu que a distraíssem; voltando-se para uma única coisa e obcecada em todo o seu espírito, esteve durante toda a vida como num funeral, não digo não ousando erguer-se, mas recusando-se a ser consolada, considerando uma segunda orfandade o renunciar às lágrimas.

²⁰² *Marcellum* : Marco Cláudio Marcelo, filho de Octávia, irmã de Augusto, e de C. Cláudio Marcelo. Casou com a filha de Augusto, Júlia, pelo que era considerado o seu sucessor, mas morreu em 23 a.C. em Baías, perto de Nápoles (cf. Vell. 2.93). Foi o primeiro a cair na série de eleitos por Augusto para lhe sucederem. A sua morte foi lamentada por Vergílio na *Eneida* (6.855 e ss.).

²⁰³ *per omne uitae suae tempus*: ou seja, por mais doze anos. Octávia morreu em 11 a.C., facto registado por Suetónio (*Aug.* 61.2) e Díon Cássio (54.35). Retirou-se da vida pública depois da morte de Marcelo, o que é descrito no presente capítulo como insultuoso: *non sine contumelia omnium suorum*. Porém, segundo Manning (1981: 38), não parece ter sido interpretado desse modo por Augusto, que lhe prestou grandes honras tanto durante a sua vida como após a morte, com um funeral de Estado em que o próprio *princeps* pronunciou o seu elogio fúnebre. Nesse mesmo ano, Júlia, filha de Augusto, casou com Tibério.

II. 5. Nullam habere imaginem filii carissimi uoluit, nullam sibi de illo fieri mentionem. Oderat omnes matres et in Liuiam maxime furebat, quia uidebatur ad illius filium transisse sibi promissa felicitas. Tenebris et solitudini familiarissima, ne ad fratrem quidem respiciens, carmina celebrandae Marcelli memoriae composita aliosque studiorum honores reiecit et aures suas aduersus omne solacium clusit. A sollemnibus officiis seducta et ipsam magnitudinis fraternae nimis circumlucentem fortunam exosa defodit se et abdidit. Adsidentibus liberis, nepotibus lugubrem uestem non deposuit, non sine contumelia omnium suorum, quibus saluis orba sibi uidebatur.

III. 1. Liuia amiserat filium Drusum, magnum futurum principem, iam magnum ducem; intrauerat penitus Germaniam et ibi signa Romana fixerat ubi uix ullos esse Romanos notum erat. In expeditione decesserat ipsis illum hostibus aegrum cum ueneratione et pace mutua prosequentibus nec optare quod expediebat audentibus. Accedebat ad hanc mortem, quam ille pro re publica obierat, ingens ciuium prouinciarumque et totius Italiae desiderium, per quam effusis in officium lugubre municipiis coloniisque usque in urbem ductum erat funus triumpho simillimum.

II.5. Não quis ter nenhuma imagem do filho muito amado, nem quis que lhe fosse feita nenhuma menção dele. Odiava todas as mães e enfurecia-se sobretudo com Lúvia, porque considerava que a felicidade que a si fora prometida tinha passado para o filho dela²⁰⁴. Íntima das trevas e da solidão, não tendo sequer em atenção o irmão, rejeitou os poemas compostos para celebrar a memória de Marcelo²⁰⁵ e outras homenagens literárias, e cerrou os seus ouvidos a toda a consolação. Apartada das suas funções habituais e detestando o próprio êxito da grandeza fraterna, demasiado resplandecente, enterrou-se viva e furtou-se a todos os olhares. Ainda que os filhos²⁰⁶ e os netos se sentassem a seu lado, não abandonava as vestes de luto, não sem ofensa de todos os seus, dos quais se considerava órfã, mesmo estando eles vivos.

III. 1. Lúvia perdera o filho Druso²⁰⁷, destinado a ser um grande imperador, já então um grande general; ele avançara até ao interior mais profundo da Germânia²⁰⁸ e aí fixara os estandartes romanos, lá onde mal se sabia que havia Romanos. Morrerá durante a campanha, e os próprios inimigos, quando ele estava doente, honraram-no com reverência, mantendo a paz, e não ousavam desejar o que era do seu interesse. Juntava-se a esta morte, que ele enfrentara pela República, a imensa desolação dos seus concidadãos, das províncias e da Itália inteira²⁰⁹, através da qual, acorrendo multidões vindas dos municípios e das colónias²¹⁰, fora conduzido até Roma o cortejo fúnebre, muito semelhante a um triunfo.

²⁰⁴ Suspeitou-se de que Lúvia tinha envenenado Marcelo para se desfazer de um possível concorrente de Druso e Tibério, seus filhos (Tac. *Ann.* 1. 3; D. C. 53.33.4). Para mais considerações, v. a nota de comentário a *Marc.* 2.5.

²⁰⁵ Possível alusão não só a uma elegia de Propércio (3.18), presumivelmente escrita quase logo após a morte de Marcelo, mas também ao sucesso da *Eneida* a que se refere Suetónio (*Vita Vergilii* 32): a comoção de Octávia foi tal que desmaiou ao escutar dos lábios do próprio poeta os versos consagrados a Marcelo (6.860 e ss.), já falecido, durante uma declamação parcial da obra para Augusto e alguns familiares (cf. Sér. *Ad Aen.* 6. 861), e daí a interpretação de *reiecit*.

²⁰⁶ Além de Marcelo, que morreu sem descendência, Octávia teve do seu primeiro casamento, com C. Cláudio Marcelo, duas filhas: Marcela Maior e Marcela Menor; do seu segundo matrimónio, com Marco António, teve outras duas: Antónia Maior e Antónia Menor.

²⁰⁷ Nero Cláudio Druso, fruto do primeiro casamento de Lúvia com Tibério Cláudio Nero, nasceu em 38 a.C. Casou com Antónia Menor e foi o pai de Nero Cláudio Germânico, de Lúvia e do futuro imperador Cláudio. Era comandante supremo na Gália e no Reno e aí faleceu no ano 9 a.C. O Senado concedeu-lhe o *cognomen* de Germânico que passou aos seus descendentes (Suet. *Cl.* 1.3).

²⁰⁸ *intrauerat penitus Germaniam*: até ao rio Elba (Dion Cássio 55.1.2) e ao mar do Norte (Suet. *Cl.* 1.2).

²⁰⁹ *totius Italiae*: cf. Suet. *Cl.* 1.3: *corpus eius per municipiorum coloniarumque primores suscipientibus obuiis scribarum decuriis ad urbem deuectum sepultumque est in campo Martio*.

²¹⁰ Cf. *Helu.* 6.2.

III. 2. Non licuerat matri ultima filii oscula gratumque extremi sermonem oris haurire; longo itinere reliquias Drusi sui prosecuta, tot per omnem Italiam ardentibus rogis, quasi totiens illum amitteret, inritata, ut primum tamen intulit tumulo, simul et illum et dolorem suum posuit, nec plus doluit quam aut honestum erat Caesare aut aequum Tiberio²¹¹ saluo. Non desiit denique Drusi sui celebrare nomen, ubique illum sibi priuatim publiceque repraesentare, libentissime de illo loqui, de illo audire: cum memoria illius uixit, quam nemo potest retinere et frequentare qui illam tristem sibi reddidit.

III. 3. Elige itaque utrum exemplum putes probabilius. Si illud prius sequi uis, eximes te numero uiuorum: auersaberis et alienos liberos et tuos ipsumque quem desideras; triste matribus omen occurres; uoluptates honestas, permissas, tamquam parum decoras fortunae tuae reicies; inuisa haerebis in luce et aetati tuae, quod non praecipitet te quam primum et finiat, infestissima eris; quod turpissimum alienissimumque est animo tuo in meliorem noto partem, ostendes te uiuere nolle, mori non posse.

²¹¹ *aequum Tiberio saluo*: em detrimento da lição de Reynolds (*aequum saluo*), aceitamos a correcção de Gertz (*Tiberio saluo*), transmitida por Basore.

III. 2. Não fora permitido à mãe beber os últimos beijos do filho e as queridas palavras da sua boca moribunda; tendo acompanhado os restos mortais do seu querido Druso durante um longo caminho²¹², abalada por tantas piras funerárias ardendo por toda a Itália como se por tantas vezes o perdesse, contudo logo que o depositou no túmulo²¹³, depôs a um tempo o filho e a sua dor, e não sofreu mais do que era conveniente por causa de César Augusto ou justo para Tibério, que estava vivo. E por fim, não deixou de celebrar o nome do seu querido Druso, de o reproduzir em retrato por toda a parte em espaços privados e públicos, de falar dele de muito bom grado, e de ouvir falar a seu respeito: viveu com a sua memória, que ninguém pode guardar e acarinhar quando ela provocou angústia ao próprio.

III. 3. Escolhe, pois, qual dos dois exemplos julgas mais digno de aprovação. Se queres seguir o primeiro, excluir-te-ás do número dos vivos: sentirás aversão quer aos filhos dos outros quer aos teus e mesmo àquele de quem deploras a perda; aos olhos das mães serás um triste presságio; rejeitarás os prazeres honestos, permitidos, como pouco convenientes à tua sorte; detestada, permanecerás na vida, e serás muitíssimo hostil para a tua idade, porque não acaba contigo quanto antes e te põe um fim; e, o que é mais vergonhoso e estranho ao teu espírito, conhecido pelo seu melhor lado, é que mostrarás que não queres viver, e morrer não podes.

²¹² *longo itinere*: provavelmente desde a cidade de *Ticinum* (hoje Pavia), na Gália Cisalpina, até Roma. Sabe-se por Tácito (*Ann.* 3.5.1) que Augusto acompanhou o corpo de Druso nesta fase do fêretro.

²¹³ *tumulo*: o corpo de Druso ficou no mausoléu de Augusto, no Campo de Marte, construído por Augusto em 28 a.C. para si e para a sua família. As cinzas de Marcelo foram as primeiras a aí serem colocadas (23 a.C.) e as últimas foram as de Nerva (98 d.C.).

III. 4. Si ad hoc maximae feminae te exemplum adplicueris moderatius, mitius, non eris in aerumnis nec te tormentis macerabis: quae enim, malum, amentia est poenas a se infelicitatis exigere et mala sua nouo augere²¹⁴! Quam in omni uita seruasti morum probitatem et uerecundiam, in hac quoque re praestabis; est enim quaedam et dolendi modestia. Illum ipsum iuuenem, dignissimum qui te laetam semper nominatus cogitatusque faciat, meliore pones loco, si matri suae, qualis uiuus solebat, hilarisque et cum gaudio occurrit.

IV.1. Nec te ad fortiora ducam praecepta, ut inhumano ferre humana iubeam modo, ut ipso funebri die oculos matris exsiccem. Ad arbitrium tecum ueniam: hoc inter nos quaeretur, utrum magnus dolor esse debeat an perpetuus.

IV. 2. Non dubito quin Iuliae Augustae, quam familiariter coluisti, magis tibi placeat exemplum: illa te ad suum consilium uocat. Illa in primo feruore, cum maxime impatientes ferocesque sunt miseriae, consolandam se Areo, philosopho uiri sui, praebuit et multum eam rem profuisse sibi confessa est, plus quam populum Romanum, quem nolebat tristem tristitia sua facere, plus quam Augustum, qui subducto altero adminiculo titubabat nec luctu suorum inclinandus erat, plus quam Tiberium filium, cuius pietas efficiebat ut in illo acerbo et defleto gentibus funere nihil sibi nisi numerum deesse sentiret.

²¹⁴ *mala sua nouo augere*: aceitamos a conjectura de Madvig, transmitida por Basore.

III. 4. Se te juntares ao segundo exemplo de grande mulher²¹⁵, mais moderado, mais suave, não estarás em aflições nem te consumirás em tormentos: pois, ó desgraça²¹⁶, que loucura é castigar-se a si mesmo pela infelicidade e aumentar os seus males com um novo mal! A integridade e o recato de costumes que observaste em toda a vida também nesta circunstância os há-de mostrar; pois há também uma certa moderação no sofrer. Porás numa melhor posição aquele jovem, digníssimo de te trazer alegria sempre que seja nomeado e recordado por ti, se, tal como costumava fazer quando era vivo, se apresentar à sua mãe risonho e com alegria.

IV.1. E não te conduzirei a preceitos tão severos, que te ordene que suportes o que é humano de modo desumano, ou seque os olhos de uma mãe no próprio dia do funeral. Vou chegar a um acordo contigo: discutamos entre nós, se a dor deve ser profunda ou interminável.

IV. 2. Não duvido que te agrada mais o exemplo de Júlia Augusta²¹⁷, com a qual conviveste familiarmente: ela chama-te para a sua decisão. Ela, no meio da primeira comoção, quando as desgraças são verdadeiramente intoleráveis e atrozes, confiou-se a Areu²¹⁸, filósofo de seu marido, para ser consolada, e reconheceu que isso lhe foi muito útil, mais que o povo romano, a quem não queria entristecer com a sua tristeza, mais que Augusto, que estava abalado com a perda do segundo dos seus sustentáculos²¹⁹, e não devia ser sobrecarregado com a dor dos que lhe eram mais queridos, mais que o seu filho Tibério, cujo afecto fazia com que naquele óbito prematuro²²⁰ e chorado pelos povos ela não sentisse a falta de nada a não ser o número de filhos²²¹.

²¹⁵ Lúvia.

²¹⁶ *malum*: termo indeclinável, frequente na comédia (e.g. Terêncio, *Haut.* 318) e que, embora se encontre em Cícero (*Verr.* 2.43; *Off.* 2.53), possivelmente retinha um sabor coloquial e por isso foi usado por Sêneca para manter um tom de conversa.

²¹⁷ *Iuliae Augustae*: Sêneca comete um anacronismo ao denominar assim Lúvia em vida de Augusto, pois foi o testamento deste que lhe outorgou o direito a tomar este nome (*Tac. Ann.* 1. 8).

²¹⁸ Filósofo de Alexandria que fazia parte da corte de Augusto. Segundo algumas fontes, entre as razões que Augusto apresentou para não destruir Alexandria estava o facto de que Areu era proveniente de lá (*Suet. Aug.* 89; *Dión Cássio* 51.16; *Plut. Antonius* 80). Areu tinha uma orientação estoica, mas era aberto às doutrinas académicas e peripatéticas; foi um verdadeiro filósofo de corte de Augusto, seu assessor cultural e director espiritual (cf. *Marc.* 4.3), de acordo com o hábito dos grandes senhores que tinham em casa o seu filósofo pessoal, uma espécie de médico da alma.

²¹⁹ *altero adminiculo*: Druso. O primeiro tinha sido Marcelo.

²²⁰ *acerbo*: podemos encontrar o adjetivo *acerbus* com o sentido de ‘prematuro’ em Vergílio quando o poeta se refere à morte dos muito jovens (*funere acerbo*) num verso frequentemente usado nos epitáfios (*Aen.* 6.429). Cf. *Marc.* 9.2: *tot acerba funera*.

²²¹ *nihil sibi nisi numerum deesse*: ‘excepto o número’, isto é, a materialidade da presença física de uma pessoa. Foi o que o filósofo prometera à mãe de modo a fazê-la crer que podia retirar consolação dos irmãos de Sêneca embora ele próprio estivesse no exílio: *nihil tibi deerit praeter numerum* (*Helu.* 18.3).

IV. 3. Hic, ut opinor, aditus illi fuit, hoc principium apud feminam opinionis suae custodem diligentissimam: “Usque in hunc diem, Iulia, quantum quidem ego sciam, adsiduus uiri tui comes, cui non tantum quae in publicum emittuntur nota, sed omnes sunt secretiore animorum uestrorum motus, dedisti operam ne quid esset quod in te quisquam repnderet; nec id in maioribus modo obseruasti, sed in minimis, ne quid faceres cui famam, liberrimam principum iudicem, uelles ignoscere.

IV. 4. Nec quicquam pulchrius existimo quam in summo fastigio conlocatos multarum rerum ueniam dare, nullius petere; seruandus itaque tibi in hac quoque re tuus mos est, ne quid committas quod minus aliterue factum uelis.

V. 1. Deinde oro atque obsecro ne te difficilem amicis et intractabilem praestes. Non est enim quod ignores omnes hos nescire quemadmodum se gerant, loquantur aliquid coram te de Druso an nihil, ne aut obliuio clarissimi iuuenis illi faciat iniuriam aut mentio tibi.

IV.3. Esta, suponho eu, foi a sua aproximação a ela, este foi o exórdio junto de uma mulher guardiã e muitíssimo zelosa da sua reputação: “Até ao dia de hoje, Júlia, tanto quanto sei – como assíduo companheiro do teu marido, eu de quem são conhecidas não apenas as coisas que se tornaram públicas, mas também todos os movimentos mais secretos dos vossos espíritos – esforçaste-te no sentido de que não houvesse nada que alguém te pudesse censurar; e zelaste, não só nos assuntos de maior importância mas também nos mais insignificantes, por não fazeres nada que quisesses que a opinião pública, o mais livre juiz dos imperadores, perdoasse.

IV. 4. E não considero nada mais belo do que os que estão colocados no supremo fastígio outorguem o perdão de muitas coisas, não o peçam de nenhuma²²²; e assim também nesta circunstância deves salvaguardar este teu costume de não fazeres nada que queiras desfazer ou ver feita de outra maneira.

V.1. Além disso, peço e suplico-te que não te mostres difícil e intratável para com os teus amigos. Certamente, não podes ignorar que todos estes não sabem de que modo se hão-de comportar – se hão-de dizer alguma coisa diante de ti sobre Druso ou nada – para que nem o esquecimento do ilustríssimo jovem o injurie a ele nem a sua menção te magoe a ti.

²²² *in summo fastigio... nullius petere*: Séneca fala aqui do comportamento que é permitido às pessoas comuns, mas vetado aos governantes. Para um desenvolvimento semelhante do tema, v. *De Clementia* 8.1-2.

V. 2. Cum secessimus et in unum conuenimus, facta eius dictaque quanto meruit suspectu celebramus; coram te altum nobis de illo silentium est. Cares itaque maxima uoluptate, filii tui laudibus, quas non dubito quin uel inpendio uitae, si potestas detur, in aeuum omne sis prorogatura.

V. 3. Quare patere, immo arcesse sermones quibus ille narretur, et apertas aures praebe ad nomen memoriamque filii tui; nec hoc graue duxeris ceterorum more, qui in eiusmodi casu partem mali putant audire solacia.

V. 4. Nunc incubuisti tota in alteram partem et oblita meliorum fortunam tuam qua deterior est aspicias. Non conuertis te ad conuictus filii tui occursusque iucundos, non ad pueriles dulcesque blanditias, non ad incrementa studiorum: ultimam illam faciem rerum premis; in illam, quasi parum ipsa per se horrida sit, quidquid potes congeris. Ne, obsecro te, concupieris peruersissimam gloriam, infelicissima uideri.

V. 5. Simul cogita non esse magnum rebus prosperis fortem se gerere, ubi secundo cursu uita procedit: ne gubernatoris quidem artem tranquillum mare et obsequens uentus ostendit, aduersi aliquid incurrat oportet quod animum probet.

V. 2. Quando nos afastamos de ti e nos reunimos num mesmo lugar, celebramos os seus feitos e ditos com quanta estima ele mereceu; na tua presença, existe entre nós um profundo silêncio a respeito dele. E assim ficas privada do maior prazer, dos louvores do teu filho, os quais não tenho dúvidas que, se tal poder te for dado, mesmo a custo da tua vida, prolongarás para todo o sempre.

V. 3. Por conseguinte, permite e, melhor ainda, suscita as conversas nas quais se fale dele, e oferece os teus ouvidos atentos ao nome e à memória do teu filho; e não consideres isso penoso, como fazem outros que, numa calamidade deste tipo, consideram parte do infortúnio escutar consolações.

V.4. Assim, inclinaste-te completamente para a outra parte e, esquecida dos melhores aspectos, observas a tua sorte naquilo em que é pior. Não viras a tua atenção para a convivência e para os encontros agradáveis com o teu filho, nem para as suas infantis e doces carícias²²³, nem para os progressos dos seus estudos: deténs-te apenas no último aspecto das circunstâncias e acrescentas-lhe, como se ele fosse pouco horrível, tudo o que consegues. Não desejes, suplico-te, a glória perversíssima de ser considerada a mais infeliz.

V. 5. Ao mesmo tempo, pensa que não há grandeza em mostrar-se forte numa situação próspera, quando a vida avança num curso favorável: nem mesmo um mar tranquilo e um vento propício revelam a habilidade do piloto – é necessário que ocorra alguma adversidade que ponha à prova o seu espírito.

²²³ Manning (1981: 48) afirma que “[a]mong the encomiastic topics suggested by Menander (Spengel, *Rhetores Graeci*, 3 vols. Leipzig 1853-56, III, 413, 11) we find ἀνατροφή and παιδεία.”

V. 6. Proinde ne summiseris te, immo contra fige stabilem gradum et quidquid onerum supra cecidit sustine, primo dumtaxat strepitu conterrita. Nulla re maior invidia fortunae fit quam aequo animo.” Post haec ostendit illi filium incolumem, ostendit ex amisso nepotes.

VI. 1. Tuum illic, Marcia, negotium actum, tibi Areus adsedit; muta personam — te consolatus est. Sed puta, Marcia, ereptum tibi amplius quam ulla umquam mater amiserit — non permulceo te nec extenuo calamitatem tuam:

VI. 2. si fletibus fata uincuntur, conferamus; eat omnis inter luctus dies, noctem sine somno tristitia consumat; ingerantur lacerato pectori manus et in ipsam faciem impetus fiat atque omni se genere saeuítiae profecturus maeror exerceat. Sed si nullis planctibus defuncta reuocantur, si sors inmota et in aeternum fixa nulla miseria mutatur et mors tenuit quidquid abstulit, desinat dolor qui perit.

VI. 3. Quare regamur nec nos ista uis transuersos auferat. Turpis est nauigii rector cui gubernacula fluctus eripuit, qui fluuitantia uela deseruit, permisit tempestati ratem; at ille uel in naufragio laudandus quem obruit mare clauum tenentem et obnixum.

V. 6. Por isso, não te deixes abater, pelo contrário, fixa firme os teus pés e, aterrorizada apenas com o primeiro estrondo, suporta todo o fardo que te possa cair em cima. Nada é mais odioso para a sorte do que um espírito sereno”²²⁴. Depois destas palavras, fez-lhe ver o outro filho, incólume, fez-lhe ver os netos que lhe dera o filho perdido²²⁵.

VI. 1. Ali se tratou do teu caso, Márcia, a teu lado esteve sentado Areu; muda a personagem – foi a ti que ele reconfortou²²⁶. Mas supõe, Márcia, que te foi arrebatado mais do que tenha perdido alguma vez uma mãe – não te tranquilizo com carícias nem atenuo a tua desgraça:

VI. 2. se os fados forem vencida com lágrimas, derramemo-las²²⁷; passe-se todo o dia em lamentos, consuma a tristeza a noite sem sono; lancem-se as mãos ao peito dilacerado e faça-se violência à própria face; e exercite-se a tristeza, se for útil, em todo o género de crueldades. Mas se nenhum pranto traz de volta os mortos, se a sorte imutável e eternamente fixa não se altera por nenhuma desgraça, e se a morte retém tudo o que arrebatou, cesse uma dor que se extingue.

VI. 3. Por conseguinte, governemo-nos e não deixemos que esta força nos afaste do curso! É indigno o comandante de uma navegação a quem as ondas arrebataram o leme, que abandonou as velas à mercê dos ventos e entregou a embarcação à tempestade; mas, pelo contrário, deve ser louvado, até no naufrágio, aquele que o mar sepultou segurando o leme e com firmeza.

²²⁴ *invidia fortunae*: aqui Séneca apresenta a ideia tradicional da *Fortuna* como divindade que inveja os homens. Em nenhuma circunstância a inveja da *fortuna* é maior do que quando o espírito é sereno. O equilíbrio interior do *sapiens* requer fortaleza contra as arbitrariedades da *fortuna*. Essa fortaleza foi recolhida na dupla fórmula estóica: *fortunae resistere* e *sustine et abstine*, ἀνέχου και ἀπέχου. A *fortuna* é o rosto mutável do *fatum*, o seu aspecto caprichoso e incontável, e actua como antagonista do equilíbrio que o sábio persegue. É a dimensão irracional do destino de cada um à qual o sábio tem de se opor porque perturba a racionalidade da sua vida. O sábio tem, por isso, um duelo constante com a *fortuna*, a qual consegue vencer mediante o exercício da virtude.

²²⁵ *ostendit illi filium incolumem, ostendit ex amisso nepotes*: Séneca segue aqui a mesma prática que seguirá com Márcia a quem pede que busque reconforto nas duas filhas vivas e nos netos que lhe dera Metílio (16.7; 16.8). Aqui, tratando-se de Lívica, *filium* refere-se a Tibério, e *ex amisso nepotes* aos filhos de Druso com Antónia Menor, Germânico, Cláudio e Lívica, mais conhecida pelo diminutivo Livilla (cf. Vell. 2.95.1).

²²⁶ *muta personam – te consolatus est*: frase remanescente do verso horaciano: *mutato nomine de te / fabula narratur* (S. 1.1.69-70).

²²⁷ *si fletibus...*: cf. Polyb. 2.1 ss.: *si quicquam tristitia profecturi sumus, non recuso quicquid lacrimarum fortunae meae superfluit tuae fundere...*

VII. 1. “At enim naturale desiderium suorum est.” Quis negat, quam diu modicum est? Nam discessu, non solum amissione carissimorum necessarius morsus est et firmissimorum quoque animorum contractio. Sed plus est quod opinio adicit quam quod natura imperavit.

VII. 2. Aspice mutorum animalium quam concitata sint desideria et tamen quam brevia: uaccarum uno die alteroue mugitus auditur, nec diutius equarum uagus ille amensque discursus est; ferae cum uestigia catulorum consecratae sunt et siluas peruagatae, cum saepe ad cubilia expilata redierunt, rabiem intra exiguum tempus extinguunt; aues cum stridore magno inanes nidos circumfremuerunt, intra momentum tamen quietae uolatus suos repetunt; nec ulli animali longum fetus sui desiderium est nisi homini, qui adest dolori suo nec tantum quantum sentit sed quantum constituit adficitur.

VII. 3. Vt scias autem non esse hoc naturale, luctibus frangi, primum magis feminas quam uiros, magis barbaros quam placidae eruditaeque gentis homines, magis indoctos quam doctos eadem orbitas uulnerat. Atqui quae a natura uim acceperunt eandem in omnibus seruant: apparet non esse naturale quod uarium est.

VII. 4. Ignis omnes aetates omniumque urbium ciues, tam uiros quam feminas uret; ferrum in omni corpore exhibebit secandi potentiam. Quare? Quia uires illis a natura datae sunt, quae nihil in personam constituit. Paupertatem luctum ambitionem alius aliter sentit prout illum consuetudo infecit, et inbecillum inpatientemque reddit praesumpta opinio de non timendis terribilis.

VII. 1. “Porém, é natural a saudade dos entes queridos.”²²⁸ E quem o nega, conquanto seja moderada? Na verdade, com o afastamento, não apenas com a perda, dos entes mais queridos, há um inevitável morso e um aperto mesmo dos espíritos mais firmes. Mas é mais aquilo que a convenção acrescenta do que aquilo que a natureza impôs.

VII. 2. Observa quão intensos são os lamentos dos animais mudos e, contudo, quão breves: o mugido das vacas ouve-se por um dia ou dois, e não é mais duradoura aquela errância vaga e frenética das éguas; as feras, depois de seguirem os vestígios das crias e percorrerem de uma ponta à outra os bosques, depois de terem voltado uma e outra vez aos seus covis pilhados, extinguem a sua raiva num curto espaço de tempo; as aves, depois de terem feito barulho, com grande estridência, em redor dos seus ninhos vazios, ao fim de um momento, todavia, retomam tranquilas os seus voos. Nenhum animal chora por tanto tempo o seu rebento perdido a não ser o homem, que acalenta a sua própria dor e não sofre tanto quanto sente mas quanto estipulou sofrer.

VII.3. Ora, para que saibas que não é natural ser dilacerado pelo luto, em primeiro lugar a mesma perda fere mais as mulheres do que os homens, mais os bárbaros do que as pessoas de uma nação pacata e civilizada, mais os ignorantes do que os cultos. Ora, as coisas que receberam a sua força da natureza conservam-na igual em tudo: é evidente que não é natural o que é variável.

VII.4. O fogo queimará pessoas de todas as idades e cidadãos de todas as cidades, tanto homens como mulheres; o ferro exhibirá em todos os corpos o seu poder de cortar. Porquê? Porque as suas faculdades foram-lhes dadas pela natureza, que não faz distinção de pessoas. Cada um sente de modo diferente a pobreza, o luto, a ambição consoante o costume o habituou, e uma opinião pré-concebida que inspira terror de coisas não temíveis tornam-no fraco e pouco resistente.

²²⁸ *At enim naturale desiderium suorum est*: Séneca antecipa uma possível réplica da sua destinatária, Márcia.

VIII.1. Deinde quod naturale est non decrescit mora: dolorem dies longa consumit. Licet contumacissimum, cotidie insurgentem et contra remedia efferuescentem, tamen illum efficacissimum mitigandae ferociae tempus eneruat.

VIII.2. Manet quidem tibi, Marcia, etiamnunc ingens tristitia et iam uidetur duxisse callum, non illa concitata qualis initio fuit, sed pertinax et obstinata; tamen hanc quoque tibi aetas minutatim eximet: quotiens aliud egeris, animus relaxabitur.

VIII.3. Nunc te ipsa custodis; multum autem interest utrum tibi permittas maerere an imperes. Quanto magis hoc morum tuorum elegantiae conuenit, finem luctus potius facere quam expectare, nec illum opperiri diem quo te inuita dolor desinat! Ipsa illi renuntia.

IX.1. “Vnde ergo tanta nobis pertinacia in deploratione nostri, si id non fit naturae iussu?” Quod nihil nobis mali antequam eueniat proponimus, sed ut immunes ipsi et aliis pacatius ingressi iter alienis non admonemur casibus illos esse communes.

VIII.1. Em segundo lugar, aquilo que é natural não diminui com o tempo²²⁹: um dia longo consome a dor. Ainda que ela seja muitíssimo contumaz, insurgindo-se e impacientando-se contra os remédios, enfraquece-a, contudo, o tempo, o mais eficaz remédio para acalmar a agressividade.

VIII.2. Certamente, mesmo agora subsiste em ti, Márcia, uma profunda tristeza e, além disso, parece já ter formado um calo, não aquela tristeza arrebatada como era de início, mas pertinaz e obstinada; desta, todavia, também o tempo te livrará pouco a pouco. Todas as vezes que te ocupares de outra coisa, o teu espírito relaxará.

VIII.3. De momento, aprisionas-te a ti própria²³⁰; mas há uma grande diferença entre se te permites ou se te impões estar triste. Quanto mais é conveniente à elegância²³¹ dos teus costumes antes pôr fim à mágoa do que esperá-lo, e não aguardar aquele dia em que a dor cessará contra a tua vontade! Renuncia tu mesma a ela.

IX.1. “Então donde nos vem tanta perseverança no pranto²³² de nós mesmos, se isso não acontece por ordem da natureza?” Porque não antecipamos nada de mal antes de nos acontecer²³³, mas, porque, como sendo nós próprios imunes e entrando por um caminho mais seguro do que os outros, não somos advertidos pelas desgraças alheias que são comuns a todos.

²²⁹ *Deinde quod naturale est non decrescit mora*: o argumento aqui é que a validade de uma *opinio* é atestada pela sua continuidade e que a sua instabilidade prova que é inválida. Cf. Manning, 1981: 57.

²³⁰ Cf. *Ep.* 63.3: *Nunc ipse custodis dolorem tuum*.

²³¹ *elegantiae*: em sentido ético, Sêneca refere-se aqui a uma escolha de vida conforme à moral. Cf. Traina, *ad loc.*

²³² *deploratione*: provável neologismo senequiano (aqui e na *Ep.* 74.11). *Deploratus* é o doente por que os médicos desesperam (*a medicis relictus*, *Ep.* 78.14), *omnia deplorantes* são os pessimistas (cf. *Tranq.* 7.6). Cf. Traina, *ad loc.*

²³³ *antequam eueniat proponimus*: os estoícos assumiram a doutrina e prática cirenaica, tradicional do género consolatório, da *praemeditatio futurorum malorum* (Cic. *Tusc.* 3.29), premeditação dos males futuros, que protegia da dor, antecipando-se pelo pensamento todas as possíveis causas de sofrimento, e que representa a contribuição mais importante para o género consolatório da escola cirenaica. Cf. *Marc.* 9.2; cf. também *Helu.* 5.3; *Epp.* 91.7-8, 107.4.

IX.2. Tot praeter domum nostram ducuntur exequiae: de morte non cogitamus; tot acerba funera: nos togam nostrorum infantium, nos militiam et paternae hereditatis successionem agitamus animo; tot diuitum subita paupertas in oculos incidit: et nobis numquam in mentem uenit nostras quoque opes aequae in lubrico positas. Necesse est itaque magis corruamus: quasi ex inopinato ferimur; quae multo ante prouisa sunt languidius incurrunt.

IX.3. Vis tu scire te ad omnis expositum ictus stare et illa quae alios tela fixerunt circa te uibrasse? Velut murum aliquem aut obsessum multo hoste locum et arduum ascensu semermis adeas, expecta uulnus et illa superne uolantia cum sagittis pilisque saxa in tuum puta librata corpus. Quotiens aliquis ad latus aut pone tergum ceciderit, exclama: “Non decipies me, fortuna, nec securum aut negligentem opprimes. Scio quid pares: alium quidem percussisti, sed me petisti.”

IX.4. Quis umquam res suas quasi periturus aspexit? Quis umquam uestrum de exilio, de egestate, de luctu cogitare ausus est? Quis non, si admoneatur ut cogitet, tamquam dirum omen respuat et in capita inimicorum aut ipsius intempestiui monitoris abire illa iubeat? “Non putaui futurum.”

IX.2. Tantos funerais passam diante de nossa casa²³⁴: não pensamos na morte; tantas mortes prematuras: nós preocupamo-nos com a toga dos nossos filhos²³⁵, com o seu serviço militar e com a sucessão da herança paterna; cai sob os nossos olhos a súbita pobreza de tantos ricos, e nunca nos vem à mente que também as nossas riquezas estão num terreno igualmente escorregadio. E assim, é inevitável que soçobremos mais: como se fôssemos feridos inesperadamente; as desgraças que foram previstas muito antes sobrevêm mais fracas²³⁶.

IX.3. Queres tu saber que estás exposto a todos os golpes e que vibraram ao teu redor aqueles dardos que se cravaram em outros? Tal como se te dirigisses, semiarmado, para uma muralha ou para um lugar sitiado por um grande número de inimigos e difícil de escalar, espera a ferida e pensa que as pedras que, com setas e dardos, passam a voar por cima de ti, foram lançadas contra o teu corpo. Todas as vezes que alguém caia a teu lado ou atrás de ti, exclama: “Não me enganarás, Sorte²³⁷, nem me surpreenderás confiante ou incauto. Sei o que preparas: feriste outro, mas era a mim que procuravas!”

IX.4. Quem alguma vez contemplou os seus bens como se fosse morrer? Quem de vós alguma vez ousou pensar no exílio, na miséria, no luto? Quem, se for aconselhado a pensar nestas coisas, não as rejeitará como um presságio sinistro e desejará que tais coisas caiam sobre a cabeça dos seus inimigos ou até do próprio conselheiro inoportuno? “Não pensei que isso viesse a acontecer.”

²³⁴ Cf. *Polyb.* 11.1: *Cotidie praeter oculos nostros transeunt notorum ignotorumque funera*; cf. também *Tranq.* 11.7. O cortejo fúnebre era um aspecto público da vida romana, e daí é razoável que Sêneca espere que os seus leitores tenham reparado na sua frequência. Os corpos eram cremados fora da cidade (*Cic. Leg.* 2.23.58) e assim era necessária uma procissão ao longo das ruas; em tempos históricos essas procissões faziam-se durante o dia. (Cf. Manning, 1981: 61).

²³⁵ A concessão da *toga uirilis* (totalmente branca) aos jovens, significava a entrada na juventude para os adolescentes e a consequente assunção da condição de adulto e cidadão; era celebrada pelas famílias romanas, especialmente as distintas, com grandes cerimónias (cf. *Ov. Fast.* 3.771). Alude-se aqui às ilusões e planos que os pais forjam sobre o futuro de seus filhos.

²³⁶ *quae... incurrunt*: variante de uma *sententia* que volta insistentemente em Sêneca (*Epp.* 76.34, 78.29), e, mediante reelaborações medievais, chegará até Dante: “ché saetta previsa vien più lenta” (*Divina Commedia*, “Paradiso”, XVII. 27). Cf. *Marc.* 9.1.

²³⁷ *fortuna*: apóstrofe à *Fortuna*, frequente em Sêneca, e.g., *Polyb.* 2.2 e 13.1; *Tranq.* 8.7; *Ben.* 1.9.1; *Epp.* 24.7, 64.4.

IX.5. Quicquam tu putas non futurum quod [multis] scis posse fieri, quod multis uides euenisse? Egregium uersum et dignum qui non e pulpito exiret:

“cuiuis potest accidere quod cuiquam potest!”

Ille amisit liberos: et tu amittere potes; ille damnatus est: et tua innocentia sub ictu est. Error decipit hic, effeminat, dum patimur quae numquam pati nos posse prouidimus. Aufert uim praesentibus malis qui futura prospexit.

X.1. Quidquid est hoc, Marcia, quod circa nos ex aduenticio fulget, liberi honores opes, ampla atria et exclusorum clientium turba referta uestibula, clarum <nomen>, nobilis aut formosa coniux ceteraque ex incerta et mobili sorte pendentia alieni commodatique apparatus sunt; nihil horum dono datur. Conlaticiis et ad dominos redituris instrumentis scaena adornatur; alia ex his primo die, alia secundo referentur, pauca usque ad finem perseuerabunt.

X.2. Itaque non est quod nos suspiciamus tamquam inter nostra positi: mutua accepimus. Vsus fructusque noster est, cuius tempus ille arbiter muneris sui temperat; nos oportet in promptu habere quae in incertum diem data sunt et appellatos sine querella reddere: pessimi debitoris est creditori facere conuicium.

IX.5. Pensas tu que não te vai acontecer aquilo que sabes que pode acontecer a muitos, que vês que sobreveio a muitos? Excelente verso e que merecia não ter vindo do palco:

“A qualquer um pode acontecer o que pode acontecer a cada um!”²³⁸

Aquele perdeu os filhos: também tu podes perder os teus; aquele foi condenado; também a tua inocência está sujeita ao perigo. Este erro engana, amolece, enquanto sofremos o que nunca previmos que poderíamos sofrer. Tira força aos males presentes aquele que previu que viriam a acontecer.

X.1. Tudo aquilo que, ó Márcia, brilha à nossa volta e sobrevém de modo fortuito, filhos, honras, riquezas, átrios amplos e vestíbulos²³⁹ repletos de uma turba de clientes excluídos²⁴⁰, um nome ilustre, uma esposa nobre ou formosa e os demais bens que pendem de uma sorte incerta e móvel são aparatos alheios e emprestados; nada disto é dado como dom. A cena é adornada com adereços emprestados e que devem ser devolvidos aos seus donos; uns serão levados de volta no primeiro dia, outros no segundo, poucos serão conservados até ao fim.

X.2. Portanto, não há motivo para que nos tenhamos em alta conta, como se estivéssemos entre coisas que nos pertencem: recebemo-las de empréstimo. O uso e o proveito são nossos, mas é o seu dono que regula a duração do seu benefício; nós devemos ter prontos os bens que nos foram dados por tempo indeterminado e devolvê-los²⁴¹, sem qualquer resistência, quando a isso formos chamados: é próprio de um péssimo devedor fazer afronta ao seu credor.

²³⁸ *Sententia* de Publílio Siro (fr. C 34 Meyer), célebre mimógrafo romano do séc. I a.C.

²³⁹ *uestibula*: estendiam-se entre a estrada e a porta de casa (v. Aulo Gélio, 16.5.3).

²⁴⁰ Sêneca alude à *salutatio*, a saudação matutina que o cliente prestava ao patrono. Cf. *Breu.* 14.4.

²⁴¹ *reddere*: a vida recebida como empréstimo sem data de devolução fixa é um *topos* literário (*nulla praestituta die*, diz Cícero em *Tusc.* 1.93). Cf. Sen. *Polyb.* 10.4-5 e 11.3.

X.3. Omnes ergo nostros, et quos superstites lege nascendi optamus et quos praecedere iustissimum ipsorum uotum est, sic amare debemus tamquam nihil nobis de perpetuitate, immo nihil de diuturnitate eorum promissum sit. Saepe admonendus est animus, amet ut recessura, immo tamquam recedentia: quidquid a fortuna datum est, tamquam exempto auctore possideas.

X.4. Rapite ex liberis uoluptates, fruendos uos in uicem liberis date et sine dilatione omne gaudium haurite: nihil de hodierna nocte promittitur — nimis magnam aduocationem dedi — nihil de hac hora. Festinandum est, instatur a tergo: iam disicietur iste comitatus, iam contubernia ista sublato clamore soluentur. Rapina rerum omnium est: miseri nescitis in fuga uiuere.

X.5. Si mortuum tibi filium doles, eius temporis quo natus est crimen est; mors enim illi denuntiata nascenti est; in hanc legem genitus <est>, hoc illum fatum ab utero statim prosequebatur.

X.6. In regnum fortunae et quidem durum atque inuictum peruenimus, illius arbitrio digna atque indigna passuri. Corporibus nostris inpotenter contumeliose crudeliter abutetur: alios ignibus peruret uel in poenam admotis uel in remedium; alios uinciet — id nunc hosti licebit, nunc ciui; alios per incerta nudos maria iactabit et luctatos cum fluctibus ne in harenam quidem aut litus explodet, sed in alicuius immensae uentrem beluae decondet; alios morborum uariis generibus emaceratos diu inter uitam mortemque medios detinebit. Vt uaria et libidinosa mancipiorumque suorum negligens domina et poenis et muneribus errabit.

X.3. Por conseguinte, devemos amar todos os nossos, não só os que desejamos que, pela lei da vida, nos sobrevivam, mas também aqueles que têm o justíssimo desejo de nos preceder, tal como se nada nos tivesse sido prometido sobre a sua perpetuidade, ou melhor, nada sobre a sua longevidade. O nosso espírito deve ser advertido muitas vezes para que ame os bens como coisas que se hão-de ir embora, mais ainda, como coisas que já estão a ir-se embora: tudo quanto te tenha sido dado pela sorte, possui-lo-ás como que sem caução.

X.4. Arrebatái o prazer que vos vem dos vossos filhos, entregai-vos aos filhos para fruirdes uns dos outros e, sem demora, bebei toda a felicidade até à última gota: nada está garantido acerca da noite de hoje – concedi um prazo demasiado longo – nada está garantido acerca deste momento. Devemos apressar-nos, vêm atrás de nós: logo essa companhia se dispersará, logo essa camaradagem, eliminada a algazarra, se dissolverá. Todas as coisas estão em risco de pilhagem: infelizes, não sabeis viver em fuga!

X.5. Se sofres pela morte do teu filho, a culpa é do momento em que nasceu pois a morte foi-lhe anunciada à nascença; nesta condição foi gerado, este fado perseguia-o desde que saiu do teu ventre.

X.6. Viemos para o reino da Sorte, verdadeiramente duro e invencível, para sofrer, sob o seu arbítrio, coisas merecidas e imerecidas. Abusará dos nossos corpos violenta, insultuosa e cruelmente: a uns abrasará com fogo, aplicado quer por castigo, quer por remédio; a outros acorrentará – isto será permitido ora a um inimigo externo ora a um concidadão; a outros lançará nus num mar instável e, depois de terem lutado com as ondas, nem sequer os repelirá para a areia ou para a costa, mas sepultá-los-á no ventre de algum monstro imenso; a outros, definhados por vários tipos de enfermidades, manterá, durante muito tempo, entre a vida e a morte²⁴². Como senhora volúvel, caprichosa e negligente com os seus escravos errará tanto nos castigos como nas recompensas.

²⁴² Séneca parece reunir aqui os tipos de morte mais frequentes: os incêndios, a prisão, os naufrágios, as enfermidades.

XI.1. Quid opus est partes deflere? Tota flebilis uita est: urgebunt noua incommoda, priusquam ueteribus satis feceris. Moderandum est itaque uobis maxime, quae immoderate fertis, et in multos dolores humani pectoris <uis> dispensanda. Quae deinde ista suae publicaeque condicionis obliuio est? Mortalis nata es mortalesque peperisti: putre ipsa fluidumque corpus et causis repetita²⁴³ sperasti tam inbecilla materia solida et aeterna gestasse?

XI.2. Decessit filius tuus, id est decucurrit ad hunc finem ad quem quae feliciora partu tuo putas properant. Hoc omnis ista quae in foro litigat, in theatris <plaudit>, in templis precatur turba dispari gradu uadit: et quae diligis, ueneraris et quae despicias unus exaequabit cinis.

XI.3. Hoc uidelicet dicit illa Pythicis oraculis adscripta uox²⁴⁴: NOSCE TE. Quid est homo? Quolibet quassu uas et quolibet fragile iactatu. Non tempestate magna ut dissiperis opus est: ubicumque arietaueris, solueris. Quid est homo? Inbecillum corpus et fragile, nudum, suapte natura inerme, alienae opis indigens, ad omnis fortunae contumelias proiectum, cum bene lacertos exercuit, cuiuslibet ferae pabulum, cuiuslibet uictima; ex infirmis fluidisque contextum et lineamentis exterioribus nitidum, frigoris aestus laboris inpatiens, ipso rursus situ et otio iturum in tabem, alimenta metuens sua, quorum modo inopia <deficit, modo copia> rumpitur; anxiae sollicitaeque tutelae, precarii spiritus et male haerentis, quod pauor repentinus aut auditus ex inproiso sonus auribus grauis excutit, sollicitudinis semper sibi nutrimentum, uitiosum et inutile.

²⁴³ *causis repetita*: optámos por não considerar a introdução de Reynolds de *morbos* entre *causis* e *repetita*, guiando-nos pelo comentário de Manning (1981: 68) a este passo: “Fickert deleted the impossible *morbos*, arguing that it was a corruption of a gloss *morbis*, and is followed by Favez and Viansino. Gertz followed by Basore emends to *causis morborum*, wich is paleographically plausible, *morbos* being a corruption of the abbreviated genitive plural. However Seneca uses *causa* without any genitive to refer to epilepsy, *comitiale uitium* (*De Ira* III, 10, 3) with the meaning of sickness or perhaps symptoms (see *OLD causa* (13) p. 290) (...). It is perhaps best therefore to follow Fickert and to translate *causis repetita* ‘repeatedly assailed by diseases’”.

²⁴⁴ Em virtude de Reynolds assinalar uma lacuna entre *uidelicet* e *illa* e mais adiante acrescentar ao texto *uox* (*Hoc uidelicet * * * illa Pythicis oraculis adscripta <uox>*), neste passo optámos pela sugestão de Hermes, adoptada por Basore (*Hoc uidelicet dicit illa Pythicis oraculis adscripta vox*) e, deste modo, apoiámos a nossa tradução na de Basore.

XI.1. Que necessidade há de se chorar as suas partes? Toda a vida é motivo de choro: novos incômodos te perseguirão antes de teres dado satisfação aos mais antigos. Por isso, deveis moderar-vos, sobretudo vós, mulheres, que sofreis imoderadamente, e a força do coração humano deve ser repartida entre muitas dores. E que esquecimento é este, afinal, de uma condição²⁴⁵ que é individual e geral? Nascestes mortal e geraste mortais. Tu própria, um corpo em decomposição, débil, e atacada repetidamente por enfermidades, tiveste esperança de ter gerado em tão fraca matéria alguma coisa sólida e perdurável?

XI.2. O teu filho morreu, isto é, correu até à meta para a qual se apressam todas as coisas que consideras mais felizes do que o teu filho. Para ali²⁴⁶ se dirige, com passo desigual, toda essa multidão que litiga no fórum, aplaude nos teatros, reza nos templos: uma única cinza nivelará tanto o que estimas e veneras como o que desprezas²⁴⁷.

XI.3.²⁴⁸ É este, sem dúvida, o sentido daquela famosa expressão atribuída aos oráculos Pítricos: CONHECE-TE A TI MESMO²⁴⁹. O que é o homem? Um vaso frágil a qualquer pancada e a qualquer tombo. Nem é preciso uma grande tempestade para que te desfaças em migalhas: onde quer que sejas golpeado, dissolver-te-ás. O que é o homem? Um corpo débil e frágil, nu, inerme de sua própria natureza, necessitado do auxílio alheio, à mercê de todas as afrontas da sorte, ainda que tenha exercitado bem os músculos, torna-se pasto de qualquer fera, vítima de qualquer uma; constituído por matéria fraca e fluida e belo nas suas feições exteriores, incapaz de suportar o frio, o calor, a fadiga, pronto a ser levado de novo à podridão pela própria inactividade e pelo ócio, receando os seus alimentos, ora por cuja escassez morre, ora por cuja abundância rebenta; ansioso e preocupado com a sua conservação, provido de respiração precária e pouco segura, que um pavor repentino ou um som forte escutado pelos seus ouvidos sobressalta inesperadamente, sempre fonte de preocupação para si próprio, vicioso e inútil.

²⁴⁵ *condicionis obliuio*: cf. 19.3; *Polyb.* 11.1 ss. Cf. Cícero, *Fam.* 5.16.2.

²⁴⁶ *Hoc* é aqui usado adverbialmente por *huc* (cf. Manning, 1981: 68), tal como na *Eneida*, 8.423 (v. Sérvio, *ad. loc.*). É uma forma arcaica e o seu uso na prosa restringe-se a contextos coloquiais (Cic. *Fam.* 8.6.4 e 10.23.6). Ao usar esta forma, Sêneca provavelmente queria manter um estilo coloquial.

²⁴⁷ *exaequabit cinis*: cf. *Ep.* 91.16: *aequat omnis cinis*.

²⁴⁸ A tradução de 11.3-11.5 beneficiou da tradução sugerida pela Professora Maria Cristina Pimentel numa aula de *Literatura Latina* dada a 26 de Outubro de 2009.

²⁴⁹ *NOSCE TE*: forma como Sêneca traduz Γνωθι σεαυτόν, inscrito no templo de Apolo em Delfos. Na tradução, ao contrário de Sêneca, conservámos o reforço enfático do pronome pessoal grego (σεαυτόν).

XI.4. Miramur in hoc mortem, quae unius singultus opus est? Numquid enim ut concidat magni res molimenti est? Odor illi saporque et lassitudo et uigilia et umor et cibus et sine quibus uiuere non potest mortifera sunt; quocumque se mouit, statim infirmitatis suae conscius, non omne caelum ferens, aquarum nouitatibus flatuque non familiaris aerae et tenuissimis causis atque offensionibus morbidum, putre causarium, fletu uitam auspicatum, cum interim quantos tumultus hoc tam contemptum animal mouet, in quantas cogitationes oblitum condicionis suae uenit!

XI.5. Inmortalia, aeterna uolunt animo et in nepotes pronepotesque disponit, cum interim longa conantem eum mors opprimit et hoc quod senectus uocatur paucissimorum <est> circumitus annorum.

XII.1. Dolor tuus, si modo ulla illi ratio est, utrum sua spectat incommoda an eius qui decessit? Vtrum te in amisso filio mouet quod nullas ex illo uoluptates cepisti, an quod maiores, si diutius uixisset, percipere potuisti?

XII.2. Si nullas percepisse te dixeris, tolerabilius efficies detrimentum tuum; minus enim homines desiderant ea ex quibus nihil gaudi laetitiaeque perceperant. Si confessa fueris percepisse magnas uoluptates, oportet te non de eo quod detractum est queri, sed de eo gratias agere quod contigit; prouenerunt enim satis magni fructus laborum tuorum ex ipsa educatione, nisi forte ii qui catulos auesque et friuola animorum oblectamenta summa diligentia nutriunt fruuntur aliqua uoluptate ex uisu tactuque et blanda adulatione mutorum, liberos nutrientibus non fructus educationis ipsa educatio est. Licet itaque nil tibi industria eius contulerit, nihil diligentia custodierit, nihil prudentia suaserit, ipsum quod habuisti, quod amasti, fructus est.

XI.4. Admiramo-nos de que nisto esteja a morte, a qual precisa apenas de um simples solução? Acaso é preciso muito esforço para que sucumba? O odor e o sabor e o cansaço e a insónia e a bebida e a comida e as coisas²⁵⁰ sem as quais não pode viver são-lhe mortíferos; para onde quer que vá, de imediato se torna consciente da sua fraqueza, incapaz de suportar todos os climas, adoece pela mudança de águas, por um sopro de uma brisa não familiar e por achaques e indisposições insignificantes; débil e enfermiço, inaugura a vida a chorar, quando, entretanto, quanta agitação provoca esta criatura tão desprezível, a quão altos projectos não se abalança, esquecido da sua condição!

XI.5. Revolve no espírito coisas imortais, eternas, e faz planos para os netos e para os bisnetos, quando, entretanto, a morte o esmaga, tentando ele longos projectos, e isto a que se chama velhice é um período de pouquíssimos anos.

XII.1. Porventura, a tua dor, se ela tem alguma razão de ser, tem por objecto os seus próprios incómodos ou os daquele que morreu? Na perda do teu filho, abala-te o facto de não teres recebido nenhuma alegria dele, ou o facto de que podias ter recebido maiores alegrias se ele tivesse vivido mais tempo?

XII.2. Se disseses que não recebeste nenhuma, tornarás mais suportável a tua perda; com efeito, os homens sentem menos a falta das coisas das quais não tinham recebido nenhuma satisfação nem prazer. Se reconheceres que recebeste muitas alegrias, convém que não te queixes daquilo que te foi subtraído, mas dês graças pelo que te coube; pois da mesma educação produziram-se frutos bastantes consideráveis dos teus esforços, a não ser que aqueles que cuidam, com extrema diligência, de cachorros e aves e outras frívolas distrações do espírito, desfrutem de algum prazer da visão e do toque e das brandas festas dessas criaturas mudas, enquanto para aqueles que criam os seus filhos não é recompensa da educação a própria educação. E assim, mesmo que para ti nada tenha trazido a sua actividade, em nada te tenha protegido a sua diligência, em nada te tenha aconselhado a sua prudência, o facto de que o tiveste, de que o amaste é uma recompensa.

²⁵⁰ Polissíndeto que expressa acumulação.

XII.3. “At potuit longior esse, maior.” Melius tamen tecum actum est quam si omnino non contigisset, quoniam, si ponatur electio utrum satius sit non diu felicem esse an numquam, melius est discessura nobis bona quam nulla contingere. Vtrumne malles degenerem aliquem et numerum tantum nomenque filii expleturum habuisse an tantae indolis quantae tuus fuit, iuuenis cito prudens, cito pius, cito maritus, cito pater, cito omnis officii curiosus, cito sacerdos, omnia tamquam properans? Nulli fere et magna bona et diuturna contingunt, non durat nec ad ultimum exit nisi lenta felicitas: filium tibi di immortales non diu daturi statim talem dederunt qualis diu effici <uix> potest.

XII.4. Ne illud quidem dicere potes, electam te a dis cui frui non liceret filio: circumfer per omnem notorum, ignotorum frequentiam oculos, occurrent tibi passi ubique maiora. Senserunt ista magni duces, senserunt principes; ne deos quidem fabulae immunes reliquerunt, puto, ut nostrorum funerum leuamentum esset etiam diuina concidere. Circumspice, inquam, omnis: nullam < tam > miseram nominabis domum quae non inueniat in miseriore solacium.

(...)²⁵¹

XV.4. Videsne quanta copia uirorum maximorum sit quos non exceptit hic omnia prosternens casus, et in quos tot animi bona, tot ornamenta publice priuatimque congesta erant? Sed uidelicet it in orbem ista tempestas et sine dilectu uastat omnia agitque ut sua. Iube singulos conferre rationem: nulli contigit inpune nasci.

²⁵¹ No texto suprimido por nós, Sêneca apresentava *exempla* de indivíduos que perderam os filhos mas suportaram a perda com equanimidade. L. Sula perdeu um filho, mas declarava ser abençoado pelos deuses; Xenofonte, discípulo de Sócrates, perdeu o filho Grilo e, ao ser-lhe anunciada essa morte em plena celebração de um sacrifício, apenas ordenou ao flautista que fizesse silêncio, tirou a coroa da cabeça, e cumpriu os ritos até ao fim; o cônsul Pulvilo, a quem foi anunciada a morte do filho, no meio de uma cerimónia de consagração, fingiu não ter escutado a notícia, e continuou a cerimónia, impedindo que a dor o perturbasse; Emílio Paulo perdeu dois filhos, um dias antes, outro dias depois de celebrar o seu triunfo sobre Perseu, rei da Macedónia, mas tal não o impediu de agradecer aos deuses pela vitória; M. Bíbulo, cônsul colega de César, perdeu dois filhos, assassinados ao mesmo tempo, e, depois de ter estado um ano em casa em sinal de aversão a César, no dia seguinte ao funeral dos filhos, voltou a assumir as suas funções de cônsul; Júlio César, fez um curto luto pela filha Júlia, e retomou as suas funções ao fim de três dias; Augusto, perdeu o sobrinho Marcelo e filhos adoptivos, netos que lhe dera Júlia, mas não se permitia queixar-se dos deuses; Tibério César acompanhou serenamente o funeral do único filho.

XII.3. “Mas podia ter durado mais, podia ser maior.” Todavia, assim foi melhor para ti do que se não te tivesse cabido de todo, visto que, caso fosse posto à escolha se é melhor ser feliz por não muito tempo ou nunca, é melhor que nos toquem bens passageiros do que nenhuns. Acaso preferirias ter tido alguém degenerado e que satisfizesse apenas o número e o nome de filho ou um de tão boa índole como foi o teu, um jovem precocemente prudente, precocemente piedoso, precocemente marido, precocemente pai, precocemente diligente em cada dever público, precocemente sacerdote, como se em tudo se apressasse? A quase ninguém tocam bens grandes e duradouros, não dura nem chega até ao fim a não ser uma felicidade lenta: os deuses imortais, que tinham a intenção de te dar um filho não por muito tempo, deram-te de imediato um tal qual dificilmente se pode fazer em muito tempo.

XII.4. Nem sequer podes dizer que foste eleita pelos deuses como aquela a quem não seria permitido desfrutar do filho: olha à tua volta toda a multidão de conhecidos e de desconhecidos, apresentar-se-ão a ti os que sofreram em toda a parte maiores desgraças. Sentiram-nas grandes generais, sentiram-nas imperadores; as fábulas não deixaram ilesos nem mesmo os deuses²⁵², para que, suponho, fosse um alívio para os nossos funerais que mesmo os seres divinos sucumbam. Olha à volta, repito, para todos: não poderás nomear nenhuma família tão infeliz que não encontre reconforto ao ver outra mais infeliz.

(...)

XV.4. Vês a enorme quantidade de homens eminentes a quem esta desventura, que tudo abate, não poupou e sobre os quais se tinham acumulado tantos bens do espírito, tantas glórias públicas e privadas? Mas, evidentemente, essa tormenta anda pelo mundo e, sem distinção, destrói e arrasta todas as coisas como se fossem suas. Ordena que cada um preste contas: a ninguém é dado nascer impunemente.

²⁵² Segundo os relatos mitológicos, os deuses eram imortais (mas não o eram os heróis ou semideuses como Hércules, Aquiles, os Dióscoros), mas, em ocasiões, até por mãos humanas foram feridos fisicamente e tiveram diversas vicissitudes e fracassos nas suas empresas e interesses, intercedendo também, geralmente, o poder de outra divindade. Os Estóicos favoreceram a interpretação alegórica e moralizante dos distintos mitos, mas aqui Séneca atribui uma função dessa ordem ao seu conjunto, em geral.

XVI.1. Scio quid dicas: “Oblitus es feminam te consolari, uirorum refers exempla”. Quis autem dixit naturam maligne cum mulierum ingeniis egisse et uirtutes illarum in artum retraxisse? Par illis, mihi crede, uigor, par ad honesta, libeat <modo>, facultas est; dolorem laboremque ex aequo, si consueuere, patiuntur.

XVI.2. In qua istud urbe, di boni, loquimur? In qua regem Romanis capitibus Lucretia et Brutus deiecerunt: Bruto libertatem debemus, Lucretiae Brutum; in qua Cloeliam contempto et hoste et flumine ob insignem audaciam tantum non in uiros transcripsimus: equestri insidens statuae in sacra uia, celeberrimo loco, Cloelia exprobrat iuuenibus nostris puluinum escendentibus in ea illos urbe sic ingredi in qua etiam feminas equo donauimus.

XVI.3. Quod tibi si uis exempla referri feminarum quae suos fortiter desiderauerint, non ostiatim quaeram; ex una tibi familia duas Cornelias dabo: primam Scipionis filiam, Gracchorum matrem. Duodecim illa partus totidem funeribus recognouit; et de ceteris facile est, quos nec editos nec amissos ciuitas sensit: Tiberium Gaiumque, quos etiam qui bonos uiros negauerit magnos fatebitur, et occisos uidit et insepultos. Consolantibus tamen miseramque dicentibus “Numquam” inquit “non felicem me dicam, quae Gracchos peperit.”

XVI.1. Sei o que dirás: “Esqueceste-te de que consolas uma mulher, apresentas exemplos de homens.” Mas, quem disse que a natureza se comportou perversamente para com o carácter das mulheres e lhes subtraiu virtudes limitando-as? Acredita-me, elas têm a mesma força, a mesma capacidade, desde que o queiram, para as coisas honestas; suportam de igual modo a dor e o esforço, se se tiverem acostumado.

XVI.2. Em que cidade, ó deuses bondosos, falamos disto? Na cidade em que Lucrécia e Bruto afastaram um rei de sobre as cabeças romanas: a Bruto devemos a liberdade, a Lucrécia, Bruto²⁵³; na cidade em que, depois de desprezar quer o inimigo quer o rio, mercê da sua notável audácia por pouco não incluímos Clélia²⁵⁴ entre os homens: montada numa estátua equestre na Via Sacra, lugar muitíssimo frequentado, Clélia censura os nossos jovens, que sobem para uma liteira almofadada²⁵⁵, o entrarem assim numa cidade em que até as mulheres homenageámos com um cavalo.

XVI.3. Se queres que te sejam apresentados exemplos de mulheres que perderam os seus corajosamente, não procurarei de porta em porta; de uma só família dar-te-ei duas Cornélias: a primeira, filha de Cipião, mãe dos Gracos²⁵⁶. Ela confrontou os doze partos na morte de outros tantos funerais; quanto aos restantes, é simples, o Estado não se apercebeu dos que nasceram nem dos que morreram: ela viu não só mortos mas também insepultos Tibério e Gaio, que até aquele que negar que eram homens honestos reconhecerá que eram grandes homens. Contudo, aos que a consolavam e diziam que era infeliz afirmou: “Nunca direi que não sou feliz, eu que dei à luz os Gracos.”

²⁵³ *Lucretiae Brutum*: A violação da casta Lucrécia, esposa de Tarquínio Colatino, por Sexto Tarquínio e o seu consequente suicídio foram o definitivo impulso de que Lúcio Júnio Bruto necessitava para iniciar a revolta contra o último rei de Roma, L. Tarquínio, o Soberbo, e instaurar a república (cf. Tito Lívio, 1.57.6 e ss.).

²⁵⁴ *Cloeliam*: Também Tito Lívio (2.13.6-11) relata esta façanha de Clélia, uma jovem romana, entregue como refém pelos Romanos a Porsena, rei etrusco que pretendia restabelecer os Tarquínios em Roma, para libertar o Janículo ocupado pelas tropas etruscas (508 a.C.). Clélia, à cabeça de várias jovens, também reféns, escapou da vigilância das sentinelas etruscas, cruzou a nado (ou, em outras fontes, e.g. Valério Máximo 3.2.2, a cavalo) o Tibre e devolveu-as sãs e salvas a Roma. Em sua homenagem foi erigida uma estátua equestre na Via Sacra. Trata-se, na realidade, de uma lenda etiológica, relacionada com a estátua equestre de uma divindade feminina.

²⁵⁵ *puluinum*: propriamente a almofada da liteira (Cic. *Verr.* 5.27: *lectica... in qua puluinus erat*).

²⁵⁶ Segunda filha de Cipião Africano, casada com Tibério Semprônio Graco, antigo rival do Africano. Teve doze filhos, até à morte de Semprônio em 154 a.C. Não voltou a casar, tendo chegado a recusar o matrimónio com Ptolemeu VII. Dedicou-se pessoalmente à educação, em cultura grega, dos seus três filhos sobreviventes, Tibério, Gaio e Semprónia. A tradição tornou-a modelo da matrona romana. Os seus dois filhos Tibério e Gaio Graco foram os célebres impulsores da reforma agrária, em permanente luta com a nobreza a que pertenciam. Tibério foi morto em 133 a.C. e Gaio suicidou-se em 121 a.C., mas Séneca generaliza aqui o final de ambos.

XVI.4. Cornelia Liui Drusi clarissimum iuuenem inlustris ingenii, uadentem per Gracchana uestigia imperfectis tot rogationibus intra penates interemptum suos, amiserat incerto caedis auctore. Tamen et acerbam mortem filii et inultam tam magno animo tulit quam ipse leges tulerat.

XVI.5. Iam cum fortuna in gratiam, Marcia, reuerteris, si tela quae in Scipiones Scipionumque matres ac filias exegit, quibus Caesares petit, ne a te quidem continuit? Plena et infesta uariis casibus uita est, a quibus nulli longa pax, uix indutiae sunt. Quattuor liberos sustuleras, Marcia. Nullum aiunt frustra cadere telum quod in confertum agmen inmissum est: mirum est tantam turbam non potuisse sine inuidia damnoue praeteruehi?

XVI.6. “At hoc iniquior fortuna fuit quod non tantum eripuit filios sed elegit.” Numquam tamen iniuriam dixeris ex aequo cum potentiore diuidere: duas tibi reliquit filias et harum nepotes; et ipsum quem maxime luges prioris oblita non ex toto abstulit: habes ex illo duas filias, si male fers, magna onera, si bene, magna solacia. In hoc te perduc ut illas cum uideris admonearis filii, non doloris.

XVI.4. Cornélia²⁵⁷, mulher de Lívio Druso, tinha perdido um jovem distintíssimo, de mente brilhante, que, trilhando a esteira dos Gracos, foi assassinado em sua casa²⁵⁸, permanecendo incerto o autor da sua morte, ficando por cumprir tantas propostas de lei. Contudo, ela enfrentou a morte do filho não apenas prematura, mas também não vingada com tão grande coragem quanto as leis que ele próprio propusera²⁵⁹.

XVI.5. Já voltarás, Márcia, a reconciliar-te com a sorte, se os dardos que desferiu contra os Cipiões e contra as mães e filhas dos Cipiões, com os quais atacou os Césares, também não os afastou de ti?²⁶⁰ A vida está cheia e infestada²⁶¹ de variadas desventuras, de que ninguém tem uma paz longa, quando muito uma trégua. Tinhas gerado quatro filhos, Márcia. Dizem que não cai em vão nenhum dardo que é lançado contra um esquadrão compacto: o que há de admirável em que uma tão grande família não tenha podido passar sem a inveja e a perda?²⁶²

XVI.6. “Mas a sorte foi mais injusta porque não só me arrebatou filhos, mas também porque os escolheu”²⁶³. Contudo, nunca dirás que é uma injúria dividir por igual com alguém mais poderoso: deixou-te duas filhas e os netos que tens delas; e a este, que tanto choras, esquecida do mais velho, não o levou completamente: tens dele duas filhas, um grande peso, se o suportas mal, um grande consolo, se o suportas bem. Vê se chegas a este ponto: que quando as vires, te lembres do teu filho, e não da tua dor.

²⁵⁷ Esposa de Marco Lívio Druso, tribuno da plebe em 122 a.C., que militou no grupo da aristocracia, enfrentando os Gracos. O seu filho, do mesmo nome, seguiu, por sua vez, a linha política daqueles e propôs a concessão da cidadania romana a todos os aliados itálicos; sendo tribuno da plebe (91 a.C.), sofreu uma morte violenta e misteriosa (em *Breu.* 6.2, Séneca aponta também para a possibilidade de um suicídio).

²⁵⁸ *penates*: Os Penates, como os Lares, eram deuses do lar a que se prestava culto privado em casa; metonimicamente, designavam o lar, a casa, a própria família (cf. *Marc.* 24.1).

²⁵⁹ *mortem... tulit... leges tulerat*: jogo de palavras intraduzível em português, porque *ferre* tanto quer dizer ‘aguentar, suportar’ como, unido a *legem*, ‘legislar, propor ou promulgar’ uma lei.

²⁶⁰ Séneca apresentara em *Marc.* 14.3, 15.2 e 15.3 Gaio Júlio César, Augusto e Tibério, respectivamente, como exemplos de pais que perderam os filhos e suportaram corajosamente essa perda.

²⁶¹ Iteração sinonímica.

²⁶² *tantam turbam*: Séneca refere-se à grande família de Cornélia, a que fizemos referência, e a nossa tradução segue a maioria das traduções consultadas. Basore (*ad loc.*) traduz *tantam turbam* por “such a company”; Traina (*ad loc.*) por “una prole così numerosa”; Traglia (*ad loc.*) por “una così grande famiglia”; Waltz (*ad loc.*) por “une si nombreuse famille”.

²⁶³ *elegit*: morreram a Márcia os dois filhos homens.

XVI.7. Agricola euersis arboribus quas aut uentus radicitus auolsit aut contortus repentino impetu turbo praefregit sobolem ex illis residuam fouet et in <locum> amissarum semina statim plantasque disponit; et momento (nam ut ad damna, ita ad incrementa rapidum ueloxque tempus est) adulescunt amissis laetiora.

XVI.8. Has nunc Metili tui filias in eius uicem substitue et uacantem locum exple et unum dolorem geminato solacio leua. Est quidem haec natura mortalium, ut nihil magis placeat quam quod amissum est: iniquiores sumus aduersus relictis ereptorum desiderio. Sed si aestimare uolueris quam ualde tibi fortuna, etiam cum saeuiret, pepercerit, scies te habere plus quam solacia: respice tot nepotes, duas filias. Dic illud quoque, Marcia: “Mouerer, si esset cuique fortuna pro moribus et numquam mala bonos sequerentur: nunc uideo exempto discrimine eodem modo malos bonosque iactari.”

XVII.1. “Graue est tamen quem educaueris iuuenem, iam matri iam patri praesidium ac decus amittere.” Quis negat graue esse? Sed humanum est. Ad hoc genitus es, ut perderes ut perires, ut sperares metueres, alios teque inquietares, mortem et timeres et optares et, quod est pessimum, numquam scires cuius esses status.

(...)²⁶⁴

²⁶⁴ Nos parágrafos por nós suprimidos, Sêneca comparava a vida a uma viagem a Siracusa: o lugar onde o homem chega tem encantos, mas é também fonte de inconvenientes. Deve-se ponderar nas vantagens e nos inconvenientes.

XVI.7. O agricultor, quando são derrubadas as árvores que ou o vento arrancou desde a raiz ou um impetuoso furacão com uma fúria repentina destroçou, cuida do rebento que resta delas e, de imediato, coloca sementes e plantas no lugar das perdidas; e num instante (pois o tempo é rápido e veloz tanto para o dano como para o crescimento) os rebentos crescem mais pujantes do que os perdidos.

XVI.8. Coloca agora as filhas do teu Metílio em substituição dele, preenche o lugar vago e alivia uma dor única com um duplo consolo. Na verdade, é tal a natureza dos mortais que nada lhes agrada mais do que o que perderam: por saudade das coisas que nos foram tomadas, somos muito injustos para com as que nos foram deixadas. Porém, se quiseses avaliar quão grandemente a sorte te poupou, mesmo quando te maltratava, aperceber-te-ás de que tens mais do que consolos: olha para todos os teus netos, para as tuas duas filhas. Diz também a ti mesma, Márcia, isto: “Ficaria perturbada se a sorte fosse para cada um de acordo com a sua conduta, e as coisas más nunca perseguissem os bons: mas vejo agora que, sem distinção, os maus e os bons são atormentados do mesmo modo”²⁶⁵.

XVII.1. “Contudo, é penoso perder um jovem que se tenha educado, e que era amparo e glória²⁶⁶ tanto para a mãe como para o pai.” Quem nega que seja penoso? Mas é humano. Nascestes para isso, para perderes, para pereceres, para esperares, temeres, inquietares outros e a ti, não só temeres mas também desejares a morte e, o que é pior, nunca saberes de que condição és.

(...)

²⁶⁵ Essa observação, exposta aqui com um propósito consolatório, apresenta-se como a questão fundamental do posterior diálogo *De Prouidentia*, que abre assim: *Quaesisti a me, Lucili, quid ita, si prouidentia mundus ageretur, multa bonis uiris mala acciderent*.

²⁶⁶ Com essa mesma expressão Horácio dirige-se a Mecenas, no começo das *Odes* (1.1.2): *o et praesidium et dulce decus meum*.

XIX.1. Sed ut ad solacia ueniam, uideamus primum quid curandum sit, deinde quemadmodum. Mouet lugentem desiderium eius quem dilexit. Id per se tolerabile esse apparet; absentis enim afuturosque dum uiuent non flemus, quamuis omnis usus nobis illorum <cum> conspectu ereptus sit; opinio est ergo quae nos cruciat, et tanti quodque malum est quanti illud taxauimus. In nostra potestate remedium habemus: iudicemus illos abesse et nosmet ipsi fallamus; dimisimus illos, immo consecuturi praemisimus.

XIX. 2. Mouet et illud lugentem: “Non erit qui me defendat, qui a contemptu uindictet.” Vt minime probabili sed uero solacio utar, in ciuitate nostra plus gratiae orbitas confert quam eripit, adeoque senectutem solitudo, quae solebat destruere, ad potentiam ducit ut quidam odia filiorum simulent et liberos eiurent, orbitatem manu faciant.

XIX.3. Scio quid dicas: “Non mouent me detrimenta mea; etenim non est dignus solacio qui filium sibi decessisse sicut mancipium moleste fert, cui quicquam in filio respicere praeter ipsum uacat.” Quid igitur te, Marcia, mouet? Vtrum quod filius tuus decessit an quod non diu uixit? Si quod decessit, semper debuisti dolere; semper enim scisti moriturum.

XIX.4. Cogita nullis defunctum malis adfici, illa quae nobis inferos faciunt terribiles, fabulas esse, nullas imminere mortuis tenebras nec carcerem nec flumina igne flagrantia nec Obluionem amnem nec tribunalia et reos et in illa libertate tam laxa ullos iterum tyrannos: luserunt ista poetae et uanis nos agitauere terroribus.

XIX.1. Mas para regressar ao assunto da consolação, vejamos primeiro o que deve ser curado, em seguida como. Move ao que chora a saudade daquele que amou. É evidente que isto é tolerável por si mesmo; pois não choramos os ausentes e os que hão-de estar ausentes enquanto vivem, ainda que nos tenha sido arrebatado todo o convívio com eles juntamente com a sua presença; portanto, é a nossa imaginação²⁶⁷ que nos atormenta e o valor de cada desgraça é aquele em que o avaliámos. Temos em nosso poder o remédio: consideremos que os mortos estão meramente ausentes e enganemo-nos a nós mesmos; deixámo-los ir, ou melhor, enviámo-los antecipadamente com a intenção de os seguirmos.

XIX. 2. Move também ao enlutado o seguinte: “Não haverá quem me defenda, quem me proteja do desprezo.” Para usar de um consolo pouco plausível mas verdadeiro, na nossa cidade a orfandade confere mais benefícios do que os que tira, e a tal ponto a solidão – que costumava destruí-la – potencia a velhice, que alguns simulam o ódio aos seus filhos, rejeitam a sua prole, e forjam aquela orfandade com a sua própria mão²⁶⁸.

XIX.3. Sei o que dirás: “Não me abalam as minhas perdas; pois não é digno de conforto o que suporta com dificuldade ter perdido um filho como se tivesse perdido um escravo, para o que não consegue ver num filho nada além de si mesmo.” Então, Márcia, o que te abala? Que o teu filho tenha morrido ou que não tenha vivido durante muito tempo? Se é porque morreu, devias ter-te lamentado sempre, pois sempre soubeste que ele iria morrer.

XIX.4. Pensa que um morto não é atingido por nenhum mal, que são fábulas aquelas coisas que nos descrevem os infernos como terríveis, e que não ameaçam os mortos nenhuma treva, nem cárcere, nem rios ardendo em fogo, nem o rio do Esquecimento, nem tribunais e réus, e, naquela liberdade tão ampla, de novo alguns tiranos²⁶⁹: essas coisas criaram-nas os poetas e inquietaram-nos com terrores vãos.

²⁶⁷ De novo Séneca emprega o termo *opinio* (cf. supra 7.1).

²⁶⁸ Alusão aos ‘caçadores de testamentos’ (*Ep.* 60.1), que cortejavam os homens ricos e sem herdeiros; a essa prática que se estendeu em Roma (é a crítica principal na *Sátira* 2.5 de Horácio) se refere também Séneca *Breu.* 6.7.

²⁶⁹ O rio de fogo é o Flegetonte, o rio do esquecimento o Letes, os juízes Éaco, Minos e Radamante, os tiranos Plutão (ou Hades) e a mulher Prosérpina (ou Perséfone, na mitologia grega).

XIX.5. Mors dolorum omnium exsolutio est et finis ultra quem mala nostra non exeunt, quae nos in illam tranquillitatem in qua antequam nasceremur iacuimus reponit. Si mortuorum aliquis miseretur, et non natorum misereatur. Mors nec bonum nec malum est; id enim potest aut bonum aut malum esse quod aliquid est; quod uero ipsum nihil est et omnia in nihilum redigit, nulli nos fortunae tradit. Mala enim bonaque circa aliquam uersantur materiam: non potest id fortuna tenere quod natura dimisit, nec potest miser esse qui nullus est.

XIX.6. Excessit filius tuus terminos intra quos seruitur, excepit illum magna et aeterna pax: non paupertatis metu, non diuitiarum cura, non libidinis per uoluptatem animos carpentis stimulis incessitur, non inuidia felicitatis alienae tangitur, non suae premitur, ne conuiciis quidem ullis uerecundae aures uerberantur; nulla publica clades prospicitur, nulla priuata; non sollicitus futuri pendet [et] ex euentu semper †in certiora dependenti†. Tandem ibi constitit unde nil eum pellat, ubi nihil terreat.

XX.1.²⁷⁰ O ignaros malorum suorum, quibus non mors ut optimum inuentum naturae laudatur expectaturque, siue felicitatem includit, siue calamitatem repellit, siue satietatem ac lassitudinem senis terminat, siue iuuenile aeuum dum meliora sperantur in flore deducit, siue pueritiam ante duriores gradus reuocat, omnibus finis, multis remedium, quibusdam uotum, de nullis melius merita quam de iis ad quos uenit antequam inuocaretur.

²⁷⁰ A tradução dos parágrafos 20.1-20.3 deve muito à tradução apresentada pela Professora Maria Cristina Pimentel (2000: 71-72).

XIX.5.²⁷¹ A morte é a libertação de todas as dores e o limite para além do qual os nossos males não passam, é ela que volta a colocar-nos naquela tranquilidade em que repousámos antes de nascer. Se alguém se compadece dos mortos, compadeça-se também dos que ainda não nasceram. A morte não é nem um bem nem um mal; pois só pode ser um bem ou um mal aquilo que é alguma coisa, mas, o que por si mesmo é nada e tudo reduz a nada, não nos entrega a nenhuma sorte. Os males e os bens, com efeito, dizem respeito a alguma coisa de material: a sorte não pode reter aquilo que a natureza deixou partir, nem pode ser infeliz aquele que nada é.

XIX.6. O teu filho transpôs os limites dentro dos quais se é escravo, acolheu-o uma grande e eterna paz: não é molestado pelo medo da pobreza, nem pela preocupação das riquezas, nem pelos estímulos da luxúria, que enfraquecem os espíritos mediante o prazer, não é tocado pela inveja da felicidade alheia, não é oprimido pela inveja da sua felicidade, nem sequer os seus castos ouvidos²⁷² são verberados com quaisquer ofensas; não contempla nenhuma calamidade pública, nenhuma privada; não está pendente do futuro e não depende de um acontecimento sempre incerto. Finalmente estabeleceu-se ali, de onde ninguém o pode expulsar, onde nada o pode aterrorizar.

XX.1.²⁷³ Oh, como ignoram os seus males os que não louvam nem esperam a morte como a melhor invenção da natureza, quer ela ponha termo à felicidade, quer afaste a desgraça, quer ponha fim à saturação e ao cansaço do velho, quer leve a juventude em flor da vida enquanto se esperam por coisas melhores, quer chame a si a infância antes de passos mais tormentosos²⁷⁴, a morte é para todos o fim, para muitos o alívio, para alguns um desejo, e para ninguém é mais benemérita do que para aqueles a quem chega antes de ser invocada!

²⁷¹ Devemos mais uma vez o enriquecimento da tradução deste parágrafo 19.5 à tradução apresentada pela Professora Maria Cristina Pimentel numa aula de *Literatura Latina*, a 26 de Outubro de 2009 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

²⁷² Alusão à modéstia de Metílio.

²⁷³ A tradução dos parágrafos 20.1-20.3 deve muito à tradução apresentada pela Professora Maria Cristina Pimentel (2000: 71-72).

²⁷⁴ Cf. Polyb. 11.4: *Non idem universis finis est: alium in medio cursu vita deserit, alium in ipso aditu relinquit, alium in extrema senectute fatigatum iam et exire cupientem vix emittit.*

XX.2. Haec seruitutem inuito domino remittit; haec captiuorum catenas leuat; haec e carcere educit quos exire imperium inpotens uetuerat; haec exulibus in patriam semper animum oculosque tendentibus ostendit nihil interesse infra quos quis iaceat; haec, ubi res communes fortuna male diuisit et aequo iure genitos alium alii donauit, exaequat omnia; haec est post quam nihil quisquam alieno fecit arbitrio; haec est in qua nemo humilitatem suam sensit; haec est quae nulli non patuit; haec est, Marcia, quam pater tuus concupit; haec est, inquam, quae efficit ut nasci non sit supplicium, quae efficit ut non concidam aduersus minas casuum, ut seruare animum saluum ac potentem sui possim: habeo quod appellem.

XX.3. Video istic cruces ne unius quidem generis sed aliter ab aliis fabricatas: capite quidam conuersos in terram suspendere, alii per obscena stipitem egerunt, alii brachia patibulo explicuerunt; uideo fidiculas, uideo uerbera, et †membris singulis articulis† singula †docuerunt† machinamenta: sed uideo et mortem. Sunt istic hostes cruenti, ciues superbi: sed uideo istic et mortem. Non est molestum seruire ubi, si dominii pertaesum est, licet uno gradu ad libertatem transire. Caram te, uita, beneficio mortis habeo.

(...).²⁷⁵

²⁷⁵ Neste parágrafo por nós suprimido, Sêneca apresentava Pompeio Magno, Cícero e Catão de Útica como exemplos de pessoas que não beneficiaram de uma *opportuna mors*.

XX.2. Ela põe fim à escravidão contra a vontade do senhor; ela tira as correntes aos cativos; ela liberta do cárcere aqueles a quem um poder despótico impedira de sair de lá; ela faz ver aos exilados, que têm sempre o espírito e os olhos voltados para a pátria, que nada importa a quem se está submetido; ela, quando a sorte repartiu mal os bens comuns e deu aos nascidos com igual direito uma coisa a um, outra a outro, nivela todas as coisas; ela é tal que, depois dela, ninguém tem de se submeter à vontade alheia; ela é aquela em quem ninguém sente a sua própria pequenez; ela é aquela que está aberta a todos; ela é, Márcia, a que o teu pai desejou ardentemente; ela é, repito, aquela que faz com que não seja um suplício nascer, que faz com que eu não sucumba às ameaças do acaso, que possa manter o meu espírito incólume e senhor de si mesmo: tenho sempre um último recurso.

XX. 3. Vejo aí instrumentos de tortura, nem sequer de um só tipo, mas fabricados por cada um de modo distinto: uns penduram as vítimas de cabeça para baixo, outros espetam-lhes estacas nas partes pudendas, outros cravam-lhes os braços abertos na cruz; vejo as cordas do suplício, vejo os azarragues; inventaram até instrumentos especiais para cada uma das articulações do corpo: mas vejo também a morte²⁷⁶. Estão aí inimigos sedentos de sangue, cidadãos tirânicos: mas vejo aí também a morte. Não é penoso ser escravo quando, se se está farto do amo, é possível passar para a liberdade apenas com um passo. Ó vida, pelo bem da morte eu te amo!

(...)

²⁷⁶ No sentido de possibilidade de escape perante tamanha atrocidade.

XX.6. (...) Nihil ergo illi mali inmatura mors attulit: omnium etiam malorum remisit patientiam.

XXI.1. “Nimis tamen cito perit et immaturus.” Primum puta illi superfuisse — comprende quantum plurimum procedere homini licet: quantum est? Ad breuissimum tempus editi, cito cessuri loco uenienti in pactum hoc prospicimus hospitium. De nostris aetatibus loquor, quas incredibili celeritate †conuoluit†? Computa urbium saecula: uidebis quam non diu steterint etiam quae uetustate gloriantur. Omnia humana breuia et caduca sunt et infiniti temporis nullam partem occupantia.

XXI.2. Terram hanc cum urbibus populisque et fluminibus et ambitu maris puncti loco ponimus ad uniuersa referentes: minorem portionem aetas nostra quam puncti habet, si omni tempori comparetur, cuius maior est mensura quam mundi, utpote cum ille se intra huius spatium totiens remetiat. Quid ergo interest id extendere cuius quantumcumque fuerit incrementum non multum aberit a nihilo? Vno modo multum est quod uiuimus, si satis est.

XXI.3. Licet mihi uiuaces et in memoriam traditae senectutis uiros nomines, centenos denosque percenseas annos: cum ad omne tempus dimiseris animum, nulla erit illa breuissimi longissimique aevi differentia, si inspecto quanto quis uixerit spatio comparaueris quanto non uixerit.

XXI.4. Deinde sibi maturus decessit; uixit enim quantum debuit uiuere, nihil illi iam ultra supererat. Non una hominibus senectus est, ut ne animalibus quidem: intra quattuordecim quaedam annos defetigauit, et haec illis longissima aetas est quae homini prima; dispar cuique uiuendi facultas data est. Nemo nimis cito moritur, quia uicturus diutius quam uixit non fuit.

XX.6. (...) Por conseguinte, a morte prematura não lhe²⁷⁷ trouxe nenhum mal: até o poupou a ter de suportar todos os males.

XXI.1. “Ainda assim, morreu demasiado cedo e prematuramente.” Primeiro, supõe que ele sobreviveu, – calcula o máximo de tempo que é lícito a um homem prolongar a vida: quantos anos são? Nascidos para um brevíssimo tempo e destinados a ceder rapidamente o lugar a outro que avança, entrevemos esta pousada imposta. Refiro-me à nossa vida, que se desenrola com incrível rapidez? Calcula a idade das cidades: verás que não se conservaram de pé durante muito tempo até mesmo as que se vangloriam da sua antiguidade. Tudo o que é humano é breve e não ocupa parte nenhuma do tempo infinito.

XXI.2. Esta terra, com as suas cidades e povos e os seus rios e o mar que a circunda, se for medida em referência ao universo, podemos considerá-la um mero ponto: a nossa vida ocupa uma porção menor do que um ponto se for comparada com o tempo na sua totalidade, cuja medida é maior do que a do mundo, visto que o mundo se mede e volta a medir tantas vezes dentro do espaço deste [do tempo]. Que importa então prolongar aquilo cujo aumento, por maior que seja, não se afastará muito do nada? Só de um modo é muito o que vivemos, se é suficiente.

XXI.3. Ainda que me cites pessoas que viveram muito tempo, e de uma velhice que se tornou proverbial, e ainda que contabilizes cento e dez anos para cada uma: quando dirigires o teu espírito para a eternidade, será nula a diferença entre a vida mais breve e a mais longa se, depois de considerares quanto tempo alguém viveu, o comparares com quanto não viveu.

XXI.4. Além disso, morreu na idade própria para ele; pois viveu quanto devia viver, já não lhe sobrava nada. Não há uma só velhice para os homens, como nem sequer há uma só para os animais: a uns esgotou-os a velhice ao fim de catorze anos, e para eles é longuíssima esta idade que para os homens é a primeira; a cada um foi dada uma esperança de vida distinta. Ninguém morre demasiado cedo, porque não havia de viver mais do que viveu.

²⁷⁷ *illi*: o discurso retorna ao filho de Márcia, Metílio.

XXI.5. Fixus est cuique terminus: manebit semper ubi positus est nec illum ulterius diligentia aut gratia promouebit. Sic habe, te illum [ulterius diligentiam] ex consilio perdidisse: tulit suum

“metasque dati peruenit ad aevi.”

XXI.6. Non est itaque quod sic te oneres: “Potuit diutius uiuere”. Non est interrupta eius uita nec umquam se annis casus intericit. Soluitur quod cuique promissum est; eunt uia sua fata nec adiciunt quicquam nec ex promisso semel demunt. Frustra uota ac studia sunt: habebit quisque quantum illi dies primus adscripsit. Ex illo quo primum lucem uidit iter mortis ingressus est accessitque fato propior et illi ipsi qui adiciebantur adulescentiae anni uitae detrahebantur.

XXI.7. In hoc omnes errore uersamur, ut non putemus ad mortem nisi senes inclinatosque iam uergere, cum illo infantia statim et iuuenta, omnis aetas ferat. Agunt opus suum fata: nobis sensum nostrae necis auferunt, quoque facilius obrepat, mors sub ipso uitae nomine latet: infantiam in se pueritia conuertit, pueritiam pubertas, iuuenem senex abstulit. Incrementa ipsa, si bene computes, damna sunt.

XXII.1. Quereris, Marcia, non tam diu filium tuum uixisse quam potuisset? Vnde enim scis an diutius illi expedierit uiuere, an illi hac morte consultum sit? Quemquam inuenire hodie potes cuius res tam bene positae fundataeque sint ut nihil illi procedente tempore timendum sit? Labant humana ac fluunt neque ulla pars uitae nostrae tam obnoxia aut tenera est quam quae maxime placet, ideoque felicissimis optanda mors est, quia in tanta inconstantia turbaque rerum nihil nisi quod praeterit certum est.

XXI.5. Foi fixado um limite para cada um: permanecerá sempre onde foi colocado e a diligência ou o favor não o fará avançar. Assim, convence-te de que o perdeste de acordo com um plano fora do alcance da tua diligência: ele teve o que lhe cabia

“e alcançou a meta do tempo que lhe foi concedido”²⁷⁸.

XXI.6. Não há, portanto, razão para que te deixes abater: “Podia viver mais tempo”. Não se interrompeu a vida dele nem nunca o acaso se introduz entre o curso dos anos. É pago aquilo que é prometido a cada um; os fados seguem o seu caminho e não adicionam nem tiram nada ao que uma vez foi prometido. São inúteis as súplicas e os desvelos: cada um terá quanto o primeiro dia lhe atribuiu. Desde esse dia em que viu a luz pela primeira vez, iniciou o caminho da morte e foi-se aproximando do seu destino e aqueles mesmos anos que se iam adicionando à sua juventude iam sendo subtraídos à sua vida.

XXI.7. Todos nos debatemos neste erro, a ponto de pensarmos que só os velhos e os alquebrados se inclinam para a morte, quando de facto logo a infância, a meia-idade²⁷⁹ e toda a vida subitamente nos conduzem para lá. Os fados levam a cabo o seu trabalho: tiram-nos a consciência da nossa morte e, para se insinuar mais facilmente, a morte oculta-se sob o próprio nome da vida: a puerícia converte em si a infância, a puberdade levou consigo a puerícia, e o velho o jovem. Os próprios progressos, se fizeres bem as contas, são danos.

XXII.1. Queixas-te, Márcia, de que o teu filho não viveu tanto quanto teria podido viver? Como sabes se para ele teria sido vantajoso viver durante mais tempo, ou se com essa morte se velou por ele? Quem podes encontrar hoje cuja situação esteja tão bem estabelecida e firme que nada deva temer com o passar do tempo? As coisas humanas vacilam e desvanecem-se e nenhuma parte da nossa vida é tão frágil e delicada quanto a que mais nos agrada, e por isso a morte deve ser desejada pelos mais felizes, porque no meio de tamanha inconstância e desordem das coisas, nada, a não ser o que passou, é certo.

²⁷⁸ Vergílio, *Aen.* 10.472. Séneca cita os versos referentes à iminência do fim da vida de Turno (*etiam sua Turnum / fata uocant metasque dati peruenit ad aeu*).

²⁷⁹ Na qualificação das idades do homem, a *iuuenta* para os Romanos era entre os 30 e os 45 anos.

XXII.2. Quis tibi recipit illud fili tui pulcherrimum corpus et summa pudoris custodia inter luxuriosae urbis oculos conseruatum potuisse tot morbos ita euadere ut ad senectutem inlaesum perferret formae decus? Cogita animi mille labes; neque enim recta ingenia qualem in adulescentia spem sui fecerant usque in senectutem pertulerunt, sed interuersa plerumque sunt: aut sera eoque foedior luxuria inuasit coepitque dehonestare speciosa principia, aut in popinam uentremque procubuerunt toti summaque illis curarum fuit quid essent, quid biberent.

XXII.3. Adice incendia ruinas naufragia lacerationesque medicorum ossa uiuis legentium et totas in uiscera manus demittentium et non per simplicem dolorem pudenda curantium; post haec exilium (non fuit innocentior filius tuus quam Rutilius), carcerem (non fuit sapientior quam Socrates), uoluntario uulnere transfixum pectus (non fuit sanctior quam Cato): cum ista perspexeris, scies optime cum iis agi quos natura, quia illos hoc manebat uitae stipendium, cito in tutum recepit. Nihil est tam fallax quam uita humana, nihil tam insidiosum: non mehercules quisquam illam accepisset, nisi daretur ignorantibus. Itaque si felicissimum est non nasci, proximum est, puto, breui aetate defunctos cito in integrum restitui.

XXII.2. Quem te garante que aquele belíssimo corpo do teu filho, conservado com a extrema salvaguarda do seu pudor e entre os olhares de uma cidade dissoluta, podia escapar a tantas enfermidades, de modo a manter ilesa, até à velhice, a glória da sua beleza? Pensa nos milhares de ignomínias do espírito; de facto, nem os de índole recta mantiveram até à velhice a esperança em si tal qual a asseguraram na juventude, mas desencaminharam-se a maior parte das vezes²⁸⁰: ou uma tardia, e por isso mais vergonhosa, lúxuria os invadiu e começou a desonrar os seus belos princípios, ou entregaram-se todos à taberna e ao ventre e para eles a maior preocupação foi o que comeriam e beberiam²⁸¹.

XXII.3. Acrescenta os incêndios, os desmoronamentos, os naufrágios e as dilacerações dos médicos que trepanam os ossos aos vivos²⁸² e mergulham as suas mãos nas entranhas e curam as partes pudendas com uma dor não simples; acrescenta depois o exílio (o teu filho não foi mais inocente do que Rutílio²⁸³), o cárcere (não foi mais sábio do que Sócrates), o peito trespassado por uma ferida voluntária (não foi mais venerável do que Catão²⁸⁴): quando tiveres examinado bem estas coisas, perceberás que a natureza agiu da melhor maneira com aqueles que cedo recolheu para um lugar seguro, porque era esse o tributo que a vida lhes reservara. Nada é tão falaz como a vida humana, nada é tão insidioso: por Hércules, ninguém a teria aceitado se não fosse concedida a quem a não conhece! De modo que, se a maior felicidade é não nascer, o que mais se aproxima é, julgo eu, serem restituídos rapidamente ao estado original aqueles que cumpriram uma breve vida.

²⁸⁰ *neque enim recta ingenia... usque in senectutem pertulerunt*: apresenta-se aqui a ideia de que a velhice está sujeita à decadência moral.

²⁸¹ *summaque illis curarum fuit quid essent, quid biberent*: Séneca condenava a entrega aos prazeres do estômago e fazia-o mediante veementes ataques à ostentação que força o homem a gastar demasiado tempo e dinheiro com o estômago (cf. *Ep.* 60.2-4).

²⁸² A mesma expressão surge em *Prou.* 3. Refere-se, sem dúvida, a ossos previamente partidos. Para Cid Luna (2008^R: 98), Séneca talvez "recarga las (negras) tintas, jugando aquí com el frecuente significado funerario de la expresión *ossa legere* ('recoger las cenizas de los muertos'), en oxímoro con la apostilla *uiuis* ('a los vivos')". Cid Luna afirma, ainda, que se costuma traduzir por 'inspeccionam' ou 'extraem' ou, mais precisamente, 'trepanam'.

²⁸³ Públio Rutílio Rufo, mencionado como *exemplum* repetidamente em vários diálogos de Séneca (e.g. *Prou.* 3; *Ep.* 98.12; *Tranq.* 16.1), considerado por Veleio Patérculo *uirum non saeculi sui, sed omnis aevi optimum* (2.13.2), foi exilado (92 a.C.), vítima de uma conspiração dos cobradores de impostos (a cujos abusos se tinha oposto), depois de se defender a si mesmo num processo iníquo (cf. Cícero, *De Orat.* 1.228-29; *Brut.* 115), foi acusado, por sua vez, pelo mesmo delito que imputava aos *publicani*. Não quis regressar a Roma, embora Sula o tenha solicitado.

²⁸⁴ O adjectivo *sanctus*, aqui predicativo de Catão, significava já no latim clássico 'virtuoso, venerável, sagrado' (cf. *Marc.* 24.3).

XXII.4. Propone illud acerbissimum tibi tempus, quo Seianus patrem tuum clienti suo Satrio Secundo congiarium dedit. Irascebatur illi ob unum aut alterum liberius dictum, quod tacitus ferre non potuerat Seianum in ceruices nostras ne inponi quidem sed escendere. Decernebatur illi statua in Pompei theatro ponenda, quod exustum Caesar reficiebat: exclamavit Cordus tunc uere theatrum perire.

XXII.5. Quid ergo? Non rumperetur supra cineres Cn. Pompei constitui Seianum et in monumentis maximi imperatoris consecrari perfidum militem? †Consignatur†²⁸⁵ subscriptio, et acerrimi canes, quos ille, ut sibi uni mansuetos, omnibus feros haberet, sanguine humano pascebat, circumlatrare hominem etiam illo in peri<culo inpertub>atum²⁸⁶ incipiunt.

XXII.6. Quid faceret? Si uiuere uellet, Seianus rogandus erat, si mori, filia, uterque inexorabilis: constituit filiam fallere. Vsus itaque balineo quo plus uirium poneret, in cubiculum se quasi gustaturus contulit et dimissis pueris quaedam per fenestram, ut uideretur edisse, proiecit; a cena deinde, quasi iam satis in cubiculo edisset, abstinuit. Altero quoque die et tertio idem fecit; quartus ipsa infirmitate corporis faciebat indicium. Complexus itaque te, “Carissima” inquit “filia et hoc unum tota celata uita, iter mortis ingressus sum et iam medium fere teneo; reuocare me nec debes nec potes.” Atque ita iussit lumen omne praecludi et se in tenebras condidit.

²⁸⁵ *Consignatur*: Manning (1981: 131) observa que a leitura do manuscrito é claramente impossível, e que foram feitas várias conjecturas, mas nenhuma delas recebeu aprovação universal. Assim, baseando-nos nas escolhas de estudiosos como Basore, Traina e Traglia, aceitamos a conjectura de Waltz, em detrimento da sugestão de Reynolds (†Consecratur†).

²⁸⁶ *etiam illo in peri<culo inpertub>atum*: Reynolds, pensa no aparato em *etiam illo periculo interritum*, mas tem no texto †*etiam illum imperiatum*†. Optámos pela conjectura de Traina, que observa preferir o termo *inperturbatum*, proposto por Waltz, e frequente em Sêneca como atributo do sábio estóico.

XXII.4. Recorda-te daquele tempo, amaríssimo para ti, em que Sejano deu o teu pai como presente²⁸⁷ ao seu cliente Sátrio Secundo. Encolerizava-se com ele por causa de uma ou outra palavra mais franca, porque o teu pai não pudera suportar em silêncio que se tenha colocado um Sejano sobre as nossas cabeças, ou melhor, que ele tenha subido para cima delas. Tinha sido decretado que se erigisse em honra dele²⁸⁸ uma estátua no teatro de Pompeio, que, destruído pelo fogo, César²⁸⁹ reconstruía²⁹⁰: Cordo exclamou que então de verdade percia o teatro.

XXII.5. Pois quê? Não era para explodir que sobre as cinzas de Gneu Pompeio²⁹¹ fosse colocado Sejano e que um soldado traidor fosse consagrado no monumento do tão magno general? Foi assinado o acto de acusação, e os ferocíssimos cães, que ele alimentava com sangue humano, para que fossem mansos unicamente para ele e feros para os demais, começam a ladrar em redor daquele homem, que mesmo naquele perigo se manteve imperturbável.

XXII.6. O que poderia fazer? Se quisesse viver, teria de suplicar a Sejano, se quisesse morrer, a sua filha, um e outra inexoráveis: decidiu enganar a filha. E assim, tomou um banho com o qual gastasse mais das suas forças, dirigiu-se para o quarto como se fosse merendar e, tendo dispensado os escravos, lançou pela janela uma parte [dos alimentos], para que parecesse que havia comido; depois, prescindiu da ceia²⁹², como se já tivesse comido o suficiente no quarto. Fez o mesmo também no segundo e no terceiro dia; no quarto dia, denunciava-o a própria debilidade do corpo. Então, abraçando-te, disse: “Queridíssima filha, em toda a vida unicamente isto te ocultei, entrei no caminho da morte e já vou quase a meio; não debes nem podes fazer-me voltar atrás.” E assim, ordenou que se vedasse todo o acesso à luz e sepultou-se nas trevas.

²⁸⁷ *congiarium*: donativo em géneros ou dinheiro, que, no princípio, o general fazia aos seus soldados e que mais tarde os imperadores ou os patronos distribuíam entre os seus súbditos e clientes. Tácito menciona um segundo cliente, Pinário Nata (*Ann.* 4.34).

²⁸⁸ De Sejano.

²⁸⁹ Tibério.

²⁹⁰ *Pompei theatro*: trata-se do primeiro teatro romano de pedra, dedicado provavelmente durante o segundo consulado de Pompeio (55 a.C.); Augusto restaurou-o em 32 a.C. e trasladou para ali a estátua daquele general, que estava na Cúria de Pompeio e a cujos pés tinha sido assassinado César; em 22 d.C., Tibério iniciou as obras de restauração que Calígula concluirá, sendo dedicado por Cláudio. A decisão do Senado de erguer a estátua de Sejano é relatada também por Tácito, *Ann.* 3.72.

²⁹¹ *supra cineres*: a expressão não está à letra, pois o teatro de Pompeio podia considerar-se um monumento a Pompeio, mas não era o seu túmulo, já que este tinha sido morto e enterrado no Egipto (cf. Plut. *Pompeius* 80).

²⁹² *cena*: traduzimos por ‘ceia’, mas a *cena* latina corresponde mais ao que hoje entendemos por ‘jantar’, sendo a refeição mais abundante e principal do dia dos Romanos.

XXII.7. Cognito consilio eius publica uoluptas erat, quod e faucibus auidissimorum luporum educeretur praeda. Accusatores auctore Seiano adeunt consulum tribunalia, queruntur mori Cordum, ut interpellarent quod coegerant: adeo illis Cordus uidebatur effugere. Magna res erat in quaestione, an mortis <ius> rei perderent; dum deliberatur, dum accusatores iterum adeunt, ille se absoluerat.

XXII.8. Videsne, Marcia, quantae iniquorum temporum uices ex inopinato ingruant? Fles, quod alicui tuorum mori necesse fuit? Paene non licuit.

XXIII.1. Praeter hoc quod omne futurum incertum est et ad deteriora certius, facillimum ad superos iter est animis cito ab humana conuersatione dimissis; minimum enim faecis, ponderis traxerunt. Antequam obdurescerent et altius terrena conciperent liberati leuiiores ad originem suam reuolant et facilius quidquid est illud obsoleti inlitique eluunt.

XXIII.2. Nec umquam magnis ingeniis cara in corpore mora est; exire atque erumpere gestiunt, aegre has angustias ferunt, uagari per omne sublimes et ex alto adsueta humana despiciere. Inde est quod Platon clamat: sapientis animum totum in mortem prominere, hoc uelle, hoc meditari, hac semper cupidine ferri in exteriora tendentem.

XXII.7. Conhecida a sua resolução, o regozijo foi geral, porque a presa fora arrancada das fauces dos lobos avidíssimos. Os acusadores, por instigação de Sejano, dirigem-se aos tribunais dos cônsules, queixam-se de que Cordo está a morrer, com a finalidade de interromperem o que haviam constrangido: a tal ponto lhes parecia que Cordo lhes escapava²⁹³. Estava em questão um assunto importante: se perdiam o direito à morte do réu; enquanto se deliberava, enquanto os acusadores acudiam pela segunda vez, ele absolvera-se a si mesmo.

XXII.8. Vês, Márcia, quantas vicissitudes dos tempos injustos sobrevêm de improviso? Choras porque a um dos teus foi necessário morrer? A outro quase não lhe foi permitido.

XXIII.1. Além do facto de todo o futuro ser incerto, e mais certo para o pior, é fácilímo o caminho para os deuses para as almas que prematuramente abandonaram o convívio humano; pois arrastaram o mínimo de impureza, o mínimo de peso. Antes de se tornarem insensíveis e de acolherem mais profundamente as coisas terrenas, libertados, mais leves, voltam a voar para a sua origem²⁹⁴ e purificam-se mais facilmente de tudo aquilo que é desprezível e artificial.

XXIII.2. E para os grandes espíritos nunca é agradável a longa permanência no corpo; anseiam por partir e precipitam-se para fora, suportam a custo estas estreitezas, acostumados que estão a mover-se nas alturas por todo o universo, e a contemplar do alto as coisas humanas. Daí que Platão diga bem alto: a alma do sábio estende-se inteira para a morte, deseja nisso, medita sobre isso, é sempre levada por este desejo tendendo para as coisas mais além²⁹⁵.

²⁹³ A condenação dos acusados *de maiestate* (de lesa-majestade) comportava, no melhor dos casos, a confiscação dos seus bens (cuja quarta parte se entregava em recompensa aos seus acusadores), mas frequentemente àquela pena juntava-se a do exílio ou a morte, e, neste caso, também a proibição de honras fúnebres (cf. Cid Luna, 2008R: 101).

²⁹⁴ *ad originem suam*: cf. *Helu.* 6.7 e *Nat. I. praef.* 12: [animus] *uinculis* [corporis] *liberatus, in originem redit*.

²⁹⁵ Esta ideia pode ser encontrada ao longo do diálogo platónico *Fédon* (e.g. *Phaed.* 64A, 67D-E). Cícero atribui-a a Platão, de modo mais condensado: a vida dos filósofos é uma meditação sobre a morte (*Tusc.* 1.75).

XXIII.3. Quid? Tu, Marcia, cum uideres senilem in iuvene prudentiam, uictorem omnium uoluptatum animum, emendatum, carentem uitio, diuitias sine auaritia, honores sine ambitione, uoluptates sine luxuria adpetentem, diu tibi putabas illum sospitem posse contingere? Quidquid ad summum peruenit ab exitu prope est. Eripit se aufertque ex oculis perfecta uirtus, nec ultimum tempus expectant quae in primo maturuerunt.

XXIII.4. Ignis quo clarior fulsit citius extinguatur; uiuacior est qui cum lenta ac difficili materia commissus fumoque demersus ex sordido lucet; eadem enim detinet causa quae maligne alit. Sic ingenia quo inlustriora, breuiora sunt; nam ubi incremento locus non est, uicinus occasus est.

XXIII.5. Fabianus ait, id quod nostri quoque parentes uidere, puerum Romae fuisse statura ingentis uiri †ante†; sed hic cito decessit, et moriturum breui nemo <non> prudens dixit; non poterat enim ad illam aetatem peruenire quam praeceperat. Ita est: indicium imminentis exitii nimia maturitas est; adpetit finis ubi incrementa consumpta sunt.

XXIV.1. Incipe uirtutibus illum, non annis aestimare; satis diu uixit. Pupillus relictus sub tutorum cura usque ad quartum decimum annum fuit, sub matris tutela semper. Cum haberet suos penates, relinquere tuos noluit et in materno contubernio, cum uix paternum liberi ferant, perseuerauit. Adulescens statura, pulchritudine, certo corporis robore castris natus militiam recusauit, ne a te discederet.

XXIII.3. E então? Tu, Márcia, como visses nesse jovem a prudência própria de um velho, um espírito vencedor de todos os prazeres sensuais, irrepreensível, isento de defeitos, que procurava riquezas sem avareza, honras sem ambição, prazeres sem luxúria, pensavas que podias tê-lo são e salvo por muito tempo? Tudo o que atinge a perfeição está próximo do fim. A virtude perfeita esquiva-se e subtrai-se aos nossos olhares, e as coisas que amadureceram depressa não esperam até ao último momento.

XXIII.4. O fogo, quanto mais claro brilha, mais rapidamente se extingue; é mais vivaz aquele que é ateado com uma madeira lenta e difícil [de queimar] e, imerso no fumo, brilha do meio do escuro: de facto, demora-o a mesma causa que o alimenta parcamente. Assim também os espíritos quanto mais brilhantes, mais breves são; pois quando não há lugar para o incremento, a destruição está próxima.

XXIII.5. Conta Fabiano²⁹⁶ – o que também os nossos pais viram – que houve outrora em Roma um menino com a estatura de um homem alto; mas faleceu prematuramente, e todas as pessoas sensatas tinham dito que ele morreria em breve; com efeito, não podia chegar àquela idade que já tinha alcançado. Assim é: uma excessiva maturidade é indício de um fim iminente; avizinha-se o fim quando o crescimento se esgotou.

XXIV.1. Começa a valorizá-lo pelas suas virtudes, não pela sua idade; ele viveu o suficiente. Órfão, foi deixado ao cuidado de tutores até aos catorze anos, sempre sob a tutela da mãe. Embora ele tivesse os seus próprios penates²⁹⁷, não quis abandonar os teus e manteve-se na companhia²⁹⁸ materna, quando os filhos mal suportam a paterna. Enquanto jovem, e ainda que por estatura, por beleza, por uma indiscutível força corporal, tenha nascido para o acampamento, recusou a milícia para não se separar de ti.

²⁹⁶ Papírio Fabiano, discípulo de Quinto Sêxtio, foi mestre de Sêneca que o cita frequentemente, elogiando a sua vida, cultura e eloquência (*Ep.* 40.12), e coloca os seus escritos filosóficos logo depois dos de Cícero, Asínio Polião e Tito Lívio (*Ep.* 100.9).

²⁹⁷ Cf. *Marc.* 16.4, nota.

²⁹⁸ *contubernium*: o termo latino empregado aqui por Sêneca significa tanto o alojamento compartilhado pelos soldados como – e esta é a acepção que aqui nos interessa – a convivência instrutiva, durante uma campanha militar, de um jovem com um general amigo da sua família (cf. Cid Luna, 2008: 103).

XXIV.2. Computa, Marcia, quam raro liberos uideant quae in diuersis domibus habitant; cogita tot illos perire annos matribus et per sollicitudinem exigi quibus filios in exercitu habent: scies multum patuisse hoc tempus ex quo nil perdidisti. Numquam e conspectu tuo recessit; sub oculis tuis studia formauit excellentis ingeni et aequaturi auum nisi obstitisset uerecundia, quae multorum profectus silentio pressit.

XXIV.3. Adulescens rarissimae formae in tam magna feminarum turba uiros corrumpentium nullius se spei praebuit, et cum quarundam usque ad temptandum peruenisset inprobitas, erubuit quasi peccasset quod placuerat. Hac sanctitate morum effecit ut puer admodum dignus sacerdotio uideretur materna sine dubio suffragatione, sed ne mater quidem nisi pro bono candidato ualuisset.

XXIV.4. Harum contemplatione uirtutum filium gere quasi <sinu>. Nunc ille tibi magis uacat, nunc nihil habet quo auocetur; numquam tibi sollicitudini, numquam maerori erit. Quod unum ex tam bono filio poteras dolere, doluisti: cetera, exempta casibus, plena uoluptatis sunt, si modo uti filio scis, si modo quid in illo pretiosissimum fuerit intellegis.

XXIV.2. Considera, Márcia, quão raramente vêem os seus filhos aquelas que habitam em casas diferentes; pensa que durante tantos anos estão mortos para as mães e que passam em inquietação aqueles em que os filhos estão no exército: dar-te-ás conta de que foi muito extenso este tempo, do qual nada perdeste. Ele nunca se afastou da tua vista; sob o teu olhar formou os estudos do seu excelente talento e que igualaria o avô, se não tivesse oposto a sua modéstia, a qual cobriu com o silêncio os progressos em muitas coisas.

XXIV.3. Jovem de raríssima beleza, entre tão grande multidão de mulheres corruptoras de homens, não se entregou à esperança de nenhuma, e tendo chegado a perversidade de algumas ao ponto de o tentar, ruborizou-se, como se tivesse errado, por ter agradado²⁹⁹. Com esta pureza de costumes conseguiu parecer, ainda muito criança, digno do sacerdócio, sem dúvida com o apoio materno, mas nem sequer a mãe teria sido capaz disso se ele não fosse um bom candidato³⁰⁰.

XXIV.4. Com a contemplação destas virtudes traz contigo o teu filho como se fosse no teu regaço. Agora ele está mais disponível para ti, agora não tem nada que o desvie de ti; nunca será para ti causa de inquietação, nunca de tristeza. A única coisa que podias lamentar de um filho tão bom, já o lamentaste: as demais coisas, isentas de desgraças, estão plenas de prazer, contanto que saibas usufruir do teu filho, contanto que compreendas o que nele existiu de mais precioso.

²⁹⁹ Este termo *peccatum*, como o de *sanctitas*, que aparece em seguida, adquire uma significação mais precisa e, de certo modo, nova, no chamado latim cristão.

³⁰⁰ Não se sabe qual foi o sacerdócio que Metílio desempenhou: pode ter pertencido a um *collegium* dos Arvais (sacerdotes de Ceres), ou a um *collegium* de áugures ou de sacerdotes, visto que Tácito e Lívio mencionam sacerdotes muito jovens desempenhando tais dignidades (cf. C. Codoñer, 2006⁴: 217).

XXIV.5. Imago dumtaxat fili tui perit et effigies non simillima; ipse quidem aeternus meliorisque nunc status est, despoliatus oneribus alienis et sibi relictus. Haec quae uides circumiecta nobis, ossa neruos et obductam cutem uultumque et ministras manus et cetera quibus inuoluti sumus, uincula animorum tenebraeque sunt; obruitur his, offocatur inficitur, arcetur a ueris et suis in falsa coiectus. Omne illi cum hac graui carne certamen est, ne abstrahatur et sidat; nititur illo, unde demissus est. Ibi illum aeterna requies manet ex confusis crassisque pura et liquida uisentem.

XXV.1. Proinde non est quod ad sepulcrum fili tui curras: pessima eius et ipsi molestissima istic iacent, ossa cineresque, non magis illius partes quam uestes aliaque tegimenta corporum. Integer ille nihilque in terris relinquens sui fugit et totus excessit; paulumque supra nos commoratus, dum expurgatur et inhaerentia uitia situmque omnem mortalis aeui excutit, deinde ad excelsa sublatus inter felices currit animas. Exceptit illum coetus sacer, Scipiones Catonesque, interque contemptores uitae et <mortis> beneficio liberos parens tuus, Marcia.

XXV.2. Ille nepotem suum — quamquam illic omnibus omne cognatum est — adplicat sibi noua luce gaudentem et uicinorum siderum meatus docet, nec ex coniectura sed omnium ex uero peritus in arcana naturae libens ducit; utque ignotarum urbium monstrator hospiti gratus est, ita sciscitanti caelestium causas domesticus interpret. Et in profunda terrarum permittere aciem <iubet>; iuuat enim ex alto relictia despicere.

XXIV.5. Pereceu somente a imagem do teu querido filho, e um retrato não muito semelhante; certamente, ele próprio é eterno e de melhor condição agora, despojado de pesos alheios e entregue a si mesmo. Estas coisas que vês que nos rodeiam: ossos, nervos e a pele que recobre, o rosto, as auxiliares mãos e as demais coisas pelas quais estamos envoltos, são correntes e trevas das almas; por elas a alma é oprimida, sufocada, corrompida, afastada das coisas verdadeiras e suas, lançada nas coisas falsas. Tem todo o tipo de luta com esta carne³⁰¹ pesada para não se deixar arrastar e enfraquecer; avança com esforço para o lugar de onde é proveniente. Ali aguarda-a o descanso eterno, contemplando, em lugar de coisas confusas e grosseiras, coisas puras e límpidas.

XXV.1. Por isso, não há por que corras ao sepulcro do teu filho: ali jazem as suas piores partes e as mais incômodas para ele, os ossos e as cinzas, não mais partes suas do que as vestes e outras protecções do corpo. Ele escapou-se intacto, sem deixar nada de si na terra e partiu completo; depois de se demorar um pouco sobre nós³⁰², enquanto se purificava e sacudia os defeitos arreigados e toda a sujidade própria da vida mortal, em seguida, elevando-se até ao mais alto do céu, move-se rapidamente entre as almas felizes. Acolheu-o uma assembleia³⁰³ sagrada, os Cipiões e os Catões³⁰⁴ e, entre os desprezadores da vida e livres graças à morte³⁰⁵, o teu pai, Márcia.

XXV.2. Ele encosta a si o seu neto³⁰⁶ – ainda que ali todos sejam aparentados –, que se regozija com uma nova luz e ensina-lhe o curso dos astros vizinhos, conhecedor de tudo não por conjectura mas pela verdade, condu-lo de bom grado nos segredos da natureza³⁰⁷; e assim como é agradável para o visitante aquele que mostra cidades desconhecidas, assim também ele é o intérprete familiar para o teu filho que indaga sobre as causas dos fenómenos celestes. E convida-o a lançar a vista para as profundezas da terra; com efeito, é agradável contemplar lá do alto o que se deixou.

³⁰¹ *carne*: Séneca é o primeiro e, parece, o único antes dos Cristãos, a usar *caro* em sentido depreciativo, antitético a *animus* (Cícero, em *Tusc.* 5.27, tinha usado *corpus*), em alusão ao termo epicurista σάρξ (cf. Traina, *ad loc.*).

³⁰² *supra nos*: na atmosfera ou mundo sublunar (cf. *Helu.* 20,2), em contraposição ao subsequente *excelsa*, o éter que é a parte ígnea, mais pura e periférica do cosmos (cf. *infra* 26.5 e *Polyb.* 9.8).

³⁰³ *coetus*: este é o mesmo termo usado por Cícero em *Somnium Scipionis* (*Rep.* 6.16), o modelo deste encontro ultraterreno (cf. Traina, *ad loc.*).

³⁰⁴ *Scipiones Catonesque*: Cipião Africano e Cipião Emiliano, Catão-o-Censor e Catão de Útica.

³⁰⁵ *<mortis> beneficio*: cf. *supra* 20.3.

³⁰⁶ *ille nepotem suum*: encontramos aqui a mesma situação do *Somnium Scipionis* em que Cipião Africano (em sonhos) toma a seu cargo a instrução do neto Cipião Emiliano.

³⁰⁷ Cf. *Ep.* 102.28: *aliquando naturae tibi arcana reteguntur*.

XXV.3. Sic itaque te, Marcia, gere, tamquam sub oculis patris filique posita, non illorum quos noueras, sed tanto excelsiorum et in summo locatorum. Erubescere quicquam humile aut uulgare <cogitare> et mutatos in melius tuos flere. †Aeternarum rerum per libera et uasta spatia dimissi† non illos interfusa maria discludunt nec altitudo montium aut inuiuae ualles aut incertarum uada Syrtium: omnia ibi plana³⁰⁸ et ex facili mobiles et expediti et in uicem peruii sunt intermixtique sideribus.

XXVI.1. Puta itaque ex illa arce caelesti patrem tuum, Marcia, cui tantum apud te auctoritatis erat quantum tibi apud filium tuum, non illo ingenio quo ciuilia bella defleuit, quo proscribentis in aeternum ipse proscripsit, sed tanto elatiore quanto est ipse sublimior dicere:

XXVI.2. “Cur te, filia, tam longa tenet aegritudo? Cur in tanta ueri ignorance uersaris ut inique actum cum filio tuo iudices quod integro domus statu integer ipse <se> ad maiores recepit suos? Nescis quantis fortuna procellis disturbet omnia, quam nullis benignam facilemque se praestiterit nisi qui minimum cum illa contraxerant? Regesne tibi nomen felicissimos futuros si maturius illos mors instantibus subtraxisset malis? An Romanos duces, quorum nihil magnitudini deerit si aliquid aetati detraxeris? An nobilissimos uiros clarissimosque ad ictum militaris gladii composita ceruice deformatos?”³⁰⁹

³⁰⁸ *omnia ibi plana*: Manning (1981: 147-8) observa que as lições *omnium plana* A (adoptada por Reynolds) e *omnia plana* γ dos mss. são difíceis devido à transição abrupta de região, como sujeito, para os seus habitantes, o que torna a conjectura de Waltz *omnia in plano habent* bastante atractiva, embora seja difícil explicar como é que o verbo caiu, tornando-se preferível adoptar a sugestão *omnia ibi plana* de Gertz, acolhida por Basore e por nós.

³⁰⁹ *ceruice deformatos*: diante de outras conjecturas, entre as quais a de Reynolds (*firmitos*), optámos por *deformatos*, apresentada por Manning (1981: 149) e por Traina (1987: 126) por nos parecer que faz mais sentido.

XXV.3. Por conseguinte, Márcia, comporta-te assim como se estivesses posta sob o olhar do teu pai e do teu filho, não daqueles que conhecias, mas mais excelsos e colocados num lugar mais elevado. Envergonha-te de pensar algo vil ou vulgar e de chorar os teus que mudaram para melhor. A eles que vagueiam pelos livres e vastos espaços da eternidade, não os separam os mares interpostos nem a altura das montanhas, nem os vales inviáveis nem os bancos de areia das incertas Sirtes³¹⁰: aí todas as coisas são planas e movem-se com facilidade e expeditas, e são reciprocamente atravessáveis e estão misturadas com os astros.

XXVI.1. Imagina, pois, Márcia, que o teu pai, que tinha tanta autoridade sobre ti quanto tu sobre o teu filho, desde aquela cidadela celestial, não naquela disposição com que deplorou as guerras civis, na qual ele próprio proscreeu para sempre os proscritores, mas numa disposição tanto mais elevada, quanto ele próprio é mais sublime, diz:

XXVI.2. “Porque te retém, minha filha, um tão longo desgosto? Porque permaneces numa ignorância tão grande da verdade, de modo a julgares que se agiu injustamente com o teu filho, pelo facto de, mantendo-se íntegro o estado da sua família, ele próprio se ter retirado íntegro para junto dos seus antepassados? Não sabes com que grandes tormentas a sorte perturba tudo, a que ponto não se ofereceu benigna e favorável a ninguém, a não ser aos que com ela tiveram o mínimo de relacionamento? Deverei citar-te os reis que teriam sido os mais felizes se a morte os tivesse afastado mais cedo dos males que os perseguiram? Ou aqueles generais romanos, a cuja grandeza nada faltaria se subtraíesses alguns anos à sua vida? Ou aqueles nobilíssimos e ilustríssimos homens deformados pela sua cabeça submetida ao golpe da espada de um soldado?

³¹⁰ *Syrtium*: célebres escolhos, por antonomásia, situados na costa entre Cartago e Cirene: a Grande Sirte (*Syrtes maior*) a este, e a Pequena Sirte (*Syrtes minor*), a oeste.

XXVI.3. Respice patrem atque auum tuum: ille in alieni percussoris uenit arbitrium; ego nihil in me cuiquam permisi et cibo prohibitus ostendi tam magno me quam uiuebam animo scripsisse. Cur in domo nostra diutissime lugetur qui felicissime moritur? Coimus omnes in unum uidemusque non alta nocte circumdati nil apud uos, ut putatis, optabile, nil excelsum, nil splendidum, sed humilia cuncta et grauia et anxia et quotam partem luminis nostri cernentia!

XXVI.4. Quid dicam nulla hic arma mutuis furere concursibus nec classes classibus frangi nec parricidia aut fingi aut cogitari nec fora litibus strepere dies perpetuos, nihil in obscuro, detectas mentes³¹¹ et aperta praecordia et in publico medioque uitam et omnis aeui prospectum uenientiumque?

XXVI.5. Iuuabat unius me saeculi facta componere in parte ultima mundi et inter paucissimos gesta: tot saecula, tot aetatium contextum, seriem, quidquid annorum est, licet uisere; licet surrectura, licet ruitura regna prospicere et magnarum urbium lapsus et maris nouos cursus.

³¹¹ *detectas mentes*: A. Traina (*ad. loc.*) comenta que é curioso que também este motivo retorne na *consolatio* cristã. Cf. Agostinho, *Ep.* 92.2.

XXVI.3. Observa o teu pai e o teu avô: este caiu sob o poder de um assassino estrangeiro³¹²; eu não permiti a ninguém que exercesse poder sobre mim e, abstendo-me de alimento³¹³, mostrei ter escrito com a mesma grandeza de ânimo com que vivia. Por que razão em nossa casa se pranteia por muito mais tempo aquele que morreu de modo mais feliz? Estamos todos reunidos no mesmo lugar e vemos, sem que nos cerque uma profunda treva, que nada do que está junto de vós é, como pensais, desejável, nada é notório, nada é glorioso, mas que tudo é baixo, penoso, angustioso e partícipe de uma quota-parte da nossa luz!

XXVI.4. Que poderei dizer? Que aqui as armas não se enfurecem com o entrechocar, e as armadas não são despedaçadas por outras armadas, que nem se imaginam nem se premeditam parricídios, e os fóruns não retumbam com pleitos dias sem fim, que nada está na obscuridade, mas que as mentes estão a descoberto e os corações abertos, e que a vida está exposta e à vista de todos, e que existe a contemplação de todo o tempo passado e futuro?

XXVI.5. Agradava-me compor os feitos de um único século, realizados na mais remota região do universo³¹⁴ e entre pouquíssimos homens: agora é-me permitido ver tantos séculos, a sucessão e a série de tantas épocas, tudo o que surge de anos; é-me permitido prever os reinos que se erguem, os que se vão arruinar e a queda das grandes cidades e os novos cursos do mar.

³¹² *auum*: de acordo com C. Codoñer (2006: 219), esta é a única notícia que temos sobre o pai de Cremúcio Cordo, que foi assassinado em circunstâncias desconhecidas e pode ter sido vítima da guerra civil ou das proscricções.

³¹³ *cibo prohibitus*: cf. Tac. *Ann.* 4.35.5: *uitam abstinentia finiuit*.

³¹⁴ *in parte ultima mundi*: a terra, remota do ponto de vista daquele que fala do céu. Cf. Cic. *Rep.* 6.12.

XXVI.6. Nam si tibi potest solacio esse desiderii tui commune fatum, nihil quo stat loco stabit, omnia sternet abducatque secum uetustas. Nec hominibus solum (quota enim ista fortuitae potentiae portio est?) sed locis, sed regionibus, sed mundi partibus ludet. Totos supprimet montes et alibi rupes in altum nouas exprimet; maria sorbebit, flumina auertet et commercio gentium rupto societatem generis humani coetumque dissoluet; alibi hiatis uastis subducat urbes, tremoribus quatiet, et ex infimo pestilentiae halitus mittet et inundationibus quidquid habitatur obducat necabitque omne animal orbe submerso et ignibus uastis torreat incendetque mortalia. Et cum tempus aduenerit quo se mundus renouaturus extinguat, uiribus ista se suis cadent et sidera sideribus incurrent et omni flagrante materia uno igni quidquid nunc ex disposito lucet ardebit.

XXVI.7. Nos quoque felices animae et aeterna sortitae, cum deo uisum erit iterum ista moliri, labentibus cunctis et ipsae parua ruinae ingentis accessio in antiqua elementa uertemur.”

Felicem filium tuum, Marcia, qui ista iam nouit!

XXVI.6.³¹⁵ De facto, se o fado comum pode servir de consolo à tua saudade, nada se manterá de pé no lugar em que se mantém agora de pé, a passagem do tempo tudo derrubará e levará consigo. E jogará não só com os homens (pois que porção é essa do poder do acaso?), mas também com lugares, com regiões, com partes do mundo. Suprimirá montanhas inteiras e, noutro sítio, moldará novas rochas para as alturas; trará os mares, desviará rios e, interrompido o comércio entre os povos, dissolverá a sociedade e a união do género humano; noutro sítio, puxará cidades para profundos abismos, sacudi-las-á com tremores e enviará desde as profundidades exalações pestilentas, cobrirá com inundações tudo o que seja habitado³¹⁶, e, submerso o mundo, matará todos os seres vivos e abrasará com fogo desmesurado e queimará tudo o que é mortal. E quando chegar o tempo³¹⁷ em que o mundo se extinguirá para se renovar, essas coisas autodestruir-se-ão³¹⁸ e os astros chocarão com os astros e, inflamada toda a matéria, um só fogo fará arder tudo o que agora brilha ordenadamente.

XXVI.7. Também nós, almas felizes e destinadas à eternidade, quando agradar de novo a deus reconstruir estas coisas, também nós, pequena parte nós próprios, na destruição universal da imensa ruína, transformar-nos-emos nos antigos elementos”³¹⁹.

Feliz o teu filho, Márcia, que já conhece estas coisas!

³¹⁵ 26.6-7: nestes parágrafos, Séneca expõe a concepção estoica da renovação periódica do universo, a παλιγγενεσία ou palingénese, mediante o fogo, a ἐκπύρωσις ou *conflagratio*, ou a água, κατακλισμός, (cf. *Nat.* III.28.7; *ibid.* III.13.2: *ignis exitus mundi est*). A destruição podia ser pelo fogo (*conflagratio*, ἐκπύρωσις) ou pela água (ο κατακλισμός). Do mesmo modo, as almas, depois de terem sobrevivido à morte do corpo, acabam – ao fim de uma longa série de séculos – por retornar aos elementos que as constituem.

³¹⁶ *et inundationibus quidquid habitatur obducet*: Séneca refere-se às cheias que podem ocorrer variadas vezes entre os ciclos cósmicos das ἐκπυρώσεις.

³¹⁷ *tempus*: a destruição do universo, que encerra um ciclo cósmico e inicia um outro.

³¹⁸ *uiribus suis*: eco de Horácio, *Epod.* 16.2: *suis et ipsa Roma viribus ruit*.

³¹⁹ *uertemur*: em conformidade com a escatologia estoica, segundo Cícero (*Tusc.* 1.78): *Stoici (...) diu mansuros aiunt animos, semper negant*.

**Notas de Comentário
à
Consolação a Márcia**

1.

O capítulo introdutório de *Ad Marciam* pode-se dividir em duas secções conforme dois elementos retóricos constitutivos do *exordium*: o tratamento *ab auditorum persona* e o tratamento *ab rebus ipsis*, sendo que, na primeira secção (1.1-1.4), Séneca trata das virtudes de Márcia e constitui uma espécie de *captatio beneuolentiae*, enquanto na segunda (1.5-1.8) delineia o tratamento que tenciona aplicar ao mal de Márcia. A segunda secção do *exordium*, que trata da natureza da abordagem que Séneca empreenderá, pode ser vista como uma tentativa de introduzir a *res*, como era recomendado pelos retores. Cf. Manning, 1981: 27 e Lillo Redonet, 2001: 223.

O desenvolvimento de *ab auditorum persona* apresenta características especiais em *Ad Marciam* uma vez que se relaciona com a concepção de *ab auditorum persona* da *Rhetorica ad Herennium*, e devemos ter em conta que a preceptiva retórica estava direccionada para o *genus iudiciale* (cf. Lillo Redonet, 2001: 223). Na *Rhetorica ad Herennium* uma das formas de captar a *benuevolentia* dos juízes era o seu elogio (cf. *Rhet. Her.* 1.8). Séneca transpõe o preceito do *genus iudicale* para o âmbito consolatório e, deste modo, se o elogio dos juízes se realiza com a referência aos seus bons julgamentos do passado, o elogio de Márcia realizar-se-á recordando os seus *antiqua mala* e realçando o seu anterior comportamento corajoso. Assim, Séneca traça a abordagem como se fosse um advogado, e retrata-se a si mesmo como defensor da *fortuna* de Márcia, sendo Márcia a juíza. Neste passo, verifica-se o uso de terminologia típica do *genus iudiciale*: *tam iniquo tempore, tam inimico iudice, tam inuidioso crimine... ut fortunam tuam absolueres... Fiduciam mihi dedit....*

Na primeira secção, destaca-se o uso de recursos retóricos como o *tricolon* - *tam iniquo tempore, tam inimico iudice, tam inuidioso crimine* -, a *traiectio* de *pietas* e *impie* (1.2), a *repetitio* de *optime* (1.3), e o clímax da mesma secção em que existem três orações temporais todas iniciadas por *quamdiu*, a última das quais contém três interrogativas indirectas iniciadas por *quid* e a terceira destas conclui com o *tricolon*: *ingenio, animo, manu liber* (cf. Manning, 1981: 27).

O *topos* do momento apropriado para consolar estava já presente nas nas cartas consolatórias de Cícero, que os desenvolvia muito brevemente, Nesses exemplos Cícero desenvolvia o *topos* muito brevemente, mas nas consolações de Séneca o *topos* é apresentado amplamente e mediante uma fraseologia típica em que se inclui a metáfora médica. No caso de Hélvia (*Helu.* 1.2; 3.1), Séneca diagnostica a dor como sendo *recens*, e perante essa situação o consolador devia esperar para que o tempo atenuasse a

dor de sorte a que pudesse ser atacada. Em *Ad Marciam*, pelo contrário, o *dolor* era qualificado não como *recens* mas como *inueteratus* (qualificação que lhe é atribuída indirectamente em 1.8) e assim será descrito no diagnóstico que Sêneca faz da dor de Márcia. O método de Sêneca para lutar contra a dor de Márcia concretiza-se na abertura de feridas anteriores ou *antiqua mala* que ela enfrentou corajosamente no passado (1.3-1.4), reduzidos ao exemplo da morte de seu pai Cremúcio Cordo, e esse mal anterior é comparado ao mal presente: *ut scires hanc quoque plagam esse sanandam ostendi tibi aequae magni uulneris cicatricem* (1.5). A metáfora médica, presente em *plagam esse sanandam, magni uulneris cicatricem* (1.5), *leniore medicina* (1.8) e em toda a frase *Nam uulnerum... in malum ulcus uerterunt* (1.8), ocorre igualmente em textos gregos arcaicos (e.g. Homero, *Ilíada* 9.436; 15.393), é introduzida na literatura filosófica por Platão (e.g. *Ti.* 87C ss.) e desenvolvida e usada amplamente pelos Estóicos. Para os Estóicos, as emoções (*πάθη*, *passiones*) eram doenças do espírito: Crisipo dedica grande atenção à comparação delas com doenças corporais (Cic. *Tusc.* 4.23) e descreve o sofrimento como *tumor animi* (*ibid.* 4.67). Sêneca usa imagética semelhante ao escrever a sua mãe (*Helu.* 1.1-1.2; 2; 15.4).

Sêneca primeiro apresenta o *topos* e depois reflecte sobre ele e explica-o, começando por uma frase que apela à atenção da sua destinatária (*Marc.* 1.5):

Et **uide** quam non subrepam tibi nec furtum facere adfectibus tuis cogitem: antiqua mala in memoriam reduxi et, ut scires hanc quoque plagam esse sanandam, ostendi tibi aequae magni uulneris cicatricem.

Destaca-se o emprego do verbo *uidere* para chamar a atenção de Márcia, e do termo *cicatricem*, um dos pilares deste *topos*, que indica que Márcia é forte por ter suportado males anteriores que a endureceram.

O diagnóstico do mal em *Ad Marciam* surge depois de Sêneca declarar a sua intenção de consolar. Como dissemos, o mal que afecta Márcia é *inueteratus* e esse carácter permanente do mal é visível na interrogação *Quis enim erit finis?* (1.6) à qual se segue uma *enumeratio* de *remedia* ineficazes, onde se inclui o tempo, o remédio natural. Após esta *enumeratio*, Sêneca dá a conhecer que Márcia sofre há três anos (1.7). E é neste contexto que o filósofo descreve a constante renovação da dor (*renouat se et corroborat*), e acrescenta, para se compreender melhor, uma metáfora médica (*quemadmodum...*). Perante essa dor enraizada, o consolador manifesta o desejo de ter

efectuado a sua consolação quando a dor estava no início, expressando-o por meio de novas metáforas médicas.

Séneca utiliza o recurso de repetir no final do *exordium* o tipo de tratamento que pretende empregar, que é um tratamento forte (1.8): *Non possum nunc per obsequium nec molliter adgredi tam durum dolorem: frangendus est*. Quanto à expressão da vontade de consolar, aparece em *Ad Marciam* no seguinte passo: *Alii itaque molliter agant et blandiantur, ego conflagere cum tuo maerore constitui...* A decisão de consolar tem o matiz de luta (*conflagere*) produzida pelo tratamento a que vai proceder. Esta afirmação da vontade de consolar não surge no final do *exordium* e depois do diagnóstico do mal, como era habitual, mas adianta-se e aparece antes da descrição do mal (cf. Lillo Redonet, 2001: 222).

1.1. Marcia

G. Mazzoli (“Le «voci» dei Dialoghi di Seneca”..., p. 253) fala da *Consolatio ad Marciam* como sendo uma obra em que Séneca está “sperimentando i suoi moduli di comunicazione letteraria”, uma *consolatio mortis* que contém dezoito vocativos a Márcia, o que perfaz mais do que a soma de todos os que Séneca dirige aos seus destinatários na *Consolatio ad Helviam* e na *Consolatio ad Polybium*. Os frequentes vocativos têm a ver, nas palavras de G. Mazzoli (p. 253), com a “ragione della sua destinazione *ad mulierem*, circa i contenuti e le forme del messaggio: un autentico λόγος παραμυθητικός”; criando assim uma “relazione dialogica (...)”, Seneca conduce com tutti i mezzi e nel modo più vigoroso la battaglia contro l’*aegritudo* della sua destinataria, ancora in lutto stretto a tre anni dalla perdita del figlio, e procura di non perdere mai la presa affettiva su di lei. In tal senso la continua evocazione nominale esplica una funzione potente, di carattere quasi magico: *repraesentat*, nel senso etimologico del termine, la persona e stabilisce nei suoi confronti un ininterrotto canale comunicativo” (*ibid.*). E assim, desde a primeira até à última linha, a dramatização desempenha um papel importante no texto, como observa Mazzoli (*ibid.*), pois também a “«voce» del filosofo Areo, *consolatio* nella *consolatio* dedicata all’ imperatrice Livia, viene (...) immessa nella peculiare «scena» del dolore di Marcia (6.1): *tuum illic, Marcia, negotium actum, tibi Areus adsedit; muta personam* [si noti il linguaggio teatrale], *te consolatus est*.” No final da obra, Séneca recorre à prosopopeia que, para Mazzoli (*ibid.*), introduz “in quella stessa scena un’altra voce ancora più efficace, quella di un divinizzato Cremuzio Cordo, padre di Marcia (26.1): *Putat itaque ex illa arce*

caelesti patrem tuum, Marcia,... dicere. Marcia diviene dunque destinataria d'un insieme concertato di «voci», che da varie direzioni convergono su di lei nell'intento di frangere il suo lutto". Mazzoli (pp.253-54) continua, dizendo que Séneca não renuncia "ad attizzare, sia pure per vie indirette, il dialogo vivo con la destinataria, dandole a sua volta la parola soprattutto per obiezioni che riportano la discussione (...) alla stretta emergenza del suo caso personale".

ab infirmitate muliebris animi

A implicação da fraqueza feminina sugerida pela locução parece à primeira vista inconsistente com a doutrina estóica de que as mulheres têm a mesma capacidade para a virtude que os homens. Contudo, a ideia de que as mulheres são particularmente inclinadas para o sofrimento é comumente expressa por Séneca (*Helu.* 3.2; 16.1; *Nat.* IV, *praef.* 16). Embora um passo como *Marc.* 7.3 seja mais bem explicado pelo nosso conhecimento do uso que Séneca faz do material tradicional do género consolatório, não pode haver dúvidas de que Séneca acreditava seriamente que as mulheres eram mais tendentes a certos defeitos do que os homens: à piedade (*Clem.* 2.5.1), à ira (*Clem.* 1.5.5), tal como à tristeza. Para uma mais completa discussão do tema, v. os artigos de Manning (1973: 170-77) e de Pimentel (2004: 251-268).

ut fortunam tuam absolueres

Sobre a imagem de âmbito legal, v. *supra*.

Seria natural para Séneca tentar persuadir Márcia a ser favorável ao seu destino, pois para os Estóicos o maior bem é a conformação à vontade do destino, este identificado com Deus ou a razão (λόγος; *ratio*). Esta ênfase na submissão à vontade divina é de origem socrática (e.g. Plat. *Ap.* 19A, 22A, 40B). Séneca desenvolve em *Marc.* 6 o tema da necessidade de o homem se conciliar com o funcionamento do destino.

1.2. excepto eo quod non optabas superstitem

Séneca sugere aqui que, pese embora a sua grande *pietas*, Márcia provavelmente não o faria e certamente não deveria desejar que o seu pai lhe sobrevivesse. Os Romanos, tal como os Gregos, acreditavam que a ordem correcta das coisas se revertia quando um pai ou uma mãe acompanhavam o enterro de um filho (Cic. *Sen.* 84, em que

Catão-o-Censor diz do filho que morreu: *cuius a me corpus est crematum, quod contra decuit ab illo meum*. Cf. Plutarco, *Apoll.* 119F).

Os sentimentos de Sêneca parecem corresponder aos que prevaleciam entre os seus contemporâneos.

Mortem A. Cremuti Cordi parentis tui

Cremúcio Cordo, pai de Márcia, cometeu suicídio abstendo-se de comida depois de dois clientes de Sejano, Sátrio Secundo e Pinário Nata, terem levado ao Senado uma acusação contra ele por *maiestas* (22.4-5, Tac. *Ann.* 4.34-35; Suet. *Tib.* 61.3; Dión Cássio, 57. 24.2-4). A acusação relacionava-se com os textos históricos de Cremúcio nos quais este louvava Marco Bruto e afirmava que Cássio era o último dos Romanos, embora estes escritos já tivessem sido lidos na presença de Augusto (Tácito, Suetónio, Dión Cássio, *loc. cit.*). O tratamento dado a Cremúcio Cordo em Tácito (*loc. cit.*) e em Sêneca (aqui e em 22.4-8) é muito semelhante. Ambos os autores atribuem a responsabilidade pelas acusações aos clientes de Sejano e nomeiam Sátrio Secundo, mas Sêneca omite Pinário Nata. Ambos fazem dos escritos de Cremúcio a base da acusação, ainda que Sêneca vá mais além e sugira que um comentário de Cremúcio possa ter provocado a ira de Sejano. Ambos registam a morte de Cremúcio por inanição, a queima dos seus livros e a sua subsequente republicação. Quanto à moral a extrair, podemos comparar o comentário de Sêneca (1.4) *legitur, [sc. Cremutius] floret... uetustatem nullam timet; at illorum carnificum cito scelera quoque, quibus solis memoriam meruerunt, tacebuntur* com o comentário final atribuído por Tácito a Cremúcio (*Ann.* 4.35): *nec deerunt, si damnatio ingruit, qui non modo Cassii et Bruti, set etiam mei meminerint*, e a própria conclusão de Tácito (*ibid.*): *neque aliud externi reges aut qui eadem saeuitia usi sunt nisi dedecus sibi atque illis gloriam peperere*.

illo saeculo... impie facere

Para os Romanos, era normal a prática de descreverem momentos políticos conturbados em termos de um declínio dos padrões antigos da moral privada (cf. Salústio, *Cat.* 6-13).

As intrigas e os assassínios no seio da casa imperial durante o principado de Tibério mostravam a ausência de apropriado afecto familiar. O recurso retórico da *contentio* ou antítese é bastante do agrado de Sêneca particularmente quando pode

justapor, como faz aqui, duas palavras de derivação semelhante opostas em sentido, tal como *pietas* e *impie* (cf. Manning, 1981: 30).

1.3. *Aliquam occasionem mutatio temporum dedit*

A republicação dos textos de Cremúcio foi autorizada por Calígula juntamente com os de Tito Labieno e Cássio Severo, segundo Suetónio (Suet. *Cal.* 16), embora se possa ler na referência à mudança de tempos uma alusão à exoneração da obra de Cordo por parte de Tibério (v. subcapítulo introdutório “Data e Propósito”). Díon Cássio atesta a importância dos esforços de Márcia para a republicação, mas a impressão que Séneca dá com *magnum detrimentum... non eruiesses* de que Márcia foi a única responsável não é verdadeira, pois um certo número de cópias da obra de Cremúcio parece ter sobrevivido (Tácito, *Ann.* 4.35, Díon Cássio 57.24.4).

1.5. *antiqua mala in memoriam reduxi*

Este método de restabelecer a autoconfiança numa pessoa abalada pela situação presente tem uma longa tradição. É um lugar-comum da Antiguidade, encontrado pela primeira vez em Homero, *Odisseia* 20.18: τέτλαθι δὴ κραδίη καὶ κύντερον ἄλλο ποτ’ ἔτλης (“aguenta, coração: já aguentaste coisas muito piores”, trad. de Frederico Lourenço, 2005⁶: 325), e logo tomado pelos filósofos, sendo o verso citado em Platão, *Phd.* 94E. Na literatura latina, a ideia do efeito fortalecedor de antigos sofrimentos é introduzida por Cícero (*Tusc.* 3.28.67), que traduz do *Phrixus*, uma tragédia perdida de Eurípides (cf. Manning, 1981: 32). Séneca aprecia bastante este tema, encontrado no início da consolação que escreve a sua mãe (2.2): *Omnis itaque luctus illi suos, omnia lugubria admouebo: hoc erit non molli uia mederi, sed urere ac secare. Quid consequar? Ut pudeat animum tot miseriarum uictorem aegre ferre unum uulnus in corpore tam cicatricoso.*

plagam esse sanandam

V. nota introdutória ao capítulo 1.

magis iam ex consuetudine quam ex desiderio fluentis

De acordo com Manning (1981: 32), *consuetudine* refere-se aos hábitos de Márcia mais do que ao seu simples costume, ainda que o luto de Márcia, mantido

durante três anos (1.7), estivesse de acordo com o comportamento social das aristocratas da época. O luto durante dez meses por um marido era permitido por lei (v. Ovídio, *Fast.* 1.35-6), mas as mães excediam este tempo quando perdiam os seus filhos, e algumas mulheres, desde que punham o traje de luto, não mais o tiravam, conforme se lê em *Helu.* 16.1-2.

1.7. omnia uitia

As emoções (gr. *πάθη*, lat. *perturbationes animi*), incluindo o desgosto (gr. *λύπη*, lat. *aegritudo*), estavam proibidas ao sábio por serem uma contracção irracional da alma (Diógenes Laércio 7.112). A *aegritudo* foi definida por Crisipo como *nulla alia nisi opinio et iudicium praesentis et urgentis mali* (Cic. *Tusc.* 3.25.61), e corresponde à definição atribuída a Zenão por Cícero (*ibid.* 4.6.11). Porém, os Estóicos defendiam que o único mal (*malum*) era o que tinha uma base moral. Crisipo sustentava que a *aegritudo* era agravada por uma segunda falsa crença: *oportere, rectum esse, ad officium pertinere ferre illud aegre quod acciderit* (Cic. *Tusc.* 3.26.61), por exemplo, a crença em que os mortos esperavam uma apropriada manifestação do luto. Sabe-se, porém, que os Estóicos posteriores moderaram as atitudes mais severas dos seus predecessores quanto às emoções. O *sapiens* nunca deveria cair na *aegritudo*, e assim Cícero, seguindo os Estóicos, escreve: *hoc detracto, quod totum est uoluntarium, aegritudo erit sublata illa maerens, morsus tamen et contractiunculae quaedam animi relinquentur* (*Tusc.* 3. 34.83).

1.8. Cupissem itaque... contra inueterata pugnandum est

A teoria segundo a qual se deve escolher o momento certo na aplicação de um determinado remédio para uma doença espiritual é considerada por Cícero um princípio válido ao lidar-se com a *aegritudo* (*Tusc.* 3.31.76). Esta teoria é aplicada por Sêneca a todas as perturbações espirituais (*Ep.* 64.8: *Animi remedia inuenta sunt ab antiquis; quomodo autem admouentur et quando nostri operis est quaerere*).

2.1. Scio a praeceptis... in exemplis desinere

Sêneca parece conhecer a tradição e está consciente de realizar uma inovação. Esta afirmação de inovação de Sêneca dificilmente pode ser comprovada com todo o rigor devido ao desaparecimento de todas as muitas consolações que se escreveram na Antiguidade. Na *Consolatio ad Apollonium* de Plutarco, o elenco dos que suportaram com tranquilidade e grandeza de alma a perda dos seus filhos (33D) vem a seguir aos *praecepta*, e o que segue o elenco pode ser visto como a *conclusio*. Nas outras *consolationes* formais de Sêneca, surgem os exemplos de mulheres que suportaram com coragem a separação de seus filhos e de homens que provaram ser corajosos no momento da morte de seus irmãos (*Helu.* 16.6-7, *Polyb.* 14-16.3). Porém, muitos dos tratados e cartas consolatórias são demasiado breves para conterem *exempla* (Plut. *Ad uxorem*, Cic. *Fam.* 5.16; 6.3; *Att.* 12.10; *Brut.* 1.9). Na carta 63, Sêneca introduz o exemplo de Níobe logo no início (*Ep.* 63.2). Uma possível razão para a separação dos *exempla* pode ser o exemplo de Livia como a que mostrou coragem, mas que precisou do apoio de Areu, pode encorajar Márcia a moderar a tristeza (μετριοπάθεια); depois de terem sido dados alguns preceitos gerais, o segundo grupo de *exempla* (12.6-16.4), retirado dos elencos tradicionais, pode encorajá-la a dar um passo adiante. Os exemplos daqueles que não concederam tempo à dor podem apoiar uma pessoa já fortalecida pelos *praecepta* na busca do ideal estóico de completa ausência de dor (ἀπάθεια).

aliter enim cum alio agendum est

A formulação é remanescente do argumento de Cícero (*Tusc.* 3.31.76) a favor de se apresentar todo o tipo de argumento consolatório *alius enim alio modo mouetur* (cf. *ibid.* 3.33.79). Esta mudança no procedimento habitual adequa-se particularmente ao caso de Márcia pois, por ser filha de um historiador, era provável que se impressionasse com *clara nomina* (cf. Manning, 1981: 35).

2.2. Duo tibi ponam... exempla

Sêneca apresenta dois tipos de exemplos contrastantes, um positivo, que Márcia devia seguir, e um negativo, que devia censurar. Quando anunciou a Márcia a intenção de combater a sua dor (1.5), Sêneca confrontou a sua destinatária com uma questão: *Quis erit enim finis?* (1.6). Apresenta-lhe agora duas respostas antitéticas à sua questão, examinando o comportamento dessas duas notáveis mulheres contemporâneas.

maiore damno

Esta é uma locução difícil de explicar para os comentaristas e tradutores, sobretudo se se considerar que Marcelo era o único filho de Octávia (embora tivesse filhas), enquanto Lúvia tinha Tibério além de Druso.

2.3. Octaúia

Octávia Menor, irmã de Augusto por parte de mãe e de pai, filha de Gaio Octávio (pretor em 61 a.C.) e Ácia, a sua segunda mulher. Após a morte do seu primeiro marido, C. Cláudio Marcelo, em 40 a.C., de quem teve um filho e duas filhas, Octávia foi um instrumento de seu irmão nas suas negociações políticas com o seu colega de triunvirato Marco Antônio, com quem Octávia se casou em 40, de quem teve duas filhas, e de quem se divorciou em 32 a.C. Ao que parece, embora se tenha entregado à dor aquando da morte de seu filho Marcelo, Octávia demonstrou possuir uma extraordinária afeição maternal não apenas pelas filhas que teve de Marcelo e de Marco Antônio, mas também pelos filhos de Antônio com Fúlvia e com Cleópatra, por cuja educação foi igualmente responsável (Plutarco, *Antonius* 87). Na descrição do comportamento de Octávia, Sêneca apresenta-a como *exemplum* de uma mulher que destruiu quer a si própria quer a memória de seu filho (cf. J.-A. Shelton, 1995: 173).

Lúvia

Lúvia Drusila, a filha de M. Lúvio Druso Claudiano, assassinado nas proscrições que se seguiram a Filipos, nasceu em 58 a.C. O seu primeiro marido foi Tibério Cláudio Nero, que foi pretor e questor, e obrigado a fugir primeiro para junto de Sexto Pompeio, e depois para junto de Antônio; ao reconciliar-se com Octaviano, em 38, deu a sua mulher, que o acompanhara nas suas fugas, ao antigo inimigo. Por esta altura, Lúvia já tinha tido Tibério, o futuro imperador, e estava novamente grávida. Assim, Lúvia tornou-se a terceira mulher de Octaviano; o casamento parece ter sido feliz, mas sem filhos comuns, e durou até à morte de Augusto em 14 d.C. Suetônio diz que *Liuiam Drusillam... dilexitque et probauit unice ac perseueranter* (Aug. 62). À data da morte de Augusto, Lúvia recebeu o título de Augusta por disposição testamentária do marido (*ibid.* 101) e, segundo Tácito, continuou a exercer uma grande influência (Ann. 1-6, sobretudo 5.1-3; cf. Suetônio, Aug. 62; 101; Tib. 4; Dión Cássio 48-58). Viveu até 29 d.C.

Marcellus

Marco Cláudio Marcelo era o filho de Octávia e de C. Cláudio Marcelo (cônsul em 50 a.C.). Casou com Júlia, filha de Augusto, em 25 a.C. Morreu em Baías, muito provavelmente com dezoito anos (Sérvio, *Ad Aen.* VI.861). A indicação por parte de Sérvio da idade precisa de Marcelo parece preferível à indicada por Propércio (3.18.15), cuja expressão é *uicessimus annus* e se lê como uma aproximação poética. A idade menor apontada por Sérvio é apoiada pela afirmação de Suetónio de que Júlia fora casada com Marcelo quando ele era “não muito mais do que um menino” (Suet. *Aug.* 63.1). A data provável da sua morte é 23 a.C., como indica Díon Cássio (53.30.4). Cf. Manning, 1981: 37.

in quem onus imperii inclinare

Embora se falasse, em conversas comuns, que Marcelo estava marcado para suceder a Augusto (Veleio Patérculo 2.93.1; Díon Cássio 53.30), quando o *princeps* adoeceu deu o seu anel sinete a Agripa, porque, como sugere Díon (*loc. cit.*), possivelmente nesta fase Augusto não considerava que Marcelo tivesse experiência suficiente para lidar com uma situação política complexa. Não obstante, a partida de Agripa para leste após a recuperação de Augusto, quer o seu motivo tenha sido escapar à inveja de Marcelo (Díon Cássio 53.32.1; Veleio Patérculo 2.93.2), quer tenha sido para evitar obscurecer Marcelo com a sua presença (Suet. *Tib.* 10.1), sugere que o *princeps* retomou o seu desígnio de tornar Marcelo o seu sucessor. Cf. Manning, 1981: 37-8.

2.5. et in Liuiam maxime furebat

A ira de Octávia em relação a Lúvia pode ter sido factual, embora os fundamentos que se apresentaram pareçam ser anacrónicos com base na efectiva sucessão de Tibério, filho mais velho de Lúvia, em 14 d.C. Uma explicação mais plausível para a reacção de Octávia contra Lúvia pode encontrar-se no rumor de que Lúvia fora a responsável pelo envenenamento de Marcelo (Díon Cássio 53.33.4). Embora fosse um boato inacreditável, a morte prematura de um *princeps* ou de alguém escolhido para seu sucessor dava sempre azo a rumores, tendo também corrido alguns boatos sobre o envenenamento de Gaio e Lúcio César – netos e filhos adoptivos de

Augusto, que morreram em 4 e 2 d.C., respectivamente (v. Díon Cássio 55. 10a. 6), e de Germânico (v. Tac. *Ann.* 2. 69). Cf. Manning, 1981: 38.

Adsidentibus liberis, nepotibus

Sobreviveram a Marcelo duas irmãs, filhas de Octávia com C. Cláudio Marcelo, e duas meias-irmãs, filhas de Octávia com Marco António. Marcela Maior foi casada, até à morte de Marcelo, com Agripa e teve dele uma filha, Apuleia Varila. Das duas meias-irmãs, Antónia Maior foi casada com L. Domício Aenobarbo, cônsul em 16 a.C., e executor do testamento de Augusto. O casal teve duas filhas e um filho, sendo este o pai de Nero, o futuro imperador. Antónia Menor foi casada com Nero Druso e, antes da morte de Octávia, o casal teve o seu primeiro filho, Germânico.

non sine contumelia omnium suorum quibus saluis orba sibi uidetur

Séneca aprecia particularmente este tema do luto ininterrupto como sendo um insulto aos parentes e amigos sobreviventes, os quais vê como uma fonte natural de reconforto na dor. Mais adiante, Séneca lembrará Márcia da injustiça que comete ao lidar com a sua situação (16.8): *Est quidem haec natura mortalium ut nihil magis placeat quam quod amissum est: iniquiores sumus aduersus relictis ereptorum desiderio*. Do mesmo modo, nas duas outras consolações formais, Séneca regista este tema, e assim adverte Políbio para que pense nos seus parentes vivos: *ne uideatur omnibus plus apud te ualere unus dolor quam haec tam multa solacia* (Polyb. 12.1), tal como aconselha a mãe Hélvia a pensar nos seus filhos e netos ainda vivos (*Helu.* 18.1-6). Nas cartas, diz a Lucílio que quem não encontra reconforto suficiente em outros amigos quando perde um deles, subestima e não merece a amizade deles (*Ep.* 63.10).

3.1. filium Drusum, magnum futurum principem, iam magnum ducem

Druso era o filho de Lúvia e Tibério Cláudio Nero, nascido em 38 a.C., três meses depois de sua mãe ter casado com Octaviano, com o consentimento de Nero. Recebeu originalmente o *praenomen* de Décimo (*Decimus*), mas este foi mudado para Nero. Casou com Antónia Menor (filha de Marco António e Octávia) e foi o pai de Nero Cláudio Germânico, de Lúvia e do imperador Cláudio. Morreu em 9 a.C.

In expeditione decesserat

Agraciado com grandes qualidades humanas e militares, Druso possuía, desde o ano 13 a.C., o comando supremo na Gália e no Reno e ali faleceu no ano 9 a.C., em resultado de uma perna partida, magoada quando o seu cavalo caiu sobre ele no momento em que voltava do Elba. Sobreviveu durante cerca de trinta dias ao acidente, tempo suficiente para o irmão chegar até ele (Tito Lívio, *Periochae* 142) e, “entre os braços e os beijos de Tibério” – como indica Séneca em *Polyb.* 15. 5 –, que tinha acudido pressuroso a atender ao seu irmão (Valério Máximo 5. 43), morreu depois de numerosas campanhas contra os Germanos, das quais nos fala Dión Cássio (54.32 e ss.), em plena luta contra Suevos, Marcomanos e Queruscos. Naturalmente, em breve a morte foi rodeada pela lenda. Tanto Suetónio como Dión Cássio sugerem uma doença como causa da morte, e Suetónio menciona, embora não aprove, rumores de envenenamento (Suet. *Cl.* 1. 4; Dión Cássio 55. 1-2). A sua inesperada morte foi muito lamentada porque Druso não tinha ocultado a sua intenção de, se alcançasse o poder, restaurar a república (cf. Tac. *Ann.* 1.33, e Suet. *Cl.* 1.4). O Senado concedeu-lhe o *cognomen* de Germânico que passou aos seus descendentes (Suet. *Cl.* 1.3).

3.2. simul et illum et dolorem suum posuit

Para este ponto, é interessante ver-se a diferença do retrato de Lúvia na obra consolatória de autor anónimo *Consolatio ad Liuiam*, em que, numa longa secção (95-166), na descrição da dor de Lúvia, o comportamento de Lúvia é comparado ao de Procne e ao da mãe e das irmãs de Faetonte. De acordo com esta fonte, aos esforços de Lúvia para se refrear, seguiu-se uma ainda maior profusão de lágrimas quando o seu auto-controlo se quebrou. A preocupação de Séneca neste ponto não é tanto escrever com precisão histórica, mas desenhar uma forte antítese entre um comportamento censurável, o de Octávia, e um ideal, o de Lúvia. A explicação mais plausível de tal disparidade está na diferença tradicional de atitudes perante a tristeza nas *consolationes* filosóficas e nas poéticas, pois enquanto as *consolationes* filosóficas viam numa exibição pública de tristeza um repreensível sinal de fraqueza, as poéticas consideravam-na uma prova de enorme afeição.

4.1. Nec te ad fortiora ducam praecepta

Séneca refere-se à doutrina estóica, para cuja explicação v. notas 1.7 *omnia uitia* e 7.1 *sed plus est quod opinio adicit*. Deve-se sublinhar que, apesar da dura linguagem

de *ut inhumano ferre humana iubeam modo*, Sêneca não está a rejeitar aqui a doutrina estoica para a qual nenhuma *aegritudo* é permissível, está sim a adoptar a ideia de que argumentos sobre tal questão são pouco relevantes após três anos de sofrimento. Pode-se comparar esta atitude de Sêneca com a ideia expressa na *Ep.* 13.4, na qual o Cordubense declina usar argumentos estoicos mas, ainda assim, assevera a sua validade: *Omittamus haec magna uerba sed, di boni, uera* (cf. Manning, 1981: 43).

4.2. in primo feruore cum maxime impatientes ferosque sunt miseriae

Dentre todos os estoicos, Crisipo era o mais inclinado para a comparação das *passiones* e das perturbações psicológicas com a enfermidade corporal (Cic. *Tusc.* 3. 23) e proibia a aplicação de remédios para perturbações espirituais recentes (*ibid.* 4. 63 *quodque uetat Chrysippus, ad recentis quasi tumores animi remedium adhibere, id nos fecimus*). Ainda que Sêneca provavelmente soubesse que tinha uma base estoica, esta ideia tornara-se um *topos* na altura em que escrevia (Ov. *Pont.* 1. 3. 15-16; Plin. *Ep.* 5. 16: *sic recens animi dolor consolationes reiecit*). Pode-se atentar no facto de que esta ideia de não ataque à dor recente entra em conflito com o que Sêneca disse atrás (1.8) sobre a melhor altura para o tratamento; noutras obras, porém, Sêneca favorece a abordagem de Crisipo, não apenas para fins consolatórios (*Helu.* 1.2) mas também para lidar com a ira (*Ir.* 3.39.2). Cf. Manning, 1981: 44.

4.3. Hic ut opinur aditus illi fuit

Percebe-se pela sua obra que Sêneca aprecia o recurso retórico da *προσωποποιία*, que usa duas vezes na consolação presentemente em estudo (17.6 e 26.1), uma vez em *Ad Polybium* (14.2ss.), três vezes em *De Constantia sapientis* (6. 3; 13. 4 e 16. 4).

Em termos de estrutura, a *consolatio* de Areu a Lúvia divide-se em três partes, a *captatio beneuolentiae* (4.3-4), o argumento epicurista de que se deve permitir que as alegrias do passado compensem as tristezas do presente (5.1-4), e a *conclusio*, em que se exorta Lúvia a suportar corajosamente a perda de seu filho (5.5-6).

Iulia

A maioria dos editores segue A e adopta a lição *Iulia*. Porém, visto que o título de *Iulia* só foi atribuído a Lúvia em 14 d.C. por disposição testamentária de Augusto, é

anacrónico o seu uso na boca de Areu, pelo que alguns editores adoptam a lição da tradição de γ , *Liui*.

dedisti operam ne quid esset quod in te quisquam reprehenderet

Aqui e no parágrafo seguinte, apresenta-se o *topos* da consideração da posição social do consolando (cf. Lillo Redonet, 2001: 235-36): há um apelo a Lúvia para que se lembre da sua posição cimeira na sociedade e do tipo de comportamento que o povo espera dela. O *topos* inclui-se na *consolatio* de Areu Dídimio a Lúvia que, em último caso, é uma *consolatio* que se pode aplicar a Márcia. Aparece no início da *consolatio* de Areu e recorda o comportamento comedido, dada a sua condição social, que Lúvia manteve perante a adversidade (cf. Lillo Redonet, 2001: 235). Areu convida Lúvia a manter no presente uma atitude já tomada, e expressa o convite mediante uma construção perifrástica passiva: *seruandus itaque tibi in hac quoque re tuus mos*. O argumento da consideração da posição social, de acordo com S. Jerónimo (*Ep.* 60.14), remonta aos escritos de Énio e era comum ocorrer nas *consolationes* no tempo de Cícero, sendo que o próprio Cícero dá este conselho a Tício (*Fam.* 5. 16) e o recebe de Sulpício (*Fam.* 4.5.5ss.: *Denique noli te obliuisci Ciceronem esse...*). Séneca usa com Políbio este argumento (*Polyb.* 5.4-5; 6.1-3) cuja presença se pode observar também na *Consolatio ad Liuiam* (345-356).

5.1-4.

Nestas linhas, Séneca desenvolve o tema principal da *consolatio Arei*, o argumento epicurista que diz que a mente deve desviar a sua atenção do mal para o bem, e que a recordação agradável do passado deve compensar a infelicidade do presente. Este argumento remonta ao próprio Epicuro, e Cícero descreve-o como *sunt qui abducant a malis ad bona, ut Epicurus*. Séneca utiliza-o em contextos consolatórios (*Polyb.* 10.1-6; *Ben.* 3.4.1; *Ep.* 99.5). Neste passo em análise, o argumento epicurista está mais completamente exposto em 5.4: *Nunc incubuisti tota in alteram partem et oblita meliorum fortunam tuam qua deterior est aspicias*. Para um estudo mais desenvolvido das formas sob as quais aparece a *consolatio* epicurista, v. C. E. Manning, “The Consolatory Tradition and Seneca’s Attitude to the Emotions”, *Greece and Rome*, 21, 1974, pp. 79-81.

No desenvolvimento deste tema, Sêneca trabalha a *laus mortui*, o louvor do morto, que se tornou um requisito importante para a composição consolatória: encontramos-la expressa em *clarissimi iuuenis* (5.1) e *facta eius dictaque quanto meruit suspectu celebramus* (5.2).

5.5. ne gubernatoris quidem artem tranquillum mare et obsequens uentus ostendit

As metáforas do mar são muito apreciadas por Sêneca, e esta expande-se em 6.3 em que é tornada explícita a virtude da conservação do auto-domínio qualquer que seja a dimensão da tempestade. Já Platão (*R.* 488D e E) comparara a sorte de um filósofo numa comunidade com discussões à de um timoneiro entre uma multidão insurrecta, e a filosofia estóica desde cedo se apropriou da metáfora do sábio semelhante a um timoneiro a dirigir a sua embarcação, isto é, a sua própria pessoa, pela vida. Embora a comparação se devesse aplicar estritamente ao *sapiens*, Márcia é encorajada não como um *sapiens* mas como alguém que cumpre os deveres que a virtude exige. O Estoicismo não aconselha que se deva procurar os mares agitados da vida (*Ep.* 14.7-8), mas, quando eles aparecem, existem meios prescritos pela virtude para se lidar com eles. Cf. Manning, 1981: 49.

aduersi aliquid incurrat oportet, quod animum probet

Aduersa tecnicamente era um indiferente para os mestres do Estoicismo antigo, visto que não tem relação com a virtude: por isso as adversidades não deviam ser temidas. Os Estóicos posteriores desenvolveram este aspecto da doutrina ao atribuírem um valor positivo à adversidade quer porque era um treino para aquele que buscava a virtude, quer porque o capacitava a provar a sua aquisição da virtude (cf. Manning, 1981: 49).

5.6. Post haec ostendit illi filium incolumen, ostendit ex amisso nepotes

Apresenta-se aqui a *consolatio superstitem*, um *topos* consolatório utilizado na parte dedicada ao consolando. Sêneca emprega um verbo especial para este *topos*: *ostendere*, ‘mostrar, pôr diante de’. Além do verbo *ostendo*, fixado para se referir ao *topos* em análise, há um segundo dado ligado ao *topos*, o tipo de familiares que o consolador, Areu, mostra à consolanda, Lívica. Num primeiro momento, Areu mostra a Lívica o seu outro filho (Tibério) que está a salvo: *incolumem*. Lillo Redonet (2001: 240) verifica que a primeira pessoa que se oferece como *consolatio* é uma que tem o mesmo

grau de parentesco que a pessoa que morreu e que, por isso, pode ocupar o lugar do morto. Num primeiro momento, o filósofo refere-se a essa pessoa de parentesco igual, e num segundo momento (emprega estilisticamente de novo *ostendit*, mas deixa implícito que se trata de outro grau de consolo) fala da consolação dos *nepotes* (Germânico, Livila e Cláudio), que conservarão implicitamente algo de Druso, pai dos referidos netos. Cf. Lillo Redonet, 2001: 240.

A *consolatio superstitum* aparecerá mais tarde na obra, em 16.6-8.

6.

Sêneca deixa os *exempla* e passa à apresentação dos *praecepta*, as razões por que Márcia deve abandonar a dor.

Os *praecepta* devem ser vistos não necessariamente como correspondendo por completo às opiniões do próprio Sêneca, mas como instrumentos eficazes na mudança para um comportamento e atitudes mais salutar de Márcia.

6.1-3.

O *topos Non usui sed detrimento lacrimae* surge em *Ad Marciam* na parte dos *praecepta* gerais dedicados a Márcia, logo depois da *consolatio* de Areu Dídimos (6.1-3).

Podemos notar três movimentos equivalentes: num primeiro momento considera-se a possibilidade de que o pranto acalme a dor, mediante uma oração condicional: *Si fletibus fata uincuntur...* O movimento seguinte é conceder (uso da figura da *concessio*) que, se o pranto é proveitoso, comece-se um lamento, empregando o verbo *conferamus*. Aceite a possibilidade do lamento e feito o convite para ele, Sêneca desenvolve um lamento que se revelará inútil. Este desenvolvimento é muito breve e de carácter geral, sem adaptar-se demasiado ao caso concreto de Márcia. O lamento realiza-se de modo indirecto mediante conjuntivos jussivos com matiz concessivo: *eat, consumat, fiat, exerceat*, descrevendo-se, de modo convencional, um lamento prototípico. O terceiro movimento é a execução do objectivo: demonstrar a inutilidade do lamento. Expressa-se por uma oração condicional dupla: *Sed si nullis planctibus defuncta reuocantur, si sors inmotā et in aeternum fixa nulla miseria mutatur et mors tenuit quidquid abstulit...* Na primeira frase evidencia-se a impossibilidade de se mudar o destino; não há possibilidade de *reuocatio* nem de *mutatio*. A razão surge na segunda condicional, onde se apresentam características do destino, como a imutabilidade: *inmotā et in aeternum fixa*. A consequência natural destes argumentos é o fim do

pranto: *desinat dolor qui perit*, e o convite a que se esteja atento, adornado por uma *similitudo* de tipo marítimo (*Marc.* 6.3). Cf. Lillo Redonet, 2001: 233-35.

6.3. Turpis est nauigaii rector

V. nota em 5.5 *ne gubernatoris quidem*.

7.1. quam diu modicum est

A doutrina da moderação das emoções está associada à escola peripatética: *Peripateticorum ratio et oratio, qui perturbari animos necesse dicunt esse, sed adhibent modum quendam, quem ultra progredi non oporteat*. (Cic. *Tusc.* 4.17.38. V. igualmente Cic. *Tusc.* 3.10.22). A origem da ideia remonta a Platão (*R.* 603E-604A) que argumenta, pela boca de Sócrates, que o homem bom suportará a desgraça com equanimidade mais do que as outras pessoas, não por não sentir a dor, mas porque moderará as suas tristezas. Em várias das suas cartas, Sêneca expressa a sua visão quanto à doutrina mencionada (cf. *Epp.* 85. 3-13; 99. 15-18; 116. 1-3, 6-7).

animorum contractio

Embora o argumento de base seja peripatético, a terminologia usada é estóica. Os Estóicos acreditavam que a emoção da tristeza era produzida por uma contracção física da alma: a locução grega é *συστολή ψυχῆς* que encontra em latim o equivalente *animi contractio* (*SVF* III, 386, 393-94, 412). Para os Peripatéticos, essa reacção à perda seria natural, mas os Estóicos não permitiam tal emoção a um *sapiens* (*ibid.*). Cf. Manning, 1981: 54.

Sed plus est quod opinio adicit quam quod natura imperauit

Os Estóicos, e particularmente Crisipo, eram intransigentes na ideia de que a *opinio*, isto é, o consentimento da mente na aceitação de uma falsa proposição, exagerava os sentimentos humanos e consequentemente a exibição exterior de dor, *sed omnes perturbationes iudicio censent* [sc. Stoici] *fieri et opinione* (Cic. *Tusc.* 4. 7.14). De um ponto de vista estóico, a falsa opinião desencaminhou Márcia e algo que é tecnicamente indiferente, neste caso o sofrimento, é um mal. A *opinio* aqui referida pode ser uma das seguintes ou uma combinação de todas: a que sente a acção de algum mal pesado e pressionador; a que considera um dever para com o falecido sofrer pelo que lhe aconteceu (Cic. *Tusc.* 3. 25. 61-26. 63, e 3. 31. 76); a de que se apaziguará os

deuses mais rapidamente se se parecer acabrunhado pelos seus golpes (Cic. *Tusc.* 3.29.72); associava-se particularmente a Crisipo a descoberta dos efeitos perniciosos das duas primeiras *opinionēs*.

7.3. *magis feminas quam uiros*

Ainda que o próprio Sêneca se inclinasse para atribuir às mulheres certos defeitos (*Marc.* 1.1), incluindo a tendência para a tristeza, a colocação da mulher numa categoria inferior pode provavelmente ser explicada pela fonte peripatética para o argumento, já que Aristóteles apontara a inferioridade fisiológica do sexo feminino como uma justificação para a posição inferior da mulher na sociedade da sua época (cf. *De Generatione Animalium* 775A). Cf. Manning, 1981: 56.

apparet non esse naturale quod uarium est

A perspectiva apresentada é peripatética, mas o argumento usado na sua defesa é uma espécie de inversão da doutrina estoica do consentimento geral, já que, para os Estóicos, a alma humana era uma parte da força divina do mundo, separada do todo, e embora a sua pureza de visão e de discernimento fosse prejudicada pelo seu contacto com o corpo, possuía ainda assim alguns traços dos seus poderes divinos. E como tal, se havia um consenso de opinião entre todos os homens tal era prova da sobrevivência, ainda que num estado imperfeito, de conhecimento anteriormente possuído. Aqui, o argumento parece ser o de que, se o sofrimento não tem um efeito de acordo geral, então a ausência de consenso sugere que a nossa reacção se deve à nossa opinião dos seus efeitos mais do que à realidade.

8.3. *finem luctum potius facere quam expectare*

O argumento aqui apresentado é que a tristeza é irracional e que será eliminada pelo tempo, e por isso será então mais sensato deixar que a razão faça de imediato o que o tempo fará em muito tempo (cf. *Polyb.* 4. 2: *Nam lacrimis nostris nisi ratio finem fecerit, fortuna nos faciet*).

9.

Os próximos três capítulos têm como base filosófica o argumento cirenaico da *praemeditatio futuri mali* (sobre o qual v. nota *infra*), um *topos* do poder da *fortuna*

sobre a vida humana, enunciado brevemente na *consolatio* a Tício de Cícero (*Fam.* 5.16.2): *euentisque aliorum memoria repetendis nihil accidissem noui nobis cogitemus*.

9.1. Quod nihil nobis mali, antequam eueniat, proponimus

Sêneca imagina uma objecção de Márcia, e esse recurso permite-lhe passar para o argumento cirenaico de que a desgraça cai mais pesadamente sobre o homem porque este não se dispõe a antecipá-la. O argumento esteve de início associado aos Cirenaicos (*Cyrenaiici non omni malo aegritudinem effici censent sed insperato et necopinato malo*, Cic. *Tusc.* 3.28), mas foi adoptado pelos Estóicos que, desde Crisipo, defendiam que os males que eram previstos atacavam mais levemente (Cic. *Tusc.* 3.52). Esta ideia foi alvo de críticas pelos Epicuristas que viam na previsão constante da desgraça uma fonte de infelicidade, mas a posição cirenaica teve Cícero como defensor e permaneceu como uma parte integrante da tradição consolatória (*Tusc.* 3.15, 3.32-16, 3.34).

Esta ideia é a mesma que está presente no tratamento ampliado do *topos* em *Ad Marciam* 9.1-4, na parte correspondente aos preceitos gerais, sendo aí o seu desenvolvimento mais abstracto e comum a qualquer ocasião (cf. Lillo Redonet, 2001: 232).

No desenvolvimento do tema, costuma aparecer a palavra *inopinatus* ou derivadas como marca do mesmo *topos*, e assim surge *ex inopinato* (*Marc.* 9.2; cf. *Polyb.* 11.1: *inopinanti*). O *topos* responde a uma pergunta sobre a *pertinacia* da dor expondo teoricamente a sua causa: a não aplicação da *praemeditatio*. A frequência do acontecimento é expressa pela anáfora de *tot*, e na apresentação da pobreza repentina emprega-se *in oculos incidit*. Diante dos males alheios, a oposição realiza-se com o emprego do pronome *nos*, que encabeça uma frase oposta à anterior e reflecte o comportamento das pessoas.

Depois desta exemplificação, produz-se uma nova enunciação do *topos*, com interrogativas retóricas *Vis tu scire...* (cf. Cic. *Fam.* 4.5.4: *Visne tu te, Serui, cohibere et meminisse hominem te esse natum?*) fazendo intervir, de modo hipotético, o consolando.

9.3. expositum

Ao desenvolver o tema *de condicione humana* (9.1-11), Sêneca parece pensar numa aplicação mais vasta do que simplesmente a condição de Márcia e assim encontramos aqui um particípio masculino (*expositum*) e os imperativos plurais *rapite*,

date, e *haurite* em 10.4. Do mesmo modo, encontramos no segundo desenvolvimento deste tema na obra, os participípios masculinos *genitus* (17.1) e *satiatus* (18.4) embora o destinatário seja uma mulher.

ictus stare... in tuum puta librata corpus

A vida comparada a uma batalha está associada à prédica cínica. Embora o tema esteja presente na sátira, e seja usado por Sêxtio e pelos retóricos do século I (Hor. *S.* 3. 2.110-111; *Ep.* 1.16.7-8; Sen. *Prou.* 3.3; *Ep.* 59.7-8), tornou-se de tal modo um lugar-comum que, provavelmente, fazia parte do padrão de pensamento herdado por Sêneca. Como evidência do seu amplo uso, podemos citar Cícero que fala de uma *consolatio peruulgata* quando relembra a Tício *ut omnibus telis fortunae proposita sit uita nostra* (*Fam.* 5.16.2).

Sêneca usa amiúde a imagética militar, por vezes no emprego de uma só palavra, como *confligere* (1.5), ou com comparações mais extensas (cf. 16.6, 22.3). Em certas ocasiões, as comparações da vida ao serviço militar ou milícia são de âmbito geral (*Marc.* 22.3; *Ep.* 96.5; *Const.* 3.4; *Tranq.* 3.5), noutras o inimigo é a *uoluptas* (*Ep.* 51.6), ou os *uitia* (*Tranq.* 1.1), mas mais frequentemente a *fortuna* (*Tranq.* 8. 7; 8.9; *Prou.* 4. 4; 4. 8; *Ep.* 18. 6; 18. 11; 36. 8-9; 51. 8; 64. 4; 71. 37; 82. 5; 98. 14; 113. 27-28; 120. 12). A imagética militar em Sêneca está frequentemente ligada ao tema da *praemeditatio futuri mali* em que alguém é exortado a preparar-se para a fortuna desfavorável como um soldado ou um exército em tempo de paz se prepara para enfrentar um conflito: *In ipsa securitate animus ad difficilia se praeparet et contra iniurias fortunae inter beneficia firmetur. Miles in media pace decurrit, sine ullo hoste vallum iacit, et supervacuo labore lassatur ut sufficere necessario possit* (*Ep.* 18.6. Cf. também *Ep.* 36.8-9; *Vit.* 26.2). Cf. Manning, 1981: 62.

9.4. Egregium uersum et dignum qui non e pulpito exiret

O verso é de Publílio Siro (fr. C 34 Meyer), mimógrafo da época de César, citado novamente por Sêneca, num contexto semelhante, com a indicação explícita do nome do autor em *Tranq.* 11.8-9 na *Ep.* 63,15: *hodie fieri potest quidquid umquam potest* (Traina, 1987: 69). Publílio foi trazido para Roma como escravo, possivelmente de Antioquia, e manumitido. Quando começou a escrever mimos, competiu com Décimo Labério e, depois da morte deste, ficou conhecido como o principal mimógrafo em Roma (Plin. *Nat.* 20-25.58.199; Cic. *Fam.* 12.18.2; Aulo Gélio, 17.14.1-4; Macróbio

2.7.1 ss.). Ficou célebre pelas suas *sententiae*, que, mesmo quando criadas por outros, eram amiúde conhecidas como *Publilianae sententiae* (Sen. *Con.* 7.4.8). Séneca apreciava Publílio pela força moral e pelo conteúdo gnómico dos seus versos (cf. G. Mazzoli, *Seneca e la poesia*, Milano, 1970, pp. 203-205), afirma que a qualidade dos seus versos se equipara aos da tragédia (*Tranq.* 11.8-9; *Ep.* 8.8-9), e o mesmo pensavam o orador Cássio Severo e Séneca-Pai (*Con.* 7.3.8).

10.1. *excluserum clientium turba referta uestibula*

Séneca refere-se à *salutatio*, a saudação matinal que era habitualmente feita pelos clientes ao patrono (Juv. *Sat.* 3.126-130; Mart. *Epig.* 4.8.1; 12.68.1-2). Os clientes eram cidadãos romanos que prestavam serviços variados – entre eles o outrora tão importante voto – aos seus patronos, em troca de protecção e ajuda; a sua origem e categoria social eram variadas (não eram só os libertos, isto é, escravos manumitidos, e os seus descendentes que eram clientes), prolongando-se essa vinculação nas respectivas descendências. Na altura da República, quando os clientes constituíam a base do poder político de um homem, podiam prestar serviços e receber favores como a hospitalidade e o benefício da influência do patrono. Contudo, no início do Principado alguns aspectos do relacionamento cliente-patrono tornaram-se obsoletos e ocorreram abusos que foram criticados por satiristas e escritores de obras filosóficas (cf. Manning, 1981: 64). O abuso a que Séneca alude é o comportamento arrogante dos patronos relativamente aos clientes que vêm manifestar-lhes o seu respeito (*Const.* 10.2; *Tranq.* 12.4 e 12.6; *Breu.* 14.3-4; *Epp.* 4.10 e 84.12) e que são deixados à espera, amontoados, no *uestibulum* (cf. *Breu.* 14.4: *refertum clientibus atrium*). A clientela representava um sinal e instrumento de poder, mas era um bem exterior que dependia da sorte e por isso Séneca inclui-a aqui (com a referência clara ao costume da *salutatio* aos patronos) entre os bens ‘adventícios’ ou emprestados (cf. Sen. *Ben.* 6.33-34).

alieni commodatique apparatus... creditori facere conuicium

Séneca apresenta uma extensa analogia com transacções comerciais e assim expressa a ideia de que os bens externos não são presentes da fortuna mas empréstimos e, além do mais, sem data de devolução marcada, pois podem ser reclamados a qualquer altura pelo credor, *cuius tempus ille arbiter muneris sui temperat*. O tema dos bens externos como empréstimos era já um lugar-comum na altura em que Séneca escrevia (Sen. *Con.* 2. 1. 1; 6. 1; Cic. *Parad.* 29) e o Cordubense emprega-o amplamente,

sugerindo em termos estóicos que o *sapiens* manterá a sua independência perante tais posses do acaso (*Ep.* 87. 7; 120. 18; *Tranq.* 11. 1-2). O argumento parece ter sido frequente em escritores de consolações e tanto Plutarco (*Apoll.* 116A) como o próprio Séneca, quando escreve a Políbio (*Polyb.* 10.4-5), usaram-no quase da mesma forma que aqui aparece.

scaena adornatur

A vida comparada ao teatro é um tema comum na filosofia literária antiga, e geralmente tem a ideia de que é irrelevante o papel que a fortuna atribui a cada um conquanto seja bem desempenhado (Aríston de Quios em Diógenes Laércio 7.160, *apud* Manning, 1981: 65) ou de modo consistente (*Sen. Ep.* 120.22), ou ainda que não é importante quanto dura o papel de cada um desde que o interprete bem (*Cic. Sen.* 5; 64; 65; *Sen. Ep.* 77.20). Neste passo, Séneca mostra-se original, considera Manning (*ibid.*), ao comparar os bens externos a adereços do palco, que ornamentam o cenário, embora sem eles a qualidade do actor permanecesse intacta.

10.4. Rapite, date, haurite

V. nota a 9.3 *expositum*.

10.5-11.2. O passo trata da morte do filho de Márcia. Na sequência das coisas externas a Márcia e sujeitas ao destino, vem o pensamento de que o corpo humano é ele próprio frágil e sujeito aos golpes da *fortuna*.

10.5. eius temporis quo natus... statim prosequatur

Séneca retorna à situação particular de Márcia (*si mortuum tibi filium doles*) e usa uma extensão da ideia da *lex mortalitatis*, que tem dois momentos principais: a condição humana marcada desde o nascimento pela sua mortalidade e a submissão do homem ao reino da *fortuna*. No *topos* do *omnes morimur*, são frequentes as referências aos verbos de nascimento (*nascor* e *genitus*) e aqui em *Ad Marciam* destaca-se a referência ao anúncio: *denuntiata*.

Este *topos* consolatório encontra-se, *e.g.* em Eurípides, *Alceste* 782. Séneca usa-o amplamente, quer para exortar os seus leitores a enfrentarem a possibilidade da morte com equanimidade (*Tranq.* 11.6; *Ep.* 4.9; 120.14), quer para os encorajar a aceitar com firmeza a perda de um ente querido (*Polyb.* 11.3). Cf. Lillo Redonet, 2001: 229-30.

10.6. In regnum fortunae

Sêneca usa a mesma expressão em *De Breuitate Vitae* (10.4) num momento em que fala do passado como sendo *extra regnum fortunae subducta*. A enumeração dos sofrimentos da vida era comum entre os filósofos helenísticos e muito usada em contextos consolatórios, e essa prática é seguida neste passo por Sêneca.

11.1. Tota flebilis uita est

Esta percepção pessimista, em forma de *sententia*, é frequente na filosofia popular e na literatura consolatória dos filósofos helenísticos. A ideia difundiu-se rapidamente e já era comum na altura em que Sêneca escrevia, que a emprega em alguns momentos, particularmente em contextos consolatórios, como em *Polyb.* 4.2: *lacrimae nobis deerunt antequam causae dolendi* e em 9.6-7: *omnis uita supplicium est* em que traduz e intensifica uma *sententia* de Crantor, Τιμορίαν εἶναι τὸν βίον (Plutarco, *Apoll.* 115B), citada também por Cícero na sua *Consolatio* (v. Lact. *Inst.* 3.18.18; cf. Sen. *Ep.* 36.10 e *Thyestes* 596-97). Cf. Manning, 1981: 67.

uobis maxime

O emprego da forma de plural *uobis* é insólito pois a atenção de Sêneca já havia mudado da situação geral para a de Márcia (10.5 *si mortuum tibi filium doles*). Mas, como comenta Manning (1981: 67), enquanto Sêneca exorta Márcia a ter domínio sobre si mesma, provavelmente pensa no grande grupo de mulheres que não exercem autocontrolo sobre si próprias (*Helu.* 16.2), e por isso usa o plural para generalizar a referência e a oração relativa *quae immoderate fertis* para definir o grupo implicado.

Quae deinde ista... mortalesque peperisti

Mais uma vez, Sêneca usa um argumento consolatório comum, a *obliuio mortalitatis* ou *recusatio* da natureza humana. Aqui verifica-se uma amplificação do pensamento e sugere-se que um mortal não pode gerar uma criatura imortal (cf. Manning, 1981: 67). Na *Consolatio ad Apollonium* surge este argumento na mesma forma quando um pai que está a sofrer deve lembrar-se ὅτι καὶ αὐτὸς ἄνθρωπός ἐστι καὶ τὰ τέκνα θνητὰ ἐγέννησεν. O conceito da *obliuio mortalitatis* é usado por

Sêneca tanto em contextos consolatórios (*Polyb.* 11.1), como quando encoraja à adopção imediata de conselhos salutareos (*Breu.* 3.5).

Neste passo (e continua em 11.2), Sêneca censura Márcia, mediante uma interrogativa retórica, por se ter esquecido de ou ter desprezado a lei natural (cf. Lillo Redonet, 2001: 230).

11.2. *decucurrit ad hunc... properant*

Sêneca retrata a vida na sua totalidade como uma viagem em direcção à morte. A imagem é um *topos* literário, aparecendo, por exemplo, em Horácio: *omnes eodem cogimur* (*Carm.* 2.3.25), e na *Consolatio ad Liuiam* (359): *Tendimus huc omnes, metam properamus ad unam*; Sêneca usa-o aqui e na consolação que escreve a Políbio: *tota uita nihil aliud quam ad mortem iter est* (*Polyb.* 11.2; v. também *ibid.* 9.9 e 11.4).

unus exaequabat cinis

O tema da morte niveladora tornou-se popular na literatura helenística e apareceu na literatura latina no *Trinummus* de Plauto (493-4): *aequo mendicus atque ille opulentissimus censetur censu ad Acheruntem mortuos*. Em Horácio, o tema encontra-se com frequência, e.g., *Carm.* 3.1.14-16: *aequa lege Necessitas / sortitur insignis et imos; omne capax mouet urna nomen* (cf. também *Carm.* 2.14.9-12).

O tema reaparece mais adiante na obra em estudo (20.2), quando Sêneca exalta os benefícios que a morte traz, e é usado de um modo semelhante numa carta a Lucílio (91.16): *aequat omnis cinis. Inpares nascimur, pares morimur... Conditor ille iuris humani non natalibus nos nec nominum claritate distinxit, nisi dum sumus: ubi uero ad finem mortalium uentum est, "Discede" inquit "ambitio: omnium quae terram premunt siremps lex esto*. Cf. Manning, 1981: 69.

11.3. *illa Pythicis oraculis adscripta uox NOSCE TE*

Sêneca apresenta a tradução de uma famosa máxima, Γνωθὶ σεαυτόν, gravada no templo de Apolo em Delfos, o que explica a referência aos oráculos que ali emitia a Pítia. Na Antiguidade este dito tinha uma interpretação variável desde o Σωφρόνει de Platão (*Charmides* 164E), passando pelo *Nosce animum tuum* de Cícero (*Tusc.* 1.52), até à exortação apresentada aqui por Sêneca com o sentido de ‘Fica ciente da tua mortalidade’, o *topos* consolatório do *omnes morimur* e um convite à comprovação da

debilidade e precariedade da condição humana. Na *Consolatio ad Apollonium* (116C) é citado e interpretado de modo semelhante ao sentido que Sêneca lhe dá, ou seja, no contexto da *obliuio mortalitatis*. Tal como na *Consolatio ad Apollonium* Plutarco pensava na importância do auto-conhecimento e a referia explicitamente, também aqui Sêneca aponta a relevância deste tema que é recorrente ao longo da sua obra (v. *Tranq.* 6.1; *Ep.* 65.15; *Thyestes* 401-3). Cf. Manning, 1981: 69.

11.3-4. Quid est homo?...

Nestas duas secções domina uma descrição pessimista da fragilidade do corpo humano que tem alguma semelhança com a comparação de Lucrécio de um bebé a um marinheiro de um navio destruído, e assim as locuções *nudum*, *ad omnis fortunae contumelias proiectum e fletu uitam auspicatum* relembram

*tum porro puer ut saeuus proiectis ab undis
nauita, nudus humi iacet infans indigus omni
uitali auxilio, cum primum in luminis oras
nixibus ex alvo matris natura profudit,
uagituque locum lugubri complet, ut aequumst
cui tantum in uita restet transire malorum.*

(*De Rerum Natura*, 5.222-27)

Na *Ep.* 120.16-17, Sêneca apresenta um desenvolvimento semelhante sobre este tema. Cf. Manning, 1981: 70.

12.1. Dolor tuus... utrum sua spectat incommoda na eius qui decessit

Tendo apresentado uma série de preceitos gerais destinados a apoiar Márcia na superação da dor, Sêneca sugere agora uma divisão bipartida do assunto, a situação de Márcia (*de maerentis condicione*) e a de Metílio (*de mortui condicione*). A situação de Márcia é o tema que une os argumentos até 19.3, em que Sêneca imagina uma objecção de Márcia: *Non mouent me detrimenta mea; etenim non est dignus solacio qui filium sibi decessisse sicut mancipium moleste fert, cui quicquam in filio respicere praeter ipsum uacat.*

A *diuisio* do capítulo 12 estabelece-se em torno do *topos* *Tuamne an mortui uicem doles?* (cf. Lillo Redonet (2001: 227). Cada uma das partes da questão *utrum...an...* responde a cada uma das duas partes da *consolatio*:

*Dolor tuus, si modo ulla illi ratio est,
utrum sua spectat incommoda* (parte dedicada a Márcia)
an eius qui decessit (parte dedicada a Metílio)

E a mesma estrutura *utrum...an...* serve para estabelecer uma relativa *diuisio* interna da parte dedicada a Márcia (12.1)

*Vtrum te in amisso filio mouet quod nullas ex illo uoluptates cepisti
an quod maiores si diutius uixisset percipere potuisti?*

A segunda parte divide-se outrossim internamente com recurso a *utrum...an...* (19.3):

*Quid igitur te Marcia mouet? Vtrum quod filius tuus decessit
an quod non diu uixit?*

Existe um tema que é de algum modo unificador da secção, o que defende que se deve virar a atenção do consolando dos seus males para os seus bens, o maior princípio consolatório dos Epicuristas (Cic. *Tusc.* 3.31.76), apresentado especificamente em 12.2. Cf. Manning, 1981: 70.

12.2. oportet te non de eo quod detractum est queri, sed de eo gratias agere quod contigit

Séneca aplica o princípio consolatório básico dos Epicuristas de que a atenção do lamentador deve ser virada do mal para o bem (cf. nota *supra*). Para uma discussão mais alongada, v. 5.1-4 e nota. Cf. Manning, 1981: 71.

12.3. Vtrumne malles degenerem aliquem

A ideia de que ter um filho de boa índole que morreu jovem é preferível a ter um degenerado ainda vivo. Em 22.2, Séneca retorna a esta ideia quando defende que uma morte precoce pode ter salvaguardado os interesses de Metílio, e usa-a igualmente numa posterior *consolatio* ao seu amigo Marulo (*Ep.* 99.12-13). Cf. Manning, 1981: 72.

an tantae indolis quantae tuus fuit

Tal como fizera em 5, Sêneca combina neste passo o argumento consolatório epicurista da gratidão por benefícios do passado com a *laus mortui*.

nulli fere et magna bona et diuturna contingunt

Se trocássemos a palavra *bona* por *mala*, teríamos a doutrina epicurista de que nenhuma dor é severa e duradoura, atribuída a Epicuro por Cícero (*Tusc.* 2.19.44; *Fin.* 2.29.94-95: *si grauis, brevis; si longus, levis*). Cf. Manning, 1981: 72.

ne deos quidem fabulae immunes reliquerunt... diuina concidere.

O argumento consolatório de que nem mesmo os deuses e os semideuses estão imunes do luto e da dor remonta a Homero (*Ilíada*, 18.117-18) quando Aquiles reconforta Tétis com o argumento:

οὐδὲ γὰρ οὐδὲ βίη Ἡρακλῆος φύγε κῆρα

ὅς περ φίλτατος ἔσκε Διὶ Κρονίῳνι ἄνακτι

(“Nem a força de Héracles fugiu ao destino, / Ele que mais amado foi pelo soberano Zeus Crónida”, trad. de Frederico Lourenço, Lisboa, 2005², p. 371).

No século I d.C. o tema era já um *topos* literário (Hor. *Carm.* 1.28.7-12; Mart. *Epig.* 9.86) e usava-se igualmente nas escolas de retórica (Sen. *Con.* 8.1).

16.6-8.

Neste dois parágrafos, relativos à parte da *consolatio* dedicada à afligida, surge a *consolatio superstitum*, depois dos *exempla* masculinos e femininos.

Sêneca imagina uma objecção de Márcia (16.6, *non tantum eripuit filios sed elegit*) idêntica à antecipada em 12.4 (*electam te a dis*) e baseada no conceito da *inuidia*, desta vez atribuída à *fortuna*. Este artifício permite ao autor apresentar como lição moral os *exempla* que mostram que o sofrimento de Márcia é comum e que até mesmo os poderosos sofreram semelhantes desgraças (cf. Manning, 1981: 94). Sêneca tenta persuadir Márcia a não se queixar da *fortuna* e recorre ao consolo das suas duas filhas e dos netos sobreviventes. A *dispositio* é idêntica à da *consolatio Arei* (*Marc.* 5.6): primeiro apresenta as pessoas de igual grau familiar como são as filhas, e em seguida os netos que Márcia tem destas. As filhas e os netos são qualificados como sendo *magna*

solacia, com o adjectivo *magnus* que é aplicado amiúde às pessoas passíveis de serem *consolatio superstitum*. A função que as filhas e os netos cumprem é de fazerem crer a Márcia que não foi completamente privada do seu filho (*non ex toto abstulit*). Depois do preceito, apresenta-se a exortação: *In hoc te perduc ut...* O *topos* será embelezado com uma metáfora do âmbito agrícola, com a qual o filósofo insiste na ideia da substituição que os agricultores fazem nos campos (*Agricola, euersis arboribus... semina statim plantasque disponit*). A imagética da vida rural parece agradar a Sêneca, que a usou em duas cartas, *Epp.* 9.5-7 e 104.11, quando acentuava a ideia da necessidade de se criarem novas relações para substituir outras (cf. Manning, 1981: 94-95). Em seguida, vem a aplicação prática ao caso de Márcia realizada em tom exortativo e com constantes imperativos (*Marc.* 16.8). Sêneca evidencia a sua intenção de que Márcia substitua o filho morto pelas filhas sobreviventes. Realiza esta intenção mediante o uso dos imperativos *substitue* e *exple*. E anima Márcia a contrapor uma dor que é única (*unum*) a um duplo consolo (*geminato*). Cf. Lillo Redonet, 2001: 241.

17.1. iam patri

Manning (1981: 97) afirma que se esta é uma referência ao pai de Metílio é a única no texto, e é bastante estranha. Caso o pai de Metílio ainda vivesse com Márcia seria esperado que fosse referido entre os *solacia*, e se já tinha morrido é surpreendente que não tenha sido feita nenhuma referência à reacção de Márcia a esta perda. Se ele já estava divorciado de Márcia não se entende como Metílio, a viver em casa da mãe, pudesse ser *patri praesidium* ou como alguma referência podia evitar ser indelicada. Manning (*ibid.*) sugere que se suponha que Sêneca, ao discorrer sobre a condição geral dos homens, pensa mais na situação geral da perda de um filho do que na posição particular de Márcia.

genitus es

O uso do participio masculino aponta na mesma direcção da nota anterior. Nas outras três ocasiões em que Sêneca parece ter-se esquecido do sexo da sua destinatária, *te ad omnis expositum ictus* (9.3) e *satiatus* (18.4) ocorrem todas em discussões *de condicione humana*.

19.1. Sed, ut ad solacia ueniam

Depois de ter obtido o consentimento de Márcia no que respeita à ideia de que a vida, nas condições estipuladas pela natureza, é proveitosa, Sêneca volta à situação particular da sua destinatária que ocupou os seus pensamentos nas secções de encerramento do capítulo 16 (cf. Manning, 1981: 106).

absentis enim afuturosque... non flemus

Esta afirmação contrasta com o que o autor disse em 7.1: *Nam discessu non solum amissione carissimorum necessarius morsus est et firmissorum quoque animorum contractio*. A sua atitude em 7.1 é a que se encontra mais frequentemente na sua obra, pois escreve a Lucílio que a partida do amigo para a Sicília produziu nele um *desiderium* aliviado pelas cartas dele (*Epp.* 40.1 e 49.1). A avaliação dos sentimentos provocados pela ausência é, em ambos os casos em *Ad Marciam*, determinada pelo argumento principal que a descrição desses sentimentos está planeada para sustentar. Em 7.1, Sêneca expõe a ideia moderada de que a dor é natural e permissível se for limitada, e apoia essa visão sugerindo que até mesmo a separação de amigos vivos provoca um aperto de alma. Porém, quando defende, como faz aqui, que Márcia deve parar de sofrer, para apoiar este argumento serve-se do contraste entre a facilidade com que se aceita a separação motivada pela distância e a extravagância de sentimentos que acompanha a separação motivada pela morte, embora em ambos os casos se fique privado da companhia do ente querido de que anteriormente se tinha desfrutado. Na carta que escreve a Lucílio consolando-o pela morte do seu amigo Flaco, Sêneca reconforta-o estabelecendo uma comparação idêntica da morte e da separação dos vivos por motivo da sua ausência (*Ep.* 63.8). Cf. Manning, 1981: 106.

opinio est ergo...

Para a origem da ideia de que a dor é causada pela *opinio*, v. 7.1 e nota.

19.3. Non mouent me... praeter ipsum uacat

A objecção imaginada de Márcia, que procura assegurar o seu bom julgamento por parte de Sêneca, possibilita ao filósofo passar da primeira para a segunda parte do argumento delineado em 12.1: *Dolor tuus... utrum sua spectat incommoda an eius qui decessit*. A visão de que a dor por conta própria não tinha justificação era comum nas composições consolatórias da altura: Plutarco diz o mesmo a Apolónio (*Apoll.* 111E-F)

e Sêneca exorta Políbio a considerar se a dor é por si próprio ou pelo seu falecido irmão, argumentando que se é por si próprio então é indesculpável (*Polyb.*9.1), servindo aí, como serve em *Ad Marciam*, para introduzir a discussão sobre o destino dos mortos (cf. Manning, 1981: 108).

semper enim scisti moriturum

Neste ponto, Sêneca retorna ao tema de que ‘todos os homens têm de morrer’; v. 11.1 *mortalis nata es mortalesque peperisti* e nota *ad loc.* O argumento, recomendado pelos Cirenaicos, relembra as palavras de Anaxágoras: *Sciebam me genuisse mortalem*, e o *Telamon* de Ênio: *Ego cum genui, tum morituros sciui* (citados por Cic. *Tusc.* 3.13.28 e 3.24.58).

19.4-25.3.

A *Consolatio ad Marciam* é a consolação mais estudada no que se refere à secção dedicada à causa da aflição, isto é, a morte (cf. Lillo Redonet, 2001: 245). Pode considerar-se que esta parte tem uma estrutura dupla: a retórica e a filosófica.

À estrutura filosófica pertenceriam duas partes:

- 1) **19.4-20-6:** Sofres pela morte de Metílio?
- 2) **21.5-25-3:** Ou sofres porque morreu demasiado cedo?

A estrutura filosófica baseia-se no dilema socrático e subdivide-se em outras duas partes:

- 1) **19.4-22.7:** Atitude epicurista perante a morte combinada com o tema da *opportunitas mortis* em 20.4-6 e 22.
- 2) **23.1-25.3:** Descrição da vida depois da morte baseada em crenças estóico-platónicas (23.1-2 e 24.5-25.3).

Lillo Redonet (2001: 245) propôs que se optasse pela divisão filosófica distinguindo entre *mors finis* / *mors transitus*.

Assim, o *topos* da *mors dolorum omnium exsolutio* (*mors finis*) é o primeiro, dos que compõe o dilema socrático, a aparecer em *Ad Marciam* (o segundo surge em *Marc.* 23.1-25.3; v. nota 23) inserindo-se na interrogativa retórica que Sêneca dirige a Márcia para se referir à preocupação desta pela sorte do morto (19.3): *Quid igitur te, Marcia, mouet? Vtrum quod filius tuus decessit an quod non diu uixit?*

Depois de relembrar a *mortalitas* de Metílio, Sêneca afasta as ideias sobre os perigos do mundo inferior criticando os poetas por os terem inventado.

19.4 Cogita nullis defunctum malis adfici

A representação tradicional do submundo e dos seus castigos, que Sêneca descreve e nega aqui, foi rejeitada por quase todas as escolas filosóficas do século I. Para um estóico como Sêneca, era impossível considerar que a alma, sendo composta de sopro ígneo, tivesse de viajar para um mundo inferior. Cícero, nas *Tusculanae Disputationes* (1.6.11), põe o seu interlocutor a dizer que ninguém com o mínimo de sensatez se deixaria atormentar por esses fantasmas (v. também Cic. *Tusc.* 1.16.36 e Cic. *N. D.* 2.2.5). No entanto, eram os Epicuristas os que demonstravam possuir mais fortemente a preocupação em refutar a lenda do submundo (v. Lucr. 3.978-1023) e estava-lhes particularmente associada por Sêneca, como se pode ver pelas palavras que escreve a Lucílio: *Non sum tam ineptus ut Epicuream cantilenam hoc loco persequar et dicam uanos esse inferorum metus, nec Ixionem rota uolui...* (*Ep.* 24.18). Cf. Manning, 1981: 110.

nec tribunalia... ullos iterum tyrannos

Na tradicional representação do submundo, as almas dos recém-mortos eram julgadas por um de três juízes, Éaco, Minos ou Radamante, a que Platão (*Ap.* 41A) acrescenta Triptólemo. Na mitologia grega, os primeiros três são filhos de Zeus e governantes (*tyranni*) quando viviam entre os homens, Éaco em Egina, Minos e Radamante em Creta, e, por terem sido soberanos exemplares na aplicação da justiça, foram recompensados ao tornarem-se juízes dos mortos. Na *Apocolocyntosis*, Sêneca retrata Cláudio a comparecer diante do tribunal de Éaco (14.2).

luserunt ista poetae... terroribus

Desde Platão (*R.* 9.603E-605A, 606E-607A) que os filósofos acusam os poetas de encorajarem falsas opiniões e comportamentos inapropriados (cf. Manning, 1981: 111). Em Roma, eram apontados dois erros aos poetas: o de retratarem os deuses de um modo indigno deles, o que potenciava a protecção aos vícios humanos (*Sen. Ben.* 7.23; *Breu.* 16.5; *Vit.* 26.2), e o de descreverem o submundo de tal maneira que suscitavam medos desnecessários na humanidade. Cícero faz a mesma acusação: *quam... opinionem magni errores consecuti sunt, quos auxerunt poetae* (*Tusc.* 1.16.36), que é

repetida neste passo por Sêneca e em carta a Lucílio (*Ep.* 82.15-16). Nesta questão, regista-se a concordância entre Estóicos e Epicuristas, cf. Lucrécio, 3.978 ss. (cf. Segurado e Campos, 2004: 365, n. 12). Os Estóicos tentaram amiúde alegorizar tais lendas e quando o faziam eram criticados pelos Académicos por darem demasiada importância aos poetas (Cic. *N. D.* 3.91). V. *infra* 21.5 *metasque dati peruenit ad aevi*. Cf. Manning, 1981: 111.

19.5-6.

Num primeiro momento, Sêneca desenvolve longamente o preceito teórico (19.5), ressaltando a ideia de que a morte não é um mal porque é nada e, além disso, livra o homem dos males da vida (*mors dolorum omnium exsolutio*). Para o provar, recorre a uma série de argumentos encadeados nos quais repete o termo *nihil* e aplica *nullus* ao morto (cf. Lillo Redonet, 2001: 247). Num segundo momento, a consequência do argumento é a fuga do morto a todos os males da existência humana. Começa aqui a aplicação concreta ao caso de Metílio daquilo que Sêneca expressou na parte teórica do preceito. A libertação expressa-se mediante a referência à saída dos limites da existência (19.6: *terminos intra quos seruitur*), ligando-se ao léxico utilizado na parte teórica que qualificava a morte como *finis ultra quem mala nostra non exeunt*. Verifica-se a existência de uma sintaxe idêntica quanto à relação do verbo de libertação (19.6: *excessit*) e o seu sujeito que introduz o morto por meio da sua relação de parentesco e o pronome possessivo: *filius tuus* (cf. Lillo Redonet, 2001: 247).

Depois de referir a libertação proporcionada pela morte, Sêneca apresenta o lugar a que Metílio chega. Na parte teórica, referida ao homem de modo geral, falara do retorno ao lugar onde o homem estava antes do seu nascimento (19.5: *in qua antequam nasceremur iacuimus*), empregando o verbo *reponit*, e qualificando o lugar como proporcionador de uma *tranquillitas* que será um traço em destaque na parte prática, uma vez que Metílio, após ter deixado o mundo dos vivos, é recebido num lugar pleno de paz: *excepit illum magna et aeterna pax*. É significativo que o mesmo verbo *excepit* seja utilizado na parte dedicada à imortalidade (cf. Lillo Redonet, 2001: 248).

Seguidamente, depois da consequência da libertação referida e da estada nesse lugar pleno de paz, surge a *enumeratio* dos males de que Metílio se livrou. A *enumeratio* dos males da vida apresenta-se mediante a anáfora de *non*. É utilizada também a anáfora de *nulla* para terminar com uma nova frase introduzida por *non* que resume o sentimento de insegurança que afectou o morto enquanto era vivo. O que é

enumerado tem um vocabulário que se pode relacionar com os verbos a que antes aludimos: *metu* e a expressão *ex euentu semper in certiora dependenti* relacionam-se com *timeo*, e *diuitiarum cura* e *inuidia felicitatis alienae* relacionam-se com *cupio*; o verbo *patitur* implica que o sujeito sofre os males da vida e é precisamente a ideia de ser sujeito sofrendor o que implicam os seguintes verbos na voz passiva, alguns dos quais têm, além do mais, um matiz de hostilidade contra o ser humano: *incessitur*, *tangitur*, *premitur*, *uerberantur* (cf. Lillo Redonet, 2001: 248). O medo da pobreza é um dos males referidos (19.6), tal como a inveja (*inuidia felicitatis alienae*) e a insegurança da fortuna (*non sollicitus futuri pendet et ex euentu semper in certiora dependenti*).

A conclusão do consolador é que Metílio não sofre com a morte. O modo de expressão de carácter conclusivo (*tandem*) e a insistência em *nihil* permitem chegar a essa conclusão: *Tandem ibi constitit unde nil eum pellat, ubi nihil terreat*.

Em *Ad Marciam*, inserido no desenvolvimento do *topos* da *mors dolorum omnium exsolutio*, inclui-se uma *laudatio mortis* que ocupa o capítulo 20 e um desenvolvimento da *opportunitas mortis* que ocupa os capítulos 20.4-22.

O tratamento do *topos* em Séneca apresenta analogias com outros textos. O recurso à *enumeratio* para expor os males da vida humana é um procedimento muito utilizado no desenvolvimento deste *topos* (cf. Cícero, *Tusc.* 1.84).

19.5. Mors dolorum omnium exsolutio est et finis ultra quem mala nostra non exeunt

Séneca continua a exposição do argumento epicurista de que a morte, sendo o fim de todas as sensações, é o fim de todo o sofrimento.

quae... in qua antequam nasceremur iacuimus reponit

A comparação do estado da morte ao existente antes do nascimento remonta a Eurípides (*Troad.* 636: τὸ μὴ γενέσθαι τῷ θανεῖν ἴσον λέγω), e era muito favorecida pelos Epicuristas por ser uma ideia que podia dissipar o medo da morte (cf. Lucrecio, 832-3, 838, 840-429). Cf. Manning, 1981: 112.

Mors nec bonum nec malum est

Este é um argumento epicurista que significa que a morte sendo nada (*nihil*) não é nem boa nem má. A forma de expressão do argumento é remanescente dos Estóicos que classificaram a morte entre os ἀδιάφορα, as coisas indiferentes, visto que não tem

relação com o único *bonum*, a virtude, ou o único *malum*, o de base moral (SVF I.190; III.117; III.127. Para uma discussão desta classificação entre os Estóicos, v. René Hoven, *Stoïcisme et Stoïciens face au problème de l'au-delà*, p. 43). Pode-se encontrar uma utilização idêntica em termos linguísticos num contexto estóico nas cartas a Lucílio, e.g.: *tamquam indifferentia esse dico (id est nec bona nec mala) morbum, dolorem, paupertatem, exilium, mortem* (Ep. 82.10).

19.6. Excessit filius tuus terminos intra quos seruitur

Apresenta-se aqui, e até 20.3, a descrição da morte como libertadora das atribulações da vida (*mors dolorum omnium exsolutio*). Este argumento é amplamente usado por Sêneca em contextos consolatórios, sobretudo quando insere a primeira parte do dilema socrático (*Polyb.* 9.4), ou quando defende a visão estóica de que o suicídio é justificável quando na vida predominam os ἀποπροηγμένα sobre os προηγμένα (cf. *Ep.* 70.14-16, 19-21, em que o filósofo mostra que mesmo uma pessoa da mais baixa condição pode encontrar na morte o caminho para a liberdade). Podemos encontrar outro longo excuro da vida como servidão em Sêneca, *Tranq.* 10.3.

20.

Sêneca apresenta um longo elogio dos benefícios conferidos pela morte, sendo que o primeiro período, cuidadosamente balanceado, consiste numa exclamação e numa oração relativa da qual *mors* é o sujeito; em seguida *mors* é modificada por cinco orações construídas com *siue*, e a frase termina com três substantivos apostos a *mors*, cada um dos quais acompanhado de um dativo, com o *tricolon* equilibrado por uma oração participial. A construção do segundo parágrafo assenta numa *repetitio* de *haec* no início de uma série de frases variadas em que a frase final envolve duas orações relativas como predicado de *haec*, em que a primeira contém uma oração final, e a segunda duas. No terceiro parágrafo, há uma repetição do verbo *uideo* e o passo termina com uma *contentio*, a antítese retórica de *uita* e *mors* na frase *caram te, uita, beneficio mortis habeo*. Para outros passos em que Sêneca elogia a morte, v. 19.6 e nota e *Ep.* 91.21. Cf. Manning, 1981: 113.

20.2. *haec... exaequat omnia*

Para o tema da morte como niveladora, v. 11.2 e nota. Embora o tema seja apelativo para o próprio Sêneca, a ideia de que era apropriado para lidar com o membro de uma família que sofrera a hostilidade dos poderosos pode ter influenciado o autor a repeti-la (cf. Manning, 1981: 114).

20.3. *membris singulis articulis singula †docuerunt† machinamenta*

O texto neste ponto apresenta algumas dificuldades. Conforme comenta Manning (1981: 114), a transição de uma primeira pessoa do singular para uma terceira do plural é “harsh”, e não é possível chegar-se a um sentido satisfatório para *docuerunt*. Mureto contemplou a eliminação da palavra, o que é uma “attractive possibility”, nas palavras de Manning (*ibid.*), deixando *machinamenta* como objecto de *uideo*. Segundo Manning (*ibid.*), se a inserção de um verbo não-existente é paleograficamente improvável, então *nocuerunt* com *machinamenta* como sujeito, como contemplado por Madvig, Gertz e aceite por Basore, é plausível. A locução *membris singulis articulis* sem uma conjunção coordenativa é, usando novamente uma expressão de Manning (*ibid.*), “puzzling”. Waltz (1923: 9) sugeriu, e, nas palavras de Manning (*ibid.*), “probably right”, que *membris* é provavelmente uma glosa explicativa de *articulis*, tendo Waltz citado como paralelo a *Ep.* 24.14: *singulis articulis singula machinamenta... aptata*.

licet uno gradua d libertatem transire.

Sêneca apresenta explicitamente o suicídio como uma via de escape. Para um estóico, o suicídio era permissível, em certas circunstâncias, ao *sapiens* (*SVF* III, 757-768), após ter feito uma apreciação racional das condições. Sêneca via no *rationalis e uita exitus* um caminho para a liberdade (*Epp.* 70 e 98. 16; *De Ira* 3.15.4, em que a fuga às garras de um tirano justifica todos os métodos de suicídio). O modo como Cremúcio Cordo, pai de Márcia, morreu (cf. 1.2-4; 22.4-7) devia tornar atraente esta avaliação das vantagens da morte não somente para o próprio autor mas também para a sua destinatária.

Numa carta a Lucílio, Sêneca apresentou o tratamento mais substancial do suicídio como a mais digna saída de uma vida indigna (*Ep.* 70). Cf. Manning, 1981: 114.

20.6. *illi*

Com esta indicação do pronome *illi* referido a Metílio, que não era mencionado desde 19.6, Séneca faz com que a atenção do leitor retorne ao filho de Márcia. J. R. G. Wright (“Form and Content in the Moral Essays”, C. D. N. COSTA (ed.), *Seneca*, 1974, p. 43) apontou para o facto de que certos passos em Séneca têm uma existência quase independente da questão principal e é o que acontece no capítulo 20, em que Séneca, ao tentar mostrar que o estado de Metílio não é mau, desenvolve longamente as secções de louvor à morte e os exemplos dos que podiam ter evitado o sofrimento se tivessem morrido mais oportunamente, e fê-lo para mudar os sentimentos de Márcia sobre a morte em geral.

Neste momento, o autor pretende redireccionar a atenção de Márcia para a sua situação e para tal faz esta abrupta referência a Metílio.

21.1. *Nimis tamen cito periiit et immaturus*

Séneca apresenta, mais uma vez, uma objecção imaginada de Márcia, que o possibilita a passar para a segunda das divisões delineadas em 19.4: *an quod non diu uixit*. Trata deste assunto com alguma demora, concluindo os argumentos com a prosopopeia de Cremúcio Cordo que encerra a obra. Séneca teria por objectivo mostrar que a morte precoce não privou Metílio de nada na sua vida e, seguindo por uma linha oposta à visão epicurista a que tinha aderido em 19.5ss., retrata-o a gozar no céu de uma vida abençoada rodeado dos lendários heróis romanos e do próprio avô. O argumento que se segue é o seguinte (cf. Manning, 1981: 120):

21.1-3. A vida do homem e de tudo o que ele constrói, comparada com a vida do universo, é breve, e por mais que se viva, está-se muito mais tempo morto do que vivo.

21.4. O tempo de vida designado é diferente para as diferentes espécies e para os diferentes indivíduos.

21.5-6. O destino é imutável.

21.6-7. Todos os minutos que se vivem são uma subtracção ao tempo total que resta, mas o homem não o reconhece.

22. Ter vivido mais tempo poderia não ter trazido quaisquer benefícios a Metílio, sobretudo nos tempos incertos do presente.

23.1-2. Aqueles que morrem mais cedo são menos contagiados pelas impurezas terrenas e retornam mais facilmente ao seu lugar original nos céus.

23.3-24.4. Metílio atingiu o verdadeiro objectivo da vida, a virtude amadurecida. Não lhe restou nada para obter e a morte foi assim uma consequência natural.

24.5-25.3. Metílio goza de uma melhor vida nos céus.

26. Prosopopeia, em que Cremúcio Cordo relembra a Márcia a superioridade da vida celeste relativamente à vida terrena.

uenienti in pactum hoc prospicimus hospitium

O uso do termo *hospitium* pretende produzir a impressão de que esta vida é uma morada temporária que não nos pertence, uma ideia apelativa para Sêneca que, por vezes, se refere aos mortais como *inquilinos* (*Ep.* 70.16) ou ao meio que nos circunda como um *conturbanium* (*Tranq.* 11.7); e só se partilhava uma tenda militar por um período limitado (cf. Manning, 1981: 121).

Computa urbium saecula

O tema da aceitação da morte de alguém porque coisas muito maiores como cidades e mesmo os rios e o mar, também pereciam, é um *topos* consolatório comum que aparece em Cícero, na carta que Sulpício lhe escreve para o consolar pela morte de sua filha Túlia, falando-lhe do destino de cidades gregas outrora famosas (*Fam.* 4.5.4). Sêneca usa esse tema aqui e mais adiante, na conclusão da prosopopeia de Cremúcio (26.6), na sua consolação ao liberto de Cláudio (*Polyb.* 1.1-3) e ao escrever a Lucílio exortando-o a enfrentar com coragem a perspectiva da sua própria morte (*Ep.* 71.15).

21.2. Terram hanc... puncti loco ponimus ad uniuersa referentes...

O termo *punctum* é usado por Sêneca tanto para se referir ao espaço no universo ocupado pela terra (*Nat.* I, *praef.* 8 e IVb.11.4) como à dimensão da vida humana comparada com a eternidade (*Ep.* 49.3: *Punctum est quod uiuimus et adhuc puncto minus*). Aqui, temos uma *gradatio* em que o espaço da terra é considerado e afastado por ser diminuto, *terram puncti loco ponimus*, e o espaço da vida humana é seguidamente descrito como ainda menos significativo: *minorem portionem aetas nostra quam puncti habet si omni tempori comparetur*. Os dois conceitos estão firmemente vinculados na tradição consolatória, usando Cícero o termo da extensão do espaço terrestre (*Tusc.* 1.40). É possível que este uso do termo em referência à extensão do espaço terrestre possa ter tido origem nas teorias dos astrónomos. Cf. Manning, 1981: 121.

ut pote cum ille se... totiens remetiat

Sêneca refere-se às doutrinas estoicas da παλιγγενεσία, ἐκπύρωσις ou *conflagratio* e do κατακλυσμός, segundo as quais o processo cíclico da história do mundo terminaria mediante a acção do fogo e da água e repetir-se-ia incessantemente. Sêneca retornará a este tema na prosopopeia de Cremúcio Cordo (26.7), sobre o qual v. as notas para uma exposição mais aprofundada da doutrina com a apresentação de textos relevantes.

21.4. Deinde sibi maturus decessit

Sêneca expõe a ideia de que Metílio obteve tudo o que tinha para obter, ideia a que retorna em 23.3-5. Numa carta a Lucílio, descreve ao amigo em termos idênticos o modo como deve ser vista a morte prematura: *‘At ille obiit uiridis.’ Sed officia boni ciuis, boni amici, boni filii executus est; ... licet aetas eius imperfecta sit, uita perfecta est* (Ep. 93.4. V. Ep. 93.8). Sêneca apresenta dois pensamentos em comunhão: o de que a virtude madura é o objectivo da vida e o de que perto da maturidade está o fim. Este tema é desenvolvido por Cícero, que estabelece a comparação da vida com os frutos numa árvore: *Sed tamen necesse fuit aliquid extremum, et tamquam in arborum bacis terraeque fructibus, maturitate tempestiua quasi uietum et caducum...* (Sen. 5).

21.5. Fixus est cuique terminus

Sêneca apresenta o argumento determinista que antecede a ideia expressa em *habebit quisque quantum illi dies primus adscripsit* (21.6) e que é remanescente do fatalismo estoico. Neste ponto, contudo, a fraseologia lembra Lucrecio (1.76-77, repetida em 5.89-90): *... finita potestas denique cuique / quam sit ratione atque alte terminus haerens*, e a Ep. 101.7: *Stat quidem terminus nobis ubi illum inexorabilis fatorum necessitas fixit*. Cf. Manning, 1981: 123.

metasque dati peruenit ad aevi.

Sêneca cita um verso vergiliano (Aen. 10.472) referente à imutabilidade da morte de Turno.

Vergílio é um poeta muito citado por Sêneca, sobretudo nas *Epistulae Morales ad Lucilium*. Nas palavras de M.^a Martín Sanchez (“Virgílio en Sêneca. Uso senequiano

de la poesia de Virgilio”, p. 55), o uso que o filósofo cordubense faz dos versos do poeta de Mântua “no solo nos muestra el poso que éste deja en la literatura romana, sino la asimilación, por parte de Séneca, de pautas consagradas en la redacción de escritos destinados a «orientar conductas»”. A posição de Séneca perante os poetas pode ser qualificada, segundo a mesma estudiosa (*ibid.*), de “ambivalente o, cuando menos, circunspecta”. Séneca mostra-se receoso quanto à frivolidade dos poetas líricos que atribuem aos deuses as paixões e inclinações dos humanos (*Vit.* 26.2) e com as suas fantasias aumentam o receio da morte (v. *Ep.* 82.16; cf. *supra* 19.4 *luserunt ista poetae... terroribus*). Séneca encontra nas obras dos poetas um manancial de símbolos e *exempla* de comportamentos morais. Na polémica questão das relações entre estética e ética, entre forma e conteúdo, a poesia assume no discurso estóico a função de *ancilla philosophiae*, pondo-se ao serviço da transmissão do *praeceptum*. A virtude torna-se mais atraente quando está trajada com uma roupagem estética e “os próprios preceitos ministrados podem ter por si só muita força, se vierem, por exemplo, sob forma métrica ou, mesmo em prosa, sob forma de uma sentença concisa” (*Sen. Ep.* 94.27). Deste modo, *admonitio* moral e poesia colaboram para a obtenção de um mesmo fim: modificar as consciências. A filosofia serve a vida e tem como finalidade orientar as condutas, e para o conseguir a *admonitio* senequiana tem na poesia um instrumento valioso. Para atingir este propósito, Séneca recorre amiúde a Vergílio, exaltado pelos seus contemporâneos como *maximus uates* (*Breu.* 9.2), mas, ao citá-lo, o filósofo dá à sua poesia um significado ético conforme as suas preocupações moralistas e o contexto do discurso estóico, e, com as citações de Vergílio, Séneca exemplifica o que afirma ou complementa aspectos que lhe interessa sublinhar (cf. Martín Sanchez, *op. cit.* p.56).

21.6-7. Ex illo quo... iter mortis ingressus est...

Séneca fala da morte não simplesmente como uma consequência do nascimento, como fizera em 10.5, mas para introduzir a ideia, relacionada com aquela, de que cada passo no crescimento desde o nosso nascimento é um passo em direcção à morte. Para fundamentar o argumento de que cada período da vida é uma redução do tempo restante usa duas antíteses: *illi ipsi qui adiciebantur adulescentiae anni uitae detrahebantur* e *Incrementa ipsa... damna sunt*.

22.1. Vnde enim scis... hac morte consultum sit?

Sêneca retorna ao tema da *opportunitas mortis*. Este tema conduz naturalmente à descrição dos males da vida e das variações da fortuna a que os mortos já não estão expostos. O uso do tema é uma prática comum aos escritores de consolações ou usado por aqueles que referem alguém falecido, como é observável nas palavras de Sulpício a Cícero por ocasião da morte da filha deste último (*Fam.* 4.5.3): *hisce temporibus non pessime cum iis esse actum, quibus sine dolore licitum est mortem cum uita commutare? Quid autem fuit, quod illam hoc tempore ad uiuendum magno opere inuitare posset?*

quia... nihil nisi quod praeteriit certum est.

O tema da certeza do passado como uma fonte de felicidade era amplamente acentuado na filosofia helenística, e os Epicuristas enfatizavam a importância da recordação como fonte de prazer e reconforto (*reuocatio*). Sêneca valorizava o passado como algo que era certo e imutável num mundo incerto e em mudança, como se pode ver pelas suas palavras em *De Breuitate Vitae* (10.2): *In tria tempora uita diuiditur, quod fuit, quod est, quod futurum est. Ex his, quod agimus breue est, quod acturi sumus dubium, quod egimus certum. Hoc est enim in quod Fortunam ius perdidit...* Aqui Sêneca apresenta o contraste entre as bênçãos de que Metílio gozou na vida e a incerteza do futuro. Cf. Manning, 1981: 125.

22.2.

Ao delinear as desgraças que poderiam ter recaído sobre Metílio, Sêneca apresenta uma gradação dos males inevitavelmente trazidos pelo tempo: a velhice, os acidentes e enfermidades que são um aspecto imprevisível mas parte da vida, culminando nos sofrimentos impostos iniquamente por condições políticas desfavoráveis, um tema que lhe possibilita retornar ao assunto de Cremúcio Cordo e do seu destino. Cf. Manning, 1981: 125.

illud fili tui pulcherrimum corpus et summa pudoris custodia... conseruatum

Sêneca elogia a figura física de Metílio e a sua conduta moral exemplar rara nos tempos contemporâneos. Esta breve alusão prepara o leitor para outro desenvolvimento da *laus mortui* que vai de 23.3 a 24.4.

22.3. Itaque si felicissimum est... in integrum restitui.

Sêneca expressa aqui a mesma atitude pessimista que apresentara em 11.1: *Tota flebilis uita est*. Era um tema muito do agrado dos escritores de consolações e está frequentemente ligado a um mito que Plutarco atribui a Aristóteles, em que Sileno, quando foi capturado por Midas, declarou que a melhor coisa para o homem e para a mulher era não nascer, e a segunda melhor era morrer o mais rápido possível (*Apoll.* 115E). Cícero narra o mesmo mito (*Tusc.* 1.114) e acrescenta que há um mito idêntico em Crantor (*ibid.* 1.115). Cf. Manning, 1981: 129.

23.

Sêneca desvia-se da descrição das dificuldades desta vida, das quais Metílio está livre, e esboça um quadro da vida melhor de que a alma de Metílio desfruta agora (23.1-2; 24.5-fim), interrompendo este tema com um louvor a Metílio, dando provas de que ele é merecedor e está preparado para gozar desta nova existência (23.3-24.4).

O conteúdo do quadro geral da vida além-morte, e a forma da segunda parte da descrição deve muito ao *Somnium Scipionis* com o qual Cícero conclui o seu *De Republica*. Embora as diferenças de situações impliquem divergências entre as conclusões das duas obras (por exemplo, Cipião Emiliano é retratado a dormir enquanto a experiência do novo mundo é real para Metílio) há correspondências formais relevantes. Quer no *Somnium* (*Rep.* 6.13ss.) quer em *Ad Marciam* (25.2) o avô introduz o neto nessa nova vida e descreve do céu a ordem do universo; a προσωποποιία em que um parente falecido respeitadíssimo encoraja os que estão vivos relembra a forma do *Somnium*. Também em termos doutriniais a respeito da vida no além se registam semelhanças entre o *Somnium* e *Ad Marciam*, pois em ambos a doutrina platônica da pré-existência e do pós-vida das almas constrói-se no quadro da metafísica estóica em que a divindade não é transcendente num mundo além do universo mas imanente no universo (cf. Manning, 1981: 133). Contudo, existem divergências claras na consideração geral e nos pensamentos particulares: as duas obras têm estruturas e objectivos diferentes. Sêneca parece preocupar-se com o que sucede no mundo inferior, enquanto Cipião faz com que o seu neto não se preocupe em excesso com o mundo terreno (*Rep.* 6.17-19); existem algumas diferenças nas proporções em que Cícero e Sêneca conjugam os conceitos estóicos e platônicos, e as doutrinas da ἐκπύρωσις e da παλιγγενεσία com que Sêneca termina *Ad Marciam* não se encontram no *Somnium*.

Ainda assim, atentemos nas semelhanças. Tanto para Cícero como para Sêneca a alma é o verdadeiro ser e não o corpo (*Rep.* 6.26; *Marc.* 24.5); a alma tem uma origem celeste e desce para o corpo (*Rep.* 6.13; *Marc.* 24.5) que é como uma corrente ou uma prisão para a alma (*Rep.* 6.14 e 15; *Marc.* 24.5); a alma é libertada pela morte e retorna à sua morada celeste (*Rep.* 6.29; *Marc.* 23.1) onde encontra a felicidade no conhecimento dos processos cósmicos (*Rep.* 6.13; *Marc.* 25.2).

Em *Ad Marciam* (26.4), Sêneca põe Cremúcio Cordo a descrever a vida feliz com que os mortos foram abençoados e a falar da ausência de conflito militar na terra e no mar, de assassínios e de litígios contínuos, como sendo característicos da vida terrena, e afirma que nos céus *nihil in obscuro, detectas mentes et aperta praecordia et in publico medioque uitam*, referindo-se às qualidades éticas das almas que não desejam esconder nada umas das outras, mais do que aos meios físicos ou não-físicos por que comunicam. As doutrinas da ἐκπύρωσις e da παλιγγενεσία e a da vida pós-morte morte encontram-se em Zenão, Cleantes e Crisipo e Posidónio. E o destino de Metílio, cuja alma sobrevive à morte do corpo, está de acordo quer com o ensinamento de Cleantes, que sustentava que todas as almas sobreviviam até à *conflagratio* do mundo, quer com o de Crisipo, que defendia que apenas sobreviviam as almas dos sábios (a quem Sêneca assemelha Metílio). Nesta descrição da futura vida das almas, o Cordubense usa certas expressões poéticas para ressaltar a sua descrição, como *ad superos* (23.1), *ad excelsa* (25.1) *ex arce caelesti* (26.1) e *in profunda terrarum* (25.2, construção participial de uso poético). Cf. Manning, 1981: 133-35 e Lillo Redonet, 2001: 254.

Dentro do dilema socrático, a segunda parte (*mors transitus*) diz respeito à possibilidade de imortalidade. No tratamento que Sêneca dá à imortalidade, o destino final da alma é a contemplação dos segredos do universo, neste sentido é uma imortalidade baseada numa felicidade de ordem intelectual. Em *Ad Marciam*, os capítulos 23.1-25.3 são a parte dedicada à ideia da imortalidade constituindo dois blocos (23.1-2 e 24.5-25.3), no meio dos quais se inclui uma *laus mortui* (23.3-24.4). Cf. Lillo Redonet, 2001: 250-51.

23.1. minimum enim faecis... obsoleti inlitique eluunt.

Encontra-se em Platão a ideia de que a alma era corrompida pelo seu contacto com as coisas terrenas (*Phd.* 66BB-C, sobretudo em 80E-81C, 82C e 83D). Os compositores de obras consolatórias, como é o caso de Sêneca, consideraram a doutrina

muito útil na consolação dos que perderam alguém muito jovem argumentando que, por terem tido uma vida mais curta, não foram maculados. Plutarco fez uso do conceito nesta forma para consolar a sua mulher pela perda da filha de ambos (*Consolatio ad Vxorem* 611E-F). A teoria da origem divina da alma é platónica bem como o conceito de que a alma virtuosa pode retomar o caminho para lugares celestes (*Ti.* 42B).

23.2. *exire atque erumpere... uagari per omne*

Em *exire atque erumpere gestiunt* expressa-se o desejo da alma de sair do mundo terrestre. Quando chega ao além, a alma dedica-se às duas actividades que lhe são próprias: a contemplação do universo e a observação do mundo inferior. Cf. Lillo Redonet, 2001: 255.

O vocabulário que Séneca emprega é típico para contrastar a vida de estreitos limites na terra com a ampla e entusiasmante vida no além. Os adjectivos e advérbios derivados de *angustus* são usados para descrever o julgamento que o filósofo faz desta vida (cf. *Nat.* 1, *praef.* 13: *Tunc contemnit* [sc. animus] *domicilii prioris angustias*; *Epp.* 65.24 e 120.15; *Breu.* 14.1). O desejo da alma é *erumpere et exire* (*Ep.* 70.24). A alma do irmão de Políbio liberta do corpo exulta, *gestit* (*Polyb.* 9.3) e é descrita como vagueando (*uagatur*) livremente nas regiões celestes (*ibid.* 9.8) conforme, diz Séneca, é o deleite da virtude (*Nat.* 1, *praef.* 7). Cf. Manning, 1981: 137.

Platon

Esta forma de nominativo é bastante usada por Séneca (*Ben.* 4.33.1; 5.7.5; 6.18.1; *Epp.* 6.6; 44.4; 47.12; 108.38), embora recorra também à forma latina mais comum, *Plato*, de que Busa e Zampolli (*Concordantiae Senecanae*, Hildesheim, 1975) registam quinze exemplos.

sapientes animum totum in mortem prominere

Podemos recordar a afirmação de Platão de que, porque o filósofo visa ver a verdade pela mente, sem as restrições impostas pelos sentidos defeituosos do corpo, toda a sua vida foi direccionada para a separação da alma do corpo, coisa que ele acreditava que acontecia na morte. E assim Platão declara que, tendo passado a vida inteira a tentar alcançar um estado o mais próximo possível da morte, a morte não o perturba mas aceita-a de bom grado (*Phd.* 64A, 67D-E). Com base no mesmo princípio, Cícero defende que nesta vida devemos separar-nos do corpo e acostumar-nos a

morrer, de modo a que as nossas almas, quando se libertarem, tenham um voo ascendente menos restringido (*Tusc.* 1.31.75).

23.3.

Sêneca volta a introduzir o tema da *laus mortui* e combina-o com o tema de o fim acompanhar naturalmente a perfeição (para o qual v. 21.4 e nota). O louvor a Metílio está no início da secção que lida com a situação de Márcia e na direcção da que trata da situação de Metílio, sendo assim atingida, como afirma Manning (1981: 138), “a loose structural symmetry between the sections”.

honores sine ambitione

Sêneca não faz menção de nenhuma magistratura ocupada por Metílio, o que prova, num contexto consolatório, que não ocupou nenhuma, caso contrário essa circunstância seria amplamente louvada, embora a fraseologia sugira que Metílio tinha intenção de seguir uma carreira senatorial.

Quicquid ad summum peruenit ab exitu prope est

A ideia de que a destruição seguia a maturidade era um lugar-comum retórico. Sêneca relembra provavelmente uma *sententia* de Albúcio Silo: *Quicquid ad summum peruenit, incremento non reliquit locum* (Sen. *Suas.* 1.3). (Cf. Manning, 1981: 138).

eripit se aufertque... in primo maturuerunt

Os escritores de obras consolatórias acentuaram a ideia de que a morte prematura ocorria aos virtuosos, e por isso devia ser considerada um sinal de favorecimento divino. Plutarco, citando Homero (*Od.* 15.245-6), ilustrou a crença de que os que eram preeminentes e que surgiram dos deuses morreram antes da velhice (*Apoll.* 111B).

Fabianus

Papírio Fabiano era um escritor de filosofia do século I d.C.: em jovem foi discípulo de Arélio Fusco e dos Sêxtios (cf. Griffin, 1992^R: 39), e tornou-se célebre no âmbito da oratória. Escreveu sobre filosofia política, sobre animais, e fenómenos naturais (cf. Griffin, 1976: 39). Tendo-se virado para a filosofia, cortou os excessos do estilo oratório e a sua busca pela simplicidade e pela *brevitas* pode ter obscurecido as

suas composições, pelo menos segundo o que se pode concluir da crítica que lhe faz Séneca-Pai (*Con.* 2.1.2) e da longa defesa do seu estilo empreendida pelo nosso autor (*Ep.* 100.1-9). A admiração de Séneca por Fabiano é perceptível, não somente pelo passo citado em que defende o seu estilo, mas também pelas descrições dele como *uir egregius et uita et scientia* (*Ep.* 40.12) e *non ex his cathedrariis sed ex ueris et antiquis* (*Breu.* 10.1). Cf. Manning, 1981: 139.

24.1. *uirtutibus illi, non annis aestimare*

A presente injunção de Séneca à sua destinatária é a conclusão natural a que conduzem os argumentos em 21.4 e 23.3-5 e era muito usada em contextos consolatórios quando o morto era jovem, ainda que Cícero a discuta num contexto mais geral: *Nemo parum diu uixit qui uirtutis perfectae perfecto functus est munere* (*Tusc.* 1.109). O argumento é usado por Plutarco para consolar Apolónio pela morte de seu filho (*Apoll.* 111A): ὥς οὐχ ὁ μακρότατος βίος ἄριστος ἀλλ’ ὁ σπουδαιότατος, e por Séneca, na *Ep.* 93, em que discute a morte do filósofo Metronacte.

Pupillus relictus

O que a partir destas palavras se pode supor é que o pai de Metílio morreu e designou em testamento tutores para o seu filho, embora, como ressalta Manning (1981: 139), esta suposição envolva considerar como geral a referência *iam patri praesidium* (17.1) em vez de ser tomada como particularmente respeitante à situação de Metílio (v. nota *ad loc.*). O jurista Gaio refere a lei que atribuía aos pais a permissão para designar em testamento tutores responsáveis pela supervisão dos assuntos referentes a seus filhos menores, sendo que, para os rapazes, esta tutoria tinha fim quando chegavam à puberdade (Gaius, *Inst.* 1.144-). Não temos conhecimento acerca de quem eram os tutores de Metílio. Cf. Manning, 1981: 139.

sub matris tutela semper

Os *adulescentes* possuíam, em termos teóricos, uma capacidade legal absoluta excepto em processos judiciais, mas na prática a maioria das pessoas nestas condições tinha um *curator*. Contudo, o termo técnico para tal relação era *cura* em lugar de *tutela*, e é provável que Séneca se refira aqui mais à protecção e cuidado gerais que Márcia deu a seu filho do que a qualquer relação especificamente legal. Cf. Manning, 1981: 140.

24.2. excellentis ingeni... obstitisset

Subentende-se que Metílio tinha a capacidade literária de compor obras com a mesma qualidade das de seu avô Cremúcio Cordo, e a sua incapacidade de publicar alguma coisa devia-se à sua modéstia. A *uerecundia* é uma qualidade de Metílio já acentuada por Sêneca em 19.6, *uerecundae aures*.

24.3. in tam magna feminarum turba uiros corrumpentium

Esta é uma de muitas referências de Sêneca ao comportamento dissoluto e promíscuo das mulheres da sua geração, da sua *impudicitia* e *petulantia* das quais fala a sua mãe, e que contrastam com a modéstia de Hélvia e de sua tia (*Helu.* 16.3; 19.2). Nas suas cartas, Sêneca queixa-se do gosto das mulheres pelos vícios outrora distintamente masculinos, como a gula e a luxúria, que as expuseram a doenças antes confinadas aos homens como a calvície e a gota (*Ep.* 95.20-21). Este retrato da decadência das mulheres contemporâneas tem muitos pontos em comum com a sátira. Sobre algumas atestações na sátira, cf. Manning, 1981: 141.

puer admodum... materna sine dubio suffragatione

Não há maneira de se determinar para que sacerdócio, em que ano ou com que idade Metílio foi designado. O termo *puer* pode simplesmente significar ‘homem jovem’, e para tal é elucidativo o modo diferente como Sêneca se refere à altura em que estudou com Sócion numa ocasião como *puer* (*Ep.* 49.2) e em outra como *iuuenis* (*Ep.* 108.17). Ainda assim, Júlio César tinha apenas treze anos quando foi *flamen Dialis*, designado por Mário. Alguns estudiosos (*apud* Manning, 1981: 141) defendem que o sacerdócio de Metílio não pode ter sido conferido sob o poder de Tibério, dado o desfavorecimento em que caiu a família de Cremúcio Cordo depois de 25 d.C., mas *materna suffragatione* sugere que a *amicitia* de Márcia com Lúvia pode ter tido influência (4.2) e que é possível um sacerdócio antes de 25.

24.5. Sêneca volta atrás para descrever o destino da alma de Metílio de que começara a falar em 23.1-2.

Imago dumtaxat fili... ipse quidem aeternus

A ideia de que a alma ou a mente é o verdadeiro ser e não o corpo está aqui presente e podemos compará-la com a afirmação de Cícero: *sic habeto non esse te*

mortalem sed corpus hoc, nec enim tu is es quem forma ista declarat; sed mens cuiusque is est quisque (*Rep.* 6.26). A origem do conceito é platónica, pois Sócrates argumenta no *Primeiro Alcibíades* (130C) ὅτι ἡ ψυχὴ ἐστὶν ἄνθρωπος. Cf. Manning, 1981: 142.

despoliatus oneribus alienis

No tempo de Sêneca a ideia do corpo como um fardo, *onus* ou *sarcina* era um *topos*, e estava intimamente ligado ao conceito do corpo como uma corrente ou uma prisão (v. *infra*). É um conceito que aparece com frequência em Sêneca (*Helu.* 11.6; *Epp.* 65.16 e 102.25).

Haec quae uidēs... uincula animorum tenebraeque sunt

O conceito do corpo como prisão da alma aparece referido no *Fédon* de Platão (62B). A presença da ideia era frequente em obras filosóficas latinas, conjugada com os conceitos da origem divina da alma e do seu retorno para o céu (*Cic. Rep.* 6.14; *Diu.* 1.110; *Tusc.* 1.118: *emittique nos e custodia et leuari uinclis arbitremur ut aut in aeternam et plane in nostram domum remigremus aut...*). A ideia tornou-se um *topos* e foi usada por Arélio Fusco (*Sen. Suas.* 6.6) e por Vergílio (*Aen.* 6.734). Sêneca usa o conceito aqui e em *Helu.* 11.7 *Corpusculum hoc custodia et uinculum animi*; *Polyb.* 9.3; 9.8; *Ep.* 65.16 e 21; 76.25; *Nat.* 1, *praef.* 11.

O uso da metáfora da escuridão para descrever a vida no corpo, conjugada por Vergílio com a metáfora da prisão (*loc. cit.*), é amiúde empregada por Sêneca quer na forma das metáforas da prisão e das correntes conjugadas (*Ep.* 79.12) quer independentemente (*Ep.* 102.28; *Nat.* 3, *praef.* 11).

25.1. Proinde non est quod ad sepulcrum fili tui curras

Este conselho provavelmente era necessário visto que os Romanos atribuíam uma grande importância à adequada disposição dos restos mortais, à edificação de túmulos e às ofertas regulares aí colocadas. Os filósofos geralmente desaprovavam este zelo dos seus concidadãos ora porque se baseavam na ideia de que a alma tinha partido (como Sócrates argumenta no *Fédon*, 115C-E), ora na ideia de que o que tinha sido completamente aniquilado não podia sofrer nenhum mal (como sustentavam os Epicuristas, cf. *Lucrecio* 3.870-93).

Sêneca considera que a preocupação com funerais e com monumentos era uma tolice, e critica como infantis os que preparavam para si próprios *magnas moles sepulcrorum... et ad rogum munera et ambitiosas exsequias* (*Breu.* 20.5), sentimento que ressurge nas cartas, em que sugere que o destino do corpo não é relevante, citando numa delas uma afirmação de Mecenas: *nec tumulum curo; sepelit natura relictos* (*Ep.* 92.34-5). Isto era o resultado das suas convicções pessoais e não a conformação a atitudes filosóficas gerais como é sugerido pela preparação do seu próprio funeral pois, como Tácito nos informa, Sêneca foi cremado sem qualquer ritual funerário, tendo as instruções para que assim se procedesse sido dadas quando estava no auge do seu poder (*Ann.* 15.64). Cf. Manning, 1981: 143.

non magis illius partes quam uestes aliaque tegimenta corporum

O conceito do corpo encarado como uma veste que cobria o verdadeiro ser, a alma, cedo foi ligado a argumentos sobre a imortalidade, e, no *Fédon* (87B ss.), Platão põe Cebes a usar a comparação da veste para sugerir que, tal como um homem pode envergar muitas vestes, mas as últimas sobrevivem ao seu corpo, assim também uma alma pode usar muitos corpos, mas eventualmente há-de perecer com algum deles. Sêneca usa amplamente a comparação para sugerir a imortalidade da alma (*Epp.* 92.13; 102.25: *haec circumiecta, nouissimum uelamentum tui, cutis*). A ideia surge igualmente em Plutarco (*Apoll.* 121B), quando traça a mesma comparação para sugerir que na próxima vida haverá julgamentos justos pois então aí o veú (o corpo) que cobre o juiz e impede que o réu seja completamente visto, desaparecerá.

paulum supra nos commoratus... omnem mortalis aeui excutit

A crença de que depois da morte as almas passavam por um período de purgação encontra-se nos mitos escatológicos de Platão (*Phd.* 113A-114A; *Grg.* 524E ss.; *R.* 10.614A ss.). O mito de Er transmitia a ideia de que a purgação preparava a alma para o renascimento. Aqui, contudo, verifica-se uma doutrina um tanto diversa, pois o curto período de purgação é um prelúdio para a vida eterna da alma, ou melhor, para a vida durável até ao momento da *ἐκπύρωσις* (cf. Manning, 1981: 144). Metílio, pelas suas qualidades e pela sua curta vida, experimentará também um curto período de purgação. São estóicos os princípios físicos em que tem lugar a elevação da alma (tema desenvolvido nas notas a 23.1). O *Somnium Scipionis* encerra-se com uma exposição

semelhante da relação entre as qualidades morais atestadas na vida terrena e a capacidade da alma de se dirigir à sua morada celeste (*Rep.* 6.29).

Em *De facie quae in orbe lunae apparet* (943C), Plutarco traça uma distinção semelhante à que encontramos ímplicita na descrição de Sêneca, em que todas as almas vagueiam na esfera sublunar, mas não ao mesmo tempo, pois os injustos pagavam uma pena severa enquanto os justos só ficavam aí até terem removido o mal que necessariamente contraíram estando associados ao corpo. Manning (1981: 145) afirma que não há necessidade de se procurar uma fonte para estes conceitos dado que Sêneca pensava na descrição estoica do mundo, tal como estava certamente a par das descrições da vida além da morte criadas por Cícero e por Vergílio. Cf. Manning, 1981: 144-45.

25.2. coetus sacer, Scipiones Catonesque

A nomeação dos Cipiões entre as almas celestes que acolherão Metílio traz o *Somnium Scipionis* à memória e é um momento em que Sêneca reconhece a sua dívida para com Cícero (cf. Manning, 1981: 145). Sêneca menciona também Catão de Útica, que é o arquétipo do homem virtuoso, o equivalente romano de Sócrates, e o uso da forma de plural traz também à memória a firmeza de Catão-o-Censor, antepassado do de Útica. Cf. Manning, 1981: 145.

illic omnibus omne cognatum est

Os Estóicos tinham implícito o parentesco de toda a humanidade no conceito de homem que, segundo a sua crença, tinha a sua razão derivada da divindade. É provável que entre os primeiros Estóicos esse parentesco se estendesse apenas aos sábios, embora os Estóicos posteriores, e Cícero e Sêneca entre os Romanos, se inclinassem para o alargamento do círculo de modo a incluir todos os que tivessem boas qualidades (Diógenes Laércio 7.33; Cic. *Fin.* 3.63 *oporteat hominem ab homine ob id ipsum quod homo sit non alienum uideri*; Cic. *Off.* 1.22).

O termo *illic*, que subentende uma oposição com *hic*, realça o que acontece na vida além-morte, e tanto pode ser explicado pela assimilação aos *sapientes* de Cremúcio, de Metílio e dos seus co-moradores nos lugares celestes, como, simplesmente, por se entender a qualidade de vida em geral que se tem lá como representativa da que poderia ser atingida idealmente na terra, mas que na prática não é. Cf. Manning, 1981: 146.

noua luce gaudentem

Tanto Cícero como Sêneca enfatizam a superior qualidade de vida que se goza nos lugares celestes (Cic. *Rep.* 6.16; Sen. *Ep.* 102.28: *Imaginare tecum quantus ille sit fulgor tot sideribus inter se lumen miscentibus*). Esta luz mais brilhante é amiúde contrastada com a *caligo* que impede a percepção na terra (v. Cic. *Tusc.* 1.45; Sen. *Polyb.* 9.8).

uicinorum siderum meatus... libens ducit

Em muitas representações estoicas romanas e platônicas do pós-vida dá-se primazia ao estudo dos corpos celestes (Cic. *Rep.* 6.17 ss.; Sen. *Polyb.* 9.8; Sen. *Ep.* 102.28). Tal como se sublinha o contraste entre a luz terrena e a celeste, também se realça a diferença entre o conhecimento parcial disponível aos que buscam a verdade na terra e o conhecimento total do sábio que partiu desta vida (Cic. *Tusc.* 1.45-6; Sen. *Ep.* 102.28; *Polyb.* 9.3: *diuina uero, quorum rationem tam diu frustra quaesierat, propius intuetur*). Cf. Manning, 1981: 146-47.

in profunda terrarum... ex alto relict

Manning (1981: 147) comenta que é necessário acrescentar-se algo à lição *iuuat* dos mss., e assim a conjectura de Hermes *iubet* foi amplamente aceite, sendo Cordo o sujeito do verbo conjectural enquanto *iuuat* tem um uso impessoal. A construção partitiva em *profunda terrarum* está confinada sobretudo à poesia, embora em Salústio e Tácito se verifiquem ocorrências desse tipo de construção após um neutro não-quantitativo (cf. L. R. Palmer, *The Latin Language*, London, 1954, p. 291). Segundo Traina (*ad loc.*), esta expressão senequiana é plena de novidade eidética e linguística.

25.3. sub oculis patris filiiue posita

No início da *consolatio* (2.1), Sêneca havia sugerido que os *exempla* poderiam ser mais eficazes para influenciar o comportamento de Márcia, e no encerramento da obra retorna a pessoas que são queridas à sua destinatária esperando que ela possa seguir o que Sêneca retrata como sendo os verdadeiros desejos de Márcia.

mutatos in melius tuos flere

Sêneca faz um uso particular do pensamento que diz que é egoísta chorar pelos que estão agora numa condição melhor do que a que gozaram nas suas vidas terrenas. E é esta perspectiva que tem em mente também quando escreve a Políbio: *Beatum deflere invidia est* (*Polyb.* 9.3).

non illos interfusa maria... incertarum uada Syrtium

Quando se retrata a vida celeste das almas, é comum enfatizar-se a sua liberdade de visão sem restrições de barreiras geográficas (cf. Manning, 1981: 147). Nas *Tusculanae Disputationes*, Cícero afirma que se é algo esplêndido observar sítios tais como o estreito do Helesponto, quão melhor não seria ter uma visão de toda a terra, da sua localização, forma e circunferência (1.45).

26.1. Puta... dicere

A obra termina com uma προσωποποιία de Cremúcio Cordo, recurso que Sêneca aprecia particularmente (v. notas a 4.3 *Hic, ut opinor...*), considerado por Quintiliano bastante adequado para se usar na *conclusio* de uma defesa legal (*Inst.* 6.1.25-6): recordememos que, no *exordium* da obra em estudo, Sêneca tinha-se retratado como advogado defensor da *fortuna*.

O recurso da introdução de um discurso de uma pessoa morta era visto pelos retores como de uso legítimo (Quint. *Inst.* 9.2.31: *et inferos excitare concessum est*), recurso esse que Cícero usou no seu *Somnium*, como vimos *supra*.

ex illa arce caelesti

Na Antiguidade fizeram-se várias tentativas para localizar a morada celeste dos espíritos que partiram. No *Somnium* (*Rep.* 6.16), Cícero sugere a Via Láctea, seguindo uma concepção popular adoptada por alguns pitagóricos, mas, nas *Tusculanae Disputationes* (1.43), contenta-se em localizá-los para além da atmosfera terrestre. De acordo com Agostinho (*C. D.* 7. 6), Varrão atribuiu a esfera por detrás do círculo da lua e as nuvens mais altas às almas de *heroas et lares et genios*. Sêneca, todavia, contenta-se em deixar vago o lugar, usando, a par com a descrição, expressões como *ad excelsa* (25.1) e *in summo* (25.3). Cf. Manning, 1981: 148.

quo ciuilia bella defleuit, quo proscribentis in aeternum ipse proscripsit.

Pode-se supor qual foi a posição de Cremúcio diante das proscrições de Marco Antônio, Octaviano e Lépido, pelo comentário nos seus *Annales*, por causa do qual os seus acusadores o incriminaram, em que louvava Bruto e considerava Cássio o último dos Romanos (Tac. *Ann.* 4.34. V. também notas ao capítulo 1). Sêneca usa a *traiectio* com o verbo *proscribo* para criar o tipo de expressão sentenciosa cara aos oradores. A frase lembra o comentário de Arélio Fusco sobre Cícero: *uno proscriptus saeculo proscribes Antonium omnibus* (em Sen. *Suas.* 7.8, citado em A. D. Leeman, 1963: 252). Cf. Manning, 1981: 148.

26.2.

Sêneca serve-se da *repetitio* para construir os efeitos retóricos da *conclusio*, começando com duas frases com *cur* e a *traiectio* de *integer* no início de frases consecutivas *integro domus statu integer ipse*. Cf. Manning, 1981: 149.

Na *conclusio* das consolações filosóficas de Sêneca são oferecidas duas possibilidades. Ambas estão codificadas, de certo modo, na preceptiva retórica e, por isso, podem ser utilizadas numa *consolatio* que seguisse as regras comuns do discurso (cf. Lillo Redonet, 2001: 258). A *consolatio* pode terminar com a ideia de esperança no além, oferecendo um quadro da felicidade do morto, ou pode concluir com uma exortação final que relembre o que se destacou na *consolatio* e seja uma referência final sobre o consolando. Em ambos os casos procura-se comover o consolando e exercer um efeito final no seu espírito, e assim, no desenvolvimento das duas possibilidades predominarão as fórmulas exortativas.

No primeiro caso, a *conclusio* está em estreita relação com a segunda parte do referido dilema socrático e pode repetir elementos que o constituem ou talvez ser esta mesma segunda parte da *conclusio*. Em Sêneca, encontramos em duas ocasiões a *conclusio* de conteúdo escatológico (*Ad Marciam* e *Ad Heluam*), contra o exemplo de *conclusio*-resumo de *Ad Polybium*.

Em *Ad Marciam*, das partes que as obras retóricas conservadas postulam para a *conclusio*, pode-se considerar que Sêneca aplica a *amplificatio* (cf. *Rhet. Her.* 2.47: *Conclusiones quae apud Graecos epilogi nominantur tripertitae sunt. Nam constant ex enumeratione, amplificatione et commiseratione*, e cf. *Rhet. Her.* 2.47 sobre os possíveis recursos desta parte: *Amplificatio est res quae per locum communem instigationis auditorum causa sumitur... Primus locus sumitur ab auctoritate cum commemoramus quantae curae ea res fuerit dis immortalibus aut maioribus nostris...*).

Sêneca evoca Cremúcio e esse recurso parece ajustado a este momento da *consolatio*. Por outro lado, era um dos recursos aplicáveis à *conclusio* dos discursos (cf. *Rhet. Her.* 4.66: *Conformatio est cum aliqua quae non adest persona confingitur quasi adsit... Proficit plurimum in amplificationis partibus et commiseratione*). Deste modo, Cremúcio dirigirá uma *consolatio* a Márcia, uma *consolatio* que focará pontos já tocados e que, por tal, pode servir de síntese e de exortação final relacionada com a sorte de Metílio no além.

Cremúcio reincidirá, mediante frequentes interrogativas retóricas encabeçadas por *cur*, nos temas que Sêneca considerava importantes na *consolatio* concreta. O primeiro *cur* retoma o problema geral discutido no *exordium* e nos *praecepta* gerais: a dor de Márcia é uma dor suportada já há um longo tempo (*longa tenet aegritudo*). O segundo *cur* introduz a descrição da felicidade de Metílio (*felicissime*) e liga-se ao segundo *cur* (*cum filio tuo iudices quod integro domus statu integer ipse <se> ad maiores recepit suos?*). Na descrição da felicidade surge o elemento da contemplação do mundo desde cima (elemento que aparecia na segunda parte do dilema socrático) e da comparação do mundo terreno com o celeste. Na parte final (26.6), Cremúcio utiliza o *topos* do destino comum explanando largamente o tema da destruição do mundo. Faz um amplo desenvolvimento cumprindo a norma de compor uma *conclusio* em estilo elevado. A expressão final incide novamente na felicidade que o conhecimento proporciona. Cf. Lillo Redonet, 2001: 258-59.

Reges ne tibi nominem... ceruice deformatos

Sêneca estabelece aqui o mesmo ponto que focara com os exemplos em 20.4-6. A descrição dos *Romanos duces* lembra Pompeio, enquanto *nobilissimos uiros... deformatos* pode evocar a descrição de Tito Lívio da morte de Cícero (em *Sen. Suas.* 6.17: *Prominenti ex lectica praebentique immotam ceruicem caput praecisum est*). Cf. Manning, 1981: 149.

tam magno me quam uiuebam animo scripsisse

Waltz sugeriu *uiuebam*, aceite por Reynolds, e nós com ele. A sugestão permite combinar o tema da conformação das palavras à vida, tema proposto por Sêneca na carta 114, em que cita o provérbio grego *talīs hominibus fuit oratio talīs uita* (*Ep.* 114.2). Só o *uir bonus* é *dicendi peritus* pois só nele, encarnado na figura do *sapiens* estóico, o λόγος cósmico se materializa na virtude e em todas as suas manifestações.

Sêneca assinala a consonância entre ética e estilo com fórmulas como *concordet sermo cum uita* para que *ne orationi uita dissentiat* (Epp.75.4 e 20.2).

nil apud uos, ut putabis, optabile

Pode-se estabelecer com o *Somnium* um paralelo para esta caracterização da vida terrena na observação de um habitante celeste, Cipião Africano, sobre a região sublunar (Rep. 6.17): *Infra autem iam nihil est nisi mortale et caducum praeter animos munere deorum hominum generi datos*. Cf. Manning, 1981: 149.

26.4. nulla hic arma... in publico medioque uitam

A descrição da vida celeste plena de paz e de harmonia segue o padrão das descrições utópicas na Antiguidade, sendo por vezes tais caracterizações utópicas colocadas na idade de ouro (cf. Sêneca, *Phaed.* 531-5; Lucrécio 5.999-1000; Vergílio, *Aen.* 8. 324-5). Cf. Manning, 1981: 150.

26.5. unius saeculi facta.

As referências dos comentários fatais de Cremúcio (Tac. *Ann.* 4.34-35; Suet. *Tib.* 61.3; e Dión Cássio 57.24.2-4) e o fragmento da sua obra que trata da morte de Cícero, e que sobrevive em Sêneca-Pai (*Suas.* 6.19) ocupam-se do período próximo à morte de Júlio César, mas não temos um conhecimento preciso do período histórico coberto pelos escritos históricos de Cremúcio. Cf. Manning, 1981: 150.

in parte ultima mundi et inter paucissimos gesta

Sêneca já em 21.2 tinha descrito a extensão da terra como sendo um *punctum* e na descrição por parte de Cícero, pela boca de Cipião Africano, da terra vista dos céus, o autor aponta para a reduzida porção que o império romano ocupa (Rep. 6.21-22). Para Manning (1981: 150), a perspectiva da terra vista dos céus é usada tanto por Cícero como por Sêneca para diminuir a visão mais grandiosa que os Romanos tinham dos seus domínios.

Licet surrectura, lices ruitura regna prospicere...

Para a comparação em contextos consolatórios do destino das cidades e dos reinos com o das pessoas, v. 21.1 *Computa urbium saecula* e a respectiva nota.

26.6. Nam si tibi potest solacio esse...

Pela voz de Cremúcio, Sêneca descreve as destruições periódicas que abalam a superfície da terra e a alteram. Esta descrição precede a descrição da *conflagratio* geral do universo inteiro que começa com *Et cum tempus*. Noutras obras de sua autoria, em contextos consolatórios, Sêneca refere-se a estes desastres naturais para mostrar que não há razões para se supor que as pessoas (*Polyb.* 1.1-3) ou mesmo as cidades (*Ep.* 91.11-12) devam ficar isentas da lei da mortalidade que se aplica a todas as coisas. Sêneca deixa que Márcia retire ela própria essa conclusão e o filósofo centra o seu pensamento na superioridade de vida que gozam as *felices animae* entre os quais se incluem Cremúcio Cordo e Metílio, tirando a mesma conclusão de Cícero (*Rep.* 6.23) numa obra que pode ter sido um dos modelos para esta *prosopopeia* de Cremúcio. Cf. Manning, 1981: 151.

quo se mundus renouaturus extinguat.

Sêneca refere-se à *conflagratio* geral ou ἐκπύρωσις que ocorria no final de cada ciclo cósmico quando o sopro ígneo ou fogo divino reabsorvia todas as coisas. Após esta reabsorção o fogo divino continuava e criava a partir de si próprio um mundo que seguiria exactamente o mesmo ciclo que o mundo anterior (*SVF* I 109; II, 593, 596-7, 599, 623, 625 e 627) ou exibia apenas algumas pequenas diferenças (*SVF* II, 624 e 626). Zenão, Cleantes e Crisipo apoiavam esta teoria de um ciclo eterno relativo ao mundo (cf. René Hoven, *op. cit.*, pp. 32-37 e as referências a *SVF* aí apresentadas) que foi aceite também por Sêneca. Cf. Manning, 1981: 151-2.

26.7. Nos quoque... in antiqua elementa uertemur.

Sêneca segue a tradicional doutrina estóica ao limitar qualquer vida futura da alma ao tempo da ἐκπύρωσις. Cleantes admitia a imortalidade de todas as almas até uma dada altura (*SVF*, II, 811), Crisipo apenas das dos *sapientes* (D. L. 7.157 = *SVF* I, 522 e II, 810, 811, *apud* Manning, 1981: 152). Tal imortalidade, contudo, apenas dura até à *conflagratio* (ἐκπύρωσις) universal. Todavia, e porque aqui se fala de um selecto grupo, *felices animae*, não é possível sugerir que ensinamento Sêneca segue. Pelas palavras de Cícero, percebe-se que essa limitação da vida futura era geral no Estoicismo: *eos* [sc. Stoicos] *qui aiunt manere animos cum e corpore excesserint, sed non semper.* (*Tusc.* 1.32.78). Manning (*ibid.*) observa que Sêneca nem sempre é

consistente na aceitação de tal limitação e que por vezes a sua linguagem sugere que *aeternus* é usado com o sentido mais convencional de ‘ilimitado’ (cf. *Helu.* 11.7; 20.2; *Polyb.* 9.7; *Ep.* 102.23ss.; sobre a posição do Estoicismo perante o problema da imortalidade da alma, v. René Hoven, *op. cit.*, pp. 107ss. para a posição de Sêneca).

Pseudo-Dionísio recomenda em *Ars Rethorica* (282.16-19) que se cuide especialmente da parte final da *consolatio*, pois se, na parte dedicada à argumentação, se pode empregar um estilo corrente, nas partes que necessitem de elevação, como quando se trata da alma, a linguagem deve ser elevada e grandiloquente, próxima da dos textos de Platão. Quanto à aplicação desta recomendação, F. M. Dunn compara o último parágrafo do *Ad Marciam* com os versos 6.669-71 de *Eneida* e 456-58 das *Metamorfoses* de Ovídio, afirmando que as palavras ditas por Cremúcio ecoam a linguagem e o conteúdo dos passos referidos, imitando o ritmo fluido e o hexâmetro augustano (cf. F. M. Dunn (“A Prose Hexameter in Seneca? (*Consolatio ad Marciam* 26.7)”, *AJPh* 110, 1989, pp. 488-491).

Conclusão

Os escritos consolatórios de Sêneca em geral, e a *Consolação a Márcia* em particular, evidenciam que o autor possuía um profundo conhecimento não apenas dos argumentos ou *topoi* tradicionais no gênero consolatório (*praecepta*), mas também dos critérios formais da sua disposição, e mesmo das normas relativas ao tempo e modo oportunos da consolação, assim como sobre o lugar e função que se lhe atribuía no marco geral da parénese filosófica e terapêutica das almas. Sêneca, porém, não aplica de forma mecânica ou aleatória todos esses elementos e recursos tradicionais, mas selecciona-os criticamente e assimila-os pessoalmente, tanto nos rigorosos princípios da sua filosofia como na sua rica experiência de vida e conhecimento da alma humana, em coerência, além disso, com a sua teoria literária, como tentámos comprovar ao longo das páginas anteriores.

Na *Consolação a Márcia*, estão presentes elementos tradicionais do gênero, como o tema da fragilidade e efemeridade da condição não só humana mas do universo inteiro. Tal como os fenómenos naturais, a terra e os astros são regidos pela instabilidade, o movimento e a alternância ou luta entre contrários, assim também na vida humana as circunstâncias prósperas alternam com as desgraças e todos por igual estamos submetidos a essa lei universal. Essa realidade é ilustrada por patéticos quadros da precária e mísera condição humana, destacada com numerosos e eloquentes exemplos de personagens históricas que souberam suportar as suas angústias. Sêneca aconselha a *praemeditatio malorum* como um tranquilo exercício espiritual. Surge na *Consolação* um elenco de misérias e desgraças humanas que é um canto à morte como libertadora da alma das cadeias do corpo. A morte deve ser encarada não com temor mas com naturalidade, pois *omnes morimur*, e quando aceitarmos a imutabilidade dessa lei natural, alcançaremos a disposição de espírito propícia à busca do único bem: a virtude.

Nos dias de hoje, uma primeira leitura da *Consolação a Márcia* poderá fazer crer que se está perante uma visão pessimista da vida, com demasiadas sombras. Com releituras da obra, o leitor vai assimilando a mensagem de Sêneca que transmite a necessidade de reavaliação e distinção dos nossos valores.

Bibliografia

Dicionários, Gramáticas, Enciclopédias

BAILLY, Anatole, *Dictionnaire Grec-Français*, Paris, Hachette, 1999.

CANCIK, Hubert, SCHNEIDER, Helmuth, *Brill's Encyclopaedia of the Ancient World, New Pauly*, english edition by Christine F. Salazar *et al.*, Leiden, Boston, Brill, 2002-2007, vol. 1-10.

ERNOUT, Alfred *et* THOMAS, François, *Syntaxe Latine*, 2.^a edição, Paris, Éditions Klincksieck, 1984.

FERREIRA, António Gomes, *Dicionário de Latim-Português*, Porto, Porto Editora, 1999.

GAFFIOT, Félix, *Le Grand Gaffiot : Dictionnaire Latin-Français*, nouvelle édition revue et augmentée sous la direction de Pierre Flobert, Paris, Hachette, 2000.

GLARE, P. G. W., *Oxford Latin Dictionary*, Oxford, The Clarendon Press, 1968.

GONÇALVES, Francisco da Luz Rebelo, *Vocabulário da Língua Portuguesa*, Coimbra, Coimbra Editora, 1966.

HORNBLOWER, Simon, SPAWFORTH, Antony, *The Oxford Classical Dictionary*, 3.^a edição, Oxford, New York, Oxford University Press, 1996.

HOWATSON, M. C., CHILVERS, Ian, *Concise Companion to Classical Literature*, Oxford, Oxford University Press, 1993.

LIDDELL, H. G. & SCOTT, R., *A Greek-English Lexicon*, revised and augmented throughout by Henry Stuart Jones. With a revised supplement, Oxford, 1958^R.

MIRANDA, Manuel Francisco de, *Gramática Latina de Harmonia com os Programas Oficiais*, 8.^a edição, Braga, Depósito no Seminário de Braga, 1962.

PALMER, L. R., *The Latin language*, London, Faber & Faber, 1966.

TORRINHA, Francisco, *Dicionário Latino-Português*, Porto, Edições Maranus, 1937.

Repertórios bibliográficos, léxicos, índices e concordâncias

BUSA, R., et A. ZAMPOLI, *Concordantiae Senecanae*, t. I-II, Hildesheim-New York, 1975.

CHAUMARTIN, F. R., “Quarante ans de recherche sur les oeuvres philosophiques de Sénèque (Bibliographie 1945-1985)”, *ANRW* II.36.3, 1989, pp. 1545-1605.

DELATTE, L., -ÉVRARD, E., GOVAERTS, S., *Lucius Annaeus Seneca, Opera philosophica. Index verborum, listes de fréquence, relevés grammaticaux*. 2 vols., Hildesheim, 1981 (Alpha – Omega 41). (1)

LILLO REDONET, F., “Bibliografía de la Consolación Filosófica Latina no Cristiana”, *Tempus* 8, 1994, pp. 49-64.

MOTTO, A. L., *Seneca Sourcebook: Guide to the Thought of Lucius Annaeus Seneca*, Amsterdam, 1970.

MOTTO, A. L. et J. R. CLARK (eds.), *Seneca. A Critical Bibliography 1900-1980. Scholarship on his Life, Thought, Prose and Influence*, Amsterdam, 1989.

Edições, Comentários e Traduções da *Consolação a Márcia*

BASORE, J. W., *Seneca. Moral Essays*, t. II, Cambridge (Mass.), London, William Heinemann Ltd., 1932.

CID LUNA, Perfecto, *Séneca. Escritos Consolatórios*, Madrid, Alianza, 2008^R.

CODOÑER MERINO, C., *L. Anneo Séneca. Diálogos*, Madrid, Editorial Tecnos, 2006^R.

FAVEZ, Ch., (ed.) *Seneca, Ad Marciam de Consolatione*, Paris, 1928.

MARINÉ ISIDRO, J., *Séneca. Diálogos: Consolaciones a Marcia, a su madre Helvia y a Polibio. Apocolocintosis*, Madrid, Gredos, 1996.

MANNING, C. E., *On Seneca's "Ad Marciam"*, Leiden, 1981.

RAIJ, Cleonice F. M. van, *Séneca. Cartas Consolatórias*, São Paulo, Pontes Editores, 1992.

REYNOLDS, L. D., *L. Annaei Senecae Dialogorum Libri Duodecim*, Oxford, 1977.

TRAGLIA, A. (ed.), *L. Anneo Seneca. La Consolazione a Marcia*, Roma, 1965.

TRAINA, A., *L. A. Seneca. Le Consolazioni*, Milano, 1987.

WALTZ, R., *Sénèque. Dialogues. Tome troisième: Consolations*, Paris, 1923.

Artigos

ABEL, K., "Seneca. Leben und Leistung", *ANRW* 32.2, 1985, pp. 653-775.

ALFONSI, L., "Caratteristiche della letteratura giulio-claudia", *ANRW* II, 32.1. 1984, pp. 3-39.

ARMISEN-MARCHETTI, M., "Imagination et méditation chez Sénèque: l'exemple de la *praemeditatio*", *REL* 64, 1986, pp. 185-195.

ATKINSON, J. E., "Seneca's *Consolatio ad Polybium*", *ANRW* 32.2, 1985, pp. 860-884.

BELLEMORE, J., "The dating of Seneca's *ad Marciam de consolatione*", *CQ* 42, 1992, pp. 219-234.

Retirado de <http://www.jstor.org/stable/459631> em 25/07/2011 16:59.

BERMÚDEZ, J., "Estructura formal de las consolaciones latinas", *Millars. Filología* 8, 1985, pp. 95-114.

BOYCE, Benjamin, “The stoic consolation and Shakespeare”, *Publications of the Modern Language Association of America*, vol. 64, 1949, pp. 771-780.

Retirado de <http://www.jstor.org/stable/459631> .em 25/07/2011 16:59.

CODOÑER MERINO, C., “El adversário fictício en Séneca”, *Helmantica* 34, 1983, pp. 131-148.

DUNN, F. M., “A prose hexameter in Seneca? (*Consolatio ad Marciam* 26,7)”, *AJPh* 110, 1989, pp.488-491.

FAVEZ, Ch., “Les opinions de Sénèque sur la femme”, *REL* 1, 1938, pp. 335-345.

FILLION-LAHILLE, J., “La production littéraire de Sénèque sous les règnes de Caligula et Claude, sens philosophique et portée politique: Les “Consolations” et le “De ira””, *ANRW II*. 36.3, 1989, pp.1606-1638.

GRIMAL, P., “Sénèque et le Stoïcisme Romain”, *ANRW II*. 36.3, 1989, pp. 1962-1992.

GRIMAL, P., “Est-il possible de “dater” un traité de Sénèque? (A propos du “De Brevitate Vitae”)”, *REL* 36, 1949, pp. 178-188.

GUILLEMIN, A. M., “Sénèque directeur d’âmes. I: L’idéal”, *REL* 30, 1952, 202-219; “II: Son activité pratique”, *ibid.* 31, 1953, 215-234; “III: Les Théories Littéraires”, *ibid.* 32, 1954, pp. 250-274.

GUILLEMIN, A. M., “Sénèque, second fondateur de la prose latine”, *REL* 35, 1957, pp. 265-284.

HANI, J., “La consolation antique. Aperçus sur une forme d’ascèse mystico-rationnelle”, *REA*, 25, 1973, pp. 103-110.

HERRMANN, L., “La date de la *Consolation à Marcia*”, *REA* 31, 1929, pp. 21-28.

MANNING, C. E., “Seneca and the Stoics on the Equality of the Sexes”, *Mnemosyne* 26, 1973, pp. 170-77.

LILLO REDONET, F., “Bibliografía de la consolación filosófica latina no cristiana”, *Tempus* 8, 1994, pp. 49-64.

MANNING, C. E., “Seneca and the Stoics on the Equality of the Sexes”, *Mnemosyne* 26, 1973, pp. 170-77.

MANNING, C. E., “The Consolatory Tradition and Seneca’s Attitude to the Emotions”, *G&R* 21, 1974, pp. 71-81.

MANNING, C. E., “Seneca’s 98th Letter and the Praemeditatio Futuri Mali”, *Mnemosyne* 29, 1976, pp. 301-04.

MARTÍN SANCHEZ, Maria F., “Virgilio en Séneca. Uso senequiano de la poesia de Virgilio”, *Documentos A: Genealogía científica de la cultura* 7 [Dedicado a: Lucio Aneo Séneca: la interioridad como actitud y conciencia moral. Una investigación documental de su obra y pensamiento], 1994, pp. 55-60.

NEWMAN, R. J., “*Cotidie meditare*. Theory and practice of the *meditatio* in Imperial Stoicism”, *ANRW* II. 36.3, pp. 1473-1517.

PIMENTEL, Maria Cristina, “A *Meditatio Mortis* nas Tragédias de Séneca”, *Classica* 23, 1999, pp. 27-45.

PIMENTEL, Maria Cristina, “Estoicismo e figuras femininas em Séneca”, *Brotéria* 158, 2004, pp. 251-268.

PRÉCHAC, F., “*La date de la naissance de Sénèque*”, *REL* 12, 1934, pp. 360-75 e 15, 1934, pp. 66-67.

REYNOLDS, L. D., “The medieval tradition of Seneca’s *Dialogues*”, *CQ* 18, 1968, pp. 355-372.

RIST, J. M., “Seneca and Stoic Orthodoxy”, *ANRW* II.36.3, 1989, pp. 1993-2012.

SEGURADO E CAMPOS, J. A., “*Ratio e Voluntas* no Pensamento de Séneca”, *Classica* 22, 1997, Lisboa, pp. 79-92.

SETAIOLI, A., “Seneca e lo stile”, *ANRW* II.32.2, 1985, pp. 776-858.

STEWART, Z., “Sejanus, Gaetulicus and Seneca”, *AJP* 74, 1953, pp. 70-85.

VERBEKE, G., “Le stoicisme: une philosophies sans frontière”, *ANRW* I.4, pp. 3-42.

Capítulos de Livros, Actas de Congressos, Ensaaios em Obras Colectivas

ANTUNES, P.^o Manuel, “Séneca, filósofo da condição humana”, *Grandes Contemporâneos*, Lisboa, Verbo, [1973], pp.11-20.

ALVIRA, Rafael, “Qué significa consolar? Comentarios al *Ad Heluiam matrem de consolatine*”, REAL MONTES, Concepción Alonso (coord.), *Consolatio: nueve estudios*, Ediciones Uiniversidad de Navarra, pp. 13-29.

AUBENQUE, P., “Sénèque et l’unité du genre humaine”, A. MUÑOZ-ALONSO (ed.), *Actas...*, 1965, pp. 77-92.

BOYANCÉ, P., “L’humanisme de Sénèque”, A. MUÑOZ-ALONSO (ed.), *Actas...*, 1965, pp. 231-245.

CODOÑER MERINO, C., “Los recursos literarios en la obra en prosa de Séneca”, Piergiorgio Parroni (coord.), *Seneca e il suo Tempo. Atti del Convegno internazionale di Roma-Cassino*, 11-14 Novembre 1998, Roma, Salerno Editrice, 2000, pp. 377-393.

GRIFFIN, M. T., “Imago vitae suae”, C. D. N. COSTA (ed.), *Seneca*, 1974, pp.1-38.

GRIMAL, P., “Nature et fonction de la digression dans les oeuvres en prose de Sénèque”, GRIMAL, P., (ed.), *Sénèque et la prose latine*, “Entretiens sur l’Antiquité Classique, t. XXXVI, Fondation Hardt”, Genève, 1991.

HIJMANS, Jr., B. L., “Stylistics splendor, failure to persuade”, P. GRIMAL (ed.), *Sénèque et la Prose Latine*, 1991, pp.1-47.

HINE, H., “Seneca, Stoicism, and the Problem of Moral Evil”, D. HINNES; H. HINE et Chr. PELLING. (eds.), *Ethics and Rhetoric*, Oxford, 1995, pp. 93-106.

MICHEL, A., “Rhétorique et Philosophie chez Sénèque (*Ad Marciam*, 17-18)”, *Actas del V Congreso Español de Estudios Clásicos*, Madrid, 1978, pp.319-324.

MAYER, R. G., “Roman Historical *Exempla* in Seneca”, P. GRIMAL (ed.), *Sénèque et la Prose Latine*, Genève, 1991, pp.141-176.

MAZZOLI, G., “Seneca e la poesia”, P. GRIMAL (ed.), *Sénèque et la Prose Latine*, 1991, pp. 177-217.

MAZZOLI, G., “Le «voci» dei Dialoghi di Seneca”, Piergiorgio Parroni (coord.), *Seneca e il suo Tempo. Atti del Convegno internazionale di Roma-Cassino*, 11-14 Novembre 1998, Roma, Salerno Editrice, 2000, pp. 249-260.

MUÑOZ-ALONSO, A., (ed.), *Actas del Congreso Internacional de Filosofía en conmemoración de Séneca, en el XIX centenario de su muerte. Ponencias y conferencias pra las sesiones plenarias*, Córdoba, 1965.

OROS RETA, J., “Dimensión literaria de Séneca”, A. MUÑOZ-ALONSO (ed.), *Actas...*, 1965, pp. 109-134.

PARRONI, Piergiorgio (coord.), *Seneca e il suo Tempo. Atti del Convegno internazionale di Roma-Cassino*, 11-14 Novembre 1998, Roma, Salerno Editrice, 2000.

RODRIGUEZ-PANTOJA, M. (ed.), *Seneca, dos mil anos despues. Actas del congreso internacional conmemorativo del bimilenario de su nacimiento (Cordoba, 24 a 27 Septiembre de 1996)*, Cordoba, 1997.

RODRIGUEZ-PANTOJA, M., «La *Consolatio* y las *Disputationes Tuscularnae* de Cicerón, REAL MONTES, Concepción Alonso (coord.), *Consolatio: nueve estudios*, pp. 69-97.

SOUBIRAN, J., “Sénèque prosateur et poète”, P. GRIMAL (ed.), *Sénèque et la Prose Latine*, 1991, pp. 347-384.

SETAIOLI, Aldo, “Il destino dell’anima nella letteratura consolatoria pagana”, REAL MONTES, Concepción Alonso (coord.), *Consolatio: nueve estudios*, pp. 31-67.

WRIGHT, J. R. G., “Form and Content in the Moral Essays”, C. D. N. COSTA (ed.), *Seneca*, 1974, pp. 39-69.

Estudos

ABEL, K., *Bauformen in Senecas Dialogen. Fünf Strukturanalysen: dial. 6, 11, 12, 1 und 2*, Heidelberg, 1967.

ABEL, K., “Poseidonius und Seneca’s Trostschrift an Marcia (Dial. 6.24.5 ff.)” *Rheinisches Museum für Philologie* 107, 1964, pp. 221-260.

ARMISEN-MARCHETTI, M., *Sapientiae facies. Étude sur les images de Sénèque*, Paris, 1989.

ARNIM, H. Von, *Stoicorum Veterum Fragmenta (= SVF)*, Leipzig, Stuttgart, B. G. Teubner, 1964^R.

BERMÚDEZ, J., *La consolación en la literatura latina hasta P. Papinio Estacio: rasgos caracterizadores*, Tese de doutoramento inédita, Madrid, 1984.

COSTA, C. D. N. (ed.), *Seneca*, “Greek and Latin Studies. Classical Literature and its influence”, London and Boston, 1974.

CITRONI, M. et all., *Literatura de Roma Antiga*, tradução do original italiano *Letteratura di Roma Antiga* por Margarida Miranda e Isaías Hipólito com a revisão de Walter de Sousa Medeiros, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

FERN, M. E., *The Latin consolatio as a literary type*, Sant-Louis Missouri, Sant-Louis University, 1941.

FITCH, John (ed.), *Oxford Readings in Classical Studies: Seneca* (Oxford: Oxford University Press, 2008).

GIANCOTTI, F., *Cronologia dei Dialoghi di Seneca*, Torino, 1957.

GRIFFIN, M. T., *Seneca. A Philosopher in Politics*, Oxford, 1992^R.

GRIMAL, P., *Sénèque ou la conscience de l’Empire*, Paris, 1978.

GRIMAL, P., (ed.), *Sénèque et la prose latine*, “Entretiens sur l’Antiquité Classique, t. XXXVI, Fondation Hardt”, Genève, 1991.

HINNES, D., HINE, H., PELLING, Chr. (eds.), *Ethics and Rhetoric*, Oxford, 1995, pp. 93-106.

HOVEN, René, *Stoïcisme et Stoïciens face au problème de l'au-delà*, Paris, Les Belles Lettres, 1971.

INWOOD, Brad (ed.), *Seneca: Stoic Philosophy at Rome*, Oxford, Clarendon Press, 2005^R.

INWOOD, Brad (ed.), *The Cambridge Companion to the Stoics*, Cambridge, Cambridge University Press, 2003.

KASSEL, R., *Untersuchungen zur griechischen und römischen Konsolationslitteratur*, *Zetemata* 18, München, 1958.

KENNEY, E. J., CLAUSEN, W. V., *The Cambridge History of Classical Literature: Latin Literature*, Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

LAUSBERG, Heinrich, *Elementos de Retórica Literária*, 5.^a edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEEMAN, A. D., *Orationis Ratio*, 2 vols., Amsterdam, 1963.

LILLO REDONET, F., *Palabras contra el dolor. La consolación filosófica latina de Cicerón a Frontón*, Madrid, 2001.

LONG, A. A., *Hellenistic Philosophy – Stoics, Epicureans, Sceptics*, de A. A. LONG, London, Duckworth, [1974].

LOWE, E. A., *The Beneventan Script*, Oxford Clarendon Press, 1914.

LÓPEZ KINDLER, A., *Función y Estructura de la 'Sententia' en la prosa de Séneca*, Pamplona, 1966.

MAZZOLI, G., *Seneca e la poesia*, Milano, 1970.

MOTTO, A. L., *Further essays on Seneca*, Frankfurt and New York, Peter Lang, 2001^R.

PIMENTEL, Maria Cristina, *Quo Verget Furor? Aspectos Estóicos na Phaedra de Séneca*, Lisboa, Edições Colibri, 1993.

PIMENTEL, Maria Cristina, *Séneca*, Mem Martins, Editorial Inquérito, 2000.

POHLENZ, M., *Die Stoa. Geschichte einer geistigen Bewegung = La Stoa. Storia di un movimento spiritual*, trad. O. de Gregorio, presentaz. V. Enzo Alfieri, note e aggiornam. B. Proto, 2 vols., Florencia, 1967.

SEGURADO E CAMPOS, J. A., *Séneca. Cartas a Lucílio*, Lisboa, FCG, 2004.

RIST, J. M., *Stoic Philosophy*, Cambridge, Cambridge University Press, 1969.

SYME, R., *The Roman Revolution*, Oxford, Oxford University Press, 1974.

SYME, R., *Tacitus*, Oxford, Oxford University Press, 1958.